

Vaticano compra imóvel na rua da Consolação

PÁG. 4

Espectáculos

PÁG. 50



Telly Savalas e seu show: o que um detetive cinquentão pode oferecer em cima de um palco?



Diretor-Editorial: SAMUEL WAINER

SÃO PAULO

Ano I * Número 1 * São Paulo, de 13 a 19 de novembro de 1975 * Cr\$ 5,00

Cinema

PÁG. 48



Inferno na Torre: três Oscars e um elenco de astros no maior de todos os filmes de calamidades.

Um ano depois das eleições, pesquisa do Gallup alerta o governo:



PAULISTA AINDA É DA OPOSIÇÃO



PÁGS. 14 e 15

UM GRITO NA CIDADE



Há um espião em sua casa

O enredo da novela "O Grito", de Jorge Andrade (acima) torna-se realidade: a espionagem eletrônica está ao alcance de todos, à venda nas lojas da cidade. Pág. 25 e 26

PÂNICO APÓS PASOLINI



A morte no amor homossexual

A trágica morte de Pier Paolo Pasolini traz de novo o pânico aos homossexuais paulistas: quem será a próxima vítima do amor entre homens? Pág. 9 e 10

MARCAS FAMOSAS. O MELHOR PROGRAMA PARA O SEU CARRO.

Todos os dias das 7 e meia às 6 e meia da tarde, Marcas Famosas apresenta um espetáculo preparado especialmente para seu carro, onde mecânicos treinados com equipamentos moderníssimos desempenham um papel várias vezes premiado.

Traga seu carro hoje mesmo e aproveite para conhecer todas as nossas atrações: peças originais, funilaria e pintura, carros novos e usados, oficina móvel e o CONSÓRCIO MARCAS FAMOSAS, que vem conquistando um público cada vez maior.



MARCAS FAMOSAS S/A

Revendedor Autorizado
Av. Santo Amaro, 4.800 - tel. 240-6211



REPERCUSSÃO

Foram numerosas as mensagens, telefonemas e manifestações pessoais que recebemos do mundo da comunicação, da política da classe empresarial de São Paulo, que tiveram oportunidade de receber o Número Zero de **AQUI**. Distribuído, dentro da melhor tradição jornalística, uma semana antes de seu lançamento nas bancas, o **AQUI** Zero transformou-se desde logo em centro de análise, crítica e debate nos meios especializados que, para nossa satisfação, receberam com indistigável entusiasmo o que desde logo foi considerado como a primeira tentativa de criação de um autêntico tablóide semanal paulista. Nesse sentido, como síntese da reação alcançada pelo **AQUI**, publicamos abaixo o comentário feito pelo jornalista Alberto Dines, que mantém aos domingos, na "Folha de São Paulo", uma das colunas de maior prestígio e repercussão da imprensa brasileira: "Jornal dos Jornais".

Eis na íntegra a opinião de Dines sobre nosso jornal semanal:

"Começa a circular esta semana "Aqui São Paulo" a mais nova criação do infatigável Samuel Wainer, entrosado com a dinâmica Editora Três. O semanário pode vir a transformar-se no "fato do ano" em matéria de jornalismo. É um caminho novo, popular e categorizado, percorrido conforme se pode constatar pelo número zero — com alto espírito profissional empresarial.

Com 56 páginas e publicidade "Aqui" é movimentado e sacudido no estilo Wainer que hoje é clássico. A paginação é viva sem ser confusa e hermética. "Será o primeiro tablóide, com espírito de tablóide, desde o "Diário da Noite", do Rio", diz Wainer. Os temas vão da política à televisão e o tratamento é independente porém sem cair num "ensaísmo". Pode-se dizer que "Aqui" é a combinação dos princípios da pequena imprensa com os recursos de um veículo de grande porte. Custa 5 cruzeiros o exemplar.

Não se pode deixar de mencionar a ousadia empresarial de Luis Carta e Domingo Alzugaray, que perceberam esta simples verdade — o mercado está saturado apenas para aqueles que estão saturados. O panorama editorial brasileiro está sofrendo este ano uma transformação radical e vital. Está mudando tudo e quem souber perceber estes ventos de mudança e sua direção, encaixando-se neles num dimensionamento próprio, está no caminho do sucesso".

AQUI

DIRETOR EDITORIAL

Samuel Wainer

REDATOR CHEFE

Múcio Borges da Fonseca

SECRETÁRIO

Oséas de Carvalho

REDATORES PRINCIPAIS

Fernando Moraes, Takao Miyagui, Renato de Moraes, Daniel Más.

REDAÇÃO

Olavo de Carvalho, Inês Knaut, Hamlet Paoletti, Antonio Carlos Fon, Leda Beck, Neide Riccosti.

FOTOGRAFIA

J. Fernandes, Geraldo Guimarães, Sérgio Monte Alegre.

ARTE

Rui Douglas Cattati (Chefe), Assis Mendes de Carvalho, Valdir de Oliveira.

COLABORADORES

Abílio Pereira de Almeida, Walter Negrão, Roberto Santos, Ignácio de Loyola, J.C. Bittencourt, Joaquim Rodrigues Mathias, Joelmir Betting, Aparício Basilio da Silva, Lucila Simonsen Santos, Alberto Gambirazio, Edson Lobão, Jorge da Cunha Lima, José Werneck de Castro, Lucila Godoy, Martha Goes, Liba Frydman, Christina Hulten, A.C. Yasbek, Jean Perrier, Coca de Oliveira, Celso Kinjô.

PUBLICIDADE:

Jesus Costa Ourives, José Tadeu Foglia

RESPONSÁVEL

Armando Gonçalves

AQUI São Paulo é uma publicação da Editora Swdale Ltda.

DIRETORES:

Luis Carta, Domingo Alzugaray, Catia Alzugaray, Samuel Wainer Filho.

Redação, Administração e Publicidade: Av. Paulista, 2.006 - 15º andar. Fone: 288-1133. Caixa Postal 1481. Endereço Telegráfico: "Swdale". Código Postal 01310. São Paulo, SP. Rio de Janeiro: Av. Almirante Barroso, 63 - Grupo 517 - tel: 232.7352. Distribuição Exclusiva: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A. Rua Teodoro da Silva, 907. Fone: 268.9112. Rio de Janeiro, RJ. Composto e impresso na PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda., Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, São Paulo, SP.

Samuel Wainer

Um novo paulista, uma nova civilização.

Para São Paulo já possa ser efetivamente considerada uma das capitais do mundo, falta-lhe apenas um pouco de civilização. Esta afirmação feita ao redator destas linhas por um dos inúmeros estudiosos e observadores estrangeiros que passam pela nossa cidade, não tinha nenhum sentido pejorativo. Pois, sendo anglo-saxônico o autor daquela frase certamente entendida por civilização a consciência que um cidadão tem de seus direitos, por mínimos e aparentemente insignificantes que sejam. Como, em contrapartida, deve ter ele consciência de seus deveres, a começar pelos que possam interferir com a vida de seu vizinho. E é realmente estranho que sendo São Paulo hoje um dos centros mais explosivos da revolução cultural no mundo, neste fim de século, que está abalando conceitos e comportamentos milenares, o contraste entre esta posição e certos hábitos ainda impregnados do mais grotesco dos provincianismos paulistas, seja tão evidente. A firmeza e frequência com que um francês, seja ele um simples "conciérge" ou um dono de empresa costuma exclamar, "c'est mon droit" ou "vous n'avez pas le

droit", nada mais é do que a afirmação de uma conquista secular do direito de não ser abusado, explorado, agredido e oprimido, seja ele um agente da lei, seja de um dos milhares de sacerdotes do consumismo moderno que por toda parte e a toda hora farejam e atormentam o cidadão de hoje.

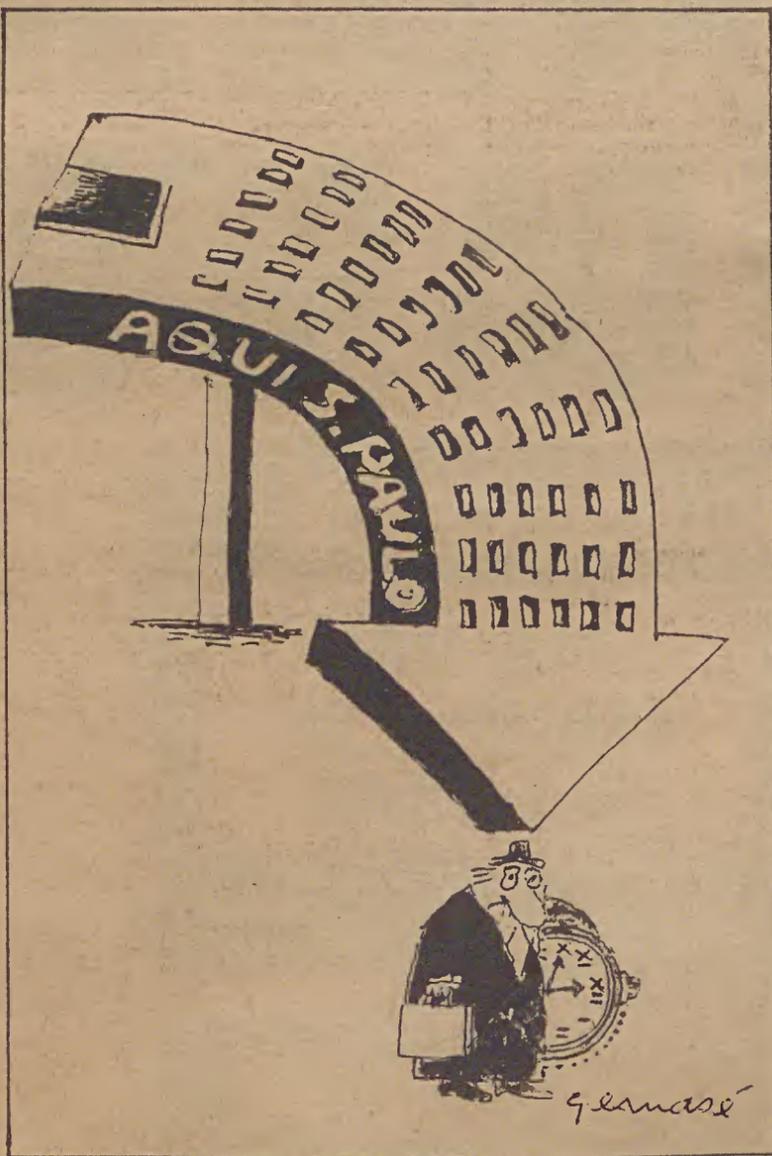
Em verdade, nos limiares de um clima expansionista que lembra a Nova Iorque do começo deste século e de uma explosão social e econômica que já a torna uma das antevisões mais próximas do mundo do segundo milênio, São Paulo acabará por sofrer espontaneamente os reflexos deste ingresso no fechadíssimo clube das metrópoles mundiais. Mais, para não tornar esta evolução mais penosa do que já tem sido, não é evidentemente assumindo a posição negativa, pedante e snob dos velhos "clans", que se recusam a reconhecer o grande salto que São Paulo deu nesses últimos 15 anos, como também não é aceitável a atitude boquiaberta e deslumbrada do novorichismo que procura afirmar sua presença pela ostentação de uma riqueza de tão discutível gosto e de

um comportamento público ruidoso e grotesco. Afinal de contas, quando se fala de um inglês, a primeira imagem que ocorre é a boa educação, da discrição e da elegância. O paulista que vem por aí, seja ele produto do novo "establishment cultural" que suas universidades estão formando na capital como no interior, seja ele produto desta classe média emergente que já está incipientemente partindo para um consumismo cultural mais profundo (veja-se os teatros, concertos, museus, sempre repletos), seja ela do proletariado urbano mais consciente (veja-se a importância que o ABC está assumindo como uma espécie de "off-Broadway" paulista), este novo paulista está formando sua imagem e seu pensamento em condições excepcionais. Liberado, desengajado, aberto às novas idéias que tanta resistência natural encontram nas arcaicas estruturas das lideranças em decadência, o novo paulista deve se constituir no padrão de uma nova civilização. E é para isto que aqui estamos. É para isto que para aqui viemos. Nosso grande assunto é São Paulo. Um tema que merece paixão, fé e esperança. Que é o nosso ânimo.

A anfitriã da liberdade

Principal polo editorial do país, com jornais que se colocam entre os melhores do mundo, editoras de nível internacional, revistas de conteúdo cultural e feição gráfica que nada ficam a dever ao melhor produto europeu e norte-americano, São Paulo conduziu-se como perfeita anfitriã da liberdade na recepção e repercussão que ofereceu aos quatrocentos delegados, que vindos de toda a América, aqui se reuniram na 31ª Assembléia Geral Ordinária da Associação Interamericana de Imprensa.

O critério político que presidia à escolha dos locais da reunião da SIP — sempre condicionado pelas sensibilidades e ciúmes latino-americanos — poderia talvez ter sido um dos fatores dominantes da designação de nossa cidade para sede dessa assembléia, num momento tão crucial quando deste que o continente vem atravessando. Talvez até mesmo o centenário do velho **Estadão** tenha influido nessa escolha. Mas, com ou sem critério político o que os delegados devem ter sentido é que não houvesse local mais indicado, com melhores condições de hospitalidade e repercussão do que São Paulo, centro de um gigantesco desenvolvimento econômico, para aí lançar os fundamentos de uma mais breve vitória da liberdade e do respeito aos direitos humanos. Pois só o progresso dará aos povos a base real para sustentar a plena efetivação de uma das quatro liberdades inscritas por Roosevelt na Carta do Atlântico: o direito ao livre acesso às fontes de informação.



Na nova praça, os abandonados.

Recém inaugurada (o administrador regional estava até passeando por ela), a nova Praça Princesa Isabel sofreu uma súbita invasão. Dizem os jornais que foram os "trombadinhas". Nós diríamos que foram também os meninos pobres e abandonados. Nem todos são trombadinhas. Fizeram uma praça para as crianças e eles também são crianças. Se pularam com avidez sobre os brinquedos, é porque nunca tiveram um. E a eles tudo é negado, inclusive o direito de passear e brincar na praça. Portanto, é hora da gente compreender também. Agredindo, tentavam chamar a atenção. Atenção que nunca viveram. Um pouco de policiamento compreensivo e a situação muda; compreensivo, não repressivo. Com o tempo, haverá uma divisão e saberá quem é marginal e quem é simplesmente abandonado em busca de brinquedo.

O triste romance do nosso automóvel

Deus nos fez brasileiros, e depois descansou. Ainda está descansando, porque parece não haver nada de mais sofisticado para fazer. Ontem, nos entusiasmávamos com a nossa pujante indústria automobilística, que em poucos anos ganhou porte de uma das maiores do mundo; hoje mandamos aos EUA um ilustre Secretário de Estado que declara à imprensa, antes de partir: "há um esforço do Governo em desencorajar o uso do automóvel particular em S. Paulo".

Ontem, permitiámos que as fábricas de bicicletas se degladiassem em competição de preços, até o ponto de todas, menos duas ou três, terem que fechar as portas. Hoje anunciamos nos jornais que se dá uma bicicleta de presente a quem comprar um automóvel. Não será de estranhar que em breve estejamos dando um automóvel de presente a quem compre uma bicicleta.

Nosso entusiasmo foi ao ponto de esquecer as vias férreas, em benefício de estradas que servissem aos automóveis da nossa indústria, de que tanto nos orgulhávamos; hoje, empolgados o entusiasmo oposto: vamos investir forte na ferrovia, e o automóvel que se dane. Trata-se de uma espécie de entusiasmo pendular, que jamais se mantém em equilíbrio, mesmo instável.

Falta só uma coisa: mandar fechar, inapelavelmente a indústria automobilística. Por que não? Depois voltamos a mandar abrir...



Estamos lançando um dos empreendimentos mais sofisticados do mundo.

Depois de dois anos de obras de infra-estrutura inéditas na engenharia brasileira, a Engenharia Badra S.A. e a Solidum Empreendimentos Ltda. com justo orgulho comunicam a abertura das vendas de um dos mais sofisticados e originais empreendimentos já lançados no Brasil:
Marina Canal Guarujá.

Marina Canal Guarujá é um projeto inspirado nas melhores marinas do mundo, em especial as de Miami, Fort Lauderdale, San Francisco e Los Angeles.

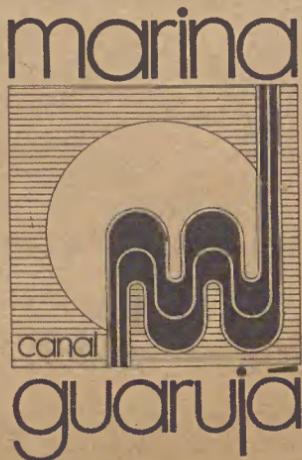
É um loteamento extremamente privado e a maioria de seus terrenos são "water front house", ou seja, com frentes de um lado para alamedas asfaltadas e arborizadas e do outro para um dos quatro canais navegáveis para barcos de até 3 metros de calado. Graças a isso, cada proprietário de terreno poderá levar seu barco ou veleiro até o jardim de sua casa e de lá partir para onde a vontade e o espírito de aventura possa alcançar.

Marina Canal Guarujá está totalmente urbanizada, com rede elétrica e de iluminação, sistema de água próprio, rede de esgoto, extensa rede de galerias pluviais, saneamento ambiental, alamedas arruadas, asfaltadas e arborizadas; áreas de recreação, taludes e lotes sendo gramados e reflorestados com vegetação tropical.

Do projeto também consta a construção de um moderníssimo Centro Náutico, comparável aos melhores do mundo com capacidade para atendimento de até 800 embarcações.

Fora da área privada, Marina Canal Guarujá ainda terá um Centro Comercial e um Heliporto.

A Solidum Empreendimentos Ltda. informa que está aceitando reservas exclusivamente em seus escritórios de São Paulo, à av. Brasil, 700, ou na própria Marina Canal Guarujá, km 10,5 da rodovia Guarujá—Bertioga.



Execução e Incorporação: Engenharia Badra S.A.

Arquitetura e Planejamento: Miguel Badra Junior e Luiz Ignacio de Anhaia Mello; Eletricidade: José Américo Sampaio Junior; Hidráulica e Saneamento: Arnaldo Fernandes de Carvalho;

Paisagismo: Luciano Fiaschi; Hidrossemeadura: Jardins Tropicais; Consultoria: Splendore & Buzaid.

Planejamento e Vendas: Solidum Empreendimentos Ltda. - Av. Brasil, 700 - tels.: 282-2613, 81-2290 e 80-4994 - São Paulo.



ECONOMIA

O bom exemplo do Papa: investir em São Paulo.

O Vaticano acaba de dar um painel de chá ao governo brasileiro: está investindo capitais, transferidos da Itália, no setor imobiliário de São Paulo, pois sabe-se que comprou cinco andares do edifício Balbo, na Consolação.

Num momento em que as esferas financeiras internacionais discutem se o Brasil continua sendo um bom risco para aplicação de capitais em nossas Bolsas, através das Sociedades de Investimentos, Roma toma decididamente posição a favor do Brasil, comprando imóveis em S. Paulo.

Os andares do edifício Balbo comprados através das autoridades religiosas brasileiras, não se destinam à habitação. Isso poderia vir a implicar ações judiciais contra possíveis inquilinos, impedidos de pagarem o aluguel por dificuldades independentes de sua vontade. Não seria agradável para a Igreja ter que desalojar alguém de sua habitação, por não poder pagar o aluguel. A solução foi fazer o investimento em escritórios, que serão alugados a empresas. Empresa sempre paga o seu aluguel e, caso não possa pagar, não surge o problema humano de deixar pessoas sem casa, por dificuldades financeiras.

E de se esperar que, depois desta primeira operação financeira, os investidores internacionais se disponham a entrar mais decididamente nas Bolsas brasileiras. Antes da publicação do Decreto nº 1.401, que finalmente autorizou a aplicação de capital estrangeiro em ações de empresas brasileiras, calculava-se que 300 milhões de dólares acorriam de além fronteiras, para dinamizar o nosso mercado acionário. A pouco e pouco, as perspectivas foram descendo para menos de cem milhões e acabaram se concretizando em menos de 20 milhões. Esse é, presentemente, o panorama melancólico de uma realidade que se esperava fosse bem mais brilhante.

Graças a Deus e aos seus representantes na Terra, é de se prever que as coisas melhorem em breve, pois sabe-se que os técnicos em finanças do Vaticano não dormem de touca, e os locais em que eles fazem investimentos costumam representar os pontos de menor risco. Esta atitude para com o Brasil quer dizer, em última análise, que as coisas não vão brilhantemente pela Itália, mas vão melhor do que se pensa, no que se refere ao Brasil.

Brasília não contava, possivelmente, com este dom de Deus, mas o fato de ser o maior país católico do mundo deve ter pesado aos olhos do Onipotente. Esperemos que os centros financeiros de Londres, Zurique, Nova York e Bonn continuem acreditando em Deus e na infalibilidade de Roma. Nós continuamos acreditando, até por mais esta razão.

Joaquim Rodrigues Matias

FUTEBOL

Globo informa: sai Silvio Santos, entra Cruyff.

Ao mesmo tempo que o Instituto Gallup divulga uma pesquisa, segundo a qual as rendas do nosso futebol estão decrescendo nos últimos dez anos à velocidade em que aumenta a população da cidade,

o que parece uma contradição, a TV Globo prepara-se para dar um golpe mortal nas arcaicas estruturas que ainda mantêm de pé esse mesmo futebol: para as tardes de domingo, no horário do programa Silvio Santos, está-se armando um grandioso esquema esportivo, que vai desde a transmissão direta de jogos dos campeonatos europeus (a maioria começa às 11 horas da manhã), até bem cuidados documentários, entrevistas etc.

É claro que entre tão sugestivo programa de fim-de-semana, grãtis, a cores, ao vivo, em movimento, e esses tediosos empates de zero a zero, retrancados, violentos, congestionados (no campo e fora dele), cinzentos e estratificados que o futebol paulista anda oferecendo, o torcedor, por mais fanático, não terá opção, preferindo ficar em casa, diante da tevê.

Mais previsível ainda será a reação dos cartolas: a Federação vai impedir as gravações de videotapes dos jogos em São Paulo, a CBD vai ameaçar, e, todos juntos, mais uma vez, procurarão o ministro da Educação, o presidente da República, Deus, se possível, para que intercedam no sentido de convencerem a estação de TV a abandonar tal projeto. Pois é dessa forma que eles sempre têm agido: em lugar de observarem a tecnologia para que ela se incorpore ao futebol, acompanhando o caminho natural da evolução que já transformou essa atividade esportiva em uma grande indústria de espetáculo de massa, eles procuram anulá-la, através de regulamentos anacrônicos, expedientes jurídicos, favores etc.

O fato é que enquanto dentro do campo o futebol, no mundo todo (até na Rússia já se profissionaliza) exige um tratamento altamente especializado, fora dele, continua sendo administrado com as mesmas técnicas amadorísticas de 30 anos atrás.

Hoje em dia não se pode mais pensar em qualquer iniciativa empresarial, desprezando-se a tevê, que é, sem dúvida, o maior e mais poderoso veículo de comunicação criado pelo homem. Assim como não se pode mais admitir um jogo de futebol sem gols, sem movimento, portanto sem graça nem emoção. Para tanto, é preciso que os artistas entrem em cena descansados, treinados, ensaiados. Mas como, se esses mesmos cartolas vão aos poucos sufocando o resto de talento que nos sobrou com um delírio de jogos inexpressivos, que se repetem ao infinito, terça, quarta, quinta, sábado, domingo, aqui, no Rio, em Manaus, Belo Horizonte, em todas as praças esportivas do país? Menos numa, a mais significativa o coração do torcedor da geral.

Alberto Helena Jr.

ESPETÁCULO

Em Paris, balé clássico. Autor: Plínio Marcos.

Plínio Marcos em Paris — esta a informação que andou mexendo com o mundo do espetáculo. Mas, como se diz em linguagem jurídica, não é a pessoa física, mas sim a pessoa cultural de Plínio Marcos que deverá estar presente no XIII Festival Internacional de Dança, em Paris, para onde embarca amanhã o Ballet Stagium, levando como principal atração de sua apresentação naquele festival um balé inspirado nas "Quebradas do Mundaréu", uma das peças mais aplaudidas do conhecido — e hoje mais proibido — autor dramático do país.



O novo balé, que foi apresentado no Teatro Municipal, é parte da procura que o Grupo Stagium vem empreendendo na literatura brasileira, como fonte de novos temas. Foi assim que, poucos antes de embarcar para Paris, Márika Gidali, fundadora do Stagium, definiu essa nova realização do seu grupo: "Como cada novo balé que se concluiu, esse é o mais importante. A fez de Plínio chegou naturalmente. Sem nenhuma contestação. Porque ele é muito brasileiro. O que o Plínio diz é uma realidade, tanto que damos de cara com seus personagens na rua, a toda hora".

Depois de se referir com entusiasmo aos balés inspirados em Guimarães Rosa — em cuja obra se baseia o "Diadorim" — e em Cecília Meirelles — do Romancário da Inconfidência saiu "D. Maria I, da Rainha Louca" — Márika prossegue: "No palco os personagens de Plínio Marcos não eram vistos há pelo menos cinco anos. E, por mais familiares que sejam, ganham, certamente, uma nova perspectiva, ao se associarem às figuras ágeis dos bailarinos. Até que se conseguisse um espetáculo pronto, com a música de Ailton Escobar e a direção de Aedmar Guerra, foi preciso que os bailarinos reformulassem uma série de conceitos."

Já com o pensamento voltado para Paris, Márika diz: "Nós estávamos certos de que éramos totalmente abertos e sem preconceitos. De repente nos vimos diante de uma barreira. A violência, a crueldade, a cruzeza, coisas que mexeram conosco por dentro".

As outras pessoas a quem Márika se refere são Décio Otero e Milton Carneiro, os outros dois intérpretes de "Quebradas do Mundaréu": "É um dos balés mais dançados e coreografados que já produzimos. É a coreografia da anti-beleza. É violento, é chocante, mas não agressivo. Mas o resultado, contudo, compenhou o nosso esforço".

Martha Góes

COMPORTAMENTO

A cruzada de Quercia a favor dos gordos

Quem ama um homem gordo? A julgar pela massa de anúncios de pilulas, balas e chicletes para emagrecer que invadiu a cidade, uma coisa é certa: a indústria farmacêutica odeia os gordos. Odeia e não tem por eles o menor respeito.

O ataque é cíclico: anualmente, à iminência do verão, começam as campanhas de propaganda oferecendo sopas dietéticas, chicle-

tes dietéticos, adoçantes dietéticos como solução para que o massacrado consumidor possa enfrentar a praia sem morrer de vergonha de suas gordurinhas.

Há poucos dias o esbelto senador Orestes Quercia (1m85,80 quilos) lançou a advertência no Congresso, através de um projeto de lei. Se aprovada a proposta do senador paulista, as drogas e medicamentos destinados ao emagrecimento e que contenham substâncias anorexígenas (inibidoras do apetite) só poderão ser vendidas sob receita médica.

O alerta talvez sirva para abrir os olhos do SNFMF — Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina e Farmácia — para os abusos que vêm sendo cometidos pela indústria farmacêutica e pelo comércio de medicamentos. Há bem pouco tempo foram retirados de circulação, nos Estados Unidos, dezenas de produtos similares aos que hoje são oferecidos ao consumidor brasileiro.

Os argumentos da FDA — Food and Drug Administration — para proibir a venda desses produtos são taxativos: uns e outros provocavam anorexia crônica, anemia e — atenção, latin lovers! — até impotência. Muitas das anunciadas pastilhas para emagrecer não passavam de laxantes de poder reduzido — isto é: sem saber, o consumidor comprava chicletes e tomava purgante.



Respeitadas as raríssimas exceções de remédios vendidos sob prescrição médica (Abulemim AP, por exemplo), não há a menor restrição à venda de produtos dietéticos, inclusive os que contêm as tais substâncias anorexígenas. Literalmente transformadas em supermercados, as farmácias exibem gôndolas cheias de adoçantes, sopas, caldose pastilhas dietéticas à disposição do consumidor previamente condicionado por jingles de tevê, spots de rádio e out-doors de rua.

Algumas das razões invocadas por Orestes Quercia para justificar seu projeto:

"Aliada a uma publicidade que cada vez mais se torna a arte de enganar o próximo, os mais estapafúrdios produtos são oferecidos ao público como necessidades vitais, essenciais à vida moderna e à saúde, com apelos sofisticados que, usualmente, conseguem inteiro êxito em aliciar novos consumidores (...) milhares de pessoas vêm procurando nas farmácias tais produtos (...) que, em doses excessivas, podem causar irreparáveis prejuízos à saúde, abalando irreversivelmente o equilíbrio psicossomático dos consumidores".

Quem conhece a burocracia brasileira e, principalmente, os grandes interesses em jogo, sabe que dificilmente o projeto passará. Mas caso o senador paulista não consiga ver sua proposta aprovada, fica uma sugestão. Assim como nos Estados Unidos a lei obriga a imprimir nos maços de cigarros a frase "fumar pode prejudicar sua saúde", o governo brasileiro poderá mandar incluir nos invólucros dos produtos dietéticos o ditado inglês: "obesity is incurable; so, relax and enjoy it".

Fernando Moraes, (1m75, 66 quilos).

POLÍTICA

Quem entendeu a proposta feita por Arrobas?

Fontes federais consideravam ontem "absolutamente inoportuno" o debate aberto em São Paulo pelo chefe da Casa Civil do Governo do Estado, Arrobas Martins.

Da maneira como se colocou a tese do Poder Moderador, ela poderá — como está ocorrendo — gerar o reconhecimento de que o Brasil seria hoje um "estado militarista". Os repetidos pronunciamentos do chefe da Casa Civil teriam, inclusive, determinado a viagem do vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho a Brasília, e uma série de contatos que desde ontem ele vem mantendo com o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva, o chefe do Serviço Nacional de Informações, general João Baptista Figueiredo, o ministro da Justiça, Armando Falcão, mais o ministro da Educação, Ney Braga, e o presidente nacional da Arena, deputado Francelino Pereira.

A missão de vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho é clara e objetiva: ele se encontra em Brasília com porta-voz autorizado do governador Paulo Egydio, visando desfazer equívocos que teriam sido gerados pelos pronunciamentos de Arrobas Martins, a quem caberia, em palácio, o exercício de funções mais administrativas do que políticas.

Aliás, em São Paulo não são poucas as figuras da área política que estranham o que classificam de "inversão de papéis": o vice-governador Ferreira Filho tem mantido o mais rigoroso e absoluto silêncio nos últimos dias, embora a idéia do Poder Moderador (em outros termos, evidentemente), como tese de reflexão para a discussão do novo Modelo Político Brasileiro tenha sido lançada por ele há mais de um ano, em "sociedade" com o governador Paulo Egydio. Em outras palavras: exclusivismo à parte, na época, Paulo Egydio e Ferreira Filho completavam-se no que diz respeito à disposição de teses políticas, considerando-se o vice-governador como o "cientista político" do governo paulista.

Nessa linha de conduta, o silêncio do vice-governador poderia, no mínimo, ser interpretado como uma crítica velada à insistência do chefe da Casa Civil. E, na própria Assembléia, era o "arrobista" Marco Antônio Castelo Branco quem constatava: "A Tese do Poder Moderador está provocando controvérsias; cada uma está entendendo de uma forma!".

Ainda na Assembléia Legislativa, um outro deputado da Arena, o independente Paulo Kobayashi, traduzia em miúdos o que se estaria pretendo complicar. E frisava:

— Se as contradições responsáveis por impasses, tensões e indefinições não forem corrigidas, poderão nos separar cada vez mais da democracia plena, compromisso maior da Revolução de 64. É necessário reorientar a nossa política econômica, promover reformas estruturais corajosas, provocar o desenvolvimento social e político; do contrário — assegura Kobayashi — o mais cômodo seria retroceder à fase revolucionária anterior.

José Carlos Bittencourt



Supermercados

24.6515, batalha final.

Por trás desse número, trava-se uma das mais emocionantes batalhas jurídicas da história de São Paulo.

De um lado, estarão os poderosos 29 supermercados, dos 200 que compõe a rede paulista, lutando para poderem abrir suas portas também nos domingos e feriados; do outro, o prefeito Olavo Setúbal, exigindo o cumprimento das determinações contidas no seu decreto de 28/8/75, que prescreve o fechamento nesses dias.

Nossa reportagem apurou que a decisão final dessa luta de gigantes está marcada para o mês de dezembro.

No Tribunal de Justiça, uma câmara formada por 4 desembargadores e um presidente deverá cassar ou confirmar a liminar do mandato de segurança que mantém agora os supermercados funcionando normalmente. 24.6515 é o número do processo.

O jurista Hely Lopes Meirelles, que vai defender a Prefeitura Municipal neste caso, afirma que a intenção do decreto de Olavo Setúbal foi "apenas reduzir ao máximo a agitação comercial da cidade". Mas para os supermercados, o decreto municipal foi "uma medida desigual, que visa somente o fechamento dos supermercados enquanto um comércio similar continuaria em funcionamento".

Enquanto isso, a situação é de expectativa. Para Gelsomino Di Francesco, diretor dos Supermercados Superbom, o primeiro a impetrar o mandato, as possibilidades de vitória são grandes.

— Nossa posição é de contemplação. Acreditamos em nossa tese e esperamos o julgamento. Não aceitamos o decreto, porque ele nos parece desigual, enquanto a nossa Constituição é bastante clara: perante a lei, todos são iguais. Esse decreto municipal nos apanhou de surpresa; e ele não fala no fechamento de padarias, feiras-livres, rotisseries e similares.

Disse o jurista Hely Lopes Meirelles que a idéia do fechamento aos domingos partiu de alguns supermercados — possibilidade negada com veemência pela Associação Paulista de Supermercados, que afirma desconhecer qualquer pedido neste sentido.

Se a decisão final partisse de um plebiscito popular, certamente os supermercados ganhariam o direito de funcionar dia e noite, todos os dias do ano. Mas a decisão deverá ser tomada nos tribunais, com base nas leis e então qualquer resultado é imprevisível.

Pelo menos até lá, graças à liminar obtida, os supermercados continuarão abertos, livremente.

O já polêmico tema dos inspetores de quarteirão — mais um grave item na violação da intimidade dos paulistas, segundo entendem os opositoristas — está voltando à tona, agora, de uma forma mais explosiva: há denúncias de que eles serão também cabos eleitorais, aliciados por políticos oportunistas.

Em setembro passado um decreto do Governador Paulo Egydio ressuscitou a função de inspetor-de-quarteirão para São Paulo. Entretanto, uma legislação ambígua e incompleta, somada à experiência idêntica — e pouco feliz — no passado (o decreto anterior é de 1956 e foi extinto por Jânio Quadros), vem causando apreensões no meio político da oposição, por um lado; por outro, um

cauteloso processo de aplicação estudado com prudência pelo Secretário de Segurança Erasmo Braga.

"Informar à autoridade policial sobre as contravenções e delitos de que tiverem conhecimento, bem como a existência ou permanência de contraventores ou criminosos na sua área de atuação" diz o primeiro item da legislação, enquanto o quarto e último autoriza o inspetor a "elaborar o cadastro de seu quarteirão e informar à autoridade as alterações necessárias".

O que quer dizer "cadas-

Segurança

Inspetores de quarteirão ou cabos eleitorais?

tro de quarteirão?" — pergunta o deputado Jihei Noda, porta-voz das preocupações do MDB na Assembléia Legislativa. "Número de filhos? Nome da mulher? Visitas que recebe e salário? Eles andarão armados?"

Temendo que os futuros inspetores-de-quarteirão venham a se tornar figuras repressivas e prepotentes, violando a intimidade das pessoas e cometendo injustiças, as restrições do MDB, na verdade, vão até as urnas. Uma notícia veiculada em São Paulo, de que os

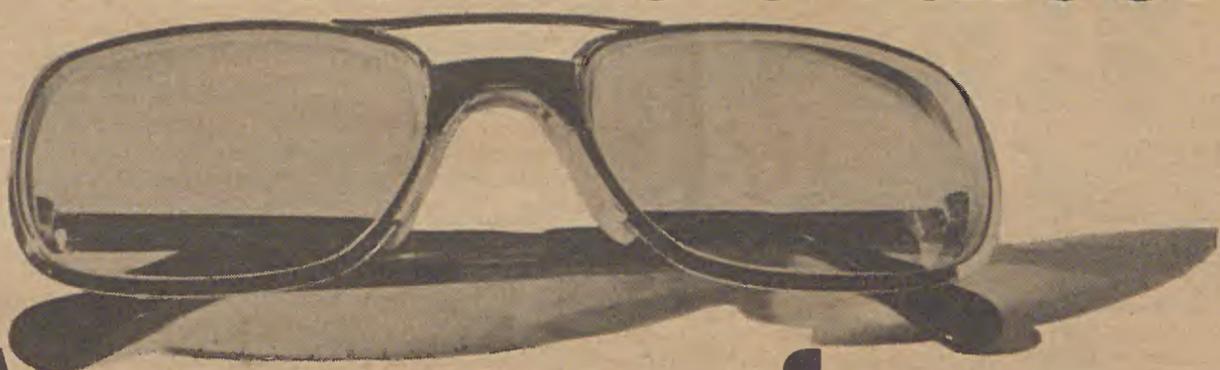
deputados — e secretários de governo — Rafael Baldacci Filho e Ademar de Barros Filho estariam competindo pela nomeação dos futuros inspetores, levou Jihei Noda a acreditar ainda mais na suspeita de que poderá haver aliciamento político nos bairros.

Conforme ele, Baldacci é um dos principais defensores do voto distrital — sistema que obriga o eleitor a votar num dos dois candidatos da área em que reside — e isso evidencia a importância que deverá ter o inspetor-de-quarteirão como cabo eleitoral.

Ao mesmo tempo em que o deputado aproveita todas as oportunidades para alertar a população contra o decreto, que ele considera a um passo da intromissão na vida privada do cidadão paulista, o Secretário de Segurança Erasmo Braga caminha cautelosamente para a sua aplicação, que não tem ainda data marcada, na cidade.

Por enquanto, a quase quarenta dias da assinatura do decreto e a um período ainda desconhecido de sua aplicação, o que sabe-se com absoluta certeza é que métodos idênticos já foram utilizados por sistemas de governo pouco democráticos e que, também, deve ser dado um crédito de confiança ao Cel. Erasmo Braga.

A Fotoptica abriu o Clube dos Óculos.



Agora quem for comprar óculos em outro lugar é cego.

Esse clube foi criado com fins altamente lucrativos para você.

Começa que para entrar você não paga nada.

Quem vai à Fotoptica comprar lentes de contato ou comprar óculos já fica sócio.

Logo de cara recebe uma carteirinha que dá um desconto especial nas compras à vista.

Mas se você quiser pagar a prazo, pode pagar em 10 meses sem nada de juros.

O óculos que você comprar estará garantido contra quebras de lentes por 6 meses. Quebrou, a Fotoptica coloca lentes novas sem você pagar nada.

E se você perder ou se roubarem seu óculos?

Mostre sua carteirinha que a Fotoptica faz um novo óculos e você tem 30% de desconto.

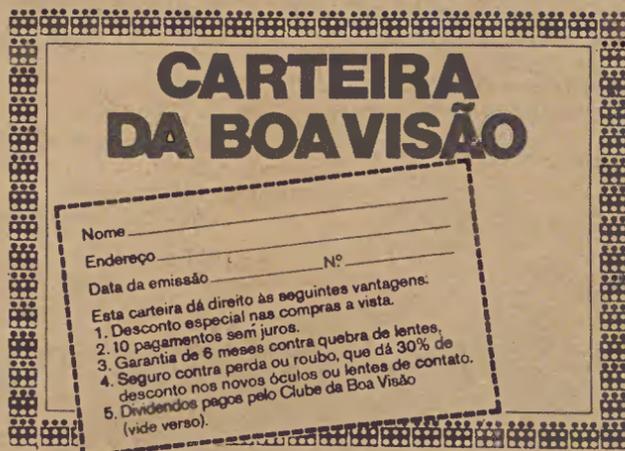
E agora a vantagem de arregalar os olhos:

todas as compras que você fizer, ou compras de algum amigo que você apresentar, vão sendo anotadas na sua carteirinha (e na dele). Depois de 5 compras, você faz a soma. Do total que der, você ganha 10% que valem como dinheiro na compra de novos óculos ou lentes!

Quer dizer, um óculos novo pode sair quase de graça. Onde você enxerga tanto lucro assim?

Venha visitar uma de nossas 14 seções de ótica e entre no clube.

Traga sua receita, sócio.



R. Direita, 85 - Tel. 35-3716 - R. Cons. Crispiniano, 49/57 - Tel. 239-4122 - R. Barão de Itapetininga, 200 - Tel. 34-5219 - R. São Bento, 356 - Tel. 239-0637 - Av. Brig. Luiz Antonio, 283 - Tel. 35-5436 e 35-0276 - Av. Paulista, 2.064 - Lojas 8 e 19 - Tel. 288-1931 - R. Catão, 72 - Lojas D9 e D10 - Tel. 260-4303 - Av. Brig. Faria Lima, 1.191 - Lojas D5 e X31 - Tel. 210-1250 e 210-1102 - Alameda Lorena, 1.460 - Tel. 282-1659, 282-1673 e 80-7167 - Av. Sta. Catarina, 2.525 - Tel. 275-7533 - R. Rego Freitas, 432.



Dois vereadores paulistanos, Antônio Rezk (MDB) e Celso Matsuda (Arena), saíram pelas ruas da cidade, esta semana, e viveram o drama de 7 milhões de habitantes envolvidos com os problemas do transporte e do atendimento hospitalar. Transformados em repórteres de **Aqui**, colheram farto material para futuras denúncias e provaram que

LUGAR DE VEREADOR É NA RUA

Foi na hoje esquecida Câmara Municipal de São Paulo que o ex-presidente Jânio Quadros iniciou sua fulminante carreira, assim como tantos outros políticos de projeção nacional, como o senador oposicionista Franco Montoro.

Cada vereador da cidade de São Paulo representa cerca de 400 mil habitantes — isto é, mais do que a população de grandes centros urbanos do interior do Estado, como Campinas ou capitais de vários Estados brasileiros.

No entanto, nossa Câmara Municipal nem sempre é devidamente valorizada pelo noticiário dos jornais, e poucos são os paulistanos que sabem quem são os seus representantes políticos.

Ao todo, são 21 homens — 14 da Arena e 7 do MDB — vindos de todas as classes sociais e das mais diversas origens raciais, que procuram dentro das limitações legislativas que lhes foram impostas, solucionar os problemas da cidade.

Denunciando problemas específicos de seus bairros — como José Bustamante, cuja preocupação é falar da "Zona Leste, o lixo da cidade" — ou discutindo questões de política institucional, como Celso Matsuda, que prega eleições diretas e o fim do bipartidarismo, eles representam, bem ou mal, a população da maior cidade da América Latina.

Com os vereadores Antônio Rezk e Celso Matsuda, **Aqui** inicia uma série de reportagens que levarão nossos políticos às ruas, para que eles tenham uma visão bem realista dos problemas da cidade. Isso contribuirá para que eles tenham uma certa convivência com esse problemas, encontrando mais facilmente uma solução para eles. Os dois vereadores foram acompanhados pela nossa repórter **Wilma Ary** e nosso fotógrafo **J. Fernandes**.



O vereador Antônio Rezk e a difícil arte de arranjar um táxi.

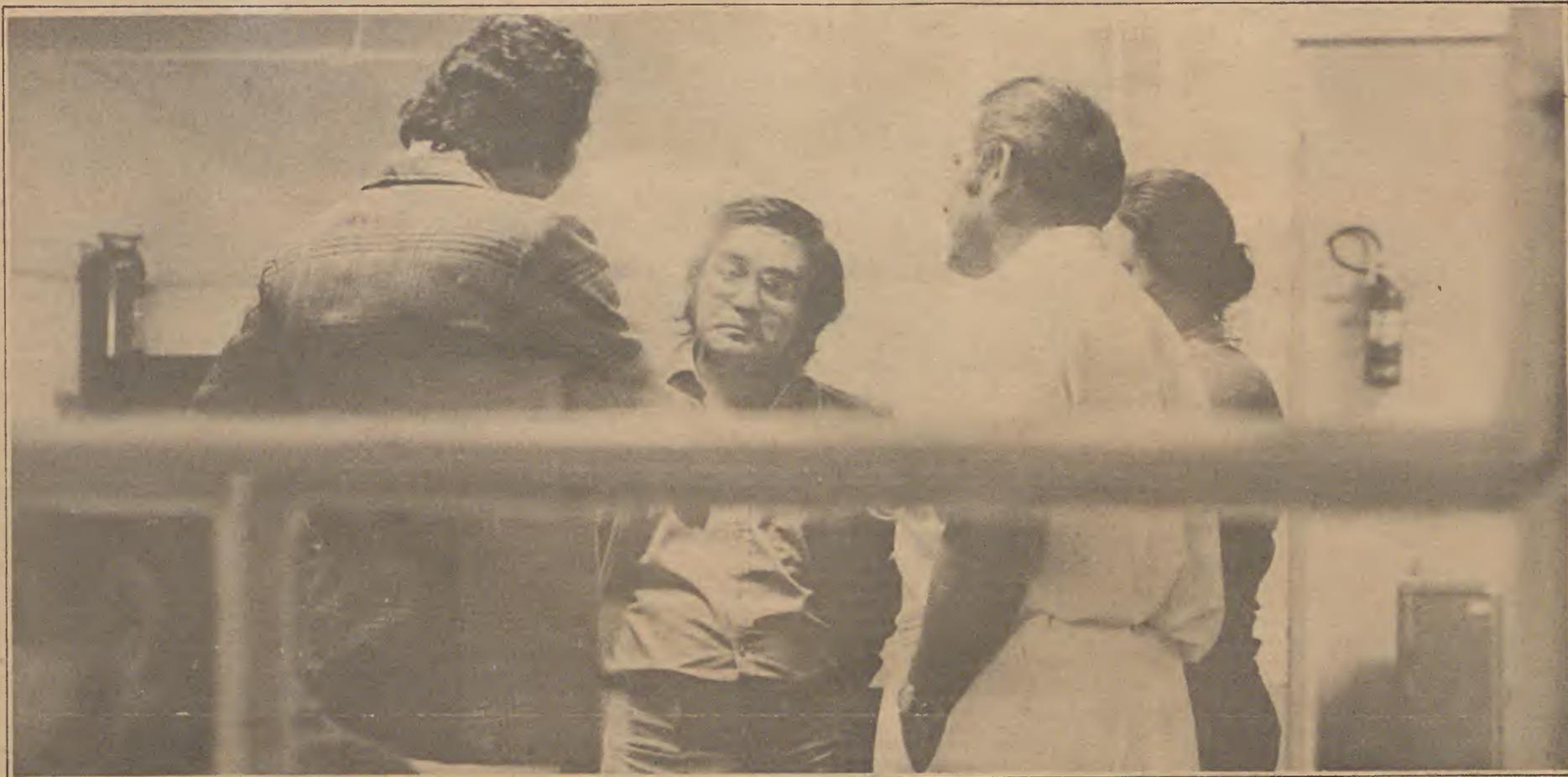


De pé, num vagão do metrô, cercado de passageiros por todos os lados.



Entre populares, na longa e cansativa fila por um lugar no ônibus!

Enfrentando o caos do trânsito ou a fila do pronto-socorro



O vereador Celso Matsuda fez uma demorada e inesperada visita ao Pronto Socorro da Barra Funda. Conversou com os médicos, tomou conhecimento de muitos problemas.

Matsuda vê a neurose de perto

Na visita que fez ao Pronto Socorro da Barra Funda, o vereador Celso Matsuda ficou altamente impressionado com um fato novo: soube que cerca de 50 por cento dos casos registrados são de fundo neurótico — um mal que cresce a cada dia, em proporções bem maiores que o desenvolvimento da cidade. E ouviu de um médico a seguinte explicação:

— Antigamente, 95 por cento dos internados por neurose eram homens. Hoje em dia, há um certo equilíbrio entre homens e mulheres.

E nas duas horas que Celso Matsuda passou no Pronto Socorro surgiram três casos de neurose de angústia, além de muitos outros de fundo nervoso e neurótico. Mais ainda surpreendido ele ficou ao saber, através de outro médico, que esses índices de neuróticos ainda é muito pequeno, relativamente à incidência verificada no Posto de Atendimento Psiquiátrico do INPS ou mesmo no Departamento de Assistência aos Psicopatas.

Nesta sua visita de inspeção, em conversa com os médicos, o vereador ouviu algumas observações sobre o problema das neuroses:

— A poluição aumenta a densidade e isto contribui para a transmissão de doenças. Quando os índices de poluição se elevam, aumenta o número de asmáticos e dos que sofrem de doenças do aparelho respiratório. São os fregueses do oxigênio. Mas o que nos dá mais pena são os asmáticos que moram perto de indústrias altamente poluidoras; estes são os que mais sofrem.

Celso Matsuda, formado em engenharia eletrônica, tomou conhecimento de muitas coisas que até então desconhecia, nesta visita. Por exemplo: de que o Pronto Socorro da Barra Funda não recebeu até hoje as vacinas contra a meningite, apesar de sua localização importante e de registrar uma média diária de 20 casos dessa doença, no ano passado.

E verificou que um dos grandes problemas que os médicos enfrentam é a insistência em internar doentes, quando não há necessidade disso. Um hospital de retaguarda poderia ajudar a dar conta desses casos, informaram os médicos.



Na sala de espera, como se fosse um paciente qualquer.



Incógnito, ele observa o nível de atendimento.



No Hospital Municipal, o vereador ouviu uma docente.

Rezk procura soluções para os transportes

Primeiro, o vereador Antônio Rezk andou bastante de ônibus, de trem, de metrô e de táxi, verificando os maus serviços por eles prestados diariamente ao paulistano. Após observar a lentidão desses veículos e os constantes congestionamentos, examinou dos diversos ângulos da crise mundial do petróleo — para então apresentar uma solução para o problema dos transportes coletivos:

— É preciso, com a máxima urgência, promover a completa eletrificação dos transportes coletivos, na área metropolitana de São Paulo.

Com a experiência adquirida nas ruas, verificando a impossibilidade de modificar muito repentinamente o nosso obsoleto sistema de transportes, ele admite como adequada a idéia do prefeito Olavo Setúbal, de promover o escalonamento de horários.

— Os bancos funcionarão das 10 às 16 horas; o comércio, das 9 às 20 horas; a indústria, das 7 às 17 horas; e as repartições públicas, das 11 às 18 horas. Assim, o precário sistema de transportes da cidade não precisaria funcionar com tamanha sobrecarga. — explica o vereador.

Antônio Rezk, economista e professor, reuniu estatísticas sobre os ônibus, chegando à conclusão que eles transportam 80 por cento dos passageiros/dia da cidade, apesar de funcionarem em péssimo estado de conservação — a uma média de 5,22 quilômetros por hora, considerada baixíssima.

Tudo isso, mais a má impressão causada pelos ônibus, acabou levando o vereador para esta solução que é a eletrificação.

— Ela apresenta grandes vantagens, como a ausência de poluição do ar, muito menos ruídos e um custo operacional mais baixo. Além disso, vai consumir energia elétrica, que, além de muito mais barata, é abundante.

Ele acha que a ampliação da rede do metrô poderia resolver de uma vez todos os problemas. Mas sabendo que a implantação é demorada recomenda a adoção dos ônibus elétricos e de um sistema de transportes chamado Pré-Metrô.

O DRAMA DOS PICOS E DO RUSH

Escalonar os horários do comércio, da indústria e repartições públicas pode melhorar o trânsito caótico da cidade? O problema está sendo discutido em todos os níveis e em todos os cantos da cidade.

Aqui, o prefeito Olavo Setubal pede o apoio e a compreensão dos paulistas para a sua sugestão, enquanto a Federação do Comércio e a Associação dos Bancos mantêm uma posição de diplomática indefinição.

O que esta cidade precisa é de ordenação. "Ordenação, entende?" Olavo Egidio Setubal, prefeito da cidade de São Paulo, está agitado num misto de raiva e excitação. Para ele os problemas todos são passíveis de solução ("Se não, eu não estaria mais aqui", diz) necessitando apenas da compreensão e apoio dos moradores da cidade para que isso aconteça mais rápida e eficientemente.

Há alguns dias uma sugestão saída do gabinete da prefeitura provocou repercussões que surpreenderam o próprio Olavo Setubal. Numa tentativa pessoal de melhorar o caótico e insuficiente sistema de tráfego da capital, o prefeito sugeriu que aqui, a exemplo das grandes metrópoles do mundo se implantasse um sistema de escalonamento de horários que ordenasse o funcionamento do comércio, indústria, bancos, repartições públicas e escolas.

Com isso, alegava o prefeito, terminariam os "picos", horários onde os transportes ficam superlotados, congestionando as vias públicas e oferecendo aos usuários uma única possibilidade: chegar em casa depois de passar um tempo exageradamente grande espremido dentro de um ônibus.

A sugestão que aprincípio parecia irrecusável, já que todos anseiam por uma melhora no sistema de transportes, foi aos poucos sendo discutida e questionada. Os bancos, primeiro alvo de Setubal que sugeriu um imediato remanejamento de horários no seu funcionamento, reagiram discretos mas firmemente.

Segundo a Associação de Bancos, não existem dados que levem a crer que o funcionamento do sistema bancário seja o responsável pelo maior fluxo de pessoas ao centro da



cidade e que seu encerramento cause o crescimento imediato da demanda dos transportes coletivos.

"Eu sugeri que se começasse com os bancos porque em torno deles funciona uma grande rede de serviços, como financeiras e seguradoras", diz o prefeito. "Logicamente todos esses serviços só encerram suas atividades quando os bancos fecham. Com os bancos fechando, por hipótese, mais cedo não teríamos o que ocorre todos os dias com o metrô, que às 16hs tem seu menor índice de aproveitamento. E o que ocorre com o Metrô, se repete nos ônibus com maior intensidade".

"O que nós temos que fazer", continua Setubal, "é racionalizar a utilização do equipamento de transporte já existente. É a única solução possível. Quando assumi a prefeitura encomendei um estudo onde as conclusões mostravam que para a solução do problema de transporte em São Paulo são necessários 55 milhões de cruzeiros. Como a prefeitura não tem esse dinheiro e nem

condições de conseguir um empréstimo desse vulto, e como eu não posso ficar dizendo para a população que os problemas não têm solução, a saída é tentar usar de uma maneira mais produtiva os equipamentos de que já dispomos. Um exemplo: o metrô custou um bilhão de cruzeiros. Se conseguirmos que sua utilização seja aumentada em 20% isso equivaleria a um investimento de 200 milhões".

Esse tipo de argumento parece ter conseguido pelo menos adiar as críticas mais ferozes e imediatas feitas à sugestão do prefeito. A Federação do Comércio no Estado de São Paulo concordou em participar de uma comissão que estudará o assunto para apresentar um relatório conclusivo sobre o assunto. Mas paralelamente faz questão de esclarecer que, pelo menos até agora, não há nenhum dado que leve a crer que o movimento do comércio seja o maior culpado dos congestionamentos na hora do rush e dos "picos" nas estatísticas.

Mas diplomaticamente, tanto a Federação do Comércio quanto a Associação de Bancos fazem questão de afirmar que tão logo lhe sejam apresentados dados comprovando a "culpabilidade" dos seus respectivos setores no mal funcionamento do tráfego da capital, não oporão a menor resistência às mudanças que se fizerem necessárias.

"É óbvio", afirma o prefeito Setubal, "que para o comércio como para os bancos, o ideal seria uma completa liberdade de funcionamento, assim eles apenas se limitariam às necessidades dos clientes. Funcionariam à noite, ou até de madrugada se houvesse clientes nessas horas. Mas o que não se pode esquecer é que vivemos numa cidade de 7 milhões de habitantes, o que nos força a uma ordenação da vida das pessoas. Hoje essa cidade é um grande acampamento e embora cresça a uma taxa menor que a de alguns anos, continua a crescer. Sem uma ordenação, sem algum tipo de orientação, isso tornaria inabitável.

É lógico que qualquer ordenação implica na limitação de algumas liberdades individuais. Se numa cidade do interior as pessoas tocam a campanha da casa do gerente do banco e são atendidos fora de hora, numa metrópole como São Paulo as coisas tem que ser bem diferentes. Seria necessário que as pessoas entendessem isso."

Se as pessoas ainda não entenderam isso (as pesquisas publicadas pelos jornais falam de 50% a favor e 50% contra o escalonamento de horários) o caminho parece promissor. Há muito tempo que um tema qualquer não atraía tanto a atenção das pessoas que um tema político não era discutido nas ruas, nas esquinas. E certamente esse é o melhor caminho para que as pessoas se conscientizem dos problemas que dizem respeito a elas e à sua cidade.

Chegou a nova geração de pneus.

Numa rodada pra frente, a Pirelli lançou de uma só vez toda uma nova geração de pneus de passeio:

- Tornado Alfa.
- Tornado Beta.
- GTL 70 - Série 70 (Gran Turismo Internacional).
- Cinturato CN15 Coronado Premium.
- Cinturato CN36 - Série 70.

Projetada por computadores para vencer o clima e as condições de nossas estradas, essa nova geração chegou para tornar mais feliz todas as gerações de automobilistas. Rode para o presente com os modernos, confortáveis, silenciosos e esportivos pneus da nova geração. Pirelli é o melhor da roda, porque Pirelli é mais pneu.



A MORTE NO AMOR HOMOSSEXUAL

A reação se repete periodicamente. Cada vez que um homossexual morre de forma violenta — quase sempre assassinado por seu par — uma onda de medo percorre os círculos “gay” de São Paulo. Mais do que aos travestis marginais, o pânico ataca mais de perto aos homossexuais discretos e recatados, que durante o dia são homens de negócios, empresários, intelectuais.

É exatamente essa cautela, essa discrição a que são obrigados pelas posições sociais, que os torna mais vulneráveis e sujeitos a chantagens e extorsões — e, por consequência, submissos à violência dos “midnight cowboys” a quem se ligam. Para esses homens, o escândalo deve ser evitado a qualquer preço.

Para a polícia é quase impossível levantar estatísticas sobre violências sofridas ou praticadas por homossexuais. Receosos de reconhecerem publicamente sua condição — ativa ou passiva — eles raramente apresentam queixa à polícia, quando vitimados por violência — especialmente quando se trata da grande maioria que à luz do dia leva uma vida de respeitáveis homens sérios.

Embora geograficamente distante, a morte do cineasta Pier Paolo Pasolini trouxe de volta o medo aos homossexuais paulistas. Talvez lembrando o fim trágico de homens como o diplomata Décio Escobar ou o pianista Fred Feld, o homossexual paulista volta a ter medo da morte.



Contra o perigo, drogas.

Durante o mês de outubro, o Setor de Vadiagem do Departamento Estadual de Polícia da Grande São Paulo prendeu 580 homens, 74 mulheres e 182 homossexuais. Entre os 182 travestis presos estava E.S.O., de 17 anos de idade, a Juju. Como todos os outros homossexuais presos, Juju estava se prostituindo no centro da cidade. Apesar da repressão policial, Juju só tem medo de uma coisa: encontrar um “catona” agressivo.

“Catona”, na gíria dos travestis paulistas, é o rapaz, geralmente rico, que procura os travestis e não paga. Às vezes eles se tornam agressivos e, quando isto acontece, é muito difícil prever o que pode acontecer. Foi provavelmente, um “catona” quem matou Marco Antonio Pinheiro, em dezembro do ano passado.

Marco Antonio Pinheiro, travesti de 18 anos de idade, foi visto entrando em um automóvel Mercedes Benz de cor vermelha em frente ao Restaurante Redondo, na esquina da avenida Ipiranga com a rua Teodoro Baima. Menos de uma hora mais tarde o motorista do carro jogou o corpo de Marco Antonio Pinheiro na avenida Pacaembu. Até hoje a polícia não encontrou o assassino de Marco Antonio.

Os “catonas”, porém, não aparecem com muita frequência. A maior parte das pessoas que procuram os travestis são “mariconas”, como os homossexuais chamam os homens já maduros

que preferem os travestis às prostitutas do sexo feminino. Os “mariconas”, ao contrário dos “catonas”, pagam para evitar confusão.

Mas, como a possibilidade de encontrar um “catona” sempre existe, Juju, como quase todos os homossexuais que se prostituem na noite paulista, toma Artane. O Artane é um remédio usado pelos doentes para debelar crises de epilepsia ou mal de Parkinson; nas pessoas saudáveis, entretanto, o remédio possui efeito alucinogeno e um comprimido dourado e suficiente para que o viciado veja monstros e prédios desabando durante 24 horas. A droga faz com que o travesti esqueça o medo de encontrar um “catona”.

Além da violência dos “catonas”, os homossexuais enfrentam as agressões da sociedade. São os risos, palavrões, gestos obscenos e ameaças, dificilmente cumpridas, dos rapazes; a vigilância e a prisão, por parte dos policiais.

Ser preso, porém, é o mal menor. O homossexualismo não é crime e o travesti é preso sob as acusações de “atentado ao pudor” ou “vadiagem”. Nos dois casos, é solto algumas horas depois, após assinar um termo comprometendo-se a arranjar emprego.

Eles contam, ainda, com a simpatia do delegado do Setor de Vadiagem, Luis Carlos Rocha. Segundo o delegado, os homossexuais só são presos se estiverem se prostituindo e, em todo caso, ele os respeita muito “como pessoas humanas”.

Ciúme, depois violência.

As estatísticas sobre agressões a homossexuais constituem uma das “cifras negras” da polícia. Como nos casos de aborto, outra “cifra negra” da cidade, existe o interesse de ocultar o fato, tanto por parte da vítima quanto do criminoso. Por isso é muito difícil até mesmo estimar o nível e as causas da violência contra os homossexuais em São Paulo. Um policial que investiga o assassinato do travesti Marco Antonio Pinheiro, todavia, conseguiu traçar um quadro que ele julga estar bastante próximo do real sobre as causas das agressões a homossexuais.

Contrariamente ao que a maioria das pessoas pensa, praticamente não existe em São Paulo o **midnight-cowboy** — que mantém relações de caráter “profissional” com homossexuais passivos. Aqui, é geralmente o homossexual ativo quem paga ao homossexual passivo.

A violência vai explodir, então, nos círculos fechados de homossexuais por questões de ciúmes. O exemplo clássico é o do homossexual — ativo ou passivo — que agride, chegando mesmo a matar, o parceiro que o abandonou.

O que ocorreu com o cineasta Pier Paolo Pasolini é, segundo este policial, um caso típico. Um homossexual passivo bem sucedido na vida que mantém uma pequena “corte” de exploradores à sua volta. Quando um dos membros dessa “corte”, geralmente adolescentes, sente-se desprezado e com medo de perder algumas regalias, agride seu “protetor”.

Outro exemplo típico foi um crime ocorrido há vários anos em São Paulo. Um homem invadiu a igreja da rua da Consolação na hora de um casamento e matou o casal de noivos. A princípio a polícia pensou que ele matara por ciúmes da moça, depois descobriu-se que o assassino, homossexual passivo, havia sido abandonado pelo noivo, homossexual ativo, e resolvera se vingar.

Durante muito tempo a esquina das avenidas São João e Ipiranga foi conhecida entre os homossexuais como “Peg-Pag” ou “Prainha”. O nome de “Peg-Pag” surgiu porque ali se concentravam os adolescentes que exigiam dinheiro para acompanhar os homossexuais passivos; inversamente, os homossexuais ativos chamavam a esquina de “Prainha” porque era ali que desfilavam os passivos.

Quando ocorria um crime envolvendo dois frequentadores da “Prainha”, o caso geralmente era esclarecido rapidamente com o auxílio de um investigador — ele também homossexual — que passava as noites no “Peg-Pag”.

O surgimento dos pontos de prostituição de travestis eliminou este esquema de trabalho. Atualmente, quando um homossexual solitário sai às ruas à procura de um **midnight cow-boy**, ele quase certamente vai travar conhecimento com um assaltante, que irá aproveitar-se do encontro para roubá-lo. Se a vítima reage e é morta, as possibilidades de que a polícia venha a prender seu assassino são quase nulas.

Em São Paulo ou Roma, o mesmo trágico teorema.

Em depoimentos exclusivos, dois jornalistas e um psiquiatra paulistas, conhecedores íntimos do problema, analisam a violência do amor homossexual.



Um fim dramático, porém muito frequente.

A possibilidade de um desenlace trágico, num relacionamento homossexual, se não chega a ser permanente, é pelo menos frequente. Os homossexuais são muito ciumentos, porque são muito inseguros e são muito promíscuos, também, em busca de preencher esse vazio.

Mas dificilmente o homossexual é violento. Ele tem uma tendência muito maior para masoquista do que para sadista. Por outro lado, são muitas vezes vítimas de chantagens e violências, sempre levados pelos seus auto-impulsos agressivos, que nos homossexuais é muito mais acentuado. O mais importante mesmo é que os que mais agredem os homossexuais são os que mais temem sua própria homossexualidade reprimida. Isso, porque o ser humano tem uma bissexualidade (psicológica) inicial, que depois se orienta para um heterossexualismo ou se desvia para um homossexualismo.

Os impulsos muito agressivos, a necessidade de ser agredido é que levam o homossexual, em grande parte a buscar na marginalidade a compensação para suas ansiedades, independentes do nível intelectual que ele possua. A história está repleta de homens da maior criatividade, como Marcel Proust, Oscar Wilde André Gide, que, por possuírem graves problemas emocionais, foram levados à homossexualidade.

A influência sócio-cultural pode tornar o ser humano em um homossexual; e a violência do meio, exercida contra o homossexual, pode torná-lo um ser potencialmente violento, embora sua tendência maior se incline no sentido da passividade.

Hoje, sabemos ser a homossexualidade um desvio predominantemente psicológico, estruturando-se sobre a ambivalência sexual infantil, dependendo da necessidade de solução para acentuadas fantasias persecutórias internas. A idéia mais moderna psicanalítica, ao contrário da Teoria de Freud (toda paranóia seria uma maneira de neutralizar impulsos homossexuais) admite que seria a transformação de um objeto persecutório num objeto amado, idealizado até misticamente.

Os homossexuais têm tendências receptivo-passivas grandes, isto é, muita dependência e necessidade de receber, embora muitas vezes exterior e superficialmente para si próprios, se mostrem como o oposto, em tentativa para esconder essa voracidade mais profunda. E o que ocorre no exibicionismo frequente, que decorre da necessidade de se valorizarem, a fim de contrabalançarem a profunda sensação de vazio interno. Sexualmente, valorizam até misticamente a figura masculina, da qual se sentem carentes.

O objeto masculino — carente no interior do homossexual —, ávidamente procurado, é fortemente idealizado, revestindo-se o contato com o mesmo de características muito místicas. O próprio Pasolini, no filme "Teorema", demonstra precisamente isso. Além da voracidade intensa do jovem artista principal, uma espécie de deus (ou diabo) que a todos fascina e possui (o casal, o casal de filhos e até a velha empregada) sexual-

mente, a atmosfera mística é evidente no decorrer de toda a trama. Quer dizer, o personagem nuclear seria essencialmente uma projeção da voracidade sexual mística do cineasta, vivendo com seu talento criativo seus próprios impulsos. Sua mística se revela também na escolha de feitura de outros filmes, como "O Evangelho", Segundo São Mateus e nos seus planos de filmar a vida de São Paulo, o Apóstolo.

Pasolini deve ter tido uma infância cheia de dificuldades, tendo se fixado exageradamente à mãe. Inseguro e com fortes sentimentos persecutórios, deve ter vivido num mundo onde fantasia e realidade não se destacavam muito. Com objetos persecutórios internos altamente desvalorizadores de si mesmo, que se projetavam no mundo exterior. A voracidade de Pasolini foi sempre evidente. Ao lado de suas características psicóticas, encobertas pela homossexualidade, desenvolveu forte criatividade, como necessidade de reconstrução de objetos internos bons, que a perseguição interna constantemente destrói.

Pasolini é mais um caso a confirmar a aproximação existente entre o gênio e a loucura, tantas vezes revelada na história da humanidade.

Antonio Carlos Pacheco e Silva Filho
psiquiatra e psicanalista.



Apenas um reflexo da violência urbana

Na minha opinião, a violência contra os homossexuais é um dos aspectos da violência urbana atual. Dentro da marginalização que se constitui, por si só, no homossexualismo, constata-se esse agravamento da situação e a total impunidade para qualquer desses crimes exercidos contra minorias à margem da lei. Se não fosse Pier Paolo Pasolini uma personalidade mundial, seu bárbaro assassinio teria sido arquivado tranquilamente, como acontece rotineiramente no Brasil.

E não só no Brasil, dos 50 estados americanos, 49 estabelecem sanções contra os homossexuais. A única exceção é o estado de Ilínois. Mesmo os Estados Unidos vivem, assim, dentro de uma legislação arcaica, corrigida aos poucos com a aceitação unânime da Associação de Medicina Norte-Americana de eliminar de sua lista de doenças psíquicas o homossexual. Um panorama mais humano é encontrado na Escandinávia, onde não se prevê penalidade contra qualquer tipo de relacionamento voluntário entre pessoas adultas.

Também na Holanda já se conseguiu alcançar uma situação menos drástica. Lá, é a rainha Juliana, ou sua filha mais velha, quem abre anualmente o baile do Partido Homossexual Democrático.

Na Inglaterra, a aceitação pelo Parlamento do "Relatório Wolfenden", preparado por sociólogos e psicólogos, e que tratava das chantagens de que eram vítimas os homossexuais ingleses, levou a uma melhoria da situação. Esse relatório serviu, ainda, como modelo para a abolição do artigo 175 da legislação alemã que, desde os tempos de Bismarck, condenava os homossexuais.

A violência contra o homossexual é, geralmente, fruto da repressão homossexual do próprio agressor. Todas as tendências homossexuais



reprimidas do agressor eclodem contra aquele que revela mais claramente o que ele reprime.

Entre homossexuais, isto é, entre os parceiros de uma relação homossexual, a violência ocorre mais rotineiramente quando há grandes diferenças de posicionamento social. Isto é explicado por Karl Meiningen quando ele fala do espírito de Eros e Thanatos — Amor e Morte, em grego — que todos nós possuímos e trazem à tona todas as repressões sociais e psíquicas da poluição urbana.

Esse panorama de violência só pode ser ultrapassado pelo trabalho de psicólogos e educadores, que devem mostrar que uma pessoa pode ser homossexual e um gênio, como Michelangelo ou Leonardo DaVinci. Shakespeare, por exemplo, escreveu grandes poemas de amor a um rapaz não identificado e nem por isso é lembrado como homossexual, pederasta.

No caso de Pier Paolo Pasolini, o mundo não perdeu um homossexual, perdeu um grande criador. Homossexual é, sempre, um adjetivo, nunca um substantivo.

Um professor e jornalista, que pediu anonimato



Eles vivem sob pressões e proibições

Os homossexuais são proibidos de existir. São verdadeiros doentes, no sentido em que as pessoas incapazes de fazer amor são doentes. E os homossexuais são tecnicamente incapazes de fazer amor — já que seu tipo de amor é proibido. Acontece que os organismos vivos, de qualquer espécie, são obstinadamente irredutíveis, quando se trata de existir — a despeito de qualquer opinião contrária. Na atmosfera de proibição que os acompanha desde que manifestam sua preferência, todos os homossexuais vivem relacionamentos extraordinariamente tensos. Uma tensão que, além de explodir em violência ocasional, também é considerada responsável pela intensidade dos relacionamentos homossexuais.

A proibição marca e envenena a vida de todos os homossexuais, tanto os preferencialmente

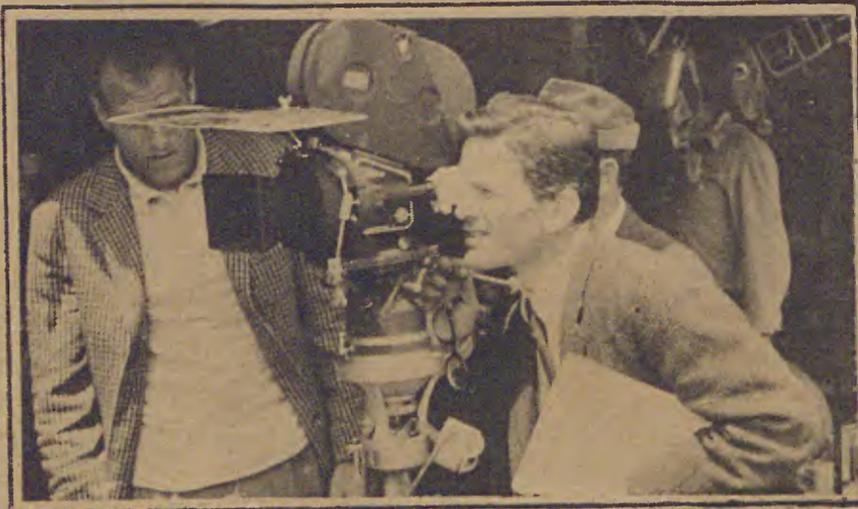
homossexuais (que vivem vidas exclusivamente homossexuais), quanto os homossexuais parciais (uma percentagem da espécie humana que excede os 50%). O homossexualismo exercido é um desafio a proibições graves e, por isso, deve ter motivações amorosas mais exigentes ainda. A violência, dentro do contato entre homossexuais, é a presença entre eles desses interditos sociais. Ela é a interdição. O assassino mata para evitar punições sociais, a vítima é morta porque sua necessidade — suficiente para desprezar os interditos sociais — é grande o bastante para transportá-la até o risco de sua vida.

Existem, é claro, contingentes cada vez maiores de homossexuais que procuram prevenir-se contra a violência, aprendendo métodos físicos de auto-defesa. A curto prazo, seria difícil acusá-los de apelar para uma solução confortável. Frequentemente, os homossexuais que se aceitam como tal são obrigados a enfrentar a indecisão de aguadíssimas curiosidades. Ou seja, vêm-se diante de pessoas que levam o relacionamento até níveis quase extremos mas que, no último momento, recuam diante da ameaça social. Devido aos riscos de seu crime (um dos famosos "crimes sem vítima"), os homossexuais são obrigados a adotar certa codificação de comportamento. Seus relacionamentos são estabelecidos a partir de meias-palavras, entendimentos parciais para que o comprometimento final seja feito simultaneamente pelos dois parceiros (há sempre o perigo, por exemplo, de um garotão bonito ser um policial disfarçado, recurso muito usado pela polícia dos Estados Unidos). Nessa linguagem, feita necessariamente de ambiguidades, podem surgir trágicos mal-entendidos. Um sorriso inocente pode ser considerado consentimento tácito. Mas a fumaça nos olhos do marinheiro nem sempre é uma piscadela.

O homossexualismo é a menos violenta das atitudes inter-pessoais. Paradoxalmente: ele é a desobediência à regra milenar que manda indivíduos do mesmo sexo disputarem a posse do poder. O homossexualismo é uma tréguia, um cessar-fogo, desde que os pitecantropos se dilaceravam na disputa da pitecantropa. Pertencendo ao mesmo sexo, os parceiros homossexuais acreditam saber melhor o tipo de gentilezas que cada um espera do outro, que cada um espera da outra. As mulheres homossexuais são exageradamente femininas: os homens homossexuais são exageradamente masculinos. As regras sociais de comportamento, entretanto, exigem que as pessoas sejam absolutamente medianas.

Na prática, essas teorias todas talvez sirvam para inspirar algum pensamento útil sobre o tema. Na observação de comportamento, é possível concluir que, com o passar do tempo, o homossexual mais velho às vezes se torna uma pessoa amarga, possessiva, talvez ainda mais arrogante quando tenha conquistado certos privilégios, por seu sucesso profissional, artístico ou financeiro. Uma pessoa desse tipo pode, é claro, acreditar que sua interpretação seja sempre a melhor, no ambíguo relacionamento linguístico de uma proposta homossexual. Um rapaz jovem e inexperiente, assim mal interpretado, usa de um direito básico (a posse do próprio corpo), quando se defende de uma intimidade que não deseja, no momento, embora talvez até a tenha incentivado antes. Também essa arrogância do poderoso, violenta e motivadora da violência do oprimido, só dificilmente poderia ser considerada exclusividade do homossexualismo. Existe, dentro do homossexualismo, da mesma maneira que existe no resto dos relacionamentos entre as pessoas.

Marco Antônio Meneses,
jornalista.



O que há por trás do "impeachment" do governador

O pedido de "impeachment" do governador Paulo Egídio Martins, formulado pelo deputado Rubens Granja, do MDB, realmente não deve ser levado a sério, com todas as suas letras. O que se deve levar — muito — a sério, é o fato de um deputado oposicionista demonstrar (aparentemente) uma total insensibilidade política, a ponto de fazer uma tentativa desse gênero, obviamente tentando deixar o governador em maus lençóis. Há quem garanta, ou no mínimo levante suspeitas, que o deputado Rubens Granja estaria a serviço de determinados grupos cuja única preocupação seria deflagrar uma campanha de desmoralização do governador Paulo Egídio, com propósitos muito obscuros.

Os motivos do pedido de "impeachment" são facilmente contornáveis: trata-se do não-cumprimento de um mandado de segurança impedindo a promoção de delegados de polícia para a classe especial. Na Assembléia, de um modo geral não se acredita que tenha havido má fé no episódio, mas falha de alguns assessores que estariam localizados na Casa Civil, segundo as informações fornecidas pelo próprio deputado Granja.

No mais, exige-se maioria de dois terços para a Assembléia decretar o "impeachment" de um governador: o MDB mesmo que eventualmente "fechasse questão" nesse sentido (o que tranquilamente não ocorrerá), dependeria ainda de votos de arenistas. Um detalhe importante: o próprio líder do MDB, deputado Alberto Goldman, foi apanhado de surpresa com o pedido de "impeachment" de seu companheiro de bancada, Rubens Granja.

No momento em que Granja entrou com o requerimento, eu perguntei a ele se não haveria por trás disso o que se poderia classificar como "razões obscuras". Granja entendeu o que se pretendia dizer e saiu fora. Negou que houvesse razões de ordem política. Mas há fatos irrefutáveis: Rubens Granja não é deputado de primeira legislatura, aliás, é uma das poucas "velhas raposas" que restaram na Assembléia; e o mais importante: ele não é suficientemente ingênuo para acreditar que tal propositura obterá o menor sucesso, a não ser, é óbvio, como divulgação de seu nome em jornais, rádio e televisão.

Para muitos deputados da Arena e do MDB, Rubens Granja, que participa ativamente daquilo que se poderia definir como a "direita da Oposição", teria sido discretamente estimulado por alguns setores para criar a maior soma de dificuldades políticas a um chefe de executivo que se marcou como o "governador da distensão". Ou por outra: o pedido de "impeachment" não teria sido apresentado com o propósito de ser aprovado, da mesma forma que um fotógrafo não teria sido orientado para fazer flagrantes do governador em reuniões sociais com o objetivo de obter um "furo" jornalístico em alto estilo. Não se deve esquecer que a classe política — via Paulo Egídio e, portanto, via presidente Geisel — vem de uma vitória após grande crise. E nada acontece por acaso.

José Carlos Bittencourt

A um ano das eleições municipais de 76 e um ano depois das eleições de 74, a pesquisa Aqui/Gallup revela: predomina o voto de protesto, com ou sem o MDB

Batalha de 76 será dura: paulista ainda é oposição

A pesquisa Aqui/Gallup, que vai nas páginas seguintes deixou muito evidente: o eleitorado paulista continua sendo oposicionista, embora também revele que a classe política sofreu um sensível desprestígio junto à opinião pública. Ou por outra: Arena e MDB são partidos que diminuíram suas cotações na opinião pública, após as eleições de 15 de novembro de 1974, mantendo mais ou menos as mesmas posições. A Arena leva uma vantagem mínima, pois teria sofrido uma queda de 1% menor do que o MDB.

O que fazer para melhorar a imagem dos partidos — e, portanto, dos políticos, junto ao eleitorado?

O presidente do MDB paulista, deputado estadual Natal Gale, "cristão novo" na Assembléia de São Paulo (era vereador em Campinas) fala com entusiasmo dos cursos de informação política que a Oposição vem promovendo e das conferências no Interior, como via de comunicação com o eleitorado, mesmo sabendo que iniciativas desse tipo acabam atingindo um reduzido número de pessoas.

O presidente da Arena paulista, Cláudio Salvador Lembo, assessor do prefeito Olavo Setúbal desde os tempos de banco, agora "lançado" na área política, fala com entusiasmo do orçamento da Prefeitura para 1976, onde estarão concentradas volumosas verbas nas Regionais, para atender a periferia.

E, como se estivessem em campanha eleitoral, Lembo e Natal Gale preocupam-se em demonstrar otimismo. Natal Gale acha que não houve queda de rendimento do MDB, alegando que os delegados partidários, quando convocados, comparecem às reuniões. E se nega reconhecer que o comportamento dos parlamentares do MDB não correspondeu, pelo menos até aqui, às expectativas de 15 de novembro.

— Não há expectativa com relação ao MDB — diz Gale. O eleitor do MDB está consciente de que o MDB não poderia mudar muita coisa.

E bate na velha tecla: o que o Governo vem fazendo no campo social seria por "pressão" do MDB, como a redução dos índices de correção monetária nos financiamentos destinados à casa própria, os benefícios do PIS, etc. Natal Gale acha que os resultados de 15 de novembro de 74 se repetirão nas eleições municipais de 76, ou seja, o MDB inverterá, principalmente na Câmara paulistana, a atual situação minoritária



MDB mantém imagem só com "estrelismo" de Franco Montoro?

(o partido tem um terço dos vereadores). Cláudio Lembo, por sua vez, também se diz "otimista", embora a pesquisa Aqui/Gallup mostre que o MDB tem 50% da preferência do eleitorado e a Arena apenas 23%.

— É preciso separar as eleições majoritárias das eleições locais — diz Lembo. Nas locais, há influência das lideranças tradicionais, e a Arena está mais organizada que o MDB.

Em termos de ação partidária, o MDB prefere falar (como a Arena) em "tentativa de união política das bases", somando os adeptos dos senadores Orestes Quêrcia e Franco Montoro. Lembo faz questão de falar em três lideranças políticas: o governador Paulo Egídio, o prefeito Setúbal e o ex-governador Laudo Natel "que já percorreu 300 municípios".

Quando à campanha eleitoral, os dois partidos se equivalem: os emedebistas falam em atingir as faixas mais altas da população, falando em multinacionais, contratos de risco, etc., ao lado dos mesmos temas (sociais) da campanha de 74. A Arena ainda não sabe quais os temas que dará prioridade, dentro do programa partidário. Até nisso Arena e

MDB são iguais: ambos parecem estar em crise com a sua "imaginação criadora".

O que se esperar dos dois partidos? Não há dúvida de que nas eleições municipais de 1976, os percentuais de votos nulos ou em branco deverão aumentar sensivelmente em relação a 74, a menos que arenistas e emedebistas modifiquem seu comportamento. Alguns líderes sentem que se deve fornecer maior credibilidade à ação política, sob pena de se interromper o processo de distensão. O novo programa nacional da Arena é um reflexo disso, assim como os cursos de informação política do MDB e a maturidade demonstrada durante a recente crise política e institucional. Mas um dado é inquestionável: em São Paulo, em termos de representação parlamentar, a classe política sofreu um desfalecimento sensível, de difícil reposição. E a situação não será em 76 a mesma de 74, quando se buscou os candidatos do MDB por várias razões, até mesmo por necessidade de renovação.

Do modo em que as coisas estão colocadas, o MDB dependeria, uma vez mais, do "estrelismo" do senador Franco Montoro nos programas do horário eleitoral gratuito e a Arena da ação administrativa estadual e municipal.

BOLETIM



NOTA ALTA deputado Paulo Kobayashi, da Arena, em inegável fase de ascensão política, mesmo enfrentando as dificuldades naturais aos que enfrentam seu primeiro mandato parlamentar. O detalhe: ele não pode ser considerado puro e simplesmente como mais um "teleguiado", e já começa a liderar a corrente renovadora da Arena em São Paulo. E já se prepara para disputar a Câmara de Vereadores da Capital via Heródoto Barbeiro.



NOTA MÉDIA deputado Nelson Fabiano, vice-líder do MDB na Assembléia, continua merecendo destaque: ainda hoje repercute na praça e fora dela (leia-se Brasília) a sua ação demonstrando o maior equilíbrio. A ele deve-se computar os méritos de ter comandado a bancada da Oposição, para comparecer à recepção do presidente Geisel, ajudando a superar a crise política e institucional que ameaçou o País.



NOTA BAIXA deputado Wadih Helou, da Arena, está batendo todos os recordes em matéria de péssima atuação parlamentar, à base de agressões pessoais marcadas, invariavelmente, por uma sutileza elefantina. Na Assembléia já se considera "normal" a censura às intervenções de Wadih, que não poupa adjetivos corintianos para "ganhar discussões". Fala-se que se a Arena tivesse mais dois wadihs, o MDB cansaria de ganhar eleições.

CIRCUITO FECHADO

* Na área de Comunicações do Palácio, tudo pode acontecer, inclusive a manutenção de Ismael Armond. Mas o mais viável é que Armond retorne dos EUA dia 18 para assumir uma Secretaria de Estado, extraordinária, no início de dezembro. * A reforma da Constituição paulista deverá ficar mesmo para o próximo ano. Até 5 de dezembro não haverá "estômago" para que os deputados discutissem — e votassem — a matéria. * Em primeira mão: o deputado Alberto Goldman deixará a liderança do MDB na Assembléia dia 5 de dezembro (início do recesso parlamentar) e afirma, na intimidade, que não aceita continuar no posto "nem amarrado". O seu (dele, Alberto) candidato seria o jovem deputado Nelson Fabiano. Mas a briga da liderança promete ser boa. * Sábado agora sete municípios paulistas elegem vereadores. Mas só haverá confronto entre Arena e MDB em dois deles: Avai e Campos Novos Paulista. Mas essas eleições não terão a menor importância: não vale-

ria nem como prévia para 15 de novembro de 76. * O deputado Del Bosco Amaral. 1º secretário da Assembléia, acaba de dar a "fórmula" para a Arena vencer eleições: 1. O senador Orlando Zancaner no Tribunal de Contas, participando de um esquema político intrincado; 2. A Cecap S.A. ficará nas mãos do secretário do Interior, Rafael Baldacci; e 3. Uma publicidade da Arena inserida numa revista da Secretaria da Promoção Social, que tem a tiragem de apenas 5 mil exemplares. Pelo menos, foram estes os fatos que ele apresentou, na tribuna, como "perigosos" para o MDB. * Mas na verdade, Del Bosco só teme um nome na Arena, conforme acaba de confidenciar a AQUI: "O Baldacci é a única figura que o MDB deve temer! É o nosso grande adversário político, mas eu o respeito; ele sabe trabalhar". * Muito confidencial: o deputado Acrísio Lima, do MDB, só não viajou para o Japão porque o presidente da Assembléia não quis avaliar um "papagaio" no Banespa.

ENTREVISTA

O fantasma do voto distrital

A adoção ou não do voto distrital no Brasil é uma das questões políticas mais polêmicas, entre as que são frequentemente suscitadas no Congresso. Para muitos parlamentares, principalmente entre os da oposição, este sistema é visto como uma espécie de fantasma. Teme-se, especialmente, que a eleição por distrito resulte numa excessiva concentração do poder econômico e na ação da máquina administrativa em favor de determinados candidatos e em prejuízo de outros, descompromissados.

O deputado arenista Antonio Morimoto figura na grande lista dos contrários ao voto distrital. Ele acha que no Brasil de hoje quem pretende o voto distrital está com medo de perder a eleição, procurando um expediente político para sobreviver, ou nunca disputou uma eleição e, por isso mesmo, desconhece totalmente a realidade nacional.

— A maior prova em favor da manutenção do sistema eleitoral vigente, isto é, o sufrágio universal e direto, pelo sistema proporcional — encontro nas proposições que pretendem o voto distrital, diz Morimoto, para observar em seguida, — Ninguém, absolutamente ninguém, propõe a eleição distrital *tout court*, rigorosamente, todos só falam em sistema misto, ou seja, parte da representação do povo proporcional, parte eleita pelo voto distrital, reconhecendo-se assim, os malefícios, e os vícios originários do voto distrital.

Apresentando São Paulo como exemplo, o representante arenista assinala que uma razoável divisão em distritos é impossível no Estado, devido, especialmente, à excessiva concentração da população na Grande São Paulo.

— De acordo com os cálculos aritméticos, cada distrito eleitoral em São Paulo seria composto de mais ou menos 174 mil eleitores cabendo, então, 18 deputados federais à área da Grande São Paulo e 26 ao restante do Estado.

— A influência do dinheiro — disse ainda — existente em maior ou menor grau em qualquer processo político, partidário e eleitoral, seria agravada no sistema de eleição distrital, atuando junto aos órgãos dirigentes tanto quanto ao eleitorado em si mesmo, porque reduzir-se-ia a área de sua atuação, com ampliação consequente da sua constância e força.

Por todos esses argumentos conclui Morimoto que o voto distrital, ao invés de dar maior autenticidade à representação "exacerba o clientelismo eleitoral e, conseqüentemente, provoca a estratificação política, impedindo o surgimento de novas lideranças, a tal ponto que os distritos eleitorais transformar-se-iam em verdadeiras heranças".

Apesar disso, o voto por distrito, cujo projeto já foi até mesmo esboçado pelo Senador Gustavo Capanema, é uma das armas secretas da Arena se as coisas piorarem".

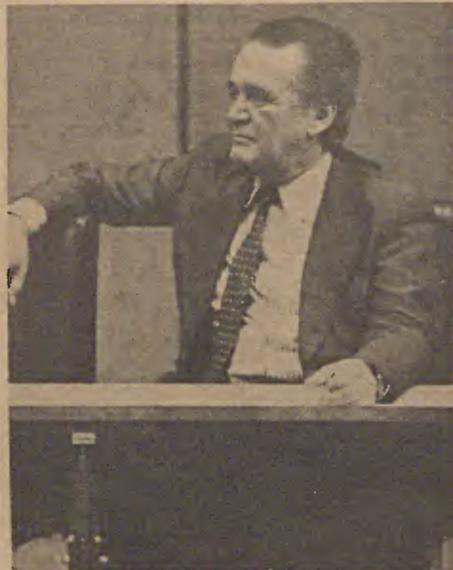


Morimoto, contra o voto distrital.

O que os parlamentares paulistas estão fazendo por nós, no Senado e na Câmara Federal? O repórter Edson Lobão está de olho neles.

POSITIVO

A derrota dos trustes



Cantídio, a favor dos açougues.

Durante a última reunião da bancada arenista na Câmara, o deputado Cantídio Sampaio levantou-se para dizer que o trabalho silencioso de 180 dos 200 deputados da

Arena triunfara: que o presidente Geisel lhes dera o apoio necessário e que a vitória fora um resultado lógico. E antes que os demais companheiros perguntassem a que se referia, Cantídio explicou:

— Os pequenos açougues de São Paulo e do país inteiro não serão mais tragados pelos grandes frigoríficos.

Na verdade, o vice-líder do governo conseguira reunir quase a totalidade da bancada do seu partido, numa ação vigorosa mas ausente das páginas dos jornais contra um departamento do Ministério da Agricultura que tomara a seu cargo a disposição de fechar todos os pequenos açougues. As denúncias chegaram de toda parte e uma estatística sumária revelou que cerca de 37 milhões de brasileiros estavam sendo prejudicados pelo Ministério da Agricultura.

Cantídio Sampaio não acusa propriamente o Ministério de querer causar danos a tantos brasileiros, mas lamenta que a pretexto de impor um saneamento mais rigoroso se tivesse chegado a resultados tão drásticos. Disse que no Piauí havia cidades que estavam comprando carne em outras comunidades a 300 km de distância — o que onerava brutalmente o produto.

A idéia do Ministério era centralizar

toda a venda de carne nos grandes frigoríficos ou nos pequenos açougues dotados de todas as condições da mais moderna técnica de higiene. "Não somos contra a higiene. Pelo contrário, nós a julgamos indispensável. Contudo, nos termos em que foram postas as exigências governamentais, nenhum pequeno comerciante de carnes terá condições de manter aberto o seu negócio. E o resultado é que se formarão no país, uma vez aplicada com severidade essa portaria governamental, os grandes trustes que tornarão intolerável a vida dos brasileiros, seja pelo preço do produto como pela impraticabilidade de adquiri-lo em razão das distâncias. Afinal, não será possível abrir um grande frigorífico em cada rua ou sequeir em cada bairro".

Os 180 deputados da Arena haviam constituído um grupo de 10, dirigido pelo sr. Cantídio Sampaio, para entender-se com o governo, inclusive com o presidente da república. Esses políticos mobilizaram os líderes partidários, o presidente da Arena, mas não convenceram desde logo o ministro da Agricultura.

Cantídio, vencida a batalha, revela: "Sofremos de tudo. Até ameaças por cartas e telefonemas anônimos".

NEGATIVO

Um ex-senador omissso

Quando os jornais de São Paulo publicaram na semana passada a indicação do senador Orlando Zancaner para o Tribunal de Contas, houve comentários em Brasília mas sem qualquer manifestação de surpresa. É que o representante paulista pode ser considerado um senador inadaptado, beneficiário, como seu adversário Orestes Quercia, de um engano político.

Tendo vencido o senador Auro de Moura Andrade numa disputa convencional, Orlando Zancaner foi para as eleições com a imagem de um homem dinâmico e afeito aos entrechoques políticos. Obteve o número de votos necessários, desembarcando em Brasília com as responsabilidades de suceder à altura um político que, pela sua inteligência, despertara a admiração de seus companheiros. Deram-lhe, desde logo, uma das vice-lideranças da Arena, da qual pudesse projetar seu nome desconhecido em Brasília. Foi um fracasso, porque não somente não tomou iniciativas como nos poucos apartes em que se arriscou saiu inteiramente chamuscado. Havia que promover sua reabilitação e o presidente Médice o recebe, fazendo-lhe um desusado elogio. Foi inútil. No ano seguinte, foi retirado da vice-liderança e colocado na presidência do grupo brasileiro da União Internacional de Turismo, assunto para o qual sempre teve despertadas suas inclinações. Começou então um interminável ciclo de viagens

ao Exterior — uma, duas, quatro vezes por ano — sem que de sua gestão se conheça uma qualquer realização de grande envergadura.

A essa altura, tornaram-se inevitáveis as comparações entre a atuação de Zancaner e a de Moura Andrade, que durante sete anos conseguiu se manter na presidência do Congresso Nacional e no apogeu de todos os acontecimentos políticos vividos pelo país nesse período.

Havia sido peça fundamental no episódio da posse e da deposição do ex-presidente João Goulart. E Zancaner? Um ausente que, sendo senador, conseguiu manter durante todo tempo o seu gabinete nas dependências da Câmara.

Ao governador Abreu Sodré não foi dos mais chegados e com o governador Laudo Natel brigou o tempo todo. Do governador Paulo Egídio, reivindicou a Secretaria de Turismo, no que foi ajudado pelo presidente nacional da Arena (por ser amigo ou por desejar livrar-se dele?). Nada conseguiu e por isso rompeu com o governador. Nada de estranho, pois já era o terceiro rompimento. Brigou, mas não fechou todas as portas, porque se não pôde ser secretário haveria de conquistar uma vaga no Tribunal de Contas. Conseguiu.

Assim, o senador Orlando Zancaner renunciará à cadeira de senador, deixando no Congresso, como produto de cinco anos

de mandato, apenas 12 iniciativas, entre projetos de menor importância, requerimentos de informações, discursos e pareceres nas comissões.

São Paulo nem sempre é feliz com os senadores que elege.



Zancaner, no Tribunal de Contas.

FORA DE FOCO

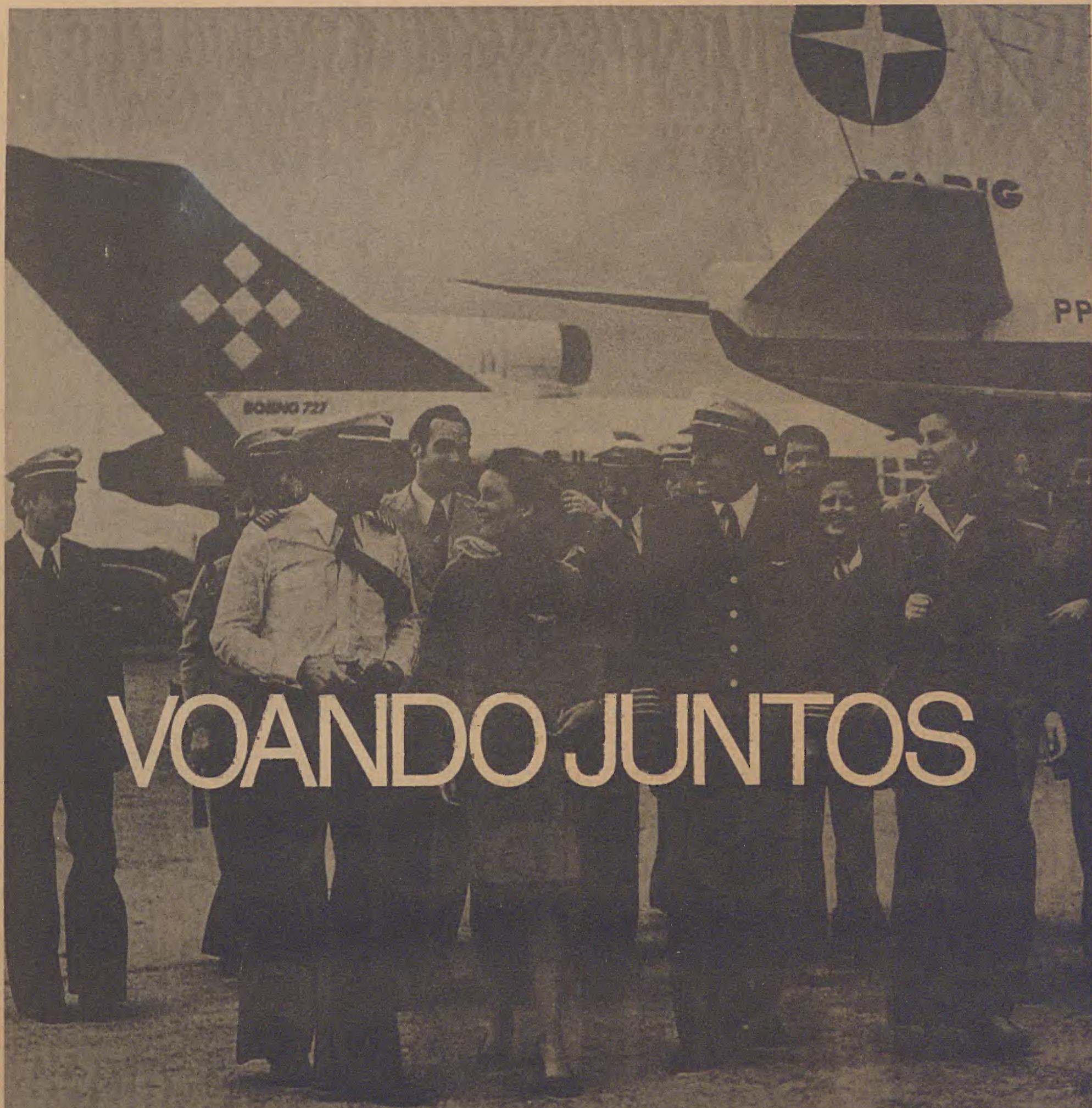
"Não podemos compreender por que a Vasp, modelar empresa paulista, está sofrendo uma concorrência sem que lhe seja dado o mesmo tratamento e oportunidade que as demais empresas têm" — declarou, na Câmara, o deputado arenista Alcides Franciscato, ao reclamar para a Vasp a oportunidade de estender suas atividades "além fronteiras" *** A Comissão de Justiça aprovou projeto do opositor Otávio Ceccato, determinando que o desconto referente à alimentação fornecida aos trabalhadores pelo empregador não poderá ultrapassar 25 por cento do salário mínimo *** O deputado José Camargo, do MDB, é o presidente da mais nova CPI instalada na Câmara — a incumbida de investigar a aquisição de hospitais pelo INPS *** Francisco Amaral, coordenador da representação de São Paulo no Congresso, reclamou maior atenção do governo para as dificuldades enfrentadas, para o exercício da profissão, pelos concludentes de cursos de faculdades

que têm autorização para funcionar mas não são reconhecidas *** Jorge Paulo, do MDB, reclamou das autoridades providências contra ilícitos cometidos pelas administradoras de imóveis contra condôminos *** A Comissão de Economia da Câmara apro-



José Camargo presidirá uma CPI.

vou projeto do ex-senador Lino de Matos, apresentado em 1968, proibindo a contratação de técnicos estrangeiros pela União, autarquias, sociedades de economia mista e quaisquer pessoas jurídicas em que a União seja participante majoritária ou administradora *** O ex-deputado José Barbosa, que recentemente deixou a assessoria do ministro da Justiça, tem vindo a Brasília com frequência para contatos políticos relacionados à criação do Partido Trabalhista *** O senador Orestes Quercia apresentou projeto vedando a aplicação de recursos do Pis-Pasep na compra de ações e em quaisquer outras operações vinculadas às Bolsas de Valores *** Muitos deputados de diferentes Estados lamentaram que, ao invés do senador Orlando Zancaner, o governador Paulo Egídio tenha deixado de indicar para o Tribunal de Contas de São Paulo o ex-deputado Ildélio Martins, considerado um dos melhores parlamentares da Arena na legislatura passada e que não foi reeleito.



VOANDO JUNTOS

Varig e Cruzeiro é, antes de tudo, gente que entende e gosta do que faz.

Quando duas empresas se somam, o resultado é mais gente para servir você ainda melhor.

Varig e Cruzeiro somaram-se. Uma experiência tradicional em serviços aéreos foi acrescentada à outra. Você vai sentir em todos os detalhes o resultado dessa soma: dos horários mais flexíveis e das

conexões mais lógicas ao sabor de uma refeição e o preparo de um drinque.

Venha ver de perto o que essa gente é capaz de fazer para transformar um simples voo numa ótima viagem.

Em qualquer avião da Varig ou da Cruzeiro, você estará sempre entrando na mesma casa, para conviver com os mesmos amigos.

Consulte seu Agente de Viagens Iata/Embratur.

VARIG   **CRUZEIRO**

A maior experiência em voar Brasil



Em quem você votaria, hoje, para vereador em S. Paulo:

ARENA OU MDB?

(A Gallup mostra que 50% dos paulistanos votariam no MDB e 23% na Arena.)

SE AS ELEIÇÕES PARA VEREADOR FOSSEM HOJE, VOTARIAM EM CANDIDATOS	TODOS OS ADULTOS	SEXO		CLASSE				IDADE		
		M	F	A	B	C	D.	15/29	30/49	50+
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
do MDB	50	51	48	41	50	55	40	57	48	37
da ARENA	23	23	22	37	22	17	28	24	23	20
OUTRAS RESPOSTAS	9	12	7	11	10	8	11	6	10	15
NÃO SABEM DIZER	18	14	23	11	18	20	21	13	19	28
TOTAIS	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
BASES:	610	308	302	73	274	206	57	258	229	123



Os pesquisadores do Instituto Gallup, por encomenda de *Aqui*, entrevistaram 610 pessoas de sexo, idade e classe econômica bastante variados, todas elas residentes na Grande São Paulo, fazendo a seguinte pergunta:

— Como o Sr. (a) deve saber, daqui a um ano teremos eleições para vereador, aqui em São Paulo. Se essas eleições fossem hoje, o Sr. (a) votaria em candidatos da Arena ou do MDB?

Os resultados de todas as tabulações indicaram a derrota da Arena.

Entre os homens, o MDB alcançou 51% das preferências, enquanto a Arena conseguia 23%, e 26% davam outras respostas ou não sabiam responder. Entre as mulheres, a preferência pelo MDB sofreu uma ligeira queda, para 48%; mas a Arena também caiu, para 22%; e a abstenção ficou em 30%.

O MDB atingiu uma preferência maior entre os entrevistados com idades variáveis de 15 a 29 anos: teve 57% dos votos, contra 24% da Arena. Essa vantagem caiu um pouco, para 48% a 23%, entre os entrevistados de idade entre os 30 e os 49 anos; e mais ainda, para 37% a 20%, entre aqueles que têm mais de 50 anos de idade. Nesse caso, as abstenções chegaram a 43%.

Na tabulação de acordo com a classe econômica, o MDB levou vantagem, também. Começou com 41% a 37%, na classe "A", ampliada para 50% a 22%, na classe "B", e para 55% a 17%, na classe "C". Esta supremacia inexplicavelmente caiu na classe "D", para 40% a 28%, enquanto o índice de abstenções se elevava bastante — a 32%.

Desilusão com a classe política?

Alguns vereadores arenistas de São Paulo não escondem seu profundo pessimismo diante das eleições municipais de 1976: são os primeiros a reconhecer que o MDB vencerá de forma esmagadora na Capital, ABC e grandes centros urbanos do interior. Principalmente porque, até lá, a crise econômica deverá estar mais acentuada, atingindo de forma drástica a classe média.

Hoje, a Arena é majoritária na Câmara Municipal de São Paulo, com quatorze vereadores contra sete do MDB. E, pelas perspectivas, a situação deverá se inverter em 76: o prefeito Olavo Setubal passará a governar a cidade com a minoria, tendo um agressivo MDB pela frente.

Os vereadores arenistas imaginam um quadro catastrófico. Um deles, João Brasil Vital, presidente da Casa, afirma de público que a Arena, hoje, consegue eleger cinco vereadores, mas que no próximo ano não terá condições de eleger três. Um outro, Celso Matsuda, da ala renovadora da Arena, considera que acreditar numa vitória da Arena "é puro sonho e ilusão."

Há ainda o agravante da falta de nomes de maior prestígio dentro do partido governista para contrabalançar a situação: o MDB já anuncia o lançamento de candidatos como os ex-deputados federais Roberto Cardoso Alves e Yukisbigue Tamura, que tiveram seus mandatos cassados na crise de 68. E além disso, o senador Franco Montoro lançará o seu filho como candidato do MDB a uma das 21 vagas da Câmara Municipal de São Paulo.

No entanto, *Aqui/Gallup* mostra que a Arena conseguiu alguma vantagem em relação às eleições de 1974. Pelo quadro atual, o MDB mantém a seu favor 50% do eleitorado, quando no ano passado tinha 64% dos votos válidos. E a Arena, dos 36% dos votos válidos, caiu para 23% (1% menos que o MDB). Ou seja: os dois partidos perderam prestígio, aumentando a faixa de indecisos, que hoje se encontra na faixa dos 27%. Para a Arena, que temia uma deterioração maior do eleitorado de 74, a situação melhorou: pelo menos ela poderá disputar uma "faixa livre", criada pela desilusão com a atuação dos emedebistas.



Quêrcia: desilusão com o MDB

SER DONO DA BOLA É SER DONO DO VOTO

EGYDIO,
O FIEL:
ESPERANÇA
DA ARENA.



Indiferente aos rumores sobre a realização ou não das eleições municipais de 1976, o governador Paulo Egydio Martins não perde nenhuma oportunidade para convocar, mobilizar e animar os militantes arenistas. E a tarefa não é fácil.

Basta ver, na página anterior, a pesquisa Gallup/Aqui: as perspectivas eleitorais continuam francamente favoráveis à oposição, chame-se ela MDB ou simplesmente Quêrcia.

Mas a persistência do governador paulista é conhecida. E a palavra de ordem do presidente Geisel, recentemente reafirmada, no sentido de uma permanente mobilização para que a Arena saia vitoriosa nas próximas eleições, tem sido rigidamente obedecida por Paulo Egydio.

E que campo de batalha mais propício, que arena mais aberta ao sentimento popular, que bandeira mais vinculada às paixões do homem da rua, do que o Corinthians?

Pois recentemente, na data do aniversário do Corinthians, o governador não só presidiu o banquete de comemoração, como beijando uma bandeira alvi-negra que tremulava à frente de uma escola de samba, proclamou:

“Pelo Corinthians, estou disposto a dar a própria vida.”

E na ocasião, proclamado Presidente de Honra do Conselho Deliberativo do Corinthians e aclamado “Governador

de Todos os Coríntios” — Paulo Egydio foi categórico em mais uma de suas promessas: só vai apoiar o candidato à presidência da Federação Paulista de Futebol que puder assegurar o título de campeão ao Corinthians em 1976. Coincidentemente, um ano eleitoral que pode decidir os destinos da Arena.

E no vale-tudo da política — em que a bola sempre foi um grande cabo eleitoral — há prolongamentos nos bastidores do futebol. Na luta pela sucessão da FPF entrarão em choque Paulo Egydio, o corintiano, contra Laudo Natel, o sampaulino. Os lances manobras, acordos e alianças já se sucedem e lembram até a disputa das últimas convenções da Arena para a eleição do presidente do Partido em São Paulo.

Com a retirada de José Ermírio de Moraes, ressurgem as figuras quase pré-históricas de Paulo Machado de Carvalho e Mendonça Falcão. Mais ao longe, o ex-governador Laudo Natel mexe seus piões no tabuleiro da Federação. E um pouco mais na obscuridade, o líder da bancada arenista na Assembléia Legislativa, deputado Nabi Abi Chedid, age na tocaia, à sombra da proteção oficial.

No dia 29 de Janeiro, dia das eleições na FPF, talvez se decidam não só os destinos dos donos da bola. Mas também dos donos do voto.



Laudo, o Sampaulino, sabe por experiência longa e vivida: ser dono da bola é também, ser dono do voto.

Fiel entre os fieis, é assim que a torcida corintiana vê Egydio.

JOELMIR BETING

Um banho de humildade

Andar, andar, andar... diria o João Carlos de Oliveira, sorrindo de orelha a orelha. A indústria de bicicletas triplica as vendas de velocipede e dá razão ao campeão mundial de salto triplo: pedalar, pedalar, pedalar... As lojas do ramo nunca venderam tanto. A fila de espera de compradores impacientes já avança para 40 dias.

Preocupado menos com o aumento da gasolina no meu bolso e mais com aumento do colesterol no meu sangue, também arregaço as calças e passo a andar quando posso e a pedalar quando tenho coragem. Andar ou pedalar economiza gasolina e faz bem para a saúde do homem moderno, essa curiosa criatura de quatro rodas, formada de quatro partes: cabeça, tronco, membros e automóvel.

Dirá o leitor que andar ou pedalar é questão de tempo. Ou complexo de não ter tempo. Outro dia, com apenas 5 minutos de intervalo entre dois compromissos na cidade, tirei o carro do estacionamento da Praça da República e gastei 50 minutos para chegar ao estacionamento da Rua Riachuelo. E mais 10 para alcançar, a pé, o compromisso da Rua XV de Novembro, ex-Wall Street paulistana.

Resultado: gastei uma hora para cobrir pouco mais de um quilômetro. Ou 50 minutos de

motor ligado em marcha lenta, queimando o mesmo combustível que me levaria até Santos. Perdi tempo, dinheiro e saúde.

Pego no lápis e faço a descoberta sinistra: estou andando 120 metros por dia, de garagem em garagem, de estacionamento em estacionamento. Com alguns elevadores de contra-peso. A saúde do corpo, do espírito e do bolso me dá um puxão de orelhas: exige uma caminhada intermitente de pelo menos 6 quilômetros por dia.

O jeito é promover uma urgente reconciliação com um regime mais inteligente de vida e com hábitos mais saudáveis de condução. Afinal o órgão mais sensível do homem continua sendo o bolso.

O paulistano quer o dia, aqui e agora. Aumento de 25% nos preços já esticados do combustível desencadeia um crescimento de 300% nas vendas de bicicletas, uma quebra de 30% nas vendas de gasolina, uma redução de 40% no movimento da próspera "indústria" do estacionamento, uma queda de 40% no tráfego das estradas e uma outra de 30% na frequência dominical das cantinas da 13 de Maio e arredores.

De motorista deslumbrado, marinheiro de primeira geração, o paulistano adere à campanha do carona, torce pela reabilitação do bonde, descobre a integração ônibus-metrô, força a integração

carro-metrô, aplaude o ingresso de mais 600 ônibus na frota paulistana, confia na restauração do transporte ferroviário metropolitano, aguarda a introdução do álcool de cana na gasolina e começa a seguir ao pé da letra o preceito do médico referendado pelo ministro Ueki: andar, andar, andar...

Em resumo: a gasolina cada vez mais cara, com novo aumento engatilhado para a passagem do ano, leva o paulistano a se engajar, à campanha do "sabendo andar, não vai faltar".

Um autêntico banho de humildade, tocado pelo detergente infalível do preço desencorajador do combustível importado, é a arma infalível assestada contra o desperdício e a intemperança. O que fica muito bem a um Brasil que vai buscar lá fora 80 de cada 100 litros de gasolina que consome e que até recentemente preferia comprar apenas um fusca 1300 para cada três fuscões 1500. E que ainda hoje parece torcer o nariz diante de carrinhos europeus e japoneses com menos de 1000 cm³ de cilindrada.

De cima para baixo, o Brasil altera a política de uso do petróleo. Em nome da saúde do bolso de cada um, o brasileiro entra de mansinho na campanha de restauração da saúde do balanço de pagamentos. O que prova que também o povo, a exemplo de Deus, sabe escrever certo por linhas tortas.

J. RODRIGUES MATIAS

São Paulo dorme e a caravana passa

Primeiro, não havia discurso em que não se bradasse por liberdade, igualdade e fraternidade. Depois, não havia discurso em que não se afirmasse que o petróleo é nosso. Hoje, ninguém responsável levanta a voz sem fazer a apologia da empresa nacional, que precisa de ser fortalecida, apoiada, defendida, para que possamos chegar a ter uma economia "nacional". A empresa de maioria de capital brasileiro virou a menina dos olhos das autoridades federais, estaduais, municipais, departamentais e que tais.

Entre a fala das autoridades e a realidade das coisas, há, porém, algumas pequenas defasagens. Uma delas anda aí, nas páginas de anúncios dos jornais paulistas: "Kompass em associação com a Confederação Nacional da Indústria".

A palavra "associação", incluída nos anúncios, implica em comunidade de trabalho e comunidade de interesses. Isso quer dizer que a Confederação Nacional da Indústria deve ter aberto os seus arquivos à Kompass; e que a Kompass deve remunerar, de algum modo, essa abertura.

Acontece que a Kompass é uma digníssima firma, técnica e eticamente ímpolita e muito capaz, que publica uma espécie de anuário de firmas e produtos em vários países. Só que é suíça, não é brasileira. E tem por trás o capital de um banco internacional, não de um banco brasileiro. Por isso, a Suíça e o banco internacional ficam com uma parte dos lucros que a Kompass conseguir fazer no Brasil.

Isso não é pecado contra a moral, nem contra a pátria. Apenas é estranho que uma Confederação Nacional da Indústria, certamente muito interessada em "fortalecer" a empresa nacional, abra os seus arquivos a uma empresa estrangeira, "associando-se" a ela — em vez de os abrir a uma empresa brasileira. E não faltam empresas nacionais que poderiam e queriam fazer um trabalho semelhante ao da Kompass se dispusessem do apoio que a esta foi concedido.

Este problema me é trazido por um empresário paulista, a quem pergunto o que os empresários paulistas já fizeram ou estão dispostos a fazer, a este respeito. Ele abre os braços, num amplo gesto de desalento, e me responde que não se pode fazer nada, porque São Paulo, autor de mais de 45 por cento da produção industrial brasileira, não tem voz ativa na Confederação Nacional da Indústria.

Pergunto se não há eleições livres e democráticas e ele me responde que sim, que há eleições livres e democráticas. Pergunto por que paulista não é eleito; mas, aí, ele encolhe os ombros e não responde mais nada. Entendo: São Paulo encolhe os ombros. E depois se queixa de que não se pode fazer nada.

Não estará São Paulo passando demasiado tempo na fábrica e esquecendo que algumas coisas importantes se passam fora dela? Tem aquela anedota do vendedor, que resolveu só regressar de uma viagem quando tivesse ganho dinheiro suficiente para trazer à esposa uma capa de peles. Um dia, regressou com uma riquíssima capa, só que a esposa tinha fugido com um compadre, porque o marido demorara muito tempo.

E tem aquela do santo homem que esperava vir a ganhar a sorte grande, mas não comprava bilhete de loteria, porque dizia ele, o poder de Deus é muito grande. É, realmente, mas não tão grande, que leve a gente a algum lugar, se não dermos o primeiro passo.

O final feliz, para Tjurs.

Talvez o congresso da Asta, o mais importante evento turístico já realizado no Brasil, não consiga ampliar muito as tão ambiciosas divisões do terreno do turismo.

Mas para José Tjurs, o pitoresco e extraordinário hoteleiro paulista, está bem perto a realização de um sonho que ele certamente não se atrevia a acalentar quando deixou de ser chofer de táxi para fundar em São Paulo sua primeira boate — o Tabu. Tjurs já tem quase assegurada a venda do seu conjunto hoteleiro, que inclui o Jaragua, de São Paulo, os dois Nacional (do Rio e de Brasília) etc. Preço teto: 38 milhões de dólares

Hollywood? Não: é a USP.

A grande novidade vem da Universidade de São Paulo que resolveu produzir um filme de longa metragem. A experiência terá direção de Roberto Santos ("A Hora e Vez de Augusto Matraga"), reunindo em seu elenco artistas e técnicos



José Tjurs

profissionais, utilizando o trabalho de professores e alunos da Universidade. O filme será baseado no conto de Lúcia Fagundes Telles, "A Caçada". Os artistas e técnicos serão duplamente remunerados: receberão uma parte em salários e o restante em participação nos eventuais lucros. E os alunos terão apenas uma participação nos lucros. Mais de dois terços do filme já foram rodados, dentro de um orçamento que obedece, segundo os organizadores, "às mais rígidas normas hollywoodianas, econômicas e profissionais".

Na Barra, o conto do vigário.

Para os investidores paulista, que participam acionariamente dos projetos da Barra da Tijuca, chega do Rio de Janeiro uma má notícia. É o escândalo que envolve a Incorporadora Desenvolvimento e Engenharia Ltda., lançadora do Centro da Barra. Ela havia prometido um conjunto de 70 torres, de 36 andares cada uma, dotadas da mais moderna infraestrutura. Envolvida hoje por diversas ações de falência, por dezenas de ações trabalhistas e dezenas de ações de reintegração, a Desenvolvimento e Engenharia Ltda. está na iminência do seu estouro final. O Centro da Barra se resume hoje em duas ou três torres, esqueletos de um projeto babilônico sem maior consistência. Múcio Athaide é famoso pelos golpes e arapucas desse estilo. Entrou para o folclore financeiro do país quando se realizou, há mais de dez anos, uma campanha de intimidação contra o Banco da Lavoura de Minas Gerais, chegando a provocar uma corrida àquele sólido estabelecimento.

PUBLICIDADE & MARKETING

• O lançamento dos biscoitos Uneeda, há 76 anos, foi considerada a campanha publicitária do século para edição especial com que a revista norte-americana Life comemora o bicentenário da independência do EUA. Preparada pela agência N.W. Ayer & Sons para a Nabisco, a campanha custou um milhão de dólares, importância considerada

gigantesca para a época. Ao escolhê-la, Life afirma que ela ensinou aos empresários como vender um produto a todo o país.

• Carl Ally, Melvin Sokolsky, Onofrio Paccione, Edward McCabe, de New York; Annegret Beier, de Paris; Horácio Casares, de Buenos Aires; além de Wolf Rogowsky, presidente do Clube dos Diretores de

Arte da Alemanha, Edward Booth-Clibborn, presidente da Designers and Art Directors Association de Londres, Eileen Hedy Schultz, presidente do Clube dos Diretores de Arte de New York, Silvio G. Patto, diretor da Associação Nacional de Publicidade do México, e Gordon Jones, diretor da McGraw Hill estão entre os convidados estrangeiros de

J. Natale Netto para o 1º Encontro Internacional de Publicidade, com o qual São Paulo vai celebrar o Dia da Propaganda.

• Misto de palestras básicas e de workshops, o Encontro vai se realizar de 1 a 5 de dezembro no Anhembi, contando também com a participação ativa das principais figuras do mundo publicitário brasileiro. "Se-

rá o maior encontro publicitário jamais realizado em nosso país até hoje" afirma Natale, que é o presidente do Conselho Superior da Associação Paulista de Propaganda.

• Francisco Gracioso, vice-presidente e gerente geral para o Brasil, Ricardo Ramos, sub-gerente do escritório paulista e vice-chairman do comitê de

operações, e Geraldo Tassinari, supervisor de mídia, deixam a McCann-Erickson para fundarem a própria agência, que deverá começar a funcionar em janeiro. A primeira conta da nova agência - e, segundo se diz, a motivação principal para sua formação - é a da Bril S.A. (uma verba entre 20 e 25 milhões de cruzeiros).

Aqui, Itaú em São Paulo.

São Paulo

Agências Urbanas

Administração Central

Rua Boa Vista, 176
Tel. 239-8000
Telex 117-210-144 (BIATENTIST-SPD)
Telex Internacional
0211910122 - 0211920122 -
0211930122 - 0211940122 -
0211950122

Adolfo Pinheiro

Av. Adolfo Pinheiro, 10
Tels. 247-3307 - 247-9349

Água Rasa

Av. Alvaro Ramos, 2212
Tels. 292-3975 - 93-8273
Telex 286

Alameda Barros

Al. Barros, 832
Tels. 67-1600 - 67-1649

Alameda França

Rua Augusta, 2282
Tels. 80-8987 - 80-7527
Telex 011-22232

Alameda Glete

Av. São João, 1614
Tels. 220-1151 - 220-1152

Alto da Pompéia

Av. Prof. Altonso Bovero, 1175
Tels. 262-1827 - 62-1386 - 62-6846
Telex 219

Angélica

Av. Angélica, 1170
Tels. 66-2873 - 66-5097
Telex 145

Antônio de Barros

Rua Antônio de Barros, 224
Tels. 296-1754 - 296-1811
Telex 275

Antônio de Godói

Rua Antônio de Godói, 47
Tels. 36-8512 - 35-5536 - 34-7585

Aurora

Rua Aurora, 429
Tels. 221-4712 - 221-0289 - 221-2264

Avenida Brasil

Av. Brasil, 1151
Tels. 282-5405 - 282-8854 - 80-1423
Telex 288

Avenida Morumbi

Av. Morumbi, 8384
Tels. 61-1908 - 240-0204

Barão

Rua Barão de Itapetininga, 143
Tels. 33-1362 - 35-3135
Telex 183

Barra Funda

Rua Lopes Chaves, 275
Tels. 66-3890 - 67-3816 - 67-2886
Telex 136

Bela Cintra

Av. Paulista, 2424
Tels. 81-7745 - 80-3379

Belenzinho

Av. Celso Garcia, 887
Tels. 93-6683 - 93-3825 - 92-3538

Bom Pastor

Rua Bom Pastor, 1716
Tel. 274-4646

Bom Retiro

Rua da Graça, 253
Tels. 221-2531 - 220-3095
Telex 178

Borba Gato

Av. Adolfo Pinheiro, 2473
Tels. 246-1364 - 246-7718
Telex 276

Brás

Av. Rangel Pestana, 1244
Tels. 228-1335 - 228-1353

Bráulio Gomes

Rua 7 de Abril, 177
Tels. 36-7604 - 36-4613 - 33-6578
Telex 279

Brigadeiro

Av. Brig. Luis Antônio, 1584
Tels. 288-6141 - 288-2282 - 288-3867
Telex 161

Brooklin

Av. Santo Amaro, 4527
Tels. 61-7721 - 240-8024

Butantã

Av. Dr. Vital Brasil, 72
Tels. 211-5826 - 211-7552
Telex 100

Cambuci

Lgo. do Cambuci, 48
Tels. 278-1204 - 278-1209
Telex 187

Cardoso de Almeida

Rua Cardoso de Almeida, 808
Tel. 262-4631

Carlos de Campos

Rua Carlos de Campos, 21
Tels. 292-6374 - 292-3462
Telex 285

Casa Verde

Rua Dr. César Castiglioni Jr., 247
Tels. 266-1242 - 266-2290
Telex 216

Celso Garcia

Av. Celso Garcia, 738
Tels. 292-4283 - 292-3412
Telex 256

Cidade Jardim

Av. Cidade Jardim, 246
Tels. 282-7320 - 282-0347
Telex 189

Cidade Vargas

Av. Eng.º Armando de Arruda
Pereira, 2493
Tels. 275-8930 - 275-9597
Telex 283

Clélia

Rua Clélia, 1542
Tels. 262-2210 - 62-7583
Telex 140

Consolação

Rua da Consolação, 2243
Tels. 80-0819 - 80-0434
Telex 236

Coronel Diogo

Rua Coronel Diogo, 484
Tels. 273-7849 - 63-9726

Dr. Zuquim

Rua Dr. Zuquim, 1873-A
Tels. 298-3472 - 298-3462
Telex 196

Estados Unidos

Rua Estados Unidos, 1950
Tel. 80-6429

Faria Lima

Av. Brig. Faria Lima, 2266
Tels. 211-1830 - 211-5570

Galeria Metrópole

Av. São Luis, 153 - Loja 50
Tels. 34-0298 - 35-0690
Telex 143

Guaimbé

Rua Guaimbé, 486
Tels. 292-0939 - 93-1313
Telex 011-22742

Guaipá

Rua Guaipá, 420
Tels. 262-2642 - 260-6624
Telex 234

Heitor Pentleado

Rua Heitor Pentleado, 1994
Tels. 262-0602 - 62-2500
Telex 291

Higienópolis

Av. Higienópolis, 473
Tels. 66-2201 - 66-0838
Telex 135

Iguatemi

Av. Brig. Faria Lima, 1234
Tels. 210-2400 - 210-1986

Imperatriz Leopoldina

Av. Imperatriz Leopoldina, 201
Tels. 260-5401 - 260-1504

Interlagos

Av. N. S.ª do Sabará, 2596/2604
Tel. 247-3298 - Telex 243

Itacema

Av. São Gabriel, 605
Tels. 80-4038 - 282-3396

Itaim

Av. Brig. Luis Antônio, 5083
Tels. 282-7762 - 282-1809
Telex 138

Itambé

R. D. Antônio de Queiros, 575
Tels. 257-8014 - 257-0978
Telex 107

Itaquera

Rua Gregório Ramalho, 100
Tels. 297-6140 - 297-6505

Jabaquara

Av. Jabaquara, 1495
Tels. 211-5826 - 211-7552
Telex 163

Jardim América

Rua Augusta, 2575
Tels. 282-2662 - 282-7884
Telex 170

Jardim Europa

Av. Brig. Faria Lima, 620
Tels. 282-7177 - 80-0776

Jardim Paulista

Av. Brig. Luis Antônio, 3282
Tels. 287-8328 - 289-1825
Telex 179

Jardim da Saúde

Av. Cursino, 1601
Tels. 275-5484 - 276-0146
Telex 132

Javari

Rua da Mooca, 2009
Tels. 93-9568 - 92-0437

João Dias

Av. João Dias, 1859
Tels. 246-5679 - 246-4489

João Mendes

Pça. Dr. João Mendes, 58
Tels. 37-6626 - 33-7271 - 32-6666
Telex 278

Joaquim Floriano

Rua Joaquim Floriano, 736/50
Tels. 282-9445 - 282-7976
Telex 296

Jumana

Rua Jumana, 88
Tels. 273-8538 - 273-2283
Telex 166

Lapa

Rua N. S.ª da Lapa, 423/27
Tels. 260-2604 - 260-8442
Telex 149

Largo São Francisco

Lgo. São Francisco, 24
Tels. 36-9557 - 34-6506
Telex 252

Liberdade

Av. Liberdade, 87
Tels. 37-1824 - 32-3068
Telex 184

Limão

Av. Prof. Celestino Bourroul, 945
Tels. 266-2208 - 266-1560
Telex 277

Lins de Vasconcelos

Av. Lins de Vasconcelos, 1928
Tels. 70-5798 - 70-9619
Telex 262

Luis Góes

Rua Luis Góes, 985
Tels. 275-8643 - 275-3017

Luz

Rua São Caetano, 381
Tels. 228-4023 - 228-1480 - 227-2730
Telex 249

Major Sertório

Rua Major Sertório, 314
Tels. 34-5332 - 37-6836
Telex 011-22338

Maracatins

Al. dos Maracatins, 686
Tels. 241-2217 - 240-0497
Telex 284

Maria Paula

Av. Brig. Luis Antônio, 306
Tels. 35-5615 - 34-3828
Telex 245

Mercúrio

Rua Santa Rosa, 113
Tels. 227-1234 - 227-3834 - 227-3684
Telex 218

Moinho Velho

Via Anchieta, 1100
Tels. 273-3682 - 63-9662
Telex 242

Monções

Av. Pe. Antônio J. dos Santos, 921
Tels. 241-7899 - 241-7811

Mooca

Rua da Mooca, 2763
Tels. 292-9232 - 292-1284 - 93-0307 -
93-5896 - Telex 146

Nossa Senhora do Ó

Av. Santa Marina, 2569
Tels. 266-6827 - 266-0964

Nova Paulista

Av. Paulista, 680
Tels. 287-6694 - 289-0409

Orfanato

Rua do Orfanato, 827
Tels. 63-8925 - 63-5477
Telex 248

Oriente

Rua Maria Marcolina, 627
Tels. 292-5180 - 92-5776
Telex 235

Paes de Barros

Av. Paes de Barros, 2246
Tel. 273-8377

Pagé

Rua Com. Afonso Kherlakian, 172
Tels. 228-3129 - 227-1039

Pamploña

Rua Pamploña, 1839
Tels. 282-6464 - 282-2837
Telex 104

Paraíso

Pça. Osvaldo Cruz, 143
Tels. 287-2704 - 287-8026 - 289-1041
Telex 188

Pari

Rua Silva Teles, 1282/88
Tels. 92-2648 - 93-4037
Telex 246

Parque São Lucas

Estrada do Oratório, 2265/69
Tels. 63-3938 - 271-2229
Telex 239

Paula Souza

Rua Paula Souza, 221
Tels. 227-8001 - 228-3246
Telex 152

Paulista

Av. Paulista, 1948
Tel. 287-1211 - Telex 181 - 120

Paulistano

Rua Estados Unidos, 1595
Tels. 80-9411 - 80-8004
Telex 134

Pedroso de Moraes

Rua Teodoro Sampaio, 2240
Tels. 210-0260 - 210-0384

Penha de França

Rua Padre A. Benedito, 51
Tels. 295-2314 - 295-2695

Perdizes

Rua Turissau, 806
Tels. 65-1861 - 62-2398
Telex 284

Pinheiros

Rua Butantã, 185
Tels. 211-8190 - 211-5488 - 211-0970
Telex 108

Os recursos do PIS e do PASEP vão ser parcialmente aplicados na Bolsa, juntamente com as reservas não comprometidas das companhias seguradoras e os capitais estrangeiros das Sociedades de Investimentos. Trata-se de dinheiro que representa economias de trabalhadores, garantia dos

segurados e imagem do Brasil no estrangeiro. Se, a partir de agora, acontecesse algo de semelhante ao que ocorreu no caso Audi, narrado a seguir, isso provocaria um escândalo internacional, com as mais graves consequências. É oportuno perguntar: pode acontecer outro Audi na Bolsa?



Audi: gênio das finanças ou aventureiro?

AUDI: ALERTA NA BOLSA

Onde estiver um homem de gênio, tudo pode acontecer. E, Nagib Audi, diga-se o que se disser, é uma figura muito parecida com certos gênios financeiros que a história registra.

Em 1946, o pai lhe emprestou, diz ele, a importância de 300 cruzeiros, para montar uma fabriquetinha de solventes, em que o dono era tudo, desde contabilista e vendedor até entregador das encomendas. O que se passou com essa fábrica não está contado, mas em 1967 Nagib Audi comprava o Banco Econômico de S. Paulo por um milhão de cruzeiros. No ano seguinte, adquiria uma Financeira e uma Distribuidora de Valores por Cr\$ 1,4 milhão. Um ano mais, e Audi montava uma firma de importação e uma distribuidora de veículos. Em 1970 lançava a sua Promotora de Vendas. Finalmente, em 1971, comprava a corretora Interval, e que trocou o nome para Audi Corretora de Câmbio e Valores Mobiliários, e lançava como companhia holding do grupo, a Aud Administração e Participações.

A corretora, ele a comprou porque já tinha um Fundo Mútuo da ordem de 12 bi, embora existam pessoas convencidas de que essa compra teve uma intenção oculta: vir, um dia, a tirar desforra de um grupo de outras corretoras que não se teriam comportado com lisura para com Nagib Audi.

De qualquer modo, em janeiro de 1972, ele comprava o prédio Conde Matarazzo, no Viaduto do Chá, por 65 milhões de cruzeiros e transformava o terraço num heliporto, onde se via o levantar de helicópteros, ninguém sabia se um, se vários. É que Nagib Audi tinha feito um contrato com uma empresa estrangeira fabricante de helicópteros e ficara seu representante na América Latina, com a intenção de montar aqui uma fábrica dos ditos helicópteros, para fornecer às Forças Armadas. Aliás, comprou também a fábrica norte-americana Franklin, de motores de helicóptero, que poderia fabricar os motores de que necessi-

tasse para a fábrica de helicópteros. Isso lhe custou, segundo se diz, um depósito de cerca de 2 milhões de dólares.

Quaisquer que tenham sido as sutilezas deste esquema de formação de um grande grupo, é inegável que está aí um homem de negócios. Quer ele tenha quer não contratado o empréstimo de dez milhões de dólares de que se fala, a verdade é que não se empresta a qualquer um dez milhões de dólares, para uma aventura. Na filosofia de um banqueiro, interessa mais quem é o cliente, do que o valor daquilo que o cliente tem. O homem que habitualmente triunfa nos negócios, sempre dá um jeito de pagar o que deve, o homem que habitualmente fracassa, sempre acaba não pagando aquilo que lhe emprestam.



Ele zombava da inteligência alheia. E abusava do triunfo.

Ao comprar uma corretora e ao lançar na Bolsa as ações da sua companhia holding (de junho de 1971), Nagib Audi enfrentou uma situação estranha: principiava a debacle, que levaria as ações do Banco do Brasil a cair de Cr\$ 54,00 para Cr\$ 7,00. Como um homem inteligente, com tantos negócios ao seu dispor, ia meter os dedos numa fogueira que estava queimando tudo?

A Resolução 39 do Banco Central permitia uma coisa chamada contratos de sustentação (acordos entre várias companhias com papéis na Bolsa, com a finalidade de umas comprarem as ações das outras, impedindo que a cotação delas caia abaixo de um certo nível). Então, o novo figurante do

mercado acionário concebeu o plano de fazer contratos desses com outras empresas e manter as suas ações em alta, no meio de uma enxurrada de papéis arrastados para a baixa. Um papel que subisse, no meio de tantos papéis que caíam, certamente ia atrair compradores e dar lucros.

Essa técnica, conjugada com a compra do prédio Matarazzo e com o espetáculo dos helicópteros subindo e descendo no heliporto, à vista dos corretores e banqueiros que almoçavam no restaurante da Bolsa, a dois passos dali, elevou as ações Audi, entre junho de 1971 e janeiro de 1972, de Cr\$ 1,85 para Cr\$ 7,15.

Era triunfo demasiado, no meio de um mercado em queda. Não podia durar. Alguns dizem que o pool de corretoras envolvidas traiu Nagib Audi; outros dizem que, quando viu suas ações no pináculo dos Cr\$ 7,15, ele as despejou no mercado, e se limitou a arrecadar egoisticamente os lucros, sem querer saber dos demais. De qualquer modo, as ações acabaram caindo para a faixa de Cr\$ 1,90.

Se Nagib Audi, nessa altura, tivesse saído do mercado bolsístico, para entrar em outro gênero de negócios, aplicando e fazendo render os lucros obtidos com as ações, teria lógica a suposição de que ele traía seus parceiros. Mas não foi isso que aconteceu. Audi reagiu ao contratempo da queda, formando um novo pool de corretoras, para repetir a jogada anterior.

Desta vez, a batalha é mais dura. A ação Audi sobe de Cr\$ 1,80 para Cr\$ 3,36 mas logo desencadeia-se uma guerra de morte contra ela. A partir do preço de Cr\$ 2,50, os banqueiros principiam a vender. A certa altura, vendem em massa. Num só dia, os corretores de Audi são obrigados a comprar 3,3 milhões de ações, para aguentar o papel. No dia seguinte, retiram-se do pregão, sob uma vaia monumental, porque têm condições para sustentar o terremoto.

Nagib Audi reage formando um terceiro

pool de corretoras, com quem assina novos contratos de sustentação. E suas ações vão de Cr\$ 0,60 para Cr\$ 6,00, entre setembro de 1972 e agosto de 1973. Exatamente no período em que o Banco do Brasil caía para Cr\$ 7,00. As ações Audi vendiam-se aos milhões por dia, chegando a totalizar um volume de mais de 10 por cento dos negócios da Bolsa. As das firmas com quem Audi tinha contratos de sustentação (Lisa Livros, Gabriel Gonçalves, etc.) subiam e mantinham-se em alta, à sombra do papel vedete.

De certo modo, Audi zombava da inteligência alheia. E abusava do triunfo. Ari Cordeiro, gerente do Mercado de Capitais do Banco Central, dizia claramente que esse tal de Nagib poderia vir a transformar-se num J.P. Morgan brasileiro, se não estivesse cometendo dois grandes erros: imprimir aos seus papéis excesso de atividade; e fazer contratos de sustentação com firmas sem gabarito, algumas notoriamente à beira da falência.

As palmeiras mais altas e as janelas mais expostas é que apanham sempre as pedradas da moçada. Nagib Audi tornara-se uma palmeira muito alta.



Para enriquecer, bastava negociar com aqueles papéis.

Empresa que firmasse contrato de sustentação depositava no Banco Econômico de S. Paulo, ou em outro indicado por Nagib Audi, as ações de seus sócios majoritários, pelo período mínimo de seis meses. Parte dessas ações era mantida em depósito e parte vendida ao público. Essa precaução,

tomada especialmente quando da assinatura do contrato do último pool, era garantia segura de que a firma não se retiraria inesperadamente da sociedade.

Nas galerias, havia diariamente um brasileiro, um português, um espanhol, um sírio ou libanês, cuja função consistia apenas em ganhar dinheiro. Cada um deles dispunha de uma boa quantia em dinheiro, que entregava à corretora Audi, para compra de ações. Mas a Audi não dizia nunca que ações ia comprar. Os quatro sabiam depois. E não se importavam com isso, porque sempre era comprada para eles uma ação que ia subir: GG, Lisa Livros, Oropês, etc. A volta destes homens, havia muito, outros que iam ficando à beira de um colapso nervoso, enquanto eles enriqueciam, quase sem saberem como. Por fim, todos sabiam: para enriquecer, bastava negociar com papéis do pool da Audi.

Outros homens contratados por Nagib Audi, não precisavam nem de dispor de qualquer quantia em dinheiro. Para terem um bom salário, bastava que aparecessem na Bolsa, todos os dias, e falassem do mago das finanças, contando as maravilhas que aconteciam a quem vivia perto dele. Em segredo, da boca ao ouvido, esses homens iam confidenciando que mais este papel ia ser sustentado pela Audi, e que era negócio comprar. Ou que aquele outro papel ia ser largado pelo pool de sustentação da Audi, e que era bom negócio vender.

Uma coisa era certa, para quem comprasse ações da Audi, ou suas associadas: não faltava liquidez. Quem quisesse vender, a qualquer momento, tinha comprador: a própria Audi comprava, ou mandava comprar, através de uma de suas associadas.

Veja por outra, já que Bolsa é risco, podia ocorrer uma baixa, quem sabe se provocada pelas próprias corretoras envolvidas. Pagavam-se as ações a preço mais baixo, fazia-se depois subir a cotação e aconteciam mais lucros. A Audi comprava, a Audi vendia. Seus corretores, quando viam muito papel despejado no pregão, voltavam-se para os vendedores e bradavam: "Podem vender mais, nós compramos tudo".



Até onde Audi estava dentro ou fora da lei?

Com os aumentos de capital, vinham as bonificações. Tudo era lucro: na subscrição e na bonificação. O importante era saber-se que uma ação oferecida na Bolsa tinha sempre comprador. Essa garantia de liquidez é a razão pela qual hoje se negocia, praticamente, apenas com ações de primeira linha. Petrobrás, Banco do Brasil, Vale do Rio Doce, Belgo-Mineira, têm sempre comprador — por isso mesmo, todo mundo compra. Durante a aventura Audi, as ações Audi eram as vedetes. Todo dia valiam mais, e todo dia tinham quem as comprasse.

E os helicópteros continuavam levantando do heliporto do edifício Matarazzo. E corriam notícias de que a Audi fizera mais um contrato no estrangeiro, comprara mais uma fábrica, estava levantando um novo projeto. As figuras marcantes da Bolsa de São Paulo olhavam pela janela do restaurante e comentavam umas com as outras: "O homem continua firme, ninguém pode com ele". Na verdade, em meio ao descalabro de um mercado acionário em liquidação, as ações do grupo Audi subiam sempre e continuavam tendo comprador.

O caso ganhou foros de tiro de canhão no silêncio da noite. A Bolsa sentia que estava se deixando manobrar ao sabor dos interesses de um grupo. Mandou ler com atenção a Resolução 39, onde Nagib Audi descobrira a pista para enveredar pelo caminho da fortuna. E lá estava: pertinência da disposição que permitia a celebração dos contratos de sustentação, havia um item que proibia a manipulação. E aí surgiu o problema: Audi utilizava os contratos de sustentação permitidos por lei, ou praticava manipulação proibida por lei? Onde principiava uma e terminava a outra?

Talvez a batalha não fosse meramente jurídica. Bem pode ser que outras razões, entre as quais algum resquício de rivalidade ou inveja, estivessem em jogo, além da letra

Do restaurante da bolsa podia-se ver o movimento dos helicópteros de Audi

e do espírito da lei. Mas Audi, possivelmente, lera Vitor Hugo e, "para pegar numa vara de espinheiro, calçava luvas primeiro".

A força de um homem se avalia de diversos modos, mas um deles é descobrir com quem são casadas as senhoras que tomam chá com a esposa dele. O chá em que as senhoras se encontram, na tarde de quinta-feira, não é assim tão fútil como se pode supor. A senhora de Nagib Audi, dada a sua categoria, não podia deixar de ter como companheiras para o seu chá algumas outras senhoras da melhor sociedade. Ainda que não falassem senão de vestidos e de caridade, a presença de umas junto das outras constituía prestígio. Prestígio é uma força.

Tinha mais: ao iniciar a sua ofensiva no mundo financeiro, Nagib Audi contratara os serviços de um assessor magnificamente

relacionado nas esferas privadas e oficiais do dinheiro — José Barreto Gomes, que passou a funcionar como assessor para assuntos relacionados com o mercado de capitais. Enquanto Caio Lara Campos, ainda combatido pela tragédia que atingira sua esposa, se encarregava das operações da corretora, Barreto voava para o Rio de Janeiro, falava, constatava, expunha e convencencia. Dentro em breve, algumas das mais destacadas autoridades monetárias estavam sinceramente convencidas de que:

1. o descalabro da Bolsa era um fato; 2. o presidente Médici ia abandonar o governo, deixando prósperos todos os setores da economia nacional, menos um — a Bolsa; 3. a solução para se impedir que a Bolsa continuasse a rolar pela encosta abaixo era o recurso aos contratos de sustentação — o exemplo da Audi estava aí, vivo e eloquente, para quem quisesse ver.

Roberto Campos, um inocente útil.

Como tornar-se um Onassis sem fazer força? Funde uma financeira, depois afunde essa financeira e deixe o resto por conta do Banco Central. O conceito revela a marginalidade em que caíram determinados setores que vivem da especulação e da aventura. E nesse jogo, nomes respeitáveis são algumas vezes colocados à testa de objetivos excusos. Até Roberto Campos acabou se transformando em "inocente útil" de um dos grupos mais atrevidos do país.

A incrível informação consta do relatório de uma investigação secreta do BNH. O investigado: Grupo Financeiro Lume, um complexo de empresas financeiras e de poupança, além de exercer intensas atividades imobiliárias, que acabou por se constituir num dos mais graves escândalos do mercado de dinheiro no país. Após enumerar as dezenas de irregularidades e até mesmo fraudes da Lume — que resultaram em prejuízo de centenas de milhões de cruzeiros para seus depositantes e clientes — O BNH, em seu libelo secreto, diz: "A essa altura, a Financilar (do Grupo Financeiro Lume) havia providenciado junto ao Banco Central a abertura de seu capital, vendendo ações ao público. De outro lado, colocara o grupo, na presidência da sociedade, o eminente brasileiro Dr. Roberto Campos".

Esse relatório do BNH, divulgado há dias, revela até que ponto os estouros e escândalos que acabaram por levar numerosas financeiras nacionais ao descalabro, com prejuízos globais que em seu conjunto se aproximam do bilhão de dólares, devem ter atrás de si algo mais do que a manifestação de aventureirismo e a incompetência de seus criadores. De outra forma, não se explicaria que um técnico do nível do embaixador Roberto Campos se prestasse aparentemente ao papel de "inocente útil" de uma organização como a Lume, permitindo que seu nome ficasse associado a entidades e grupos de cadastro tão suspeito. E mais ainda, por incrível que pareça, o desaparecimento súbito de organizações como os grupos Audi, Halles, Ipiranga, Aurea, Vitória-Minas e TTA, não parece ter trazido consequências mais graves a seus incorporadores e fundadores. Nenhum deles está pessoalmente empobrecido ou envolvido em processos legais, apesar de se tornar público o desvio e o mau emprego da poupança e das economias do pequeno investidor em empreendimentos sem a menor consistência e muitas vezes de suspeito conteúdo político. Por isso mesmo, tornou-se comum ouvir nos círculos financeiros mais responsáveis do País esta verdadeira *trouville*: para que você possa se tornar um Onassis, entre nós, sem fazer força, aprenda a fundar uma financeira, depois a afundar uma financeira... e deixe o resto por conta do Banco Central. Mas tudo isto ainda seria eventualmente justificado como expressão de uma fase de especulação gerada por um aparente milagre econômico, não fossem esses escândalos repercutirem no exterior e abalar o bom nome do Brasil. O ministro Mário Henrique Simonsen sentiu o gosto amargo desta triste verdade quando, recebendo recentemente o Vice Primeiro Ministro do Japão, Takeo Fukuda, teve que se desviar do debate de problemas de mais alto gabarito para prometer ao ilustre visitante que o governo brasileiro "iria dar solução, o mais breve possível, ao problema das ações do grupo japonês Sumitomo, comprometidas no processo de liquidação das empresas do Grupo Halles". Mas até agora não se conhece "o jeitinho" que o ministro encontrou para este problema. Quem sabe, apelando para a imaginação criadora de um Audi (cuja rápida e emocionante história ilustra esta reportagem), o ministro da Fazenda poderia sair mais facilmente do seu impasse.



Nessas condições, nada de estranho em que algumas empresas de S. Paulo e do Rio recebessem convite para discutir o assunto com as autoridades. As autoridades, naturalmente, faziam-se representar por assessores. E esses assessores de modo algum falavam em Audi. Mas o assunto era: em que medida os contratos de sustentação poderiam obviar ao marasmo que se instalara no mercado acionário. Não seria de tentar fazer a experiência?

Consequentemente, nada de estranho no fato de principiarem a surgir outros pools de empresas de capital aberto, para tentarem a experiência. E nada de estranho se, entre esses pools, alguns praticaram a "habilidade" de fazer subir a cotação das ações (inclusive fazendo constar que a Audi estava no meio), para venderem tudo na alta e deixarem os compradores com montanhas de papel que ninguém mais ia procurar ou comprar. Não seriam casos dessa natureza que atraíram sobre a Audi muita da má vontade que se generalizou?

Diz-se que o ministro Delfim Neto, ao chegar à Europa, em uma de suas viagens, foi surpreendido pelo gesto de um banqueiro inglês, que tirou do bolso do colete um recorte do Times e perguntou se era verdade. Dizia o recorte que as coisas, no Brasil, não iam assim tão bem quanto o governo de Brasília pretendia fazer crer, pois um grupo financeiro, de nome Audi, se dava ao luxo de não respeitar as determinações das autoridades.

O ministro teria sorrido e afirmado que a Audi não passava de um grupo financeiro igual a todos, mas teria trazido o recorte para o Brasil, no bolso do seu próprio colete. E o teria enviado, sabe-se lá a quem.

Casualmente, pouco depois, o diretor e o gerente do Mercado de Capitais do Banco Central eram substituídos, certamente por motivos outros que não cumplicidade com a Audi. Os banqueiros se reuniam e acordavam em que se tornava necessário apertar o freio do cavalo de corrida do mercado de ações. As ações da Audi, bem como as das empresas com quem ela mantinha contratos de sustentação, eram eliminadas do índice da Bolsa, embora continuassem sendo as mais negociadas e as que dispunham de maior liquidez.



Um dia o fantasma morreu. Não cabia no ambiente.

Finalmente, a corretora Audi era suspensa por noventa dias e a Audi Administração e Participações pedia a suspensão da negociação de seu papel; para que ele não afundasse totalmente.

Nitidamente, faltara prestígio e apoio político. A assessoria de Barreto e as virtudes do chá tinham-se revelado impotentes, perante a ofensiva da Bolsa, em nome da ilegalidade e da imoralidade da "manipulação".

Nagib Audi retirou-se do mercado financeiro. Vendeu o banco e a corretora. Não operou mais com a Financeira nem com a Promotora de Vendas. Está pagando as letras da Financeira, sob a supervisão e com o auxílio do Banco Central. Vendeu ao Banco do Estado o edifício Matarazzo, pelo dobro do preço de compra, pagando o que devia a esse estabelecimento bancário com uma parte do que deveria receber. Mantém o seu helicóptero e a sua fábrica de produtos químicos. Não se defendeu nem se queixou. Mas não se encontrou crime punível em seu enorme leque de atividades.

De certo modo, Nagib Audi virou fantasma, virou lenda. Foi sacrificado em holocausto a uma ética de negócios, que é acusado de não ter respeitado. A Bolsa é como a mulher de César: não basta que seja honesta, também é preciso que o pareça.

Nagib Audi provou sua capacidade de homem de negócios, dentro da ética de ganhar dinheiro à sombra da lei; a Bolsa provou a sua capacidade de derrubar o aventureiro dos negócios, em nome de uma ética de não permitir que o interesse geral seja sacrificado ao interesse de alguns.

O fantasma Audi morreu: não cabia no ambiente.

As paixões do senhor Maluf

O engenheiro Paulo Salim Maluf é o candidato oficial à presidência da Associação Comercial de São Paulo, cujas eleições estão marcadas para março. Foi indicado por quase todos os diretores e Conselheiros — a começar pelo atual presidente Boaventura Farina — que, para escolhê-lo, se basearam nos seus “méritos pessoais, visão política e administrativa, somados aos longos anos que vem servindo à Casa”, segundo reza o manifesto inicial de lançamento.

Numa entidade na qual as eleições, há dezoito anos, giram em torno de uma chapa única, portanto isentas de maiores agitações, o lançamento de Maluf despertou imediata reação da parte de um grupo de diretores e membros da ACSP. E surgiu a candidatura, oposta, do sr. Felipe Kehirallah Filho, apoiado por um grupo minoritário, mas em que se destacam nomes tradicionais de São Paulo, como o da sra. Cecília Prado, primeira empresária feminina a concorrer à uma eleição na ACSP.

Até aí, tudo normal. Mas ocorre que o manifesto da candidatura opositora do sr. Kehirallah, a definição das qualidades que devem marcar um dirigente da ACSP sugere que a personalidade do sr. Maluf parece despojada de “total independência face à atividade político-partidária, face à administração pública ou face a correntes ideológicas afastadas da democracia política ou dos princípios da livre empresa.”

Esta linguagem, que mais parece retirada de um editorial de *O Estado de S. Paulo*, e que deve ter ecoado nos vetustos

salões da Associação Comercial como verdadeiras bombas, são o primeiro índice de lutas acirradas que deverão marcar a eleição.

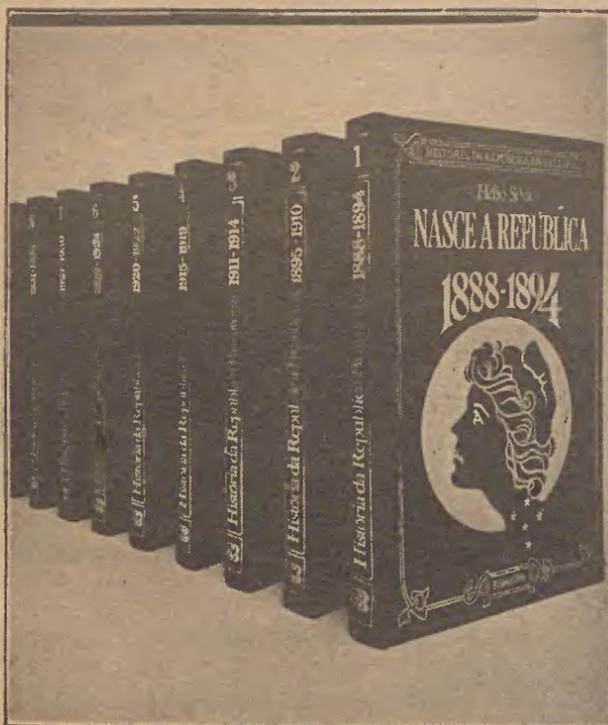
Agora, é de se perguntar: esse acirramento das tensões eleitorais será mais um reflexo da vontade de participação despertada pelo recente clima eleitoral, que marcou no país, em 1974, uma das mais apaixonantes eleições de todos os tempos? Veremos na ACSP o mesmo empenho, a mesma veemência que marcaram as eleições recentes no Harmonia e no Jockey Clube, que lembraram os velhos tempos de liberalismo republicano?

Sim, o clima de disputa democrática parece ter atingido também a até agora quase invulnerável Associação Comercial. Mas aqui cabe outra pergunta: fosse outro o candidato oficial, e não o sr. Maluf ter-se-ia rompido o pacto de acomodação e unanimidade que sempre marcou as eleições nessa entidade?

A verdade é que o sr. Maluf despertou na imprensa e em outros meios sociais paixões políticas semelhantes às despertadas pelo sr. J.J. Abdalla, o mais notório dos “maus patrões”. Mas por que não de ser precisamente dois empresários de origem árabe escolhidos para figurar como protótipos, respectivamente, do mau político e do mau patrão, quando tantos outros empresários e homens públicos de São Paulo fazem jús a essa discriminação?

A pergunta, no caso, fica no ar. Mas está à espera de uma resposta. **Jorge Tuffi de Rezende, Aclimação, São Paulo.**

Toda semana, uma coleção de livros para o autor da melhor carta.



Esta página estará permanentemente aberta ao leitor de “Aqui” — que será, de fato, nosso correspondente permanente na cidade. Semanalmente ofereceremos ao autor da melhor carta uma coleção completa da obra “História da República Brasileira”, de 20 volumes encardernados de autoria do historiador Hélio Silva. A seleção das melhores cartas, a critério da redação de “Aqui”, levará em conta o espírito de coletividade e de defesa desta cidade. Só serão publicadas as cartas que contiverem assinatura e identificação do autor.

Uma provocação

Caro Samuel Wainer

Trabalhei com você dez anos na “Última Hora”. Conheço, portanto sua luta, suas vitórias e derrotas, e o que você amargou em nome de uma filosofia editorial de defesa da dignidade profissional. Permita-me, portanto, como amigo, dizer de minha surpresa e estranheza, quando li o jornal “EX”, na semana passada. Todos nós ficamos chocados, comovidos e indignados com o caso Herzog. Pareceu-me portanto uma atitude irreal, absurda, inconciliável, aquela informação de que você teria hipotecado solidariedade a certo jornalista desta praça. O que pretendo, apenas, Samuel, é que você me acalme.

Para que possamos estar sempre lado a lado. Para que eu possa figurar tranquilo no expediente do “AQUI”. Aquela solidariedade você não hipotecou, não é? **Ignácio de Loyola, São Paulo.**

Prezado Loyola.

Embora sua pergunta me pareça injuriosa, respondo mais a seus filhos do que ao meu antigo “fofo” de UH. Não conheço pessoalmente, jamais telefonei e não tive motivo para qualquer espécie de comunicação com o jornalista Claudio Marques. Tudo não passa, assim, de uma infâmia. A provocação de esquerda é tão sórdida quanto a de direita.

a) Samuel Wainer

Congresso de poluição não melhora a saúde de ninguém

“O assunto poluição, praticamente já “encheu”. Falam muito de poluição. E fazem pouco. Não fazem nada. Agora mesmo, reuniram-se os técnicos em congresso. Apontaram uma série de resoluções. Resoluções para que? Para que a água do meu prédio (e moro em Perdizes, senhor redator) continue poluída? Quando enchemos o copo, podemos ver claramente como a água é escura. Ela está cheia de um resíduo fino, uma poeira estranha. E a nossa caixa já foi lavada seis vezes este ano. Para que meus filhos sofram constantemente dor de garganta e olhos inflamados? E uma

coisa que não sara, só melhora quando vamos para o interior, passando dias longe de São Paulo. Para que meu pai, que não é tão velho assim, tenha adquirido uma tosse seca, incômoda, constante, que não melhora? E meu pai veio do interior e é obrigado a morar conosco, depois que mamãe morreu. Poluição é isso; algo que a gente sente na carne, todos os dias e todas as horas, nos machucando cada vez mais. E os técnicos ficam reunidos, deliberando, apontando soluções. Que providências foram tomadas até agora?

Betty Farias (Tremembé)

ESTAMOS AQUI.

GENTE QUE ENTENDE VOCÊ.



ULTRACRED
-a financeira do Grupo Victor Malzoni
Rua Líbero Badaró, 377 - 10.º andar, SP

Bureau

Depois de longo namoro, Silvio Santos recebe bola branca e entra, afinal, no clube fechado dos donos da televisão.

O GOLPE DO BAÚ



Não existe nenhuma intenção da Rede Globo, de iniciar uma ação judicial contra Silvio Santos, por quebra de uma cláusula contratual — a de número 13, que o proíbe de manter qualquer vínculo empresarial com outros veículos de comunicações. Para a Rede Globo, que deseja ver derrubada as versões de monopólio, convém ter um bom concorrente.



A vitória de Silvio Santos está sendo chamada de "golpe do baú", pois raras vezes alguém perseguiu um casamento empresarial com tanta insistência. Enquanto seu Canal 11 não vai ao ar, ele continuará com seus programas, na Rede Globo e na TV-Tupi, até o final dos contratos. Se não renová-los, terá uma outra opção: a TV-Record, Canal 7.

A luta de Silvio Santos por um canal de televisão começou há alguns anos, quando apareceu a oportunidade para a compra de um. Mas ela foi perdida e o candidato desistiu da idéia de comprar outro, preferindo batalhar por uma concessão direta. Estávamos, então, na época do presidente Médici.

— Primeiramente, tive de convencer os homens do governo de que não era somente um Chacrinha de paletó e gravata. Empehei-me bastante, para provar que não era apenas um animador de televisão e sim um empresário consciente — diz o agora quase totalmente vitorioso Silvio Santos.

E a campanha continuou. Ele mesmo fez a primeira pergunta — "Por que não dão um canal ao Silvio Santos?" — e ele mesmo tomou a iniciativa de propagá-la. Daí a pouco tempo, muita gente estava repetindo isso, nas ruas, corredores e gabinetes, em muitos pontos do País. E tantas vezes foi ela repetida, que até o ministro das Comunicações chegou à conclusão de que era preciso encontrar uma resposta — e então determinou que um de seus auxiliares fosse bombardear o candidato com milhares de indagações, exigindo dados e mais dados, durante dias e dias seguidos.

— Eu havia entrado no negócio com boa disposição. Sabia que tinha condições, possibilidades econômicas, "know-how" e tudo o que era necessário. E o ministro das Comunicações anterior, Higi-

no Corsetti, já tinha me estimulado bastante, ao qualificar meu plano de "magnífico" e ao dizer que eu o havia surpreendido agradavelmente — conta Silvio Santos.

E o canal acabou sendo concedido. Algumas das muitas perguntas que todos estão fazendo pelas ruas, ele já está em condições de responder.

— Que tipos de programa vai ter o canal 11?

SS — "Teremos uma programação popular, com mensagens positivas. Não será uma programação voltada para a classe A, B, C e D, mas uma programação popular, na linguagem que eu sempre tive com o povo. Vai ter tudo — novelas, esporte, quadros humanos, filmes e telejornalismo. Uma programação para competir com a Rede Globo"

— Quer dizer que a Rede Globo vai perder o monopólio da audiência?

SS — "Na minha opinião, a Globo nunca mais vai perder a primeira colocação, porque tem boa administração e boa programação. Ela poderá, no entanto, passar a dividir esse lugar de destaque com mais duas emissoras, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos"

— Agora dono de um canal, você já tem uma cúpula formada?

SS — "Ainda é cedo, para falar nisso"

— Você pretende procurar quadros fora do País?

SS — "Ainda não pensei nisso".

— Você já tem alguém em men-

Entrevista concedida a
ZILDA BRANDÃO
(Exclusiva de "AQUI")

te, para determinar posição?

SS — "Por enquanto, não".

— Como você pretende fazer a ponte aérea, em matéria de técnica, já que a base de sua televisão será no Rio?

SS — "Por enquanto, estou apalpando o terreno. Dizer que vamos usar este ou aquele tipo de câmara seria bastante prematuro. No momento, estamos fazendo um estudo de tudo"

— E as antenas e transmissores que você arrematou, da TV Continental?

SS — "Arrematei muita coisa, mas o objetivo foi conseguir as torres do morro do Sumaré, que já estão montadas. Arrematando-as, ganhei uns 120 dias de espera, inevitáveis para a montagem das torres"

— Em quanto tempo, você pretende estreiar seu canal de TV?

SS — "Se montar dentro de 5 a 8 meses, estarei dentro dos meus desejos. Mas muita coisa não depende de mim, depende de fábricas e de técnicos. No que depender de mim, tudo será o mais rápido possível"

— Ao telejornalismo, você pretende dar uma atenção especial?

SS — "A fórmula ideal pode estar numa mistura de telejornalismo e de musical, uma mistura de tudo"

— Você pretende contratar gente conhecida ou dar oportunidade

a gente esquecida ou desconhecida?

SS — "Quando a gente quer conseguir um funcionário bom de uma outra empresa, o caminho a seguir é muito simples. Basta telefonar para ele e perguntar: "Quanto você ganha?" Ele vai dizer que ganha 10 ou 20 e então você propõe: "Eu pago o dobro". Isso aí qualquer um faz, basta ter dinheiro"

— Mas em televisão, em rádio, em futebol, existe muita coisa que às vezes é tão boa ou melhor que os profissionais que estão atuando. E é isso que eu pretendo. Descobrir gente nova e trazer para cá. Sair em campo em busca de artistas que trabalham em circos, em pequenas estações, em teatros universitários. Isso é emocionante, muito mais do que simplesmente oferecer mais dinheiro"

— A que tipo de classe você pretende dirigir os seus programas?

SS — "A todas, desde que eles forneçam divertimento, mensagens positivas, cultura, informações. O "Arrisca Tudo" é quase uma fórmula ideal, pois a sua audiência é de 70 por cento, em todo o Brasil"

— Você considera a televisão brasileira boa?

SS — "É a melhor que existe, depois da norte-americana"

— O que você prefere ser considerado: um bom empresário de televisão ou um grande homem de comunicação?

SS — "Prefiro continuar sendo o animador Silvio Santos. Mas pelo

meu temperamento, tudo farei para ser o melhor empresário"

— Muita gente costuma criticá-lo, alegando que você não tem estrutura cultural. Que pensa sobre isso?

SS — "Não penso nada. Sou um artista por natureza. Comecei do nada, ganhando prêmios na Hora do Pato. Estou me dedicando ao rádio desde os 14 anos de idade, quando ganhei um concurso de locutor na Rádio Guanabara. Foi uma escalada cheia de sacrifícios — algo assim como quem começa no Exército como soldado, para chegar a general"

— Você acha que chegou a hora de fulminar todas as críticas, provando o contrário?

SS — "Essa gente que me critica, talvez até me critique com razão, mas não de uma forma racional. Eu, como radialista, fiz um longo "currículo" e cheguei a dono de um canal de TV. Mas mesmo em outros setores, onde não fiz "currículo", estou sendo bem sucedido. Por que eu, conhecendo rádio e televisão, não posso me cercar de gente culta, de técnicos e de bons artistas, num assunto que conheço muito bem?"

— Muita gente o ajudou a conseguir esse canal 11?

SS — "Foi muita gente, realmente. A torcida foi muito grande, para que eu ganhasse o canal, desde o humilde porteiro ao diretor de estações. Cada um fez a sua parte de um pouquinho. Foi uma corrente de união — e a união faz a força"



Em sua recente passagem por São Paulo, mostrando sua preocupação pelos destinos do nosso Canal 2, o presidente Ernesto Geisel declarou ao Secretário de Cultura do Estado, José Mindlin, que “não é muito fácil conciliar audiência com programas culturais.”

CANAL DOIS...

AQUI ABRE O DEBATE E PERGUNTA:

**O que fazer com uma TV
que ninguém vê
e pela qual todos brigam?**

Há sete anos, inaugurava-se em São Paulo uma emissora de televisão que nunca passou de uma boa, mas fracassada intenção. Mergulhada nos mais insignificantes índices de audiência do país, citada em pesquisa como “estação de rigorosa confidencialidade”, o Canal 2 parece ser consequência direta do espírito com que foi criada. Afinal, como ajustar a formação e o pensamento elitista do seu grupo fundador, com o soberano direito do público em mudar o seletor de canais?

Televisão é a comunicação ampla, horizontal, direta. Esse foi o impasse que cercou, desde o primeiro instante, a história da emissora. Que, por sinal, foi batizada com o nome de Cultura, símbolo do pedantismo e da pretensão com que se pretendia despejar, para dentro da sala do telespectador, mensagens inacessíveis, nada comunicadoras. Designou-se, para primeiro presidente da Fundação Padre Anchieta, um empresário que, hoje, afirma que nunca entendeu nada do assunto, sr. José Bonifácio Coutinho Nogueira. Desde então, há um estado permanente de crise, com sucessivas alterações de programação e de profissionais. E até mesmo essas mudanças obedecem menos a critérios filosóficos ou funcionais da comunicação, do que às trocas quadrienais do governo estadual.

Esse é o ponto que nunca foi discutido. Na verdade, alega-se, para justificar a posição de inferioridade da emissora nos índices de audiência, os mais diversos motivos, todos rigorosamente escapistas. Para uns, seria a precariedade dos meios materiais. Para outros, a desproporção de recursos frente às demais emissoras. Há, ainda, os que acusam o rígido regulamento da Fundação de inibir qualquer iniciativa mais ousada.

Em meio a essas discussões de superfície — que nunca tocam nas causas — nunca se buscaram alternativas. Por que não mobilizar os meios culturais, a população universitária, a elite empresarial, gente da cidade que se preocupe com suas coisas, enfim, para que apresentem novos caminhos. É preciso fazer, do Canal 2, uma emissora à altura de sua missão. Que não é apenas a de educar o povo, mas também — e principalmente — de servir como contrapartida à tv comercial. No instante em que um grupo como o de Silvio Santos ganha uma concessão para mais um canal, uma emissora como o Canal 2 cresce de importância.

AQUI abre o debate, ouvindo gente de todas as áreas. E apresenta, inclusive, entre certos depoimentos, o do jornalista Vladimir Herzog.

QUARTA-FEIRA, 1/10/75—20 HORAS



**Valeu a pena
gastar tanto dinheiro?**

Na primeira quarta-feira de outubro, às 8 da noite, 3 milhões e 300 mil paulistanos assistiam ao Jornal Nacional (Globo); um milhão de pessoas viam a novela “A Viagem” (Tupi); 300 mil acompanhavam o filme “James West” (Bandeirantes); 260 mil torciam pela família Bonanza (Record). Enquanto isso, 18 mil abnegados espectadores sintonizavam a Cultura, Canal 2, assistindo, a cores, a série “Brasil Século XX”.

Se a pesquisa tivesse sido feita em qualquer outro dia, outros seriam os programas. Mas nem por isso os índices se alterariam muito. Sete anos após sua inauguração, a emissora não conseguiu atingir o que, em última análise, deve ser o objetivo de uma estação de televisão: níveis mínimos de audiência.

Nessa semana, por exemplo, o programa mais visto não foi educativo nem cultural. Foi um informativo (“Hora da Notícia”), levado ao ar às 9 da noite e assistido por 240 mil pessoas. Explicando as causas dessa crônica crise de audiência, antigos e atuais dirigentes da estação são unânimes: trata-se de uma tv elitista, que ainda não aprendeu a tratar com o povo nem a fazer programas que sejam culturais, educativos e, ao mesmo tempo, populares. Além de elitista — dizem eles — a estação é mal administrada.

Isso se justifica: nos seus sete anos, o Canal 2 nunca foi dirigido por um profissional de tv. Começando por José Bonifácio Coutinho Nogueira — que se confessa “um empresário que acredita no que faz”, a presidência passou das mãos do também empresário Raphael Noschese, do veterinaro Antonio Guimarães Ferri. Hoje, é comandada pelo ministro aposentado do Tribunal de Contas, Rui Nogueira Martins.

Na gestão Coutinho Nogueira, a TV Cultura viveu sua melhor fase. Mas nem por isso os setores de maior audiência foram programas culturais ou educativos. O forte eram o telejornal e programas esportivos, além de um Curso de madureza. É o único

grande momento registrado nas planilhas do Ibope refere-se, igualmente, a um programa esportivo, o jogo final da Taça Davis. Nessa tarde, cerca de 1,4 milhões de pessoas ligaram no Canal 2, superando com larga vantagem a concorrência da Globo.

Por que tão pouca gente vê um canal que, sem anúncios ou pressões comerciais, ataria as melhores condições de produzir bons programas? Além do elitismo e dos problemas administrativos, muita gente deixa de ver os bons programas do Canal 2 por uma razão simples: ele não os anuncia em jornais. Todos os concorrentes chegam a ocupar, em média, uma página de cada um dos jornais da cidade, através de permuta de espaço. E isso é proibido pelos estatutos da Fundação Anchieta. A alternativa seria comprar espaço em jornais. Ou, então, anunciar na outra emissora da Fundação — a Rádio Cultura, de audiência tão insignificante quanto a tv.

“Os programas são mal anunciados e mal embalados”, lembra Nogueira, citando a série de documentários sobre a 2ª Guerra Mundial. Série semelhante foi transmitida pela Globo, com o nome pomposo de *O Mundo em Guerra*. “A diferença — explica Nogueira — é que a Globo glamurizou o programa, colocando o ator Walmor Chagas como apresentador. No fundo, as duas séries são quase iguais. Só que, na Globo, ela aparece colorida, atraente...”

A pergunta, então, não é sobre quem viu programas importantes como *Guerra e Paz*, feita pela televisão inglesa. A indagação precisa é sobre quem deixou de ver. E isso vale também para a série de Jacques Cousteau, que, exibidos em outros canais, estouraram em audiência.

Tudo isso, somado a aulas de Física transmitidas pela madrugada ou a idéias maçantes como o de *Hora Agrícola*, leva o paulistano a uma pergunta óbvia: valeu a pena gastar tanto dinheiro para montar um fracasso?

Depois de confessar que não entendia nada de televisão quando foi convidado para dirigir a recém-criada TV Cultura, o atual secretário de Educação José Bonifácio teve um desabafo: "Ela nasceu com a marca de elitista — e agora tende a tornar-se hermética."

...AUDIÊNCIA ZERO



José Bonifácio acusa: uma TV fantasma.

"Confesso que não entendia nada de televisão quando fui chamado para dirigir a recém-criada TV Cultura. Eu era o que contino sendo: apenas um empresário que acredita no que faz e que luta até o fim por aquilo em que acredita. No meu tempo pelo menos a equipe que dirigi tinha uma filosofia, um objetivo, uma orientação comum.

Naquele tempo, o telejornal "A Hora da Notícia" tinha uma boa audiência, o Departamento de Esportes criou uma linguagem própria para televisão e até fez escola. Os programas de debates, abordando diversos assuntos, conduzidos por Julio Lerner, eram vistos por um bom número de telespectadores. Isso para não falar nas aulas supletivas e no Curso de Madureza.

Quando eu deixei a emissora, a maioria dos profissionais passou para a TV Bandeirantes e a audiência da Cultura caiu bastante. Por que? Justamente porque a TV Cultura perdeu a filosofia, o objetivo que possuía. Perdeu a capacidade de se noticiar sem se envolver e, o que é pior, esqueceu totalmente o telespectador.

Na parte de telejornalismo, passaram a badalar vergonhosamente o governo, sem mostrar os prós e contras. Enfim, o programa perdeu a imparcialidade. E parece que a estação deixou de se importar com a audiência. Caso contrário, não levariam ao ar um Curso de Comércio Exterior, durante um mês, que interessaria no máximo a umas vinte pessoas. Não seria mais racional organizar uma ou duas mesas-redondas sobre o assunto? A verdade é que a TV Cultura já nasceu com a marca de elitista — e agora tende a tornar-se hermética. Isso acontecerá enquanto os gênios da comunicação insistirem em fazer da emissora seu laboratório particular.

Infelizmente, com a mudança de direção mudou tudo, principalmente os objetivos. Apenas o Departamento de Esportes se manteve o mesmo e permaneceu com a mesma qualidade, sustentando a pouca audiência que a TV Cultura tem. Acho um absurdo a programação começar tão cedo e terminar de madrugada com uma aula de Química ou de Matemática. Se a atual direção não adotar uma filosofia, não voltar aos objetivos primitivos, dificilmente a TV Cultura passará de uma emissora fantasma, que ninguém vê." (José Bonifácio Coutinho Nogueira, fundador e ex-presidente da Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura).

Em busca de um panorama que fornecesse todos os pontos-de-vista sobre a questão da TV Cultura, a repórter Malu Maranhão entrevistou muitas pessoas ligadas à emissora. Entre elas, o jornalista Vladimir Herzog, dias antes de sua trágica morte. Ele entregou, na ocasião, uma análise que acabava de concluir, contendo "considerações gerais sobre a TV-Cultura". As idéias de Herzog, nesta altura, devem e podem ser discutidas, face ao seu profundo conhecimento sobre telejornalismo e televisão.



Por que e para quem esses programas vão ao ar? Vladimir Herzog responde.

Poucos dias após assumir a diretoria do Departamento de Telejornalismo da TV Cultura, Vladimir Herzog elaborou um trabalho intitulado "Considerações Gerais Sobre a TV Cultura". Estes são os tópicos principais de suas propostas:

- Jornalismo em rádio e tevê deve ser encarado como instrumento de diálogo, e não como um monólogo paternalista. Para isso, é preciso que espelhem os problemas, esperanças, tristezas e angústias das pessoas às quais se dirige.
- Um telejornal de emissora do governo também pode ser um bom jornal e, para isso, não é preciso esquecer que se trata de emissora do governo. Basta não adotar uma atitude servil.
- Vale a pena partir para uma "jornalistização" da programação da TV-2: mais documentários semanais ou mensais, debates, misturados com reportagens, programas-pesquisa.
- É preciso dotar o setor de jornalismo de recursos técnicos, financeiros e profissionais, para que alimente não só um telejornal diário, mas toda uma gama de programas, direta ou indiretamente, necessitados de trabalhos jornalísticos.

Entre as sugestões para reformular a estação, Herzog alinhava duas medidas urgentes:

— "Criação de um departamento de publicidade e promoção, integrado por profissionais de comprovada competência e que acreditem no papel e nos objetivos da Fundação. O setor levaria informações a outros veículos (jornais, revistas), sobre a nossa programação, estimulando e controlando a sua divulgação. Isso integraria as emissoras da Fundação no contexto dos "mass media" paulistas e nacionais, afastando assim uma das cortinas de sigilidade que afastam o público. Por que deixar de divulgar programas exclusivos, reportagens especiais? Nesse setor, deve-se investir seriamente em material humano. Do contrário, acabará como simples serviço de relações públicas..."

— "Busca de uma nova imagem junto ao público. Por defeito de origem, as emissoras da Fundação agridem o público a partir das próprias denominações. Nos EUA, o canal educativo é chamado "public tv" denominação menos pomposa e agressiva do que "cultural" ou, o que é pior, "educativa". Mas, se o nome não pode ser mudado, a imagem certamente pode. A

imagem é derivada da programação como um todo, isto é, é inútil querer "melhorar" este ou aquele programa. É preciso garantir uma média de qualidade e interesse, que reconquiste a confiança do tele-espectador quando gira o botão para o canal 2. Aí então, será preciso cuidar do problema do horário. Pouco adiantará inverter rios de dinheiro num programa, se este for lançado em horário infeliz. A consideração é válida também quando se considera a programação como um todo. Tem sentido querer atrair audiência para um telejornal, se ele for ao ar após uma exaustiva aula de inglês. Afinal, até os especialistas da Globo reconhecem que os altos índices de audiência do Jornal Nacional se devem ao fato de vir "ensanduichado" entre duas novelas do horário nobre..."

— "A nova imagem não irá depender de um passe de mágica. Virá de dentro do público, que descobrirá, de repente, que o canal 2 passou a se interessar por ele. E, é lógico, isto resultará de uma política de programação, visando objetivos prioritários relacionados com a realidade em que vive a porção de público que se pretende atingir em determinado horário e determinado programa."

Orlando Duarte defende: as críticas são exageradas.



"As críticas à tevê 2 são exageradas. É preciso levar em conta que o canal tem apenas cinco anos de existência, contra os 25 da Tupi e os vinte da Globo. Então é impossível exigir perfeição e grande audiência. Além disso a verba não é das melhores, e mesmo o equipamento — segundo dizem, moderníssimo — só inclui duas câmaras para as externas a cores, mais duas para as internas em preto e branco. Para a produção de programas a cores, nos estúdios, estamos esperando outras duas.

A diferença entre o 2 e os outros canais não é só de idade: é também de salários, os daqui são mais baixos, exceto para o pessoal técnico, que recebe mais ou menos o mesmo.

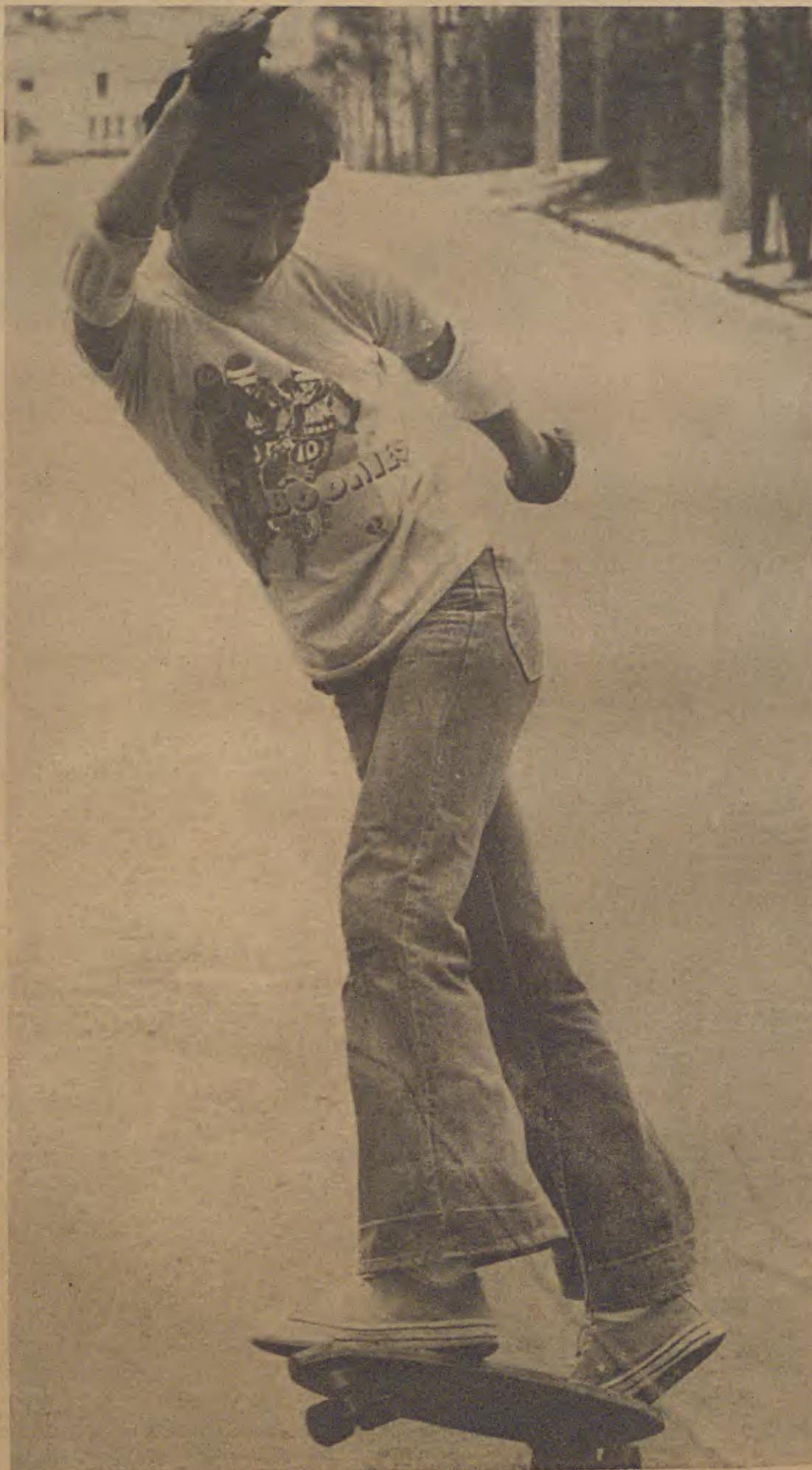
Quanto ao departamento que dirijo, não tenho queixas, nem poderia, já que é consi-

derado o melhor do Brasil. Nossa preocupação com as transmissões sempre foi utilizar ao máximo a imagem e evitar de qualquer maneira os chavões radiofônicos. Assim colocamo-nos no lugar do espectador, evitando emitir opiniões ou cair em discussões inúteis: Foi ou não escanteio? O gol foi feito ou não em impedimento? Ora, a imagem está ali, o espectador não é bobo e geralmente é impossível, do ângulo coberto pelas câmaras, verificar se um jogador estava ou não impedido. Então, em lugar de cada um soltar sua opinião, preferimos explicar o que é impedimento, contar alguma coisa sobre os times e os jogadores, enfim informar. Com o tênis, esse método obteve um grande sucesso". (Orlando Duarte, chefe do Departamento de Esportes do Canal 2).

SKATE: PERIGO

Aos sábados, aos domingos, em qualquer feriado, algumas ruas de São Paulo se transformam em verdadeiras pistas para centenas de crianças. Nas ladeiras do Morumbi e do Sumaré o skate nivela, e neste surf do asfalto os moleques de todas as classes se juntam e se divertem. O perigo passa a ser comum, e igual para todos. Nas ruas em que eles correm à procura de posições cada vez mais difíceis, continuam transitando carros

e motos quando a policia não toma a iniciativa de interrompê-los. Armada, às vezes. E os acidentes se misturam aos incidentes. É preciso que a cidade faça algo. Que preserve os meninos, que os defenda. Isolando as ruas onde eles voam sobre rodas. Indicando com placas que eles estão brincando. Policiando (mas ser armas). Criando — isto seria melhor — uma pista só para eles.



Dizem que a origem do skate não teve nada de heróica: foi apenas uma maneira que os aficionados do surf descobriram para poder manter a forma nos meses longe do verão e das praias. Mas, hoje em dia, chamar um skatista de "surlista da montanha" é correr o sério risco de receber como troca uma resposta nada agradável. Quem mora na cidade está sujeito a todos aqueles famosos **handicaps**, da ausência de espaços livres para recreação e esporte à crônica falta de áreas verdes. Pois foi justamente dessa disputa do homem da cidade com o concreto e o asfalto que o skate partiu para seu destino de glória: não precisando mais que uma boa superfície asfaltada — de preferência em ladeira — o skate acabou se transformando no esporte ideal para as condições que a cidade oferece. As colinas do Morumbi e as curvas do Sumaré tornaram-se os dois endereços de São Paulo particularmente curtidos pelos **feras** (os realmente bons de skate), **paneleiros** (os mais sujeitos a tombos e escorregadelas) e **cocotas** (as indispensáveis garotas da platéia).



Paneleiros e feras são igualmente fregueses da única distribuidora de skate: a Toca do Coelho, que organiza competição e distribui os produtos da fábrica Tokay a preços que vão de Cr\$ 140,00 a 350,00. Algumas feras, no entanto, preferem o produto importado (o skate foi inventado nos Estados Unidos) a Cr\$ 800,00, quando em poliéster ou fiberglass, ou Cr\$ 600,00, quando em madeira.

“E inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas e telefônicas.”

(Constituição do Brasil, Capítulo IV, art. 153, parágrafo 9º)

Sem saber que falavam a minúsculos, quase invisíveis microfones, um governador — Haroldo Leon Peres, do Paraná — e um senador — Wilson Campos, de Pernambuco — perderam seus mandatos nos últimos anos. Em São Paulo, há poucas semanas, o deputado Lino de Matos escapou por pouco do mesmo destino. Toda noite a televisão mostra, na novela “O Grito”, como a intimidade dos moradores de um prédio é devassada por equipamentos de escuta telefônica e indiscretas máquinas fotográficas.

O problema já chegou à Câmara Federal: tentando evitar que o “1984” de George Orwell se transforme em realidade, o jovem deputado José Roberto Faria Lima (Arena-SP), reclama a necessidade de uma legislação protetora da intimidade do cidadão e, acima de tudo, quer a garantia de que o governo jamais permitirá o surgimento de bancos de dados com informações de caráter pessoal.

Embora proibida pela Constituição, pelo Código Civil e até pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, a espionagem é hoje uma atividade simples e barata — e, portanto, acessível a qualquer cidadão médio. Por preços que variam de 500 a 27.000 cruzeiros, você pode se equipar para ouvir, fotografar, ver e gravar o que quiser.

Das dezenas de aparelhos disponíveis nas lojas de São Paulo, os mais simples são binóculos e lentes objetivas. Em qualquer casa de artigos fotográficos é possível comprar um binóculo Pentax com um poder de aumento de 16 vezes (Cr\$ de 2.800 a Cr\$ 3.200 — na Cinótica, a rua Conselheiro Crispiniano). Ou, na mesma loja, uma luneta Hi-Power, com poder de aproximação de 15 a 60 vezes (Cr\$ 948,00).

Entre as teleobjetivas existentes, a mais sofisticada e potente é a Nikkor Reflex f/11, de 2.000 milímetros. Ela reduz o ângulo fotográfico para 1º10', o que lhe dá um poder de aumento de até 45 vezes. Essa lente, entretanto, só pode ser comprada sob encomenda especial, diretamente à fábrica. No Brasil, o representante da Nikon é a firma T. Tanaka Importação e Comércio (rua Martim Francisco, 438, em São Paulo). O preço da lente é calculado pela fábrica após a encomenda. Hoje existem apenas três lentes como essa no mundo: uma na Espanha e duas no Brasil.

Além de fotografar, é possível gravar em video-tape sem ser visto. Para isso existem equipamentos portáteis de VT, com câmeras disfarçáveis por espelhos falsos. Os filmes podem ser vistos através de equipamentos especiais de circuito fechado.

No terreno da espionagem auditiva, há uma grande variedade de equipamentos à venda na cidade: do microgravador de som, do tamanho de uma caixa de fósforo (preço em torno de Cr\$ 500), ao eficiente Nix-Watergate, fabricado em São Paulo, que controla automaticamente as ligações telefônicas de um aparelho (Cr\$ 1.680,00). Acoplado ao terminal de parede de um telefone, o Nix-Watergate entra em funcionamento automaticamente cada vez que começa uma conversação — e grava tudo o que for dito. É fabricado pela Secretonic's Indústria e Comércio Rua Belarmino de Matos, 21.

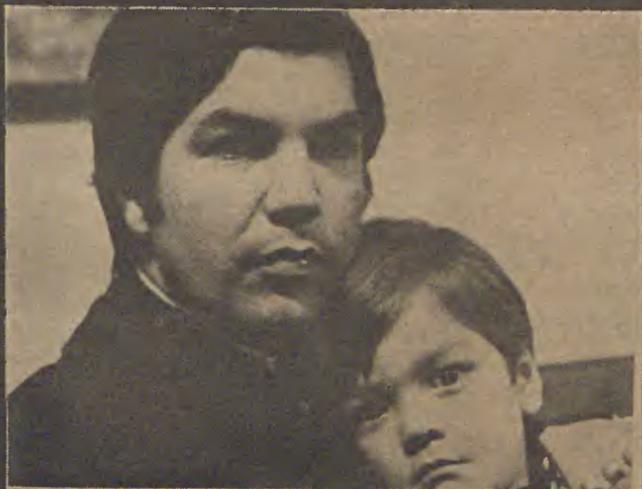
A Fotóptica vende dezenas de pequenos gravadores norte-americanos, fabricados pela Cony. Um deles, o MM-33, começa com um microfone potente, disfarçado em prendedor de gravatas. Sem nenhum fio, ele está ligado a um transmissor que mede menos de 3 centímetros e que pode ser escondido até na barra de uma calça. Um gravador, colocado a até 200 metros de distância, poderá registrar toda a conversa entre o “espião” e o interlocutor.

Nessa mesma linha, a Fotóptica tem mais seis pequenos aparelhos de “escuta sigilosa”. Um deles, o IC-8, pesa 32 gramas e transmite qualquer conversa — menos as telefônicas — para um gravador colocado a até 1,5 quilômetros de distância. O DI-8 tem uma capacidade de alcance menor, mas permite gravações telefônicas. Todos esses aparelhos são alimentados por minúsculas baterias de 100 horas de duração.

O mais potente e sofisticado equipamento de escuta encontrável no Brasil é o Vox Control, da Ibranovi (rua Quaritê, 52 — Móoca): seu microfone é capaz de, encostado a uma parede, gravar tudo o que se diz do outro lado. O preço justifica a eficiência: ele custa Cr\$ 27.000.

O grito da cidade: HÁ UM ESPIÃO EM SUA CASA

Em defesa da intimidade



O jovem deputado federal paulista, José Roberto Faria Lima, partiu para uma ofensiva direta contra a utilização de sistemas de equipamento que ameaçavam a privacidade do brasileiro. Em seu depoimento, que publicamos na página seguinte, ele reafirma a necessidade de uma legislação protetora e cita o exemplo de países como a França e os Estados Unidos que já criaram leis em defesa da intimidade, cada vez mais exposta à tirania do Grande Olho do famoso romance-ficção “1984”, de Orwell.

Senador pagou caro



Este é o ex-senador Wilson Campos, o mais notório personagem envolvido num típico caso de espionagem eletrônica. Punido pelo AI-5 com a cassação de seu mandato, o pernambucano Wilson Campos sempre jurou inocência, embora poucas dúvidas existam a respeito da legitimidade da fita cassete contendo a gravação de uma palestra sua com um industrial de seu estado e registrando uma suposta prova de suborno.

E o terror da insegurança



Por outro lado, o jornalista e escritor Jorge de Andrade, autor da telenovela “O Grito” e de outras realizações do gênero de maior sucesso na televisão brasileira, exclamam: “Nossa intimidade é ameaçada desde o momento em que nos levantamos até o momento em que nos deitamos. A privacidade no mundo atual é coisa rara. E a insegurança envolve o indivíduo ante a sua intimidade devassada”. O libelo de Jorge Andrade é arrasador.

Deputado escapou



Este é o deputado estadual paulista Agenor Lino de Matos, que escapou por pouco de um destino idêntico ao do senador pernambucano. A decisão de considerar inaudíveis as duas fitas em que estariam gravadas uma suposta tentativa de chantagem política, evitou que o já famigerado caso do “Iampgate” tomasse proporções incontroláveis. E Lino de Matos, que já sofrera quatro enfartes, escapou de um quinto, exclamando: “Deus é meu juiz”.

Estas são as 4 observações-chaves feitas pelo escritor Jorge Andrade na sua análise dos dramas que afligem hoje o homem da grande cidade:

1. A cidade está sempre diante de nós como uma imensa esfinge, propondo enigmas constantemente.
2. É necessário decifrar os enigmas para não ser devorado pela esfinge;
3. É preciso um mínimo de intimidade para encontrar as respostas dos enigmas.
4. O entendimento da URBS e a defesa da privacidade são temas essenciais na luta pela liberdade.



ESPIONAGEM DEPOIMENTO

Estes são os 4 pontos que o deputado Faria Lima propõe, no plano legislativo em defesa da privacidade:

- 1 - Ter meios para conhecer quais informações a seu respeito estão arquivadas e como são usadas,
- 2 - Ter garantia de acesso para corrigir quaisquer informações incorretas.
- 3 - A garantia de que a finalidade para a qual a informação foi coligida, não será deturpada.
- 4 - Ter assegurado que o governo jamais permitirá o surgimento de bancos de dados com informações de caráter pessoal.

O escritor Jorge Andrade escreveu uma novela cujo personagem é a cidade. Sua advertência:



O FIM DA INTIMIDADE, O COMEÇO DA INSEGURANÇA.

AQUI — A personagem principal de sua nova novela é na verdade a cidade de São Paulo...

JORGE ANDRADE — De fato, o que eu pretendo mostrar é o que é São Paulo, como ela vive, como são as pessoas, como ela sofre ou é feliz. Então ela é realmente a personagem principal. Não sei, porém, se eu vou conseguir registrar através do movimento das imagens uma cidade inteira, coisa que um jornal pode fazer melhor do que uma novela, creio eu.

AQUI — Já no primeiro capítulo seus personagens levantam a questão da privacidade, da intimidade ameaçada. Porque esse assunto é destacado?

J. ANDRADE — Hoje a sua intimidade é ameaçada desde o momento que você levanta até o momento em que deita. Meios e engenhos de tal ordem perfeita não faltam: gravadores, objetivas, computadores, organizações. De modo que a privacidade no mundo atual é coisa rara. A consequência disso é a insegurança do indivíduo ante a intimidade devassada, sua verdade, suas convicções e suas crenças expostas ou invadidas. Por isso há aquele clima kafkaniano na novela, a partir do desaparecimento do interceptador telefônico no prédio, a insegurança dos moradores ante a possibilidade de que seu grito pode estar sendo ouvido, sendo do conhecimento de alguém. E a tendência é querer esconder o grito. Aquele grito do garoto invade a minha privacidade. Se eu falasse diretamente, coisa que não gosto, diria que essa é uma questão política, que eu não expor porque você não vai poder expor. Não posso descobrir meu jogo, tenho que figurá-lo.

AQUI — Dentro de sua obra, até agora centrada no lado tradicional paulista, quatrocentão, dos barões do café e sua decadência, "O Grito" representa um salto?

J. ANDRADE — Um salto não, mas uma conclusão. Meu trabalho nunca foi bem analisado, compreendido. Eu sempre falei de uma classe que havia caído, portanto, de uma realidade que evoluiu. A derrubada desse tipo de gente com a crise de 29 e a revolução de 30 e sua vinda para a cidade fez com que ela perdesse sua importância. Minha marcha de personagens mostra essa fuga para a cidade. Naturalmente, o lado mais recente da cidade, a urbs, passou a me interessar. Se esta nova realidade é pintada negativamente na novela, isso apenas significa que aqui não é um paraíso, quem sabe um alerta para que outros não venham.

AQUI — Mas a selva amazônica também não é uma solução...

J. ANDRADE — Não e sim, se você realizar algo lá. Porque o homem tem que realizar alguma coisa em qualquer parte, não somente em São Paulo.

AQUI — Como radiologista dos últimos 40 anos deste país, o senhor acha que os ventos mudaram para qual direção?

J. ANDRADE — Eu penso que cada etapa cumpre sua missão. Se era ou é desse jeito, eu a vejo e admiro assim, porque eu não as condeno e se há defeito nisso, ele é meu. É preciso tratar as épocas e os seres como eles são, com suas qualidades e defeitos. A mim é impossível dividi-los segundo a concepção maniqueísta, só dois sentidos, o certo e o errado. Ninguém pode negar o passado que está presente. E eu não sou um saudosista, senão eu estaria morando numa fazenda como meus personagens. Há uma evolução constante. Dividir é como o determinismo político do que é certo. Somente como eles pensam é certo, o restante está errado e deve ser levado ao paredão. Por exemplo, fulano é milionário, então fulano é ordinário. Ora, eu conheço muita gente que não é milionária mas é ordinária, embora ache que tudo depende das condições sociais, tudo é produto do meio.

AQUI — De acordo com isso, a humanística estaria acima da política?

J. ANDRADE — Não da política, pois ela é a própria. Eu repito com Maquiavel que o homem é um ser político mas não necessariamente partidário, que é uma consequência da política. Eu não acredito em extremos e não acho que eles resolvam os problemas, caso contrário eu já teria aderido ao lado que resolvesse os problemas do homem. Politicamente falando ou não, o homem resolve seus entraves.

AQUI — E a televisão, como o senhor a encara?

J. ANDRADE — Penso que ela ainda não foi decifrada, não é estudada, ninguém sabe direito como ela é, como ela entrou na vida do homem moderno. Eu a vejo sem nenhum preconceito e na minha opinião é o meio de comunicação mais importante da nossa era. É um veículo limpo e livre. A tela está branca como a que o pintor vai pintar. Ela recebe tudo, se o pintor é bom, surgirá um bom quadro, senão sairá uma mediocridade. A televisão também aceita tudo, dependendo da mentalidade, da visão e da cultura de cada um. Afinal, os veículos estão aí para ser usados.



O deputado Faria Lima vem estudando há algum tempo as ameaças à vida privada. Sua conclusão:

O PAÍS, HOJE, É UM IMENSO BANCO DE DADOS.

"As máquinas, hoje, controlam telefonemas, registros em hotéis, arquivos médicos e dentários, salários, impressões digitais, mão-de-obra, viagens, tráfego, padrão de voz, atividades profissionais. Enfim, quase tudo. O país é hoje um imenso banco de dados e ninguém mais destrói registros. Com o surgimento dos computadores e o fantástico desenvolvimento tecnológico da Informática e da Comunicação, a intimidade do homem contemporâneo ficou mais vulnerável.

Inicialmente, o uso dos computadores restringia-se aos órgãos governamentais, bancos e indústrias. Hoje, já chegou aos hospitais, grandes lojas, corretoras, empresas de aviação, escolas, sindicatos e até cartomantes e partidos políticos. Dotados de arquivos imensos e aproveitando-se dos informes estatísticos, os computadores adquiriram uma eficácia admirável.

Exemplificando: através de técnicas de pesquisa operacional, chega-se à conclusão de que o consumidor substitui seu automóvel a cada 18 meses. Os revendedores contratam com firmas de processamento de dados, a emissão de publicidade de seus produtos, a todos aqueles que adquiriram seus veículos há 17 meses, lembrando assim, de forma subliminar, da "necessidade" de adquirir um novo carro.

Para se ter uma idéia: o cadastro de veículos de São Paulo foi cedido a uma empresa especializada em processamento de dados para o lançamento de um famoso óleo lubrificante. Ainda recentemente, o governo paulista, que houvera negociado o cadastro de seus contribuintes de ICM com empresa de processamento de dados e até com empresa multinacional, viu-se obrigado a esclarecer melhor os objetivos de seu proposto Sistema Estadual de Informações — que inclusive para evitar outras interpretações, mudou de nome.

É possível enquadrar estes tipos de ação entre aqueles que ferem nossa intimidade. Muitos países já possuem legislações específicas sobre o tema, como é o caso da França, Canadá, Suécia e Estados Unidos. Cabe a nós, evitar por todos os meios, o monopólio de informação e a quebra da intimidade.

"É defeso aos órgãos oficiais o uso de informações sigilosas, de caráter pessoal em finalidade diversa da que determinou a prestação das mesmas".

Este o artigo que desejamos ver acrescentado no Código Civil, no capítulo: "Dos Direitos da Personalidade", visando impedir que a conduta privada, socialmente irrelevante, seja atingida pela ação do governo.

Mesmo porque, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprova-

da pela Assembleia-Geral da ONU assegura em seu artigo XII: "Ninguém será sujeito a interferência em sua vida privada, na sua família, no seu lar, ou na sua correspondência, nem ataques à sua honra ou reputação. Todo homem tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques."

Quando o legislador, nesse artigo, fala da "correspondência", pretendia explicitamente, proteger a forma de comunicação mais corrente na época, quando vivíamos a fase pré-histórica dos computadores.

O CIDADÃO, UM NÚMERO

Um número para cada cidadão brasileiro. Um número que o acompanharia desde o nascimento até a morte: a hipótese de um código único de identificação estaria sendo discutida no Ministério da Justiça. A idéia assusta. Entretanto, muitos são os seus defensores.

E se isso acontecer, o indivíduo ficará nu, sob o olhar indiscreto dos sacerdotes da tecnocracia. Através de um código único, a um toque de botão poderão ser obtidas informações sobre a escolaridade do indivíduo — notas, faltas, matérias estudadas — enfim, um perfil escolar que viria assim substituir o próprio diploma; informações sobre sanidade física e mental; sobre patrimônio, venda, crédito; sobre atividades profissionais, políticas, religiosas; sobre desejos, idéias, habilidades.

Será este o mundo que desejamos ou que tememos? 1984, de George Orwell, está ao alcance de nossas mãos.

Nos Estados Unidos, a nação tecnológica, o código único para identificação do cidadão, foi condenado. O "SUI" — Social Universal Identifier — foi vetado por um grupo de especialistas que estudou detalhadamente o problema da intimidade.

Atualmente, os americanos possuem o SSN — Social Security Number — que o governo pretendeu transformar no "SUI". No Brasil, em termos de comparação, o código único seria a aplicação do CIC para 115 milhões de brasileiros.

Os especialistas norte-americanos ficaram atemorizados com a possibilidade de uma "amarração" completa entre os bancos de dados governamentais com os de entidades particulares, condição que poderia representar a perda total da intimidade. Recomendaram, por isso, que a legislação americana garantisse ao indivíduo a recusa de fornecer seu SSN para qualquer pessoa ou organização que não tivesse autoridade competente para exigir sua identificação.

No Brasil, estamos adotando uma posição oposta: o CIC passou a ser exigência constante para toda e qualquer transação."

Aqui, quem paga um dinheirão por uma roupa só porque ela tem a assinatura de um costureiro estrangeiro não é rico. É trouxa.



Corre na língua do povo uma estória maldosa que diz: "Se você puser qualquer coisa numa latinha e pregar uma etiqueta bonita com um nome estrangeiro, pode ficar certo de que vende que nem água".

Isso vem provar muito bem que a chamada sabedoria popular sempre tem razão.

Porque não existe nesse mundo gente mais iludida com o negócio de etiquetas de costureiros estrangeiros do que o brasileiro.

Pelo prazer de abrir o paletó assim como quem não quer nada e mostrar a etiqueta com o nome de um costureiro inglês, francês ou italiano, muita gente anda fazendo o papel de trouxa e está pagando um dinheirão por um costume feito aí pelos lados da via Dutra.

Antes que o mal cresça, a Rhodia e os melhores confeccionistas do país - Alfred Nordeste, Confeções Chester, Indústria de Roupas Regência, Rio Roupas Comércio e Indústria, Tecidos e Artefatos Kalil Sehbe - se uniram para tentar resolver o problema.

E como primeira medida lançaram o Costume Tergal Dupla Garantia. Uma roupa onde você vai encontrar todos os detalhes de moda que vão fazer sucesso no Verão 75/76 e a garantia da Etiqueta de Qualidade Rhodia em Defesa do Consumidor.

Tudo por um preço que não vai pesar no seu bolso.

Procure o Costume Tergal Dupla Garantia nas melhores lojas e butiques da cidade.

E quando alguém vier vender o Pão-de-Açúcar ou um bilhete premiado, vá dizendo logo: - Você pensa que eu sou trouxa?



**Costume Tergal
Dupla Garantia:
a roupa feita
sob medida
para você.**



É preciso desenvolver um espírito de defesa da cidade, ou ela não sobreviverá às 1.259 semanas que a separam do ano 2000. Se até Herman Kahn, o profeta da catástrofe, reviu suas posições e reconheceu que a ciência criará soluções para os problemas do mundo, por que não sermos otimistas também em relação a São Paulo? A iminência do caos permanecerá enquanto continuarmos de braços cruzados. Com este depoimento de autoria do ex-vereador e jornalista Odon Pereira, "Aqui" inicia uma série que abordará exatamente esse tema: as alternativas de sobrevivência em São Paulo nas próximas

SÃO PAULO ANO 2.000



faltam 1.259 semanas.



Odon Pereira

A CIDADE ESTÁ EM PODER DE SEUS INIMIGOS

O ano 2.000 vai restituir à cidade sua verdadeira função, de centro comercial e de lazer, como foram um dia as cidades da Idade Média. Quando os homens, trabalhando no campo, vinham à cidade para festejar o sucesso na colheita e comprar suas mercadorias. Só que, desta vez, são as indústrias que irão para o campo. Com um sistema eficiente de comunicação e transporte, os automóveis deverão deixar o centro da cidade. O transporte de massa poupará os movimentos desnecessários da população, como o trajeto de três a quatro horas, para o trabalho, num veículo perdido no congestionamento.

Hoje, os homens consideram impossível sua própria vida com outros homens, no ambiente das grandes cidades. O drama urbano é o drama de uma civilização, de uma época que enfrenta a industrialização e não sabe o que fazer dela. Nós não assumimos a passagem da Revolução Industrial para a Revolução Tecnológica. Não distinguimos a era industrial, que apresentava uma sociedade mal articulada, caótica, da era tecnológica, que define uma sociedade de massas, de grandes aglomerados urbanos. Ninguém percebeu esta diferença.

Dois problemas impedem que a cidade acolha seus habitantes: desamor de seus filhos e a visão que seus dirigentes fazem dela. Identificamos esta hostilidade à vida urbana na clareza do comportamento dos homens ricos. Estes que compram as terras, não para morar, mas visando apenas sua futura valorização. Os ricos não sabem morar. Basta verificar a existência histórica dos bairros de gente rica, primeiro Bela Vista, Campos Eliseos e depois Morumbi.

Por que essa mobilidade? Justamente porque o paulistano só sabe pensar no valor do terreno, amanhã. E o novo rico que se sente sem garantias econômicas de vida, que se vê na obrigação de acumular e melhorar sempre, ganhar mais e mais dinheiro. A ideia do investimento não sai da sua cabeça, essa procura sem fim de melhorias públicas em torno de suas terras, da sua casa, para que um dia ele possa vendê-la pelo dobro do preço pelo qual a comprou. Nós não assumimos a cidade como ela é. Pelo contrário, nós constantemente a estamos apedrejando. São Paulo está tomada por seus inimigos.

A tradição da vida de São Paulo explica sua forma de hoje. Ela recebeu, em seu passado, os imigrantes italianos, que viviam no campo, em seu país de origem, pessoas que pela cidade tinham somente desprezo. Estes imigrantes não se apegavam à natureza, mas ao dinheiro que poderiam ganhar graças à sua destruição. O indivíduo vem a São Paulo para minerar ouro, e sente sua vida aqui como passagem - obrigatória, para enriquecer, mas transitória, pra viver. Cada habitante esconde a vontade de mudar. A população apresenta alta mobilidade de endereços. Hoje eles estão numa casa, amanhã num apartamento, depois de amanhã, uma casa de campo.

Todos nós estamos possuídos pela ideologia rural, que herdamos e que é uma transferência de valores dos donos das terras. Quem está dirigindo a nossa cidade são os homens do campo, que mandam. Os que habitam o último andar do Castelo. A tendência, então é transformar as grandes cidades em aglomerados de vias, pois os dirigentes (os planejadores urbanos) vêm

na multidão a promiscuidade. Não percebem que na cidade é que se dá a provação do homem, onde ele enfrenta diariamente os problemas sociais que implicam a convivência humana.

Os técnicos falam da migração que incha a cidade de São Paulo. Mas eles lembram apenas da migração dos homens do campo, dos nordestinos. Esquecem os jovens de classe média que deixam suas cidades do Interior para buscar a vida em São Paulo, o estudo, os acontecimentos, as informações, a última palavra de uma época. Só aqui eles encontram satisfação para essas necessidades, no teatro no cinema, na universidade, nos movimentos dos grupos sociais.

O que nos estraga, portanto, é o ato de o automóvel, por exemplo, no centro de estarmos presos à fase industrial. E colocar nossas aspirações, como símbolo de liberdade individual.

Hoje, eles decidiram retirar os automóveis de algumas ruas do centro da cidade para transformá-la em ruas de pedestres. Mas rua de pedestre não significa rua sem tráfego. São os momentos de parada nessas ruas de São Paulo, as ilhas de lazer onde o indivíduo que passa para o trabalho pára, olha um jardim, são os acontecimentos que fazem uma rua de pedestre. Faltam happenings a esta cidade. E eles podem ser planejados. Mas quem pensa nisso? Pensa-se, isto sim, em austerizar esta cidade. Não foi por isso que os hippies da praça da República, quando começaram a aparecer, foram presos e proibidos de ficar ali? Por que retirar os hippies, se são uma manifestação de vida dentro da cidade? Porque proibir as pulsões de vida nesta cidade?



O "exilado" do Ibirapuera

São Paulo precisa parar e lembrar-se de Ferraz.

São Paulo ganhou um importante colaborador. Convidado pela Prefeitura, o jovem arquiteto Jayme Lerner começa a trabalhar certo de que tem à frente seu maior desafio: humanizar São Paulo - ou "revitalizar" a cidade, como ele próprio prefere dizer. O desempenho de Lerner na Prefeitura de Curitiba e seu prestígio internacional como arquiteto e urbanista seriam motivos suficientes para que a medida justificasse elogios à administração paulistana.

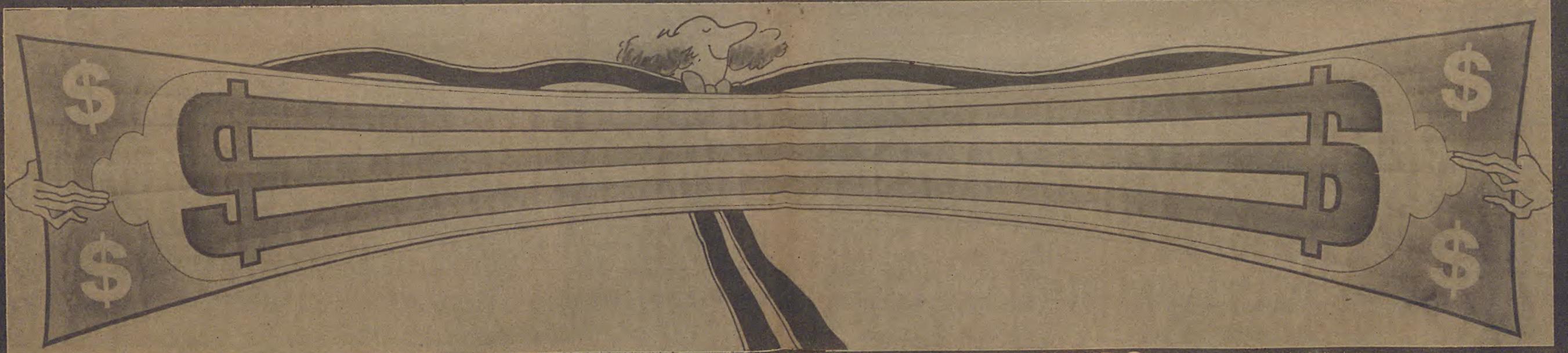
A questão nos conduz, entretanto, a uma interrogação: por que apenas Jayme Lerner? Dos bancos das faculdades de arquitetura, de engenharia e de administração de São Paulo têm

saido homens de cujo potencial de trabalho a cidade não pode abrir mão.

O exemplo mais gritante disso é o verdadeiro exílio a que foi submetido, em sua própria casa e em seu escritório de trabalho, o engenheiro José Carlos Figueiredo Ferraz, ex-prefeito afastado do cargo por razões conchecidas de todos.

Quando tanto se fala em evasão de cérebros, não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar talentos. Trazido de volta à administração pública, Figueiredo Ferraz poderá retomar a sua gestão com a finalidade de humanizar esta cidade, sintetizada na frase "São Paulo precisa parar".

Conte com a flexibilidade do Maestro do Grupo Auxiliar. Ele dá mais valor para cada uma das suas notas.



O gerente do Auxiliar é um Maestro muito flexível. Ele ouve, estuda, pondera, conversa com você e sempre faz um arranjo especial para resolver o seu problema. Porque um grupo financeiro

regido por um Maestro tem que dançar conforme a música. Para obter qualquer financiamento, pagar suas contas, recolher impostos, aplicar dinheiro para ganhar mais dinheiro ou

para tocar em qualquer assunto financeiro, procure uma das 120 agências do Grupo Auxiliar. Em cada uma delas você encontra todos os serviços de um banco comercial, de uma corretora,

de um banco de investimento, de uma financeira e de uma distribuidora. E em cada um desses setores você encontra um Maestro que dá mais valor para cada uma das suas notas.

GRUPO FINANCEIRO AUXILIAR

Banco Auxiliar de São Paulo S.A.
Banco Auxiliar de Investimentos S.A.
Auxilium S.A.
Financiamento, Crédito e Investimento
Corretora Auxiliar S.A.
Câmbio e Títulos Mobiliários
Distribuidora Auxiliar de
Títulos e Valores Mobiliários S.A.



Aqui, Daniell Mães.

José Celso Martínez Correa gritou em Portugal que o teatro morreu. Depois teve que andar se escondendo porque queriam enterrá-lo junto, imediatamente.

Nada como começar falando em Ilde Lacerda Soares. Ilde em plena forma, de volta mas não para ficar: seu endereço para pelo menos os próximos três meses é no Faubourg St. Honoré, Paris. Jean-Louis viajou segunda-feira para acertar os últimos detalhes do apartamento alugado onde Ilde vai morar com as crianças até depois do Carnaval.

NEM TODOS OS PAPAS SÃO DO VATICANO

Nos poucos dias que tenho de São Paulo — não esqueçam por favor que estou chegando do Rio, que sou praticamente um forasteiro! — logo aprendi que os intelectuais paulistas, basicamente uma elite formada por jornalistas e publicitários, usam a palavra texto como base de critério de julgamento das pessoas. Então você não ouve dizer que não deve sair com fulano de tal porque é picareta, ou chato, mas sim, que fulano tem um bom ou mau texto. As vezes você está na Churrascaria Rodeio (núcleo do nectar-chic) e escuta, passando por uma mesa: "Fulano tem um texto péssimo!" As coisas chegam a um nível tal que de repente surpreende-se um grupo de pessoas aconselhando determinada moça a não casar-se com fulano de tal porque é engenheiro "e ... e deve ter texto muito ruim!"

Texto vai, texto vem, fiquei enfim pensando com meus botões de madrepérola qual seria hoje, agora, imediatamente em São Paulo, o justo exemplo do homem de bom texto. Foi fácil chegar a um nome: Zizinho Papa. Não é de agora que Zizinho é homem de bom texto, mas passou a sê-lo definitivamente depois do Clube Campestre do Sesc, cuja festa de inauguração oficial contou até com a presença do presidente Geisel.

TOGHETER

Sem empurrar os móveis do Zanini ou apertar os arrabaldes de Mino Carta (quase todos vendidos já), entraram também no Museu de Arte de São Paulo na semana passada as imensas finuras de Flora Morgas Snell e as fotografias de Madalena Schwartz que em vez de usar lentes para fotografar, usa simpatia. Fizeram o maior sucesso os trabalhos de Flora, brasileira premiadíssima na Europa onde sempre viveu por causa do seu niquelado e nobre casamento, até aqui insólita no Brasil como pintora, mais jamais como grã-

ESTÚPIDAS

Ana Maria Moraes de Barros, a bela paulista que tem Orleans & Bragança no seu "curriculum", voltando a instalar-se definitivamente no Rio depois de um rápido intervalo aqui.

- Memórias da grande noite chinesa no Hippopotamus: a certa altura Ricardo Amaral aproximou-se do governador Paulo Egydio Martins dizendo "tome conta do dia e pode deixar que eu tomo conta da noite".

fina. Parece que se o MASP continuar nesse caminho Pietro Maria Bardi vai ter que contratar um assessor de trânsito. Tem tanta coisa, mas tanta coisa posta e dependurada que estão apelidando o Museu de "feira de Santana paulista".

Andrea Moroni, uma das donas de São Paulo, tem viajado tanto que os amigos mais íntimos a tem chamado de "ma petite Concorde". Desde que ela chegou da China que não para de "imprimir" suas impressões,

todas fascinadas por esse novau cômê... A festa hippopotama & chinesa da Revista Vogue foi ela quem decorou e agora, amanhã, sexta-feira, ela dá uma bela e altiva continuação na sua chácara do Pico de Jaraguá (eu falei que a casa era altiva!). Na mesma sexta-feira, dia 14, Maritza Osório também dá uma grande festa no Rio mas sem "amendoações". Motivo? Alô, Alô Brasil, estamos aqui!



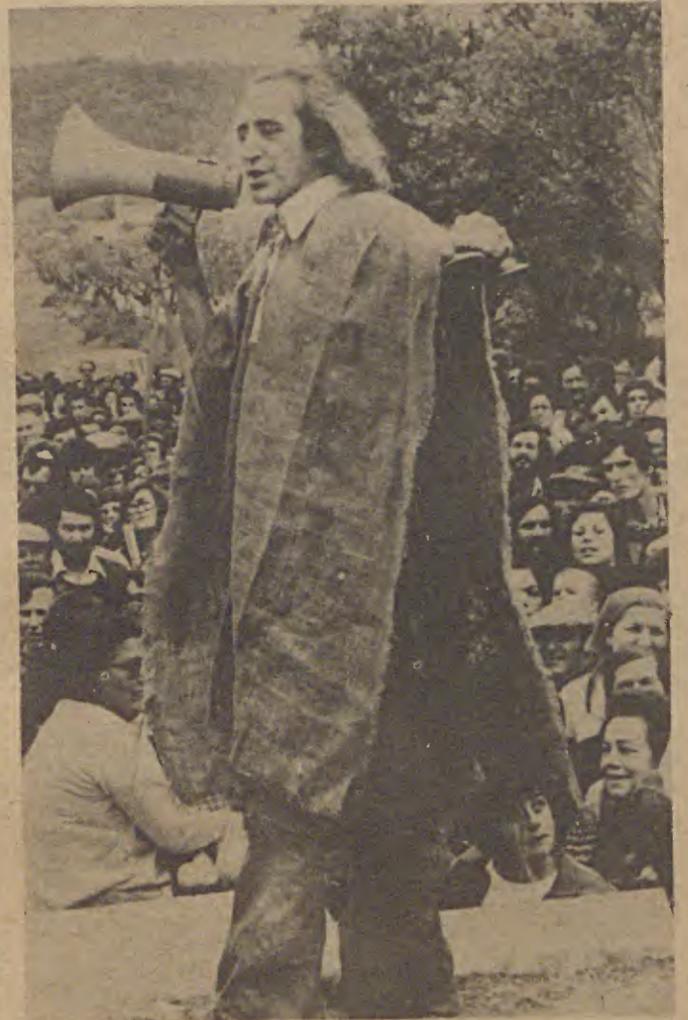
Ilde Lacerda Soares: seu novo endereço é parisiense.



Andrea Moroni e Aldemir Martins, encontro de milagres: ela, o milagre internacional, êle, o milagre paulista.



Marta Rocha, uma bela brecha de luz limpa e gulosa como a eternidade em meio à poluição paulista.



José Celso Martínez Correa: "eu sou o teatro".

OS GUMES DA RISADA

O jornalista Telmo Martino é um homem que recebe The Observer na sua mansão da Sabará ao mesmo tempo que o Príncipe Philip em Buckingham, ou as revistas New York e The New Yorker ao mesmo tempo que Norman Mailer na Park Avenue. O senso de humor do conhecido jornalista, e seu bom texto, têm deixado as pessoas um tanto irritadas.

A poluição certamente deixa as pessoas um pouco mais tensas. No outro dia, o escritor da moda, João Antonio, ficou na maior satisfação ao sentir-se pichado pelo sr. Martino: "Ainda bem, estava demorando e as pessoas estavam começando a achar que éramos amigos..." Na verdade não sei bem de quem foi maior a satisfação em esclarecer que nem sequer se conheciam...

AMAR FOI SEU DESTINO

O amor tem suas nobres atitudes. Certa senhora paulista, casada, só deu plenitude no seu romance com o internacional Gene Kelly quando soube que ele estava muito doente. Ao sabê-lo internado, sacudiu as tradições e pegou o primeiro avião deixando o marido na lama. (Até essas coisas acontecem em São Paulo!..)



- Flávio Rangel não quer seu nome ligado às colunas sociais por que no futuro, quando forem pesquisar quem foi quem no teatro brasileiro vão ver que foi um bobo.
- Os mineiros (naturalizados paulistas) não podiam escapar também à mania de grandeza. Qualquer charazinha de quatro alqueires chamam logo de estância...
- Aqui revendo suas raízes malufes, a ministra exterior do Líbano, Didi Tacla. Revendo raízes e seu filho (o outro páira por Nova York).
- O conhecido bem posto Carlos Armando Fiorini preparando-se para empreender vãos próprios.
- Provocaram os maiores froufrous as declarações do sr. Julio Mesquita Neto pelas escolas de comunicação paulistas entre as quais comentou "o baixo nível dos professores de jornalismo daqui".
- Ah, se o Julio Mesquita conhecesse o nível dos professores cariocas.
- Uma das fotos que Madalena Schwartz mostrou da linha "o artista & sua obra" foi a dupla Di Cavalcanti e Marina Montini. Di pintou Marinas até numa quantidade bem exagerada, mas é preciso anotar que muito contribuíram principalmente para os nós de Marina os "retoques" que Pedrinho Valente deu na moça.

O DESTINO SEMPRE O CASOU

Graças à sua nova sétima e argentina esposa (Marta, 18 anos) Vinicius de Moraes está refeito da perda da derradeira Gesse que calçou pesadas botas e mandou-se léguas ao



David Serson cada vez mais pacífico.



Gene Kelly, depois de dançar na chuva agora sapateando na lama...

longe. A diferença entre Vinicius de Moraes e o lendário personagem Barba Azul é que Vinicius nunca matou suas esposas, mas eu nunca vi ninguém casar tanto. Até para curar gripe Vinicius usava casamento. Sua "lista oficial" reconhece sete: começando pela paulista Tati Mello, que permaneceu eterna e nunca mais voltou a casar. Lila Boscoli, a segunda. Em seguida a granfiníssima Lucinha Proença (era preciso ser eclético!); em 4º lugar a descontraída Nelita de Abreu Rocha (que hoje é sra. Leclery mostrando que não é mais uma moça tão descontraída assim); 5ª Cristina Gurjão, a baiana Gessy a 6ª (que deu o maior trabalho de divulgação para provar que não se tratava do sabonete) e enfim, Marta, a sétima, em lua de mel na Itália. Na Itália, por presente de Ornela Vanone, que de repente resolveu gravar um disco com ele e mandou apanhá-lo no Rio.

O publicitário Walter Arruda, muito influenciado por Grace de Mônaco (quando ainda Kelly era) pegou uma nova conta: Cisne. Nada a ver com cinema mas sim com a cadeia de boutiques do bom gosto de Henrique Tuch. Campanha natalina e mirabolante (esta palavra aprendi aqui) começa dia 15 e grandes planos estão com os olhos voltados numa única direção: Paris. Esses planos são para depois do nascimento da divina criança.

MELADO DE BATATA DOCE, GOSTA?

Renata Melão, dessas senhoras elegantes que acordam toda manhã com a tranquilidade de já ser rica, ouviu o roteiro de regime de emagrecimento de uma amiga e ficou espantada: "Mas como você pode fazer regime para emagrecer? Eu faço tudo para engordar e não consigo! Imagine você que durmo diariamente com duas caixas de marronglacê na mesinha de cabeceira!"



Marina Montini, obra, e Di Cavalcanti, co-autor.



Paulo Egydio Martins e o amigo Mino Carta.



Walter Arruda falando de contas e o "rei" de São Paulo, Tavares de Miranda, achando que são pérolas.

O cirurgião plástico da civilização paulista, David Serson, acha ilha em Angra dos Reis "franguinho desossado", por isso prefere trazer para mais perto dos paulistas as Bahamas: vai ser um dos médicos do rodízio internacional que vai erguer uma mirabolante clínica na "catedral" do Caribe. A especialidade primeira da clínica será revitalização celoloterápica.

NÃO GRITA QUE TE MORDO!

A sorte tem essas coisas. De vez em quando faz uma para mostrar que existe: bastou Guilherme Araujo largar a produção paulista Rock Lixo de Horrores para imediatamente a casa, que andava catando público à unha, ficar diariamente lotada (seja levado aqui certo exagero e tal... de qualquer maneira o teatro nunca tinha ficado vazio porque só os saltos altos de Paulo Vilaça sempre ocuparam as primeiras filas). O Belo Kao Rossman, que desde a versão carioca tinha em seu poder os direitos autorais (belo fardo, hein caro?) assumiu as dívidas: 150 MIL! — "Mas antes endividado que mal associado". Guilherme Araujo foi muito educado pedindo desculpas à saída. O motivo do divórcio foi bem claro: desde o início Guilherme mal se empenhou com o espetáculo. Limitou-se apenas a alugar um caminhão-betoneira que se incumbiu de pôr no palco todo esse lixo que andou-se vendo pintado de colorido. Além do mais, ninguém estava recebendo nem para o lanche. Os motivos da saída da big-speed Ana Braga foram surpreendentemente

caseiros: problemas com a garganta. Em seu lugar estão adorando a palpitante Lucinha Turnbull, um misto do quatrocentismo paulista (Arantes) com o melhor uísque escocês (o pai) — todos estão adorando e garantindo que nasceu uma nova Judy Garland. Quando eu digo "todos" estou, evidentemente, me referindo ao próprio elenco porque o teatro brasileiro na sua maioria é assim — eles fazem teatro para eles mesmos. Público é só para pagar suas contas.

Florinda Bolkan e Marina Cicogna continuam com o mesmo estilo de tricô: não dão ponto sem nó. Aliás, nunca vi gente para tricotar assim: é o tempo inteiro, tricotando, tricotando, tricotando... Tanto assim que Florinda pode até parar de filmar que em matéria de casa e colcha, não vai poder se queixar. Tem casa em todas as partes do mundo. Mas enfim, aonde eu queria ir com elas é a Nova York. Ali foram para promover o lançamento do filme que Florinda fez com De Sica ("Férias..."), mas na verdade o que foi feito é preparar uma bruta campanha para fazer a imagem de Florinda que já - foi confirmado - será indicada para o próximo Oscar. Meu Deus, será que de repente ele ficou sem assunto!?

DENASA NÃO, É DE NADA.

Retocando o assunto que todos estão tocando: confirmado que o mortal da Academia Brasileira de Letras, Juscelino Kubitschek desligou-se da Denasa tendo o jovem Bê Barbará assumido o comando total do grupo, em fase de total renovação (em todas as direções). Comentam-se outras saídas "solidárias" do ex-presidente.

Dona do seu nariz, em plena forma como está, não é de espantar que se criem tantos "debruns" em torno de Marta Rocha. Na sua passagem por São Paulo ela foi o sucesso em qualquer lugar que pisasse, confirmando realmente que continua sendo a namorada do Brasil. Quer dizer, crescidinha como está hoje já poderíamos passar pelo menos para a grande de noiva. E realmente, a cada dia ela é presenteada pelo comentário geral de um flirt novo. Não é que ela tenha do que se queixar, porque, pelo menos, pelos tipos que lhe são escolhidos, que vão desde os "deques" mais internacionais à academia de medicina, não se pode deixar de reconhecer de que trata-se de uma mulher do maior bom gosto.

• Não sei quem ficou mais fascinado por São Paulo: se Pepino de Capri, se o líder do grupo Condé Nast (Mr. Lapham) que tem as revistas genero House and Garden, Glamour e Vogue, ou se Manuel Nascimento Brito, o homem do Jornal do Brasil. • Depois de passar por São Paulo, Manuel Nascimento Brito foi surpreendido em pleno Country-Club fazendo uma verdadeira palestra sobre São Paulo para uma plateia do que há de mais cariocas, gênero Nelsinho Baptista; "Que São Paulo é outro país, outro mundo, comércio incrível, casas de samba como nem mesmo o Rio tem", e a boate Hippopotamus, o lugar mais lindo que ele já viu na vida.

• O homem do coração de prata (no peçoço) Enio Mainardi, voltando do pulinho que deu a Nova York porque adora a comida da Varig. Lá, ele aproveitou para bater um papo com os seus íntimos da Madison Avenue...

• Falando diretamente com Allan Delan (Nova York) fiquei sabendo que a sua editora Nova Época vem aí com o samphoo que Warren Beatty usou para fazer uma comédia em forma de livro. Eu confesso que não fiquei sensibilizado pelo penteado de Warren. Não conheço ninguém que goste mais de engordar as pessoas que Regina e Baby Pignatari. Não só vivem convidando para almoços e jantares como ainda por cima servindo comida da melhor qualidade. Semana passada foram dois jantares. O segundo virou festa porque todos queriam cantar parabéns a você à dona de casa, Regina, que aniversariou.

• Aliás, na verdade não são especificamente os Pignatari que gostam de gente gorda, é São Paulo inteira que mais parece um garfo que uma cidade. Festa todo dia. Só domingo que é descanso da Cia.

Uma das noites mais divertidas que encerraram a semana passada paulista foi na nova casa (logo revende, pois é o sistema) de Bi Chrysóstomo, ex-mulher e agora rivalizadora de Hugo di Pacce. Com uma diferença, que ela ficou melhor no assunto da arquitetura decorada que o ex-esposo o que também não quer dizer tanto.

• Juca Chaves deve adorar o trânsito daqui. Está de Ferrari 75 nova, modelo BBA. Detalhe: preço HUM & Duzentinhos. Não se assustem. Pois o que é hum & duzentinhos para um garoto propaganda que cobra quinhentinhos por "geladeira"?

Por uma cidade bonita e mais humana.

"Quem tem um grande amor pelo mundo modela-se para o agrado. Proponho que apliquemos a nossa cidade o sábio conselho de Thomaz Mann. Dessa maneira, talvez consigamos interromper um prolongado esforço de piorar as coisas.

Parto do princípio de que o paulistano não é depredador nem idiota. Se lhe derem uma cidade mais bonita e mais humana, ele saberá apreciá-la. Para tornar a cidade mais bonita e mais humana, é necessário fazer e defender o fundamental, condenando e combatendo a sofisticação e o luxo excessivo. Meu propósito, portanto é de examinar e criticar as obras públicas e particulares, ruas, pontes, edifícios, costumes, modos de agir, de falar e de vestir, aspectos da vida cotidiana e da estética da cidade, com o objetivo, sempre, de promover o bom-gosto. E não apenas examinar ou criticar — mas também, sempre que possível, sugerir providências e soluções.

Por falar em sugestões, sempre ouvi dizer que o Patrimônio Histórico é um órgão com verbas mínimas, manietado, sem apoio oficial. Porque, então, o Patrimônio não estabelece um sistema de restauração com doações da iniciativa privada? A Construtora Alfredo Mathias — é apenas um exemplo — está restaurando, por conta própria, o Sítio do Padre Inácio.

Outra coisa: quase todos sabem que Victor Brecheret foi um de nossos melhores escultores. Mas, quem é que sabe que há um fauno feito por ele, um de seus melhores trabalhos, escondidinho e sujo no meio dos jardins do Trianon, no Parque Siqueira Campos? Ainda Brecheret: sua linda Joana D'Arc, na Praça Morungaba, está anos com uma mão decepada.

Mas o que rigorosamente ninguém sabe é onde foi parar o busto de Mário de Andrade que ficava nos jardins da Biblioteca Municipal. E o que poderíamos saber, com um pouquinho de esforço, é o nome de todas as obras que estão guardadas nos porões e depósitos das repartições municipais, em vez de habitar o lugar que merecem: os jardins da cidade.

Termino a coluna justamente falando dos jardins. Todas as tentativas de esverdear a cidade são feitas na base das folhagens. Ninguém se lembra das azaléas, que adaptam-se tão bem ao nosso clima. Quando elas florescem, as cores vão do branco ao fúcsia forte, passando por uma infinidade de tons de rosa. Por que não fazer de São Paulo a cidade das azaléas?

Aparício Basílio da Silva

Nesta página-convite, você vai aprender que São Paulo não tem só o cotidiano de programas sempre repetidos. Fugir da rotina, por exemplo, é passar um fim de semana num super-hotel, com todo o conforto e a tranquilidade de um staff às suas ordens, mais o relax da piscina ou da sauna. Mas fugir da rotina também é descobrir, junto com nossa colunista Kicki Hultén, o que é uma inutilidade e como valorizá-la a ponto de se transformar na peça mais charmosa de sua casa. Charme, como se sabe, é também uma coisa que não falta nos palcos da cidade. Só que, fugindo da rotina, você vai se divertir como nunca, aceitando alguns dos convites desta página. Um deles vai levar você à leitura das peças premiadas pelo SNT, programa gratuito onde você conhecerá os textos de nossos novos autores, lidos pelas grandes estrelas da ribalta. Agora, se o que você quer é um programa realmente diferente, nada como dar uma escapadinha pelo roteiro gay da cidade, as boates onde os personagens — travestis, taxi-boys, turistas — não estão representando, apenas, um papel de palco. Fugir da rotina, enfim, é também verificar como é possível tornar São Paulo mais vivível — e as dicas, nesse setor, são de Aparício Basílio da Silva.

Seu super-relax sem viajar: interne-se num super-hotel



O São Paulo Hilton, na Avenida Ipiranga, é uma sugestão de como passar um fim-de-semana longe da rotina. Mas sem sair da cidade. E com o conforto extra de todo um equipamento de relax, da sauna à boate dançante.

Fugir da cidade sem sair da cidade — o aparente absurdo dessa idéia, na verdade, não acontece. Porque fugir da cidade não significa apenas pegar uma estrada e sair à procura do relax através de uma viagem. Pois viajar sem sair da própria cidade já virou hábito, por exemplo, no Rio de Janeiro, onde a moda é passar o fim-de-semana num dos super-hotéis recentemente inaugurados na paisagem carioca: o Sheraton, o Nacional, o Interamericana.

O fim-de-semana num super-hotel pode ser uma nova "lua-de-mel" para os casais que desejam a tranquilidade de um cenário confortável onde tudo está às mãos, sem trabalho algum: o café da manhã na cama, a piscina e o banho de sol antes do almoço, o drinque no fim da tarde, uma ceia à meia-noite no próprio quarto. Mas os filhos também podem partici-

par desse fim-de-semana diferente. Além do mais, uma preocupação a menos para quem tem problemas de empregadas no sábado e domingo: no super-hotel há todo o staff de arrumadeiras, garçons, mais serviço de lavanderia e outras comodidades.

Em São Paulo, sua vontade de passar um fim-de-semana num super-hotel também pode ser realizada. O São Paulo Hilton (Av. Ipiranga, 165; fone: 256.0033) é uma sugestão, com a vantagem de ficar no centro da cidade — só que "do outro lado" da poluição e do ruído do tráfego. Aliás, o preço dos seus 405 apartamentos varia de acordo com a altura: a diária para casal, do 11º ao 12º andar, custa Cr\$ 390,00; do 13º ao 19º, Cr\$ 430,00; do 20º ao 31º, Cr\$ 470,00. Esses os preços do apartamento-padrão para duas pes-

soas, com banheiro. Quem quiser um conforto-extra, pode optar entre a "Suíte da Torre" (diária de Cr\$ 790,00) ou a "Suíte Paulista", esta com dois banheiros e dois sofás-camas adicionais, por Cr\$ 940,00. Os filhos, quando ocupam o mesmo apartamento dos pais, não pagam nada.

O preço da diária inclui o café da manhã, o uso da piscina e o estacionamento. O café da manhã, aliás, é acompanhado por duas rosas e um cartão de boas vindas — além de tudo aquilo que você normalmente espera de uma autêntica bandeja de breakfast: geléias variadas, sucos de frutas, brioques, chá ou café com leite.

Os serviços do São Paulo Hilton obedecem à mesma categoria do atendimento dos outros 163 hotéis da cadeia em todo o mundo. A sauna, os

saídes de beleza, os restaurantes, a boate com show e pista de dança também estão à sua disposição — mas são cobrados à parte, fora dos preços das diárias. No 4º andar do São Paulo Hilton, o "Café da Torre" serve refeições ligeiras e funciona 24 horas por dia, com o preço médio de Cr\$ 35,00 para os pratos quentes. No mesmo andar, o "Grill Colonial", para almoço e

jantar, ficando aberto até 23 horas. No cardápio, a variedade começa pelas entradas (do patê de Cr\$ 7,00, ao salmão de Cr\$ 62,00). O T-Bone, uma sugestão de churrasco, custa Cr\$ 53,00. Drinques no "Bar Capricórnio" ou na lanchonete "A Varanda", onde os sanduíches frios custam de Cr\$ 12,00 a Cr\$ 19,00. Aos sábados, o "Hilton Roof", a boate do hotel, abre desde 11 da manhã, para a sua "feijoada-dançante" (Cr\$ 55,00 por pessoa).

As escolhinhas que ensinam a jogar futebol

Nossa cidade conta com várias escolhinhas onde os garotos podem aprender a praticar vários esportes, sem pagar nada. Algumas fornecem o material necessário, outras funcionam como uma espécie de internato. É o caso da Escolinha de Futebol do São Paulo, no Estádio do Morumbi, para meninos de 10 a 15 anos. Ela tem alojamento para os alunos e oferece alimentação e material (calção, meias, chuteiras).

E não é só futebol: os meninos são obrigados a estudar, e o São Paulo paga o colégio. O Palmeiras tem também uma excelente escolinha. Mas os meninos não precisam morar no clube, nem é necessário que seus pais sejam sócios. Além do futebol,

o Palmeiras mantém também cursos de basquete e natação, com aulas diárias. O clube fornece o material. Sob a supervisão de Maria Esther Bueno, há uma escolinha de tênis no Ibirapuera, mantida pela Prefeitura. Também no local, cursos de vôlei, basquete e atletismo. Outra escola da Prefeitura no Pacaembu, para tênis, basquete, vôlei, natação e atletismo.

As divertidas boates do roteiro gay

Um roteiro divertido e diferente para quem quer curtir a noite: os cenários gay de São Paulo. Comece, por exemplo, pelo Medieval (Augusta, 1605), famosa por ser a maior casa gay" da cidade. No bar da entrada, um piano de cauda à disposição dos fregueses mais

dotados. No palco, às terças, quartas e domingos, show de travestis, sempre à meia-noite. Consumo: durante a semana, Cr\$ 60,00; sábados, Cr\$ 70,00. No Batuque (Frederico Steidel 38), a grande especialidade são as batidas, ao som de música brasileira. Consumo (Cr\$ 30,00) só nos fins de semana, com direito a três drinques. O Danny (Rua Teodoro Bayma) tem música de fita, pop e mpb. É um célebre ponto de reunião de travestis, mas sua frequência é a mais variada possível. Dizem que a casa é mais indicada para as mulheres.

Dizem também que lá se encontra taxi-boys. A consumação (Cr\$ 25,00) é paga na porta. Outras duas dicas do roteiro gay da cidade: o Sombrasol (Av. Consolação, em frente ao cemitério) e Nostromundo (também na Consolação, junto ao viaduto que desce para a Rebouças).

No palco, Regina Duarte e Raul Cortez. De graça.

A noite de segunda-feira é a folga tradicional das companhias de teatro. No entanto, de algumas semanas para cá — e também durante as próximas — a noite de segunda-feira vem sendo um programa muito especial para quem gosta de teatro. O endereço é o Teatro Paiol, na rua Amaral Gurgel. É o programa e a série de leituras de peças premiadas pelo SNT no seu concurso de dramaturgia do ano passado. Da série já participaram, entre outros, atores e atrizes como Regina Duarte (em "O Terrível Trágico-Triste Fim de Semana de Fátima Maria da Glória", de Ricardo Meirelles Vieira) ou João José Pompeu (em "Concerto nº 1 Para Piano e Orquestra", de João Ribeiro Chaves Neto).

Inutilidades: teoria e prática.

Quando quero mesmo fugir da rotina sabe o que faço? Parto à caça de uma inutilidade. Pois é, gosto do design moderno. Adoro as relíquias antigas. Mas se tenho uma paixão irremediável, essa é pelas inutilidades. Que podem ser um objeto qualquer, muitas vezes totalmente inútil. Mas com uma característica primordial: a bossa — ou seja, uma autêntica personalidade. Normalmente, minhas inutilidades obedecem a uma outra regra: sua época de fabricação varia entre 1900 e 1950.

Reconheço as inutilidades pela barrigada. Os americanos chamam isso de gut—feeling, que consiste numa mistura de instinto de cabeça com faro no nariz, mais um friozinho no estômago. Trata-se de uma qualidade que tanto pode ser inata, como resultado de muitos anos de treino, curiosidade e péssimas pechinchas. De qualquer maneira, reconhecer uma inutilidade acaba sendo mais uma questão de valorização pessoal de determinado objeto do que qualquer outra coisa.

Procurar uma inutilidade é muito divertido. Mas o grande desafio consiste em saber o que fazer com a peça, uma vez descoberta. Exemplo: certa vez encontrei uma saboneteira de médico, um daqueles recipientes de vidro em forma de bola, com sabão líquido dentro. Saboneteiras parecidas, com seus líquidos esverdeados ou cor-de-rosa são bastante comuns, existem até nos lavatórios dos cinemas. Só que a "minha" saboneteira era americana e devia ter já uns cinquenta anos. Pois bem, o dono da saboneteira, um negociante de material de construção usado, não quis vendê-la. Lógico: ele usava cada vez que lavava as mãos.

Eu ainda não sabia o que fazer com a saboneteira, mas não desisti. Voltei para casa, acariciando aquela inutilidade em meus pensamentos. Foi aí que deu o estalo: uma lâmpada! Sim, com uma lâmpada dentro da bola de vidro, a saboneteira se transformaria num pequeno e charmoso aplique de parede.

Resolvi fazer nova proposta de compra no dia seguinte. O dono, nada. Mas tentei minha insistência num hábito diário.

Até que consegui: o dono acabou me dando a saboneteira de presente, com votos de bom proveito. Foi assim que ganhei uma lâmpada maravilhosamente absurda, que projeta as palavras Efficient M.D. nas paredes escuras do hall do meu apartamento, iluminando minhas entradas e minhas saídas.

Finalmente, antes que você saia também à caça de suas inutilidades, um pequeno conselho: o que é um traste para seu melhor amigo pode ser um fabuloso achado para você. Daí o charme.

Kicki Hultén



A Diâmetro está construindo apartamentos em Perdizes do mesmo jeito que você faria sua casa: com jardim, quintal e piscina.

O Edifício Leme está dentro de um jardim com dois mil metros quadrados, piscinas e playground, na Rua Ministro Godoy, 679.

São apartamentos de três ou quatro dormitórios, dois banheiros, sala-living e demais dependências.

Com armários embutidos, carpete, telefone interno com a portaria, uma ou duas garagens e acabamento Diâmetro.

Você ainda tem um salão de festas para suas reuniões, piscinas, quadra de basquete e telefone opcional, pelo Plano de Expansão da Telesp.

Entrega em dezembro/75.

Preço: 875.000,00.

Financiamento: 464.680,00.

Primeira prestação: 5.724,54.

Informações no local até as 20 horas.

diâmetro

a Ideologia do conforto

Vendas a cargo de:

PRISMA EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS S.A.

Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1766, 14.º andar.

Telefones: 210-9230, 210-9106, 211-9420, 211-6497 e

211-7166 (PABX).

Secovi 344

Sindicalizado Creci 307

nexus



NA HORA

De madrugada, com pouco dinheiro E conseguindo comer bem.



Quem tiver algum dinheiro no bolso não passa fome na madrugada paulistana. Há pelo menos quatro casas onde é possível comer razoavelmente bem durante a noite — casas que não fecham nunca.

Eduardo — Durante algum tempo, foi o restaurante da moda em São Paulo. Lá se reuniam atores, astros e estrelas da televisão. As celebridades foram embora para o Gigetto, Giovanni e Piolim, mas a qualidade do churrasco permanece. Preço médio da refeição, sem acompanhamentos: 35 cruzeiros. Fica na rua Nestor Pestana nº 36, quase na esquina da rua da Consolação.

Jota's — Mais de 60 variedades de sanduíches — de 3 a 40 cruzeiros. Na rua Cesário Mota, esquina com Major Sertório e na Consolação, sobre o complexo viário da avenida Paulista.

Well's — Cadeia de lanchonetes pertencente ao supermercado Pão de Açúcar. Serve um suculento café da manhã: ovos fritos, bacon, frutas, geléia, sucos naturais de abacaxi, laranja ou manga, café com leite, biscoitos. Preços entre 5 a 50 cruzeiros. Na avenida Brigadeiro Luiz Antonio (ao lado do Jumbo), na Praça Panamericana e no Shopping Center Iguatemi.

Sanduba — Sanduíches e jantares a noite inteira. De 6 a 40 cruzeiros. Rua Sergipe, 36.

Para filmar, fiscalizar obras ou fazer viagens curtas, vá de helicóptero.

Alugar um helicóptero de dois lugares custa entre Cr\$ 1.600,00 e Cr\$ 2.000,00 por dia na Heliservice, empresa fundada no começo do mês e que tem hangar no campo de Marte. A empresa tem cinco helicópteros, mas vai aumentar sua frota para doze, nos próximos dias, e construir um heliporto às margens da Rodovia Castelo Branco, para funcionar no ano que vem; tem também helicópteros de três lugares (Cr\$ 2.500,00 por dia) e de quatro (de Cr\$ 3.800,00 a Cr\$ 4.000,00). Os helicópteros da Heliservice vêm sendo usados principalmente por executivos de grandes empresas, por agências de propaganda que fazem filmes para TV, por empresas construtoras e de reflorestamento, para inspeção de obras e transporte de pessoal.

Saia da chuva dentro de um carro de luxo. Um táxi.

Num dia de chuva, às 6 da tarde, em pleno centro da cidade, ficar irritado por falta de táxi num momento de urgência pode ser a reação mais comum do paulistano. Mas não é a mais necessária: a qualquer hora do dia ou da noite você pode conseguir um táxi, onde quer que esteja, desde que se disponha a gastar um pouco a mais.



Uma das maneiras, a mais fácil, é ligar para 256.0033 ramal 910. É o telefone do Hotel Hilton. Mande chamar o sr. Mendonça, que é o coordenador dos táxis. Ele mandará um táxi de luxo buscá-lo. A bandeirada é 20 cruzeiros, mais 2,70 cruzeiros por quilômetro rodado. A hora parada custa 55 cruzeiros.

No Hotel Eldorado, na portaria (fone 256.8833) pode-se também contratar os serviços de um táxi de luxo, a 60 cruzeiros por hora.

Mas não é o único meio. Na portaria dos grandes hotéis — Jaraguá, r. Major Sertório; Samambaia, r. 7 de Abril, 422; San Raphael, av. São João, 1173; e assim por diante — não há um serviço regular de atendimento de táxis. Mas há sempre um bom número de táxis parados na porta, e uma boa conversa com o porteiro, acompanhada de uma gorjeta, podem resultar numa solução.

À noite seu carro quebra. Você sabe onde consertá-lo?



Há dois pontos da cidade onde se pode encontrar, a qualquer hora do dia ou da noite, mecânicos para reparos rápidos em automóveis. Na rua da Consolação, entre a rua Maria Antonia e a rua Sergipe, há dezenas de oficinas especializadas em eletricidade de automóveis. Na avenida Brigadeiro Luiz Antonio, entre a rua Estados Unidos e a José Maria Lisboa, ficam os borracheiros.

Talvez a frase mais comum sobre a cidade seja a de que aqui tudo é difícil. Os bares da Europa fecham irremediavelmente às onze. Na Holanda os barbeiros só trabalham dois dias por semana. Em Zurique é impossível comer um sanduíche depois das dez, exceto em casa. Mas o paulistano crê que viver aqui é difícil. Em São Paulo há um telefone, que chamado a qual quer hora do dia ou da noite, informa um versículo da Bíblia. Há outro que fornece qualquer informação de emergência. Há um psiquiatra e um padre permanentemente a espera de que alguém peça ajuda. Há restaurantes de luxo que nunca fecham, e cinemas com sessões que começam às 2 da manhã. Há uma biblioteca de psicultura e uma discoteca, de esperar. Há modos de conseguir um táxi a qualquer hora do dia ou da noite. Há um modo de mandar uma flor à namorada, a qualquer hora do dia ou da noite. Há um modo de encomendar por telefone o que quer que seja, de um guarda-chuva a hipopótamo. Há um modo de obter qualquer livro, mesmo esgotado. Há um modo de informar-se sobre tudo, mesmo sobre o que as enciclopédias não sabem, com um único telefonema. Há empresas que fretam aviões, arrumam empregos, alugam roupas, arrumam namorada, esposa e desquite, consertam casamentos.

Mas o paulistano ainda acha que aqui tudo é difícil. Por isso é preciso sugerir-lhe como viver em São Paulo, com jeito.

NÃO SE AFOBE



227-3333

É o número do telefone da Rádio Patrulha, de plantão 24 horas por dia. Pode ser utilizado não só para problemas policiais, mas para solicitar qualquer tipo de socorro urgente: um acidente, remoção de pessoas para hospitais e maternidades. E até para prestar informações sobre como agir numa situação de pânico.

240-0606

Instituto de Psiquiatria Comunitária — O serviço chama-se PAP — Pronto Atendimento Psiquiátrico. Uma equipe de psiquiatras sempre de plantão oferece serviços psiquiátricos que vão de uma simples conversa com o paciente, fornecimento de remédios e até, se for o caso, providenciar o internamento do paciente.

34-4116

É do Juizado de Menores. Lá pode-se obter informações sobre crianças desaparecidas e sobre tudo o que se refira a menores de idade (por exemplo, como fazer para que uma criança possa viajar de ônibus ou de avião desacompanhada).

32-0236

Com esse telefone, você pode obter informações sobre horários, preços e ingressos de todas as peças de teatro, shows e espetáculos em cartaz na cidade. É o telefone da Casa do Espectador, onde se pode comprar ingressos para esses espetáculos.

33-2050

Centro de Valorização da Vida — Basicamente socorre as pessoas em momentos de crise emocional — por telefone ou pessoalmente. Durante 24 horas por dia há funcionários de plantão junto aos telefones, aptos até a impedir suicídios de pessoas desesperadas.

35-1511

Porta Aberta — É um serviço de orientação e encaminhamento de pessoas em estado de angústia e de depressão. Mantido pelos monges franciscanos, encarrega-se também de dar informações para pessoas que procuram emprego e de oferecer os mais variados tipos de ajuda a pessoas em situação difícil em São Paulo. Funciona das 18 às 24 horas.

37-6459

Até às 20 horas pode-se conseguir, por este telefone, qualquer livro disponível no mercado, brasileiro ou importado. É da **Ibrex-Livros por telefone**. O livro é entregue a domicílio, sem nenhum acréscimo no preço.

100

Caso você não consiga falar com algum dos telefones indicados aqui, disque o número 100. A telefonista de auxílio poderá ajudá-lo.



DE GRAÇA

Como passar duas horas ouvindo de Bach a Carmem Miranda (ou lendo Balzac).



Que pode fazer em São Paulo um vendedor entre duas entrevistas, um funcionário na hora que sobrou do almoço, um estudante que ficou sem a última aula, um visitante do interior que já gastou sua "verba" mas ainda quer curtir a cidade?

Ouvir música, de graça, numa discoteca pública, pode ser o melhor meio de empregar esse tempo, curto demais para ir em casa e voltar, longo demais para não se fazer nada.

Na rua Catão, 611, na Lapa, fica a **Divisão de Discoteca e Biblioteca de Música**, da Prefeitura (que antes ficava na Brigadeiro Luís Antonio). A Divisão tem 30.000 discos, e está aberta de segunda a sexta-feira, das 11 às 23 horas.

Lá você pode ouvir música de todos os gêneros. Mesmo os discos em forma de cilindros, inventados por Thomas A. Edison e hoje raríssimos, ainda podem ser tocados no velho fonógrafo da Divisão. Na mesma sala, três modernos aparelhos estereofônicos tocam Beethoven e Carmem Miranda, Couperin de Carlos Gardel. Só músicas de cantores populares muito recentes, como Caetano ou Chico Buarque, ainda não podem ser tocadas nos fonógrafos da Divisão, que só põe as gravações à disposição do público quando elas já não estão à venda nas lojas.

A Divisão possui 30 mil discos e fica aberta de segunda a sexta-feira, das 11 às 23 horas.

Você pode também gravar em fita as músicas que quiser — dentro, é claro, do limite de permanência na cabine: duas horas. Uma das cabines tem mesmo uma tomada, para quem esquecer as pilhas do gravador.

O ouvinte escolhe seus discos — por título, intérprete ou autor — num grande arquivo, preenche uma ficha e entra numa cabine, onde quatro botões trans-

mitem suas ordens (iniciar, aumentar, diminuir, parar) ao discotecário, geralmente com música ou professor de música.

Se você, além de um paulistano com algum tempo de folga, é também um estudioso, pode requisitar a partitura ao discotecário, e ler música enquanto a ouve. Para o apreciador, não de música, mas de História, há gravações da voz de brasileiros importantes na política e na cultura. (Programa semelhante você pode fazer no Museu da Imagem e do Som, av. Europa, 158, de segunda a sexta das 15h30 às 22h30).

A Divisão tem ainda um telefone — 266-0079/78 — que informa desde autor e ano de qualquer música, até qual o melhor ônibus para se chegar à Discoteca, de qualquer ponto da cidade.

AS BIBLIOTECAS

Uma outra opção para preencher seu tempo livre, de manhã ou de tarde, é ir a uma biblioteca. Existem muitas em São Paulo, mas estas são algumas das principais mais próximas do centro. Todas são gratuitas: basta escolher o livro num arquivo de títulos, e pedi-lo ao bibliotecário.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade, r. da Consolação, 94. Possui 850 mil obras que funciona das 8 às 24 horas, inclusive aos sábados, domingos e feriados. Salas de belas-arts, raridades e mapoteca; livros, jornais e revistas.

Biblioteca do Tatuapé, av. Celso Garcia, 4.200. Dezenove mil obras, funciona das 8 às 22 horas de segunda a sexta-feira e aos sábados e domingos das 9 às 18 horas.

Biblioteca do Ipiranga, r. Cisplatina, 505. Com 16.200 obras, funciona no mesmo horário da Biblioteca do Tatuapé.

Biblioteca da Moóca, r. Bresser, 2.557. Possui 16.800 obras e funciona das 8 às 21 horas de segunda a sexta e aos sábados e domingos das 8 às 12 horas.

A melhor notícia deste jornal:

CASAS PERNAMBUCANAS

Já estão no
Continental Shopping
Center.



Uma loja em cada bairro e muitas pelo Brasil.

CASAS Onde todos compram.
PERNAMBUCANAS

A ginástica pode salvar seu coração

De cada duas pessoas que morrem, em São Paulo, uma é vítima do coração. Que continua cada vez mais ameaçado pelos chamados fatores de risco: hipertensão arterial, diabetes, hiperlipidemia, fumo, stress, vida sedentária e obesidade.

A não ser que se mude o ritmo de vida — solução impossível para quem vive em São Paulo — o coração irá precisar de cuidados especiais. Mais que os check-ups periódicos, meros testes de suficiência, é importante aplicar a técnica do condicionamento físico. Em outras palavras: como qualquer músculo do corpo humano, o coração precisa ser treinado, exigido, mantido permanentemente em forma. Essa é a única alternativa para compensar os prejuízos de quem vive dentro da cidade, como informa o prof. Wanderley Nogueira da Silva, da Faculdade de Medicina da USP.

O homem, graças à sua inteligência, inventou a roda. A roda levou-o a construir estradas, e enfim chegamos ao automóvel. Desde então, ele passou a ter vida sedentária e, assim supernutrido, começou a gozar as delícias de uma vida de fartura. Nesse paraíso gorduroso e sem exercício, houve um aumento progressivo da incidência da arteriosclerose coronária, com suas complicações — angina de peito, enfarte de miocárdio. Nesse contexto é que surgiu a técnica do condicionamento físico.

É óbvio: em lugar de viver na aflição de descobrir os tais fatores de risco, é importante saber se eles, de fato, interferem no funcionamento do organismo. Para isso, a providência preliminar é submeter-se a um

check-up preventivo, tão completo que inclua eletros de vários tipos, exames de sangue e provas de esforço, sob a supervisão de professores de educação física e médicos competentes. São eles que vão orientar o tratamento, de tal forma que a manutenção permaneça no ponto de equilíbrio.

As clínicas especializadas no condicionamento físico estão equipadas com todo o material de treino. É a reprodução de um ginásio esportivo, repleto de bicicletas, ciclômetros, esteiras rolantes, pranchas de ginástica, halteres. Em condições normais, o paciente enfrenta três sessões semanais de uma hora. Explica o prof. Wanderley Nogueira:

— Como resultado dos exercícios, as fibras musculares do coração crescem, mantendo suas proporções naturais em relação à circulação. Esse aumento fisiológico no tamanho do coração, torna possível um volume de poupança de energia

e oxigênio. Isto é: aumentam as reservas orgânicas e a força física em geral. As artérias coronárias são também estendidas numa proporção semelhante ao do sistema muscular. Assim, a capilarização do músculo cardíaco treinado aumen-

ta significativamente.

Tempo é dinheiro. Mas é vida também. Adiar a consulta, desprezar o condicionamento físico, pode levar o coração à beira do enfarte. A não ser que o bilhar seja seu esporte habitual, pois, como observa o prof. Nogueira:

— Nunca vi jogador de bilhar que não seja magro...

Os exames vão fornecer, ao médico, a possível presença de gorduras e açúcares, além da situação de órgãos importantes como rins e fígado. As provas de esforço (exame ergométrico) testam a capacidade operacional do coração, em avaliação feita em bicicleta ou esteira rolante. Finalmente, o eletrocardiograma e a eletrografia

dinâmica fixarão o comportamento da máquina, o coração. A análise é de Fabio Sandoli de Brito, diretor do Procordis:

— O eletrocardiograma tradicional é muito limitado. Restringe-se a um exame do paciente em condições artificiais, durante cinco ou seis minutos, fornecendo dados de 30 a 50 batidas do coração. A eletrocardiografia dinâmica, por sua vez, revela o desempenho do órgão por um período bem mais longo, de 12 a 24 horas. Assim, permite avaliar mais de 150 mil batimentos cardíacos.

Para executar a eletrocardiografia, um gravador é ligado a eletrodos fixados no tórax do paciente. A fita vai operar por um longo período, em intervalos, para checar o comportamento cardíaco dentro do meio-ambiente. Isto é, em situações de tensão, esforço, emoção e relações sexuais.

O serviço de reabilitação programada e supervisionada põe o coração em condições de enfrentar o desafio do dia-a-dia. Para prevenir o enfarte, ou mesmo quando ele já ocorreu, essa técnica envolve a prática de esportes não-competitivos. Do tipo: marcha a pé, corrida, bicicleta, pular corda, natação. Se existem os fatores de risco, a técnica deve ser aplicada.

Implantada há quase vinte anos na Suécia e Dinamarca, desenvolvida em seguida em Israel e Estados Unidos, essa técnica chegou ao Brasil há quatro anos. E vem sendo aplicada pelo Instituto de Cardiologia (r. Oito de Novembro s/n), Procordis (r. Estados Unidos, 2.031) e Unicolor (av. São Gabriel, 359).



O coração precisa ser treinado.

Clínicas: preços, instalações e algumas facilidades.

1º INSTITUTO DE CARDIOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

R. 8 de Novembro s/n — Ibirapuera.

— Instalações adequadas para check-up e condicionamento físico.

— Responsável: dr. Joseph Feher.

— É preciso ser inscrito no Instituto e recomendado pelos seus médicos, tanto para fazer o check-up, quanto para se submeter ao condicionamento físico.

— A inscrição no Instituto custa Cr\$ 200,00.

— O exame ergométrico custa Cr\$ 500,00.

— O condicionamento físico depende das condições econômicas do paciente e da recomendação de seu médico.

— Observação: é preciso ir pessoalmente fazer a inscrição.

2º PROCORDIS

r. Estados Unidos, 2.031
Fone: 282.7000 — 282.9182 — 80.4597.

— Instalações modernas e adequadas para check-up e condicionamento físico.

— É o único que possui equipamentos completos de análise de eletrocardiografia dinâmica sistema holter.

— Responsável: dr. Fábio Santoli de Brito.

— O check-up completo, incluindo exames de laboratório, eletrocardiograma, eletrocardiografia dinâmica e teste de capacidade física custa Cr\$ 1.500,00 — se forem necessários exames extras de laboratório esse preço poderá ser acrescido, dependendo, de sua quantidade.

— O condicionamento físico com

três sessões semanais de 45 a 60 minutos custa Cr\$ 600,00 por mês.

3º UNICOR

av. São Gabriel, 359
Fone: 80.4405

— Instalações modernas e apropriadas para check-up e condicionamento físico.

— Responsável: dr. Renato Duprat.

— teste ergométrico, ou de capacidade física, custa Cr\$ 500,00.

— exames de laboratório, custom Cr\$ 800,00.

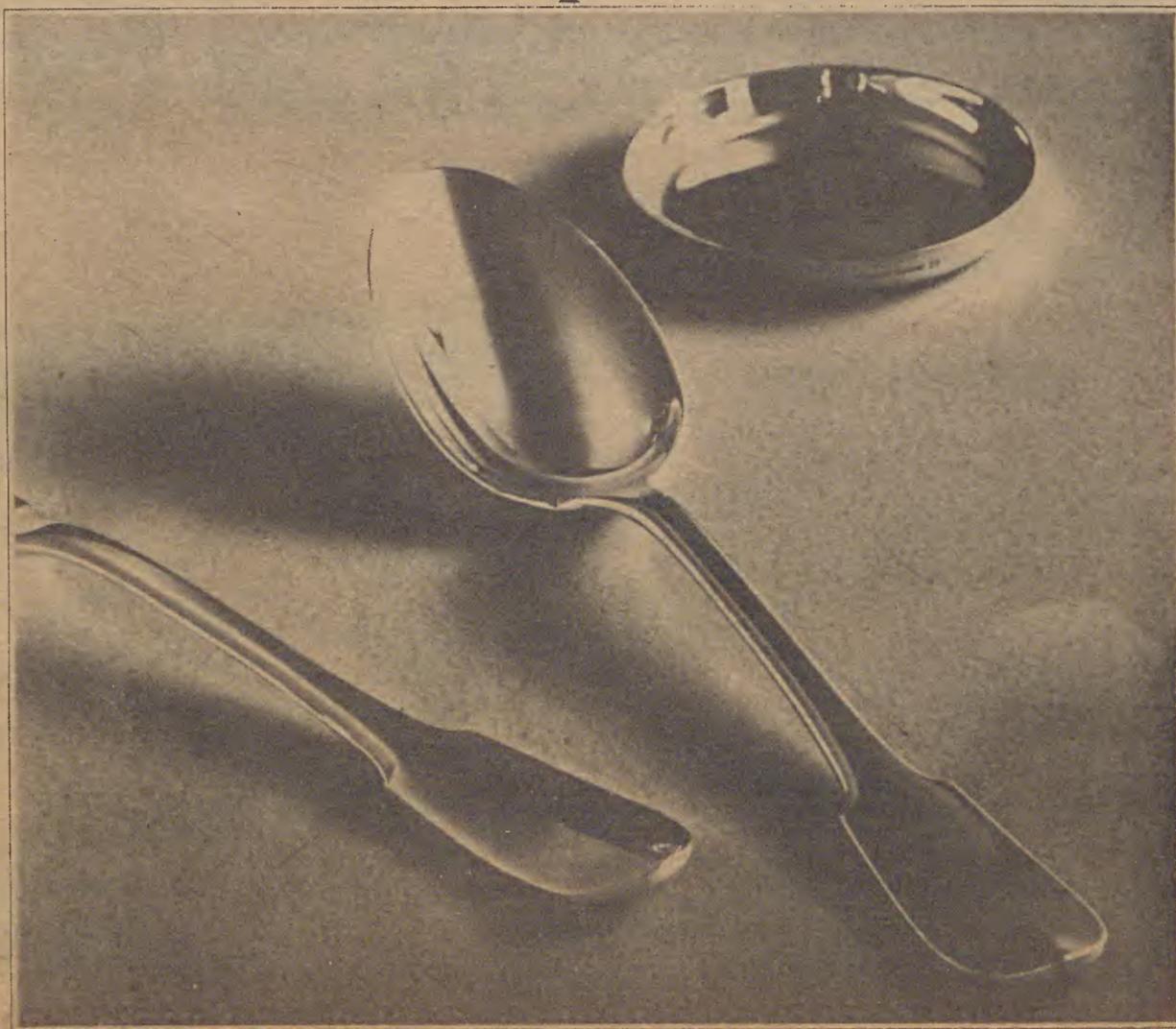
— O condicionamento físico, com três sessões semanais de 45 a 60 minutos custa Cr\$ 400,00 mensais.

Os tempos mudam. Mas Christofle está sempre na moda. Desde 1830.

Christofle

**GERMANO MARIOTTI
& DUARTE DE AGUIAR**

São Paulo - Rua Sampaio Vidal, 72 - Fones - 81-4396 - 81-4545
Salvador - Vila da Barra - Av. 7 de Setembro, 540



Bureau



Tão bonita e cheirando a bife.



Não adianta dizer que usa exaustor como todo mundo.

É esse exatamente o problema. Os exaustores comuns apenas espalham a fumaça em lugar de mandá-la para o espaço. Só existe um tipo de aparelho que funciona mesmo: Exhaust-Ar.

É também o único que pode ser chamado de mini-coifa, pois foi o primeiro a ser planejado para os pratos da cozinha brasileira. Outros modelos que copiaram a Mini-Coifa Exhaust-Ar, só têm a sua aparência.

Procure conhecer Mini-Coifa Exhaust-Ar. Jamais sua cozinha ficará enfumaçada. Nem você.

Fabricado e garantido pela

ANEMOTÉRMICA
ENGENHARIA E INDÚSTRIA LTDA.

Exposição: Al. Gabriel Monteiro da Silva, 130
esquina da Avenida Rebouças
Telefones: 81-8541 - 81-5433 - 80-9064
80-8996 - São Paulo



Mini-Coifa
Exhaust-Ar

**É diferente dos exaustores
comuns: funciona!**

Bureau

TELEFONES DOS REVENDEDORES EXHAUST-AR EM SÃO PAULO:

33-2931	62-6029	70-1996	81-5575	93-1912	210-2381	211-6270	211-7155	239-3811	246-2085	260-8094	262-2816	275-0398	287-0435	292-9485	298-3052
33-6151	62-6053	80-0240	81-8997	93-1466	210-1819	211-6911	220-5171	239-4497	257-4842	275-8545	266-1595	278-6979	287-6544	292-5902	298-9081
34-5381	63-6950	80-3692	81-5575	210-1011	210-7080	211-7011	227-8622	239-4635	260-0015	260-4422	266-1482	278-8666	287-7244	295-0758	299-1278
62-4705	65-2515	81-5030	92-5204	210-2237	210-0503	211-8122	239-4497	241-5429	260-4411	262-9933	269-3681	282-3914	288-7250	298-9482	299-0259
	70-7268		92-4499												

DISCOS

A corrida do samba e seus principais favoritos



CLARIDADE, com Clara Nunes (Odeon); **MARAVILHA DE CENÁRIO**, com Martinho da Vila (RCA)

Foi dada a partida. Como sempre se repete nos últimos três meses de cada ano, as gravadoras lançam-se na corrida pelas copiosas vendas que antecedem o natal, numa competição que monopoliza seus principais vendedores de discos. Para disputar a hegemonia outrora ocupada pelo "rei" Roberto Carlos, Clara Nunes e Martinho da Vila já tem seus Lps anuais no mercado encabeçando os listões das paradas, numa prova cabal e sintomática do retorno glorioso do samba, embora em correntes diversas e nem sempre confluentes. Seus discos, irpreensivelmente equilibrados e cuidadosamente elaborados (notadamente o de Martinho), acompanham as fórmulas e imagens dos respectivos e bem sucedidos Lps anteriores. Uma questão de coerência ou de interesse? Certo é que se ambos coincidem em época e partem de uma base comum, divergem no conteúdo e no resultado.

Em "Claridade" (200.000 cópias vendidas antecipadamente), a mineira Clara Francisca Gonçalves, depois Nunes, prossegue em sua trilha iniciada há quatro anos — dos quinze de carreira, muitos deles marcados pela indefinição, a de hábil

e talentosa intérprete de sambas. Com impecável afinação, reconhecida fluência e um agradável timbre de voz, Clara coloca a dose exata para alcançar suas pretensões, responsáveis pela posição da cantora entre as poucas eleitas da alta corte musical brasileira — a primeira mulher a permanecer durante semanas no hit parade, desde os gloriosos tempos de Elis Regina no Fino da Bossa. Seu cuidadoso repertório explora o filão descoberto há algum tempo e solidamente assegurado em "Alvorecer", seu disco anterior. Combina o apelo popular ("O Mar Sereno"), felizes recriações ("Tudo é Ilusão"), compositores de nível (Nelson Cavaquinho em "Juízo Final"), Ismael Silva em "Ninguém Tem que Achar Ruim" e Cartola em ("Que Seja Bem Feliz") e inevitáveis momentos românticos ("Vai Amor"). Enfim, um alinhavado produto, inexplicavelmente soterrado em algumas faixas por incompatíveis e tempestuosos violinos do maestro Gaya, embora dignos da conspurcada capa do disco.

De delírios de cordas ou metais e de maculadas capas não padece Martinho José Ferreira, incólume cultor do samba tradicional desde que estreou e se tornou sucesso nacional em 69, com "Pequeno Burguês" e "Casa de Bamba".

Popularizador do partido alto e simplificador dos sambas-enredos, ele talvez melhor se defina como o inovador dos conservadores, característica mantida em seu novo e sétimo Lp. Sem excessos ou desperdícios, "Maravilha de Cenário" não só já tem seu sucesso assegurado pelas 300.000 cópias vendidas por antecipação como aprimora os resultados dos discos anteriores do compositor. Em 12 faixas com raros deslizes, Martinho da Vila (Isabel) descreve com voz sussurrada e maleável um panorama de seu universo musical, num samba-enredo ("Aquarela Brasileira", de Silas de Oliveira) ou num frevo ("Hino das Batutas de São Jorge"), em parceria com Paulinho da Viola ("Maré Mansa") e até mesmo por músicas de outros ("Andando de Banda", de Rildo Hora e Sergio Cabral).

Tudo sob uma produção aparatosa, da gravação no estúdio (que mobilizou cerca de 100 pessoas entre músicos e outros participantes) à faustosa capa, poster e ilustrações do artista Elifas Andreato. Ao evitar o óbvio e conservar suas fontes, Martinho continua malandramente instalado na privilegiada "pole-position" dessa corrida impulsionada pela ascensão do samba, por trás da qual, não se pode negar, há uma indisfarçável preocupação pelo sucesso das vendas.

Renato de Moraes

As galáxias e estrelas de Paul McCartney

VENUS AND MARS, com Paul McCartney e o conjunto Wings (Odeon).

De temperamento volúvel, frequentemente incompatível com sua imagem beatlemaniaca desde a dissolução do quarteto, Paul McCartney consolida em seu novo LP, "Venus and Mars", uma ambicionada reconciliação. Confirmando sua postura já delineada no disco anterior, "Band on the Run", abandonou definitivamente a repetição infatigável de idéias esgarçadas, como também sua momentânea adesão ao protesto, renovando-se em seu ponto mais frágil, o assunto de seus discos. E comprova apenas seus dons característicos, o de aplicado cultor das banalidades e o de inato e competente músico. Em fluentes baladas, algumas capazes de evocarem seus melhores momentos de "Abbey Road",

Paul desenvolve seu habitual "fair-play", combinando vozes, instrumentos, ritmos e interpretações com a destreza de sempre. Suas letras desta vez falam de estrelas e galáxias ("Venus and Mars"), influência



Linda e Paul: redimindo-se

confessada do escritor de ficção-científica Isaac Asimov, do mundo do show-biz ("Rock Show), das histórias em quadrinhos ("Magnetite and Titanium Man") e da mulher Linda ("Spirits of Ancient Egypt"). E reúne a técnica e a sensibilidade de um dos maiores conhecedores do rock e seus afluentes em soberbas criações ("Love in Song", "Letting Go"), acompanhado pelo conjunto Wings e presenças célebres como Dave Mason. Aos 33 anos e neste seu sexto LP individual, Paul atinge despreocupadamente o equilíbrio, depois de percorrer rotas paralelas e divergentes. Sem o saber, ele talvez as resume nos versos de "Treat her gently-lonely People": "Trate-a gentilmente/trate-a simplesmente/facilite as coisas/e faça-a saber que você nunca encontrará outro caminho".

R.M.

ARTE

Uma revista para o bem da arte

Malasartes, revista trimestral. Cr\$ 15,00 (livraria do MASP).

O nome é um achado. Malasartes, revista de arte lançada em São Paulo no dia 26 p.p. vem assinada por Cildo Meirelles, Walmécio Caldas, Carlos Vergara, Bernardo de Vilhena, Carlos Zilio, Ronaldo Brito, José Rezende, Luiz Paulo Baravelli e Rubens Gerchman que assumem o compromisso de se "concentrar no estudo dos processos de produção de arte, na sua veiculação e nos mecanismos que a realimentam". Desligada de qualquer grupo ou mentalidade empresarial, Malasartes permite a livre expressão dos artistas e pensadores voltados para a realidade da arte contemporânea.



Steinberg

Malgrado, muitos dos artigos publicados são escritos em linguagem subjetiva, o que pode acarretar ser seu desfrute completo privilégio de um grupo ao qual sua termino-

logia é familiar. Tão importante quanto ler é ver Malasartes que sabe equilibrar racionalmente texto e ilustração. Por ser porta-voz da arte, agora, e singular, seja bem vinda.

EXPOSIÇÕES



WALTÉRCIO CALDAS JÚNIOR — *Só conhecendo-lhes as regras e truques é possível propor jogos. Walmécio Caldas propõe os seus. A primeira visão da sua exposição, o jogo já está estabelecido, a falta de linearidade é sua regra: ao lado de um desenho há um projeto, em seguida outro desenho aparentemente sem ligação com o primeiro, obrigando o espectador à constante mudança de leitura e referência. Inteligente, seguro em sua proposta, Walmécio, carioca, 29 anos, declara que o humor é fundamental. Em seus trabalhos ele não transparece à primeira vista, porque sutil e revelado apenas atingindo-se certa profundidade de observação. Cultor da linguagem de sua arte, ele oferece jogos e alternativas para que o espectador use seus dados pessoais. Em "Leitura Silenciosa", por exemplo, recordando remotos exercícios escolares, dispõe uma série de desenhos com elementos de imediato reconhecidos por quem os lê, à exceção de não-identificável, o que deixa a leitura reticente e o espectador perplexo. Outro exemplo: a oferta aos visitantes de uma cartela com várias etiquetas auto-adesivas contendo a palavra FIM impressa, para que cada qual proponha o seu jogo. Um universo de sugestões, no qual o interesse maior ou menor, depende da percepção individual, ou da predisposição. Façam seus jogos. 15 trabalhos de 2 a 10 mil cruzeiros. Galeria Luisa Strina (rua Padre João Manuel, 974A).*

ANTONIO MAIA — Autodidata, Antonio Maia, 47 anos, traz implícita na pintura a sua vivência em Carmópolis, Sergipe, onde nasceu e viveu até os 27 anos. Suas telas de cores puras, contrastantes, e figuras mágicas derivadas de ex-votos possuem um estilo pessoal inconfundível, essencialmente brasileiro. 22 óleos sobre tela de 4 a 18 mil cruzeiros. Galeria Arte Cosme Velho (al. Lorena, 1579), até dia 15.

DESENHO INDUSTRIAL ITALIANO — Muitos dos obje-

tos expostos são familiares ao paulistano, já que encontram-se à venda em lojas da capital. Trata-se de dar nome aos bois e saber quem desenhou o que. Nomes como Marco Zanuso, Mário Bellini, Enzo Mari, Ettore Sottas, entre outros, assinam os mais variados objetos: de cadeiras e sofás a telefone, luminárias, tecidos, aparelhos de jantar. Se nem sempre os postulados do desenho industrial (boa estética aliada à função específica) são obedecidos e ainda se o requinte construtivo de certos objetos dificulta sua reprodução em escala industrial, de maneira geral são limpos, harmoniosos e funcionais. Fica a sugestão àqueles que em nome do "estilo" assentam-se em duras "marquesas".

MASP (av. Paulista, 1578), até dia 16.

HENRIQUE BOESE — Trata-se de um pintor, no sentido lato. Isso transparece no valor dado a pincelada e a textura que se observa em suas telas abstratas, de inegável rigor cromático. Nascido em Berlim, e oriundo do academicismo, aos 78 anos, Henrique Boese expõe trabalhos que refletem uma juventude criadora contida e disciplinada, com atmosferas um tanto nostálgica. 23 óleos sobre tela de 5 a 25 mil cruzeiros. Galeria Arte Global (al. Santos, 1893).

LASAR SEGALL — "Motivos ancestrais, uma formação cultural e psicológica livre de preconceitos conservadores, uma tendência para a expressão mais profunda da vida isto explicará, talvez, a escolha dos meus assuntos..." (1944). Assim se referiu a seus trabalhos o grande pintor russo, naturalizado brasileiro, muitos deles reunidos nessa exposição intitulada "Os Temas de Guerra e Extermínio". São telas vigorosas e comoventes, desenhos expressivos que refletem o homem profundamente comprometido com seu tempo, sempre em defesa do ser humano ainda que por isso condenando o mundo. Fundamental ver e refletir sobre essa mostra. Óleos, desenhos, gravuras, aquarelas e 1 baixo-relevo. Museu Lasar Segall (rua Afonso Celso, 362), até dia 16.

MADALENA SCHWARTZ — Denominada "24 Pintores Brasileiros e Suas Obras", a exposição de fotografias de Madalena Schwartz alcança plenamente seus objetivos. Expondo poses de pintores brasileiros como John Graz, Tomie Ohtake, Maria Bonomi, Volpi, Wesley Duke Lee e mais 19 nomes consagrados, ao lado das quais se encontra um obra do artista fotografado, ela procura "satisfazer uma curiosidade legítima". E realmente o faz,

inaugurando a primeira "exposição-catálogo", em que o público fica encantado de conhecer a fisionomia dos autores de todas aquelas belas obras. MASP (av. Paulista, 1578).

MORGAN-SNELL — Recebida com toda a pompa de visitante ilustre, por sua decantada consagração européia e seu ineditismo no Brasil, a pintora, escultora, gravadora e medalheira Flora Morgan-Snell inaugurou sua exposição com todas as cores de acontecimento social. Autodidata, procura em seus quadros o ideal de beleza e equilíbrio renascentistas, uma atitude no mínimo anacrônica nos "tempos modernos". Inegável a beleza artesanal de certos trabalhos, principalmente se observados à distância, ignorando-se os detalhes. A artista confessa extrair seus temas da mitologia helênica, da Bíblia, do Inferno de Dante ou do Paraíso de Milton, o que, felizmente, nos remete à realidade, pois ao chegar à exposição tem-se o súbito presentimento de ter entrado, por engano, no Olimp. MASP (av. Paulista, 1578).

NICOLA E DOUCHEZ — Inicialmente pintores, Norberto Nicola (brasileiro, 44 anos) e Jacques Douchez (francês, 54 anos), associaram-se para a criação do Atelier Douchez-Nicola de Tapeçaria, responsável, em seguida, pela elevação desse gênero à categoria de arte no Brasil. Hoje, que a tapeçaria abandonou seu lugar de direito (semântico, pelo menos), o chão (em francês "tapis") e ganhou o plano da parede ou o espaço, Nicola e Douchez criam "uma arte da fibra tecida, sem ligação com as artes da superfície pintada, que deve modelar o espaço". No que se refere a dimensão das obras, haju espaço. 16 tapeçarias de 16 a 80 mil cruzeiros. Galeria de Arte Documenta (rua Padre João Manuel, 811), até dia 15.

Coca de Oliveira

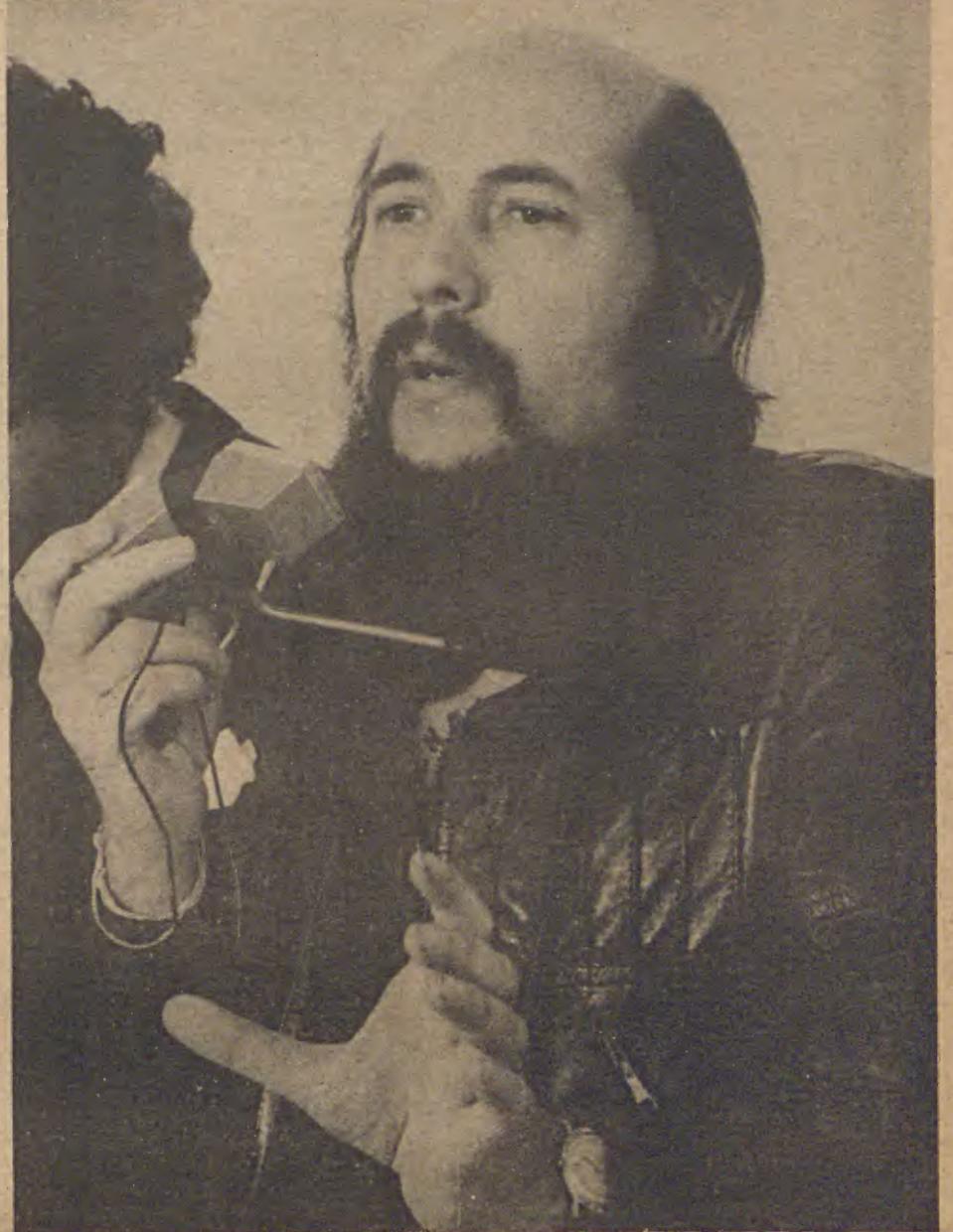


Realismo ou surrealismo? Farsa ou contestação? Arte antropológica ou antropofágica? Manifestação artística ou confusão generalizada? Tudo isso em apenas um dia.

A BIENAL DO ANO 2000



Na inauguração um coquetel de bananas



Fred Forest: um arqueólogo do futuro com olhar complacente

Um incalculável número de pessoas já visitou as quase 4 mil obras de 370 artistas e 40 países expostas na Bienal. Outro incalculável número deverá ali passar nos próximos 40 dias em que a mostra estará instalada no parque do Ibirapuera. Poucos, porém, tiveram a oportunidade de testemunharem uma inesperada, controversa e efêmera (apenas um dia) manifestação sucedida paralelamente, a "Bienal do Ano 2000". Os que não tiveram tal privilégio devem, em todo caso, manter-se atentos visto que entre outras insuspeitáveis peculiaridades atribuídas a esta mostra por seu criador, o francês Fred Forest, destaca-se o seu caráter "nômade", podendo pois ser remontada a qualquer momento em São Paulo. Os outros detalhes dessa Bienal do futuro estão no texto que se segue.

Ao contrário dos costumeiros atrasos nos preparativos da Bienal de São Paulo, esta conseguiu inaugurar-se com considerável antecedência: 25 anos. Aguardada com expectativa por parte dos interessados e certa apreensão da Bienal oficial, após sigilosos e misteriosos arranjos, Fred Forest, artista plástico francês inaugurou no dia 25 p.p. no

Museu de Arte Contemporânea de São Paulo sua "Bienal do Ano 2000". Oficialmente, com uma inusitada entrevista coletiva à imprensa, e, socialmente, logo depois com um insólito coquetel de bananas. Elegantemente dispostas em bandejas de prata, pencas delas foram oferecidas aos presentes, concedendo aos paladares mais exigentes, pouco afeitos ao prosaísmo de tal fruta, o direito de optar por fotografias de sorvetes e bolos, servidos em idênticos recipientes. Obviamente, a descontração desta bienal atenuou o humor cortante da manifestação crítica que se encobria por trás de sua "vernissage". Na verdade, essa é apenas uma contradição dessa bienal de contradições que, segundo seu autor, não contesta e sim constata. O que?

O movimento liderado pelo ex-deseñista Fred Forest que possui a adesão de alguns artistas brasileiros, pretende, situando-se no ano 2000 ter uma visão cultural dos anos 70. Denominando seu grupo de "arqueólogos do futuro", Forest propôs-se registrar com fotografias, tapes e entrevistas, o que se passou nos "idos de 75". A idéia não deixa de ser interessante pelo seu surrealismo mas não fossem alguns lances de inegável humor, sua realização seria totalmente desnecessária. Fazendo juz ao decantado "savoir-faire" francês, ele instalou na cabeceira da área de sua Bienal utópica uma grande "mesa de deliberação". Atrás, um aparelho de televisão emitia imagens de Forest, respondendo a uma entrevista dada por ele mesmo naquele momento. Num hilariante diálogo, conversava com, discutia, desafiava sua imagem no vídeo. Enquanto outros aparelhos transmitiam flagrantes da Bienal oficial, qual um "olho do futuro", conforme o artista captando o passado. E, à parte, limitados por uma cerca de madeira que inibiu inicialmente o público, funcionários do museu lavavam em baldes e bacias faixas que iam sendo penduradas em estandartes, quase todas com chavões popularescos, tipo "Eu sou da mamãe", "Abaixo o índio".

Em meio a toda essa parafernália, os arqueólogos do futuro, devidamente identificados com uma etiqueta colada à roupa, traziam a mesa o produto de suas pesquisas. Um

com inscrições azuis, declarou ser aquele objeto não identificado um indício de que no ano de 75, naquela região, ocorrera algo como uma Bienal. É especular demais. Não é preciso raciocinar muito para concluir que daqui a 25 anos, a menos que um cataclisma destrua a memória humana e a fábrica Kodak, qualquer pessoa viva até lá seguramente reconhecerá o objeto.

Extremamente falante (em francês, já que mal balbucia o português), envolvente e zombeteiro, Fred Forest sente grande prazer em falar de si e demonstra pretensões delirantes ao considerar "a primeira manifestação artística do ano" essa Bienal de caráter itinerante que propõe-se estar presente onde quer que haja um mostra semelhante - (Veneza, Paris, algures). Felizmente, sua brincadeira é inocente. Infelizmente, tanto esforço é vão. Após amplo esquema de divulgação, São Paulo assistiu em um dia a uma Bienal que propondo a não-contestação contesta até a atitude contestatória. Que em 1975 olha complacente para 1975. Que acontece mas não acontece, porque está no ano 2000. Quem quiser que conte outra.

Coca de Oliveira



Estandartes com chavões popularescos



Conversas com sua própria imagem

ROBERTO SANTOS

Um banquete para os críticos

Deixo um recado na casa de dona Lídia: "Assista O Jovem Frankenstein. Quero saber sua opinião".

Esse bilhete tinha um destino certo: provocar uma discussão que servisse de base para a matéria desta semana. Dona Lídia — para quem não a conhece — é uma velha fã de cinema, ouriçada, briguenta, muito sensível. Além disso, foi minha professora no curso primário. Uma professora que dedicava os últimos 15 minutos a contar e comentar os filmes que assistia, para toda a classe.

O tempo e o acaso se encarregaram de nos aproximar novamente, pois dona Lídia veio morar o uns dois quarteirões de minha casa. Conversa vai, conversa vem, ficou reatado o antigo respeito. E dona Lídia se mostrou imutável: a mesma incondicional admiradora de cinema que conheci antes.

O resultado do recado provocador não demorou. No primeiro encontro, a resposta vem direta: "Sua mulher me disse que agora você está fazendo crítica em jornal. É verdade?" E antes que eu possa explicar meus motivos: "Vai desaprovar tudo o que sabe de importante, sobre o nosso cinema. Acaba virando Maria vai com as outras, sem personalidade própria".

Agradeço o fato de ainda ter alguma — e espicaço: "Viu O Jovem Frankenstein?" A opinião dela chega incisiva: "Vi, e, se não tivesse pressa, ia lascar umas e boas sobre essa gurizada que vocês chamam de público inteligente e que eu prefiro chamar de malta sofisticada. Isso para não dizer que quem se diverte com o deboche de um grande filme do passado não tem lá um Q.I. muito especial".

E, depois de me encarar um instante: "Não vai me dizer que gostou?" Claro que gostei e disse isso, qualificando o filme de sensível, inteligente e apaixonado. Resposta de dona Lídia: "Esse negócio de se apaixonar e ao mesmo tempo ridicularizar a obra dos outros tem nome certo: insuficiência mental e sem-vergonhismo. É isso".

Peço que ela freie a sua agressividade na defesa do velho Frankenstein, porque isso a impede de analisar o jovem Idem, Idem.

Imediatamente, a sensível senhora anuncia que esse amor irracional pelo velho Frankenstein não está somente nela, que o próprio Mell Brooks não consegue esconder esse mórbido sentimento, pelo menos em duas ou três cenas, que ela caracteriza como aquelas que não provocam o riso fácil. E se recusa a especificá-las, pois acha que o tal público inteligente que vai assisti-lo deve ser inteligente mesmo e descobrir por si só.

E ainda mais: que o primeiro Frankenstein está na memória de duas gerações, enquanto que o produto sucedâneo (novamente a ironia) a gente esquece no dia seguinte, mesmo os basbaques que riem como hienas, durante a projeção, ou aqueles que dizem entender as propostas da nova obra-prima (ironia). Agora, quem começa a perder as estribelas sou eu. Tenho vontade de lhe dizer que entre as cenas de que gostou uma é sintomaticamente a que anuncia as bênçãos da imortalidade para o ser humano, pois não têm muito tempo de vida.

Acabo, porém, achando isso tudo uma grossura e uma impiedade que não tem sentido. E me enrolo em apreciações, tais como: análise de personagens, uso de linguagem e técnica próprias da época etc. etc. — que terminam por me tornar alvo do seu riso malicioso.

Então, como vencedora tácita, reafirma sua pressa e me convida a acompanhá-la na caminhada: "Olha, Roberto, paródias (e, para ela, O Jovem Frankenstein é paródia; e está acabado)... paródias de obras importantes, sempre existiram; mas, por mais inteligentes que sejam ou tenham sido, nelas sempre falta aquilo que o Dr. Frankenstein procura: um sopro de vida imortal". E, complacente: "Pode anotar isso, se quiser". Depois, continua a pontificar: "O primeiro filme tinha essa grandiosidade. E já sei, nem precisa me dizer, é a distância que está me fazendo enxergar assim. E se for isso mesmo? Pois, para que é que serve a memória distorcida, senão para revitalizar esse sopro de que a gente falou? Não foi o que o seu coleguinha lá dos States fez? Só que ele distorce do jeito dele; e eu, do meu. A vantagem dele: ganhar milhões de dólares. Desvantagem minha: perder meu tempo e, ainda por cima, ser chamada de saudosista e de caduca. Não estou certa?".

Chegamos diante do portão da casa de dona Lídia. Sou obrigado a confessar a minha missão: "Era para saber sua opinião sobre o filme e motivar a matéria da semana". Dona Lídia não se dá por achada, acrescenta que desconfiava da tramóia, mas que se eu quiser, com todo respeito que me tem e com todo o embasamento que tenho pela nova versão do filme, ela terá muito prazer em continuar a discutir e apontar seus defeitos, que no fim se resumem a uma só colocação: vilania em relação à obra mestra: "Já não chega o que veio depois? Mulher, filho, parentela toda de Frankenstein? Não chega também o Herman, da TV? Ainda vem esse bando de cineastas brilhantes e sensíveis como você diz, a por mais uma pedra no sapato do quase anônimo realizador do primeiro e único Frankenstein. Você acha direito?".

Antes que eu possa responder, me dá um "até logo" de superioridade e me faz ouvir sua última dedução: "Explique uma coisa! Por que é que não fazem modernas versões dramáticas de grandes comédias antigas? Ia ser aquela novidade! Imagine O Homem Mosca, do Harold Lloyd, tratado como tragédia. Um banquete para os críticos e para o público inteligente! Tenho absoluta certeza".



O novo Frankenstein: muito riso, nenhum medo.

ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA

A censura, por um liberal ingênuo.



Formei-me pela Faculdade de Direito de São Paulo, do Largo de São Francisco, colando grau em 5 de janeiro de 1.933. Pertenci à gloriosa turma de 1932, sacrário da Revolução Constitucionalista. Curso interrompido porque transei pelas arcadas da Faculdade deste 1924 e, se tudo corresse bem, ter-me-ia diplomado em 1929. Ainda bem que escapei da turma de 1930, a da revolução da dita cuja, todo o mundo foi aprovado por decreto e os respectivos bachareis receberam o cognome, felizmente já esquecido, de: — "bachareis decretinos".

Estudei Economia Política com o Casusa (prof. Cardoso de Mello Neto) para quem Macleod era o máximo dos economistas. "Valor é a relação de igualdade entre duas quantidades que se permutam". "Preço é o valor expresso em dinheiro". E daí? Perguntemos aos moiros da O.P.E.P. se o preço do petróleo está nessas andanças.

O nosso catedrático de Direito Constitucional era o benjamim da Congregaçã: o Arrudinha (prof. Braz de Souza Arruda). Em um belo dia ele surgiu na sala de aula e declarou preempitivamente que não ensinaria mais a Constituição.

— "Os senhores sentir-se-ão muito infelizes quando tomarem consciência do quanto se tripudiam sobre a Magna Carta, neste indigitado País". E suspendeu a aula para tornar cerca de um mês depois. E nada aconteceu com ele! Antigamente a escola era risonha e franca. Não foi o padre Quevedo quem inventou a parapsicologia, não. Foi o P.R.P.. Lá pelos idos de 20, os coronelões dos P.R. faziam os defuntos votar! E decidiam eleições! Isso é que é!

Pois minha formação intelectual vem desses tempos. O voto era secreto só para o eleitor. A nossa lei básica, a Constituição de 1.891, não era um diploma legal, era um poema. "Todos são iguais perante a lei". (ah!...ah!...ah!...) "A República é o governo do povo, pelo povo e para o povo". O que quer dizer isso, meu Deus?! Espremendo-se o pensamento, a melhor conclusão a que se poderia chegar é a de um exemplo complexo do uso gramático-sintático das preposições. E veio Getúlio; e Flores da Cunha amarrou os baios da família no obelisco em frente ao Monroe. E os novos ministros deixavam-se fotografar, indo a pé em direção aos respectivos Ministérios. A princípio acreditei, com devoção incontida, no espírito de economia, do protesto claro, límpido e cristalino, contra o uso e abuso dos carros oficiais, que levavam chapa branca. Não era nada disso. Ficou exuberantemente provado, pouco tempo após, que o protesto dos nossos homens de estado era contra o uso dos fordecos e chevrolatas, que logo foram substituídos por convenientes e dignificantes Cadilacs, rabo-de-peixe, com chapa amarela porém, fria.

Todo este nariz de cera é para contar, explicar e justificar que sou tradicional e sentimentalmente um liberal. Dizem que o ser humano muda de 7 em 7 anos. Eu continuo o mesmo (isto é, não exagerei) um liberal impenitente e ingênuo.

E agora, vamos ao que vim. Teatro. Censura. A minha formação liberal, como não podia deixar de ser, repele qualquer tipo de censura, no paralelo das comunicações. Já se disse por aí, que

o Governo tem que ser a-ético. Mas eu não sou governo e posso lutar por uma moral intelectual que, por enquanto, ninguém me proíbe. E porisso, por honestidade, emprego sempre o tomístico e medieval "distingo", ao abordar tão delicado assunto. É que, quando se fala em CENSURA, todo o mundo já olha torto para os lados da Polícia Federal. E, sejamos justos. A censura não vem só de lá. Talvez seja apenas o instrumento. A censura tem muitas raízes. Então, mencionemos: O S.C.D.P. da Polícia Federal; o Juizado de Menores; as pressões clericais; as entidades de assistência à moral e bons costumes (segundo elas) e por aí. O S.C.D.P. interdita a peça ou vai até os 18 anos. O Juizado de Menores vai até os 21 e processa criminalmente; os clérigos nos ameaçam com as penas smpternas ao lado do primeiro cassado da história — o arc. njo Lúcifer. E as entidades assis enciais... bem. Vou lhes contar.

Eu tinha um censor amigo, cujo auto-ufanismo era haver contracenado com Leopoldo Froes. Então, era do nosso lado. Mas tinha o tal de dever a cumprir. Pois surgiram casinhos que tais: — "Abílio: vamos rebaixar o homem. Ponha "coronel", não mencione "general". — Porque isso, meu velho? Não estou falando mal do homem! — É... Mas você sabe... "general" dá galho; bota "coronel", o que é que há?"

De outra feita, eu usei do vocábulo "caixa" no diminutivo e é claro que saiu "caixinha", mas nada tinha a ver com a tal do "rouba mas faz". — "Caixinha" não. Abílio! O homem está no governo!

Quando a Della Costa estreou em seu teatro a peça de

minha autoria "Moral em Concordata", foi uma pega prá capar. O S.C.D.P. fez expedir o certificado liberatório da peça, proibida até 18 anos. A última hora, o Juizado de Menores entrou em cena, botou um funcionário-tanque na bilheteria para prender todo o mundo maior de 18 e menor de 21 anos. Afinal, Maria, que não conhece o termo "bobeira", chorou no ombro do homen certo e as lágrimas escorrem pelo maravilhoso "Vale dos Seios" (até parece propaganda de loteamento). Foi macuco no embornal! E que sucesso! Já com o filme "Moral em Concordata" a coisa engrossou. Assisti à projeção da película juntamente com o censor, um investigador de polícia comissionado no cargo de chefe de grupo de censura, ou coisa parecida. Terminado o filme, o homem balbuciou: (não é vantagem, não) Foi o melhor filme nacional que vi até hoje! Mas não vai, não. Não dá. Eu, que tinha uma penosa verba investida nessa produção, tremi nas bases: — "Não vai o que, Dr.? Até bacharelei o tira. — "A temática, amigo. A temática. — Nós ajeita... uns cortes...aventei timidamente — "Não dá. Nem cortando metade do filme. Não dá! E decretou a sua interdição, in-totum. Com data marcada em 25 cinemas! Era a hora do enfarte. Recorri ao Chefe de Polícia e mexi com os fogos Caramuri, do tipo "pistolão". E corre de cá e corre de lá e o chefão, afinal, resolveu quebrar meu galho. Mandou seu ordenança, um tenente do Corpo de Bombeiros, conferir o "capo-lavoro". E, com alguns cortes, totalmente sem sentido, a película foi liberada.

Aí, o Florentino L.Lorente, o seu dr. Florentino, da Serrador, recebe um "ultimatum" da Confederação das Famílias Católicas, incisivo: "Se exibir o filme, processo criminal em cima". O seu dr. Florentino, de quem eu esperava uma certa solidariedade porque, afinal de contas, ele também estava no negócio, afinou: — "Abílio: quebra esse galho."

Não quero briga com essa gente! E mais um mês de pressão alta.

Bem... Dava um romance tragi-cômico a história de tudo quanto passei pela censura, distingo; pelos diversos tipos de censura. É claro que o assunto foi tratado pela rama; é evidente que há maior profundidade. Mas, para quem se interessa por esse tipo de problema — e se sairmos do teatro e enveredarmos pelo aspecto político-social — há muita coisa para se dizer. Mas tudo já foi dito e discutido.

Teatro, dos meios de comunicação de massa, aqui no Brasil, é o da menor repercussão. Proporcionalmente é zero. Cerca de 50.000 pessoas assistem a uma peça. Um grande sucesso, 100.000. Isso em meses e meses. Zé Povo não vai a teatro. Nem de graça, quanto mais pagando 40 milhas. Trata-se de uma audiência altamente qualificada, não tanto como diz a T.V. a respeito de seus programas; mas a elite que vai a teatro já tem amadurecida a sua formação mental. Aqui, teatro é nulo como influência. E ainda se pode esclarecer no programa, nos cartazes, os termos em que a peça for apresenada. Entra quem quer. Não há ludíbrio. Que esplêndida oportunidade perde o Governo, para ensaiar uma distensão desse tipo!

A PEDIDA DIFERENTE

Em Pinheiros, a cantina das celebridades.

Muita gente se espanta quando chega à Cantina do Povo (rua Belquior Coqueiro, 62 — no fim da avenida Faria Lima, ao lado de onde era o antigo Mercado de Pinheiros) e encontra o governador Paulo Egídio Martins tomando uma sopa de mariscos — a simplicidade da casa, à primeira vista, não sugere a presença de fregueses de status tão alto. Mas, assim como Paulo Egídio, dezenas de outras celebridades frequentam há vários anos a casa do velho José Biagione. Não será



difícil, por exemplo, ter na mesa ao lado presenças como as de Elis Regina, Aldemir Martins, Eva Wilma, Claudio Correia e Castro.

Embora a Cantina do Povo sirva também massas e galletos, o forte do cardápio são os pratos à base de frutos do mar. Nelson, o genro do velho Biagione, vai quase que diariamente ao litoral, "para garantir que a mercadoria seja a mais fresca da cidade". A Sopa de Frutos do Mar, servida em cubuca de barro, numa generosa porção que dá para duas pessoas, custa Cr\$ 25,00. As Postas de Peixe (garopa, robalo ou badejo), acompanhadas por arroz e pirão, variam entre Cr\$ 40,00 e Cr\$ 50,00. Algumas sugestões mais sofisticadas: Camarão à Itapoá (no creme de coco, Cr\$ 45,00); Lulas à Provençal ou à Baiana (Cr\$ 30,00); Camarão ao Molho Tartar (Cr\$ 42,00). As Lagostinhas, "importadas" do Norte, valem o preço: Cr\$ 70,00. O cardápio inclui também pratos de rã ou tartaruga, numa base entre Cr\$ 30,00 e Cr\$ 35,00.

O couvert (Cr\$ 5,00) não é obrigatório. Mas as entradas são

um capítulo à parte: Casquinhas ou Croquetes de Siri (Cr\$ 3,00 e Cr\$ 4,00); Beringela ao Vinagre, Sardela, Pimentões à Italiana (Cr\$ 5,00); Porção de Mariscos (Cr\$ 15,00); Porção de Trilhas (um delicioso peixinho vermelho, Cr\$ 25,00).

A lista de sobremesas apresenta doces e frutas. Há uma boa carta de vinhos. É bom prestar atenção ao horário: almoço das 11 às 16h; jantar das 18h às 24h. Aos domingos, a Cantina do Povo tem um horário só, das 11h às 21h. Nos fins de semana, aconchegar cedo: às vezes a festa termina antes, pois a mercadoria acaba se esgotando, por motivos óbvios. A casa fecha às segundas-feiras e não trabalha com cartões de crédito, embora aceite cheques. Nos dois salões cabem aproximadamente 70 pessoas em cada um. À noite, o estacionamento é bem mais fácil.

Lucilla Simonsen Santos.



Qual é essa de achar que conferir a nota é sinal de vexame? Vexame, isso sim, é pagar uma conta "salgada" demais quando se sabe que há restaurantes especializados no nada salutar hábito de acrescentar à nota itens não pedidos. Comer bem, por outro lado, nem sempre implica em festivais de desperdício. Quando se começa um jantar com uma entrada ou uma salada, dividir o próximo prato com o parceiro pode ser uma solução feliz. Enfim, nada como economizar nestes tempos de crise...

O CARDÁPIO DA CIDADE

Um roteiro para você escolher: tatames, filés, cobras e galletos.

Um restaurante japonês: Eno Moto — Por tradição, a casa nunca abre nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. Nos outros dias, funciona das 11h às 14h (almoço) e das 18h às 24h (jantar). É um dos mais conhecidos restaurantes japoneses de São Paulo. A refeição pode ser servida nos típicos tatames, de acordo com o costume oriental. Nesse caso, há um pequeno acréscimo nos preços do cardápio, cujos pratos, quando servidos nas mesas, oscilam em torno de Cr\$ 35,00. Uma especialidade mais barata, sugerida pelo proprietário: Yakitori, um espeto de frango à moda da casa, por Cr\$ 15,00. O serviço é atencioso, obedecendo às regras tradicionais da famosa hospitalidade japonesa. Logo à entrada, um pequeno jardim típico que é uma atração a mais na paisagem oriental do bairro da Liberdade, o chinatown de São Paulo. (Rua Galvão Bueno, 54; fone: 279-0198; estacionamento grátis, na Rua Américo de Campos).

Moraes, o Rei do Filé — Depois das duas da madrugada, o Moraes é geralmente invadido por uma fauna bem representativa do que é São Paulo. Mercedes e Jaguarés estacionados à porta, o pessoal da alta-sociedade divide as mesas do restaurante com estudantes de pouco dinheiro,

intelectuais boêmios, prostitutas e investigadores de polícia. Toda essa gente é atraída por um inigualável filé de cinco centímetros de espessura, regado por azeite e alho tostado, acompanhado por uma saudável salada de agrião. A casa não fecha nunca (Praça Júlio de Mesquita, 175).

Cobras e jacarés: Sujinho — Aqui, o que vale não são detalhes como decoração ou limpeza. O próprio nome do restaurante, aliás, já diz tudo. Mas esta é a indicação certa para quem gosta



de comer pratos de caça: tatu, paca, cotia, jacaré, cobra. Também peixes e rãs. Não deixe de experimentar os muito especiais queijos feitos com leite de ovelha ou de búfala. O ambiente, sempre cheio, é meio bagunçado. A originalidade do cardápio, porém, vale a pena. (Rua James Holland, 298 — Barra Funda).

Um bistrô parisiense: La Toque Blanche — Se a cozinha francesa deve grande parte de sua fama ao "segredo" de seus molhos, este pequeno restaurante do Jardim Paulista leva a vantagem de contar com dois dos melhores "molhos" da cidade, os chefs José e João. Assim, quem pede um Filé Marchand de Vin, um Camarão Romanoff ou o Coelho Aux Her-

bes de Provence não vai ter motivo nenhum para se arrepender. Não se esqueça das entradas: há um excelente Paté Maison. Também Escargots e Coquilles Saint Jacques. Na sobremesa, Profiteroles ou Crêpe Suzette. A casa abre diariamente das 12h às 15h e das 19h às 24h. Aos sábados, até 2 da madrugada. Cartões Elo e Citycard. Estacionamento à porta, com manobrista. (Alameda Lorena, 2019; fone: 81.7986).

Comer sem gastar: Galeto's — Para quem trabalha na cidade, um galeto grelhado pode ser uma boa sugestão para um almoço rápido. Mas o cardápio inclui também outros pratos, sempre com uma característica importante: preços acessíveis. Apesar da modéstia da conta, uma decoração caprichada e um serviço atencioso. (Três endereços: av. Vieira de Carvalho, 99; rua Timbiras, 499; rua Pedro Américo, 35.)

Restaurante Escola do Senac — Uma "faculdade de culinária", que forma os cozinheiros e garçons que depois são disputados pelos restaurantes de classe. Outra vantagem é o cardápio a preço fixo para o jantar (Cr\$ 39,00), que varia diariamente, incluindo sempre três pratos bastante cuidados: uma entrada, o principal e a sobremesa. Aos sábados, um couvert adicional (Cr\$ 10,00), justificado pela música ao vivo. Segunda-feira, aberto só para o almoço, com sugestões "à la carte". Convém reservar mesa, pelo telefone. (Avenida Tiradentes, 822; fones: 227.1502 e 228.3003; estacionamento próprio.)



Dom Fabrício, uma requintada escola de cozinha.

Verdadeira escola de cozinha, (Alameda Santos, 65; fone 289-0248) o Dom Fabrício é presença assídua nas agendas de quem gosta de comer bem em São Paulo. Se a fama e o requinte deste restaurante conseguiram se manter constantes com o passar dos anos, a razão é simples: periodicamente, Mário Tatini, seu dono, chef e maitre, dá cursos aos funcionários, "para manter o alto nível e a padronização dos paladares em tudo o que é servido".

O esquema básico da casa é a cozinha internacional — mas puxando um pouco para as especialidades italianas e brasileiras. O Dom Fabrício abre todos os dias

para almoço e jantar, das 11h30 até 1h da madrugada (aos sábados, até 2h). O jantar é sempre de grande classe, a começar pelo couvert (Cr\$ 12,00) que inclui queijo de búfalo temperado, uma especialidade à parte. Apesar do cardápio ser um dos mais variados da cidade, se você estiver com vontade de pedir um prato não incluído, não se acanhe: havendo os ingredientes na cozinha, Mário Tatini manda fazer na hora.

As sugestões começam pelos peixes. Dois pratos de Cr\$ 54,00: o Peixe à Brasileira ou o Peixe à Marinara. Um pouco mais caro (Cr\$ 60,00), o Peixe à Vicentina.

Uma indicação muito especial é o Camarão Ana Maria (Cr\$ 80,00), feito no barro. Se você preferir massas, três boas opções entre Cr\$ 35,00 e Cr\$ 45,00: Talharim a Dom Fabrício, Spaghetti Firenze ou Raviolis à Moda da Casa.

Um capítulo no qual o Dom Fabrício é mestre: os pratos feitos na própria mesa, à frente do freguês. Como os steaks, de Cr\$ 45,00 a Cr\$ 60,00; Diana, Au Poivre, Jules Rimet (um filé "levemente" au poivre), ou o Medalhão Ana Maria. Também as sobremesas (de Cr\$ 10,00 a Cr\$ 50,00) podem ser feitas na mesa, num apoteótico gran-final e para o seu jantar: Crêpe Suzette, Banana Flambé, Sorvete Quente, ou a muito especial Georgette Au Grand Marnier.

A carta de vinhos, nacionais e estrangeiros, garante um acompanhamento à altura da culinária da casa. Para o almoço, há uma lista de pratos rápidos (Cr\$ 35,00 a Cr\$ 40,00), que variam diariamente: segunda-feira, Vitela à Jardineira ou Escalopes à Parmegiana; terça-feira, Chicken-Pie ou Escalopes com Risoto; quarta-feira, Paillard; quinta-feira, Osso Bucco; sexta-feira, Bacalhau; sábado, Feijoada. Aliás, é bom saber que, em matéria de feijoada, o Dom Fabrício é um dos pioneiros no bairro do Paraíso. O couvert do almoço é mais barato que o do jantar, trazendo vongoli, patê, azeitonas pretas e cebolinhas por Cr\$ 10,00.

Um costume que o Dom Fabrício faz questão de seguir todos os anos é o de festejar, com um almoço especial e característico, algumas datas do calendário, como a Páscoa, o Natal, o Dia das Graças. Passar lá o reveillon é um programa muito concorrido. Como são famosas, também, as comemorações do restaurante para o Dia das Mães, o Dia dos Pais, o Dia das Crianças e o Dia dos Namorados, o Dia das Secretárias.

O Dom Fabrício, enfim, não esquece a comodidade: há um estacionamento próprio, ao lado. E são aceitos cheques e cartões de crédito de todos os tipos.



show da cidade

Pedra Gandara

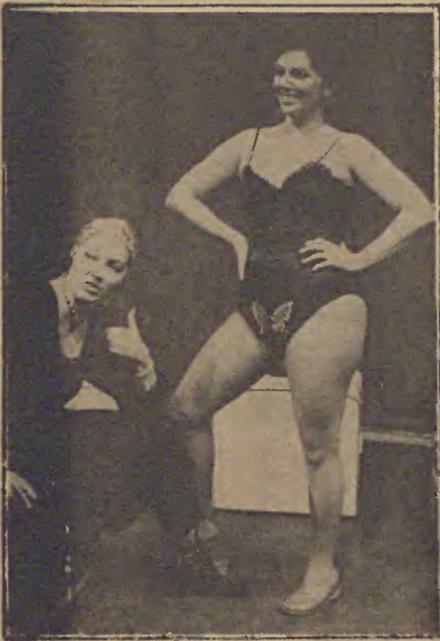
Elke Maravilha foi a "Rainha Morta" no ciclo do SNT. Com o marido a tiracolo, brilhou em outro papel: Rainha do Gay Power Nacional. O marido já foi de Leina Krespi. E o título, de Wanderlea.



Procópio Ferreira, aproveitando seus 58 anos de palco (no Ruth Escobar) para abrir a boca: "O pessoal que está agora nos palcos é a melhor geração de teatro que o Brasil já teve".

Pelos spots da vida

É por Leilah Assunção que brilham os spots da cidade. Autora de "Roda Cor de Roda", ela se acostumou com as luzes desde os tempos de passarela.



No palco de "Roda Cor de Roda", a explosão é de Irene Ravache. Na foto, ela veste um corsage de borboleta. E a explosão é tamanha, que até Lillian Lemmertz quase não tem vez...



Em cima: "Lição de Anatomia", de Carlos Mathus. Um curso de ginástica às nove da noite? Há quem prefira sauna. Em baixo: "Nós Também Sabemos Fazer", texto de Paulo Goulart onde todo o elenco realmente não tem nada o que fazer.

ESTRÉIAS, COQUETÉIS & AFINS.

● O único inconveniente, raramente evitável em noite de estréia, é a gente acabar sempre tropeçando em cima de quem nos convidou. Se for em cima do autor do texto ou da estrela do espetáculo, então não há mesmo como escapar. Pois reza a tradição: quem estréia merece, pelo menos nessa hora, os mais espoucantes cumprimentos. Ou incentivos.

Felizmente, estão aí os macetes para nos aliviar da sensação de hipocrisia. De graça, cito um: se o autor não for nacional — o que nas atuais conjunturas é muito frequente — pode-se dizer à estrela, ao coadjuvante e até mesmo ao diretor, que o texto, infelizmente, não é lá aquelas coisas. E que, portanto, eles conseguiram um milagre.

Cito, só para começar, uma estréia recente: "Absurda Pessoa", do inglês Alan Ayckbourn, com direção de Renato Borghi. É o melhor alvo para nossas observações (s/ou cumprimentos) foi Miriam Meheler, que acumula as funções de atriz e co-produtora da montagem. Quer dizer: ela anfitriã na montagem. Mas a platéia, que não mente jamais em cena aberta (mesmo em estréias), aplaudiu e elegeu Ester Góes (acidentalmente mulher do diretor) como a estrela absoluta do espetáculo.

Dizer que o espetáculo agradou aos convidados é lugar-comum. Mas todos sentiram-se recompensados pelos esforços dispendidos para enfrentar a chuva para que antecedeu a estréia. E que deu

oportunidade ao costureiro Ugo Castellana de exibir mais à vontade seu guarda-chuva italiano com cabo dourado e tudo. O costureiro, na peça assina os bem resolvidos figurinos de Márcia Real. E Márcia, compenetrada por tanto cetim, nem uma só vez tropeçou nos seus babados. A presença de um espelhinho colado na primeira página do programa deve também ter sido uma homenagem ao costureiro. Se não, foi de muita utilidade à sua **entourrage**, toda ela vestida em tons pastéis. Localizadas também na platéia as mil-e-uma utilidades de Lolita Rodrigues, envolvida num traje chinês que todos acharam que era mais uma versão do seu indefectível chale espanhol. Não se conseguiu confirmar se ela estava ou não de castanholas. Lolita aproveitou o intervalo para entrevistar televisivamente Tereza Sodré que, conforme se notou, estava sem as chuteiras.

Mas grande chamariz para as atenções gerais foi mesmo a atriz diretora Miriam Muniz. Todo mundo lhe perguntando sobre o show de Elis Regina que estréia, sob sua direção, nas vésperas do Natal. E foram todos informados, palco e platéia, de que a cantora, marido, músicos e outros instrumentos, continuam pacientemente se submetendo às experiências psicoterápicas de Miriam.

● Fiel aos seus princípios e aos seus 42 filmes, Jece Valadão e sua terceira mulher, Vera Gimenez, tentaram realizar o que seria um coquetel de lançamento do seu

último Filme "As Filhas de Madame Betina", por sinal, continuação do "O Enterro da Cafetina". Cenário do coquetel foi a boate Versalhes, na nossa prezadíssima boca do luxo. Um **habitat**, sem dúvida, mais do que ideal para os personagens de Jece. Tudo, porém, falhou. A começar pelo ar infestado da boate, que nem os sprays de Bom Ar espargidos pelos garçons na cara da meia-dúzia de gatos-pingados presentes conseguiu minimizar. Gatos-pingados mesmo, porque gata não se viu nenhuma. Só houve um único tronitoar notável. O de Nadyr Fernandes, conhecida estrela-pornô: "De hoje em diante só quero fazer filmes papai e mamãe." Nadyr não participa do filme lançado. Sua ida ao coquetel foi um investimento que possivelmente lhe garantirá participação em "As Netas de Madame Bettina").

● Os Novos Baianos (idade média 30 anos) ainda insistem em familiares apresentações familiares. Semana passada, ficaram 5 dias no Teatro Bandeirantes. Praticamente entregues às moscas: seus ardentes fãs, em que pesem os rogos e tentativas, não conseguiram driblar a bilheteria. Em uníssimo coro com sotaque baiano, mendigavam trocadinhas na minguada fila de espera. Quem conseguiu passar por tais padecimentos teve apenas uma recompensa: o som excelente da guitarra de Pepeu, marido de Baby Consuelo, musa dessa família onde todo mundo pensa que é estrela. Até Paulinho Boca de Cantor.



Pouco a ver no palco durante a mini-temporada dos Novos Baianos. A platéia, em compensação, chegou a ter descontrações tão esfusiantes como a de Rosana Tapajós.



Choveu antes da estréia de "Absurda Pessoa". Ugo Castellana aproveitou, foi de guarda-chuva italiano: uma elegância muito discutida na platéia.



Um coquetel que praticamente não houve: o lançamento do novo filme de Jece Valadão. Assim mesmo, Vera Gimenez não perdeu a chance de oferecer cigarrilhas para John Herbert.

Regina Duarte já escolheu seu novo autor, para depois de Flávio Márcio: João Ribeiro, com "Concerto nº 1", já vista via SNT. Regina ainda se transforma na loteca teatral do autor novo.



Denner organizando séquito para desfile—maratona pelas principais cidades do País. Na volta, jura que recomeça seus planos teatrais. Mário Prata já tem o título: "O Dennergerado".



Karin Rodrigues versus Francarlos Reis: na madrugada, ser platéia até que é divertido. Desde que seja no Gigetto.



Por seu grau de celebridade, alguns personagens transformam platéias em palcos. Outros, por extensão, tornam célebres os lugares que habitualmente frequentam. Internacionalmente eles seriam B.F. ou F.P., abreviações de "beautiful people" e "famous people". Ou candidatos a tanto.



Juca Chaves tem outro endereço em São Paulo: O Hotel Eldorado. Em restaurante de hotel, Juca acha que não há nada como vestir unissex. Desde que a companhia seja a mulher sacramentada, Yara Voight.

Gente fina é outra coisa. Darcy Pentead, numa noite esporte, vai ao Paddock, só para acompanhar Kleber Macedo. Em noites de luxos maiores, a escolha, fatalmente, será de um lugar mais dançável: Hippopotamus.

O cenário, mais uma vez, é esse templo chamado Gigetto. É lá que Leilah Assunção vai curtir o seu sucesso, entre uma garrafa de chianti e um capeleti à romanesca. No verão, Odete Lara vai se sentar na mesma mesa.

Quem hospedarei no próximo verão?

• Ninguém ainda divulgou o maior desentendimento da XIII Bienal de São Paulo, de certa forma considerada a mais comportada de todas. Aconteceu na casa do presidente em exercício, Oscar Landmann, por ocasião do coquetel oferecido às delegações. Um membro da comitiva alemã deu um inesperado beijo na boca de um colega da delegação chilena. O chileno reagiu mais inesperadamente: destruiu tudo o que encontrou na sua frente. O presidente do júri, Paulo Mendes de Almeida, foi quem conteve o furor latino. O germânico foi facilmente contido.

• Ainda a Bienal: ninguém encontrou até agora o plano-gráfico que Darcy Pentead perdeu nas vésperas da inauguração de sua sala. Mas Darcy não se preocupa mais com isso. Preocupa-se, isso sim, com sua participação na mostra coletiva da galeria Azulão,

cujo tema obrigatório é "A Mulher". Darcy apresenta-se com um desenho de uma santa barroca, com pedestal e tudo. Bem diferente de uma exposição do ano passado, quando o tema era livre. Sem nenhum recato ou religiosidade, Darcy mostrou tudo. De si e de outros.

• Madalena Schwartz fotografou 24 artistas com suas obras e depois levou tudo para o MASP. Para alguns escolhidos da fotografa, essa foi a única via de acesso para conseguir um quadro exposto no museu. Dos eleitos de Madalena, só um teve audácia de reclamar. Foi o pintor Ianelli: "Minha pose saiu um tanto delicada demais."

• O cinema nacional preparando-se para mais uma de suas peripécias: transformar o conto "O Noivo", de Lygia Fagundes Telles, em comédia erótica (leia-se "porno chanchada").

Lygia Fagundes Telles perigando em ver um conto seu atualizado segundo a moda: porno chanchada. Ney Matogrosso, dizem, se endividou por causa de um excesso de água mineral. Ítala Nandi às voltas com as 1.001 noites. No mais, é ficar à espera do verão.

Quem tentará a aventura é John Herbert, em cumplicidade com o Massaini.

• Antigo músico de Ney Matogrosso justificando as dívidas do cantor-bicho: "Também, todos os dias, antes do espetáculo, ele insistia em lavar os pés com dúzias de garrafas de água mineral."

• Neville Duarte de Almeida, anuncia que não mais fará o filme "Maria Bonita" que seria interpretado por Norma Benguel.

Dessa vez ele fez jus ao slogan: cineasta de filmes sempre falados e jamais vistos.

• De volta à São Paulo e ao teatro, Ítala Nandi, 32 anos, anda dizendo a respeito de sua nova peça "Simbad" e personagem, Sherazade: "Depois dessa experiência, será difícil fazer outra coisa igual". Exatamente o mesmo que havia dito quando de sua última incursão teatral (alguém ainda se lembra?). "Na Selva das Cidades."

• Odete Lara começa a ser aguardada em São Paulo. Como no último verão, ficará na casa de Leilah Assunção. Uma maneira de complementar a fórmula que descobriu para prover seus gastos sem dispendar energia: alugar sua casa na Barra, no Rio, para o séquito carnavalesco de Florinda e Cicogna.

• O escritor Ricardo Ramos, autor do inquietante "As Fúrias Invisíveis", último lançamento da editora Martins, durante um almoço no Pepe's, discutia a autoria da palavra "publicitudo". Ricardo voltava de Alagoas, onde foi caitiuar seu livro.

• Odavlas Petti depois da briga com Guilherme Araújo que terminou com bilhetinhos de esclarecimentos à toda imprensa: "ele é o que se chama de lobo em pele de cordeiro."

• Há um produtor interessado na montagem de "Rapazes da Areia", peça—continuação de "Rapazes da Banda"—que absorveu dezenas de atores paulistas há várias temporadas. Nesse gay-power nº 2, os personagens aparecem mais velhos. A dificuldade está em reunir os mesmos atores que participaram da primeira montagem. O mais velho deles, por exemplo, já morreu. Só que não sabe.

• Na imprensa paulista, escritor tem menor valor do que sanduiche. Foi o que aconteceu com o uruguaio Eduardo Galeano, autor de Vaga-mundo e diretor da polêmica revista argentina Crisis, que esteve aqui como convidado da Feira Latinoamericana da Gevê.

O único jornal que o entrevistou preferiu relegar sua matéria em prol de outra sobre hamburgers, determinação de seu editor.



O papel do Paraná neste Jornal.

O Pinus Elliotti é hoje uma árvore tão importante que sem ela não existiria papel de imprensa nem para publicar este anúncio. Produz a chamada celulose de fibras longas, matéria prima que anda em escassês no mundo inteiro.

No Paraná, a Companhia Reflorestamento Paraná está instalada com 100 mil hectares de terras e 70 milhões de Pinus Elliotti. E ao colocar isso no jornal, está convidando você para investir numa árvore onde o seu dinheiro cresce.

A Paraná conhece o terreno e garante que para seu dinheiro crescer, só precisa de um bom incentivo.

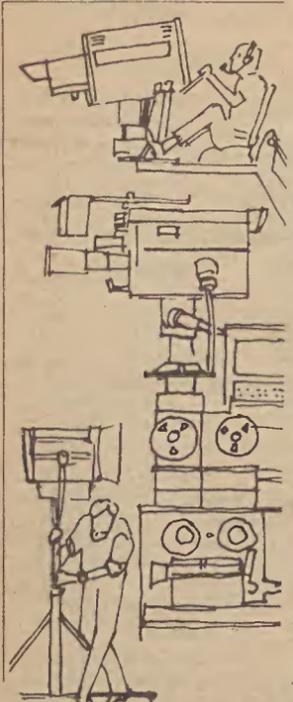


cia.reflorestamento paraná

Al. Carlos de Carvalho, 250 - s/loja 1
Tel. 22-5624 - Curitiba - PR
Rua 24 de Maio, 105 - 6º andar - cj. 64
Tels.: 37-0260 - 35-2544 - 37-2258 - 34-4571
33-7508 - 35-3086 - São Paulo - SP



ESPECIAIS



Sexta-Feira

21h

(5) **TV ANO 25** — Desta vez a televisão brasileira é a menos culpada. Pois se seus 25 anos de existência constituem-se de mais erros e contradições do que de méritos, reuni-los e sintetizá-los, como pretende a nova série "TV Ano 25" da Rede Globo, não deixa de ter incontáveis atrativos. Queira ou não, eles representam um documento das últimas duas décadas e meia da história do país. Os primeiros capítulos de "TV Ano 25" refletem, contudo, uma irreparável amnésia. E reproduzem os equívocos e arbitrariedades constatados na série que a antecedeu no horário, "O Mundo em Guerra". Afinal, uma realização de caráter eminentemente documental não pode ser um mero amontoado de sequências sem cronologia e linearidade. Tampouco abster-se de uma localização no tempo e de um comentário comparativo. E inegável que o projeto de abarcar os 25 anos da TV brasileira representam uma árdua tarefa. Porque tem que se fundamentar em depoimentos, filmes, fotos e ilustrações — já que a memória da televisão, o vídeo-tape, só chegou ao Brasil em 1969.

Num vai-e-vem desenfreado misturam-se o passado remoto (TV de Vanguarda) com séries recentes (A Grande Família), novelas antigas (Redenção) seguidas de recentíssimas (Gabriela) com festivais da Record, tudo parecendo atender somente aos interesses da Rede Globo. Vários nomes de autores das obras apresentadas são omitidos, quando não se comete erros crassos de informação: "O Guarani", por exemplo, pode ter sido a primeira novela no Rio de Janeiro, porque, na verdade, "Sua Vida me Pertence" foi a primeira em São Paulo e no Brasil. Talvez pensando em justificar-se, os produtores da série preveniram antecipadamente: "Não se trata de uma antologia ou de uma enciclopédia da história da TV, mas de um balanço sobre a evolução deste veículo no Brasil". Balançando assim, a corda só pode mesmo ruir.

NOVELAS

De segunda a sexta
22h

(5) **O Grito** — Uma idéia ambiciosa e estimulante do teatrólogo Jorge Andrade — sintetizar a realidade de uma megalopole (no caso São Paulo) através dos personagens do imaginário edifício Paraíso — contida, nestes primeiros capítulos, por um clima excessivamente sufocante. Com Glória Menezes, Walmor Chagas, Isabel Ribeiro. De segunda a sábado

18h15

(5) **A MORENINHA**, de Joaquim Manoel de Macedo; adaptação de Marcos Rey; direção de Herval Rossano; com Nivea Maria, Marco Nanini.

Se vivo, Joaquim Manoel de Macedo talvez não concordasse com a idéia. Para que seu romance "A Moreninha", escrito em 1844, se transformasse em uma telenovela com um pouco mais do que uma história de amor, também um pouco da nossa história, foi preciso inserir-lhe alguns insuspeitados acréscimos. Na adaptação livre feita por Marcos Rey, a ação foi deslocada 20 anos à frente, com a intenção de incluir alguns episódios importantes como a Guerra do Paraguai, os primeiros movimentos abolicionistas e republicanos, o choque entre o romantismo exacerbado de então e a nascente literatura participante e as primeiras transformações que o Rio de Janeiro começava a presenciar. Com esse intuito, inclusive, recorreu-se a uma outra do autor, "Memórias da Rua do Ouvidor" e de outros escritores, por exemplo, "Memórias da Cidade do Rio de Janeiro", de Vivaldo Coaracy.

Se a essência do romance-título dessa nova novela do horário meloaçucarada da Rede Globo foi mantida, evaporou-se no vídeo, ou então viu-se soterrada por uma disforme massa de figurinos e cenários e incongruentes normas de linguagem e direção. De ingênua história de amor de Carolina (Nivea Maria), a moreninha e das fantasias e ideais de seu irmão (Marco Nanini), amigas e amigos, repartidas entre a ilha de Paquetá e o Rio de Janeiro, despontam entediadas aventuras, cheias de tiques e suspiros. Da "detalhada reconstituição da época" de Arlindo Rodrigues resulta uma mistura de épocas, cores e formas. E o que dizer da transcrição dos diálogos para uma duvidosa atualidade em que se debatem atores visivelmente incomodados nos papéis a eles destinados.

Se vivo, Joaquim Manoel de Macedo seguramente não concordaria com o desvirtuado folhetim eletrônico a que reduziram seu centenário romance.



A Moreninha (Nivea Maria): um romance desvirtuado

18h25
(4) **O Velho, o Menino e o Burro** — Inócua e interminável telenovela infantil. Com Sadi Cabral e Paulo Hesse.

19h

(4) **Um Dia, o Amor** — Com Carlos Zara e Leila Abramo.
(5) **Bravo** — Carlos Alberto é o maestro angustiado dessa novela de acordes dissonantes de Janete Clair, tendo como "partner" Aracy Balabanian.

19h45

(4) **A Virgem** — Com Eva Wilma e Toni Ramos.

20h15

(5) **Selva de Pedra** — Francisco Cuoco e Regina Duarte nesta reprise compacta, mais tolerável que a versão integral.

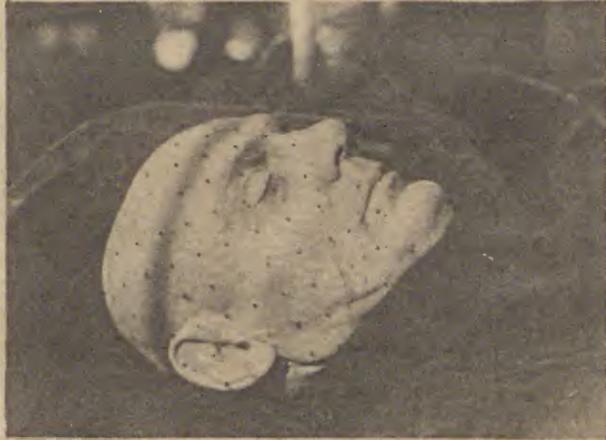
20h25

(4) **Vila do Arco** — Adaptação do conto "O Alienista" de Machado de Assis. Com Laerte Morrone e Maria Isabel de Lizandra.

TEATRO

Sábado
22h00

UM CASO EXTRAORDINÁRIO, de Eugenio Heltai; adaptação e direção de Antunes Filho, com Rodrigo Santiago,



"Um Caso Extraordinário": à procura da razão de ser

Carlos Koppa, Chico Martins, Sandro Poloni. A principal característica do húngaro Eugenio Heltai é o fino sentido humorístico de sua obra. Em torno dela, gravitam os outros sentimentos comuns a este amável literato: o trágico, o ridículo, o patético, o cômico, enfim, as grandezas do ser, suas indecisões e fracassos. Isso transparece nitidamente em "Um Caso Extraordinário", conto escolhido para o Teatro 2 desta semana. Ao descrever a história de um médico desafiado pela iminência da morte de um paciente, Heltai recria as ambivalências da condição humana, à procura do verdadeiro sentido do existir.

e o diretor, Allan Dwan, vetera-níssimo.
(13) **BRINCADEIRA PERIGOSA** (A Little Game), 72 — Envolvente suspense feito para a TV: um padrasto suspeita que o enteado adolescente é um perigoso assassino psicopata. Com Ed Nelson, Diane Baker, Howard Duff. Direção de Paul Wendkos. (COR)

Sexta

15h00

(5) **A MASCOTE DO REGIMENTO** (The Little Colonel), 35 — Único filme estrelado por Shirley Temple (aos 7 anos) que existe na TV: ela resolve os problemas de sua família deser-

FILMES

Quinta
21h00

(7) **ESCRAVOS DA COROA** (The Highwayman), 51 — Um poema clássico inglês sobre um nobre que age como assaltante para ajudar o povo e se apaixona pela filha do estalajadeiro, serviu como base para este Robin Hood levado a sério, passado na Inglaterra do século 18 — muito elogiado pela crítica brasileira. Com Charles Coburn, Wanda Hendrik. Direção de Lesley Selander. Estréia na TV. (COR)

22h30

(2) **NO VELHO CHICAGO** (In Old Chicago), 38 — Um precursor dos "disaster-movies", atualmente na moda. O grande incêndio de Chicago tem excelentes efeitos especiais, canções de Alice Baye e rivalidade entre os irmãos Tyrone Power e Don Ameche. Alice Brady ganhou o Oscar de coadjuvante por sua interpretação de Mrs. O'Leary, dona da vaca que provocou o incêndio. Direção de Henry King.

24h00

(4) **MATAR PARA VIVER** (The River's Edge), 57 — Drama modesto: Ray Milland tenta fugir para o México com dinheiro roubado e a ajuda da ex-amante e seu marido. As locações são autênticas



Bogart em seu penúltimo filme

dada pelo avô e faz um número clássico de dança com Bill Fobinson. Já não se fazem crianças prodígios como antigamente!

23h00

(5) **JOGADORA INFERNAL** (Heller in Pink Tights), 60 — Imagem Sophia Loren loura e perdida no velho oeste. E o que acontece neste curioso filme de George Cukor sobre uma companhia teatral mambembe que inclui também a ex-atriz infantil Margaret O'Brien, Anthony Quinn e Ramon Navarro (o ex-Ben Hur). Estréia na TV. (COR)

23h30

(2) **A LUZ É PARA TODOS** (Gentleman's Agreement), 47 — O filme mais premiado do ano de sua realização: Oscars de filme, direção (Elia Kazan) e atriz coadjuvante (Celeste Holm). E uma das primeiras fitas a abordar o antisemitismo através da história de um jornalista que se faz passar por judeu. Com Gregory Peck, Dorothy McGuire, John Garfield.

(13) **O CÍRCULO DO MEDO** (Cape Fear), 61 — Suspense e violência neste filme dirigido por J. Lee Thompson, incluindo uma ponta do hoje famoso Telly Savalas: criminoso (Robert Mitchum) sai da prisão para se vingar do advogado (Gregory Peck) que o condenou.

24h00

(7) **O BANDIDO NEGRO** (Ride to Hangman's Tree), 67 — Uma variação da história de Zorro, agora chamado de "o bandido negro", neste faroeste "B" dirigido por Alan Rafkin. Com James Farentino, Don Galloway. (COR)

01h00

(5) **OTLEY, HERÓI SEM VOCAÇÃO** (Otley), 66 — Sátira inglesa à espionagem. Tom Courtenay é o anti-herói Otley forçado a ser espião. Romy Schneider compensa toda a brincadeira. (COR)

Sábado

14h00

(5) **SENHORA DA ALTA RODA** (Goin' to Town), 35 — Mae West foi a mulher que mostrou pela primeira vez no cinema que o sexo podia ser algo divertido. Mas isto nunca é possível detectar nas versões de seus filmes para TV, como essa, onde destruiu-se as piadas na dublagem, retirando a malícia em troca de uma censura livre. Dirigida por Alexander Hall, Mae é uma cantora de cabaré que envolve-se em peripécias na tentativa de entrar para a alta sociedade. Os melhores momentos são os que La West recria cenas de Sansão e



Joan Crawford num melodrama

Dalila. Com Paul Cavanaugh, Ivan Lebedeff. Estréia na TV.

23h00

(5) **IMPREVISTO DE VERÃO** (Summer Without Boys), 73 — Nostalgia é o forte dessa história de um triângulo amoroso, feita para a TV, uma decorrência do sucesso de "Verão de 42": mãe e filha disputam o mesmo homem. Com Barbara Bain, Kay Lenz, Michael Moriarty. Estréia na TV (COR)

(13) **O HOMEM FERA** (The Neanderthal Man), 53 — Terror: cientista experimenta um novo soro em si mesmo com os resultados previsíveis. Com Robert Shayne, Richard Crane. Direção de E.A. Dupont.

23h30

(4) **A MORTE ANDA A CAVALO** (Da Uomo a Uomo), 67 — Faroeste italiano acima da média: um jovem persegue um pistoleiro que julga culpado pela morte de seus pais. Com John Phillip Law, Lee Van Cleef. Direção de Giulio Petroni. (COR)

00h30

(13) **FOLHAS MORTAS** (Autumn Leaves), 56 — A famosa música francesa é o tema musical deste "womann's picture", um melodrama sobre uma mulher mais velha casada com um jovem com tiques neuróticos. Com Joan Crawford, Cliff Robertson, Vera Miles. Direção de Robert Aldrich.

Domingo

17h00

(13) **DO DESTINO NINGUÉM FOGE** (The Left Hand of God), 55 — Penúltimo filme de Humphrey Bogart, aqui como um aventureiro que se disfarça de padre nas vésperas da revolução comunista na China. Gene Tierney é a missionária que se apaixona por ele. Como todos os filmes com Bogart, compensa pela sua presença. Direção de Edward Dmytryk. (COR)

19h00

(4) **CAÇADA HUMANA** (From Hell to Texas), 58 — Um bom faroeste cujo título não deve ser confundido com o filme de Arthur Penn: jovem pacifista é perseguido por mortes que provocou sem querer. Com Don Murray, Diane Varsi, Dennis Hopper. Direção de Henry Hathaway. (COR)

20h00

(13) **O CAPITÃO PIRATA** (Yankee Buccaneer), 52 — Capataz de aventura americano se disfarça de pirata para destruir seu refúgio. Com Jeff Chandler, Scott Brady, Suzan Ball. Direção de Frederick de Cordova. (COR)



Ray Milland num drama modesto



La Dietrich num clássico

21h00

(4) **MORTE SUSSURANTE** (*Whispering Death*), 74 — Diretores talentosos (Jeff Corey é famoso professor de arte dramática e Steven Spielberg fez "Encurralado") garantem a qualidade deste drama feito para a TV: psiquiatra tenta ajudar um ex-combatente da guerra do Vietnã que tem problemas com seu pai. Com Roy Thinnes, Jim Hutton, John Rubinstein.

(7) **PUNIDOS PELO PRÓPRIO SANGUE** (*Backlash*), 56 — Bom faroeste: um casal procura sobrevivente de uma diligência atacada pelos índios que fugiu com dinheiro roubado. Com Richard Widmark, Donna Redd. Direção de John Sturges. (COR)

22h00

(5) **O DIA DA CAÇA** (*I Couldn't Happen to a Nice Guy*), 74 — Produção para a TV: um vendedor é violentado por uma mulher e deixado nu na estrada. Será que o filme é tão engraçado quanto sua idéia? Com Paul Sorvino, Michael Learned (a mãe dos "Waltons"). Direção de Cy Howard Estréia na TV. (COR)

13h30

(2) **O FILHO DE ROBIN HOOD** (*The Bandit of the Sherrwood Forest*), 45 — Capa-espada acima da média: filho de Robin Hood salva uma criança, o rei da Inglaterra. Com Cornel Wilde, Anita Louise. Direção de George Sherman e Henry Levin.

21h00

(7) **FALTA ALGUÉM PARA MORRER** (*Money Jungle*), 68 — Policial "B": companhias petrolíferas disputam campos a serem cedidos pelo governo. Por isso quatro geólogos são mortos. Com John Ericson, Lola Albright. Direção de Francis D. Lyon. Estréia na TV. (COR)

24h00

(13) **OPERAÇÃO CROSSBOW** (*Operation Crossbow*), 65 — Super-produção dirigida por Michael Anderson, que reproduz os esforços da espionagem aliada para destruir a fábrica de bombas V-2 na Alemanha nazista, e desperdiça os vários talentos que dela participam, entre eles, Sophia Loren, George Peppard, Lilli Palmer, Trevor Howard, John Mills. (COR)

21h00

(7) **ASSASSINOS EM FÚRIA** (*The Girl who Knew too Much*), 69 — Policial "B", paupérrimo de idéias e recursos: aventureiro contratado para encontrar o assassino de um "chefão" acaba descobrindo plano comunista para infiltrar-se no submundo. Com Adam West (Batman), Nancy Kwan, Robert Alda. Direção de Francis D. Lyon. Estréia na TV. (COR)

22h30

(2) **A CONQUISTA DO ESPAÇO** (*Conquest of Space*), 55 — Efeitos especiais do produtor George Pal salvam este ficção-científica sobre a "Roca", uma satélite feito pelo homem, habitado por voluntários do exército. Com Eric Flemming, William Hopper, Ross Martin. Direção de Byron Hankin. (COR)

23h00

(5) **AS RAINHAS** (*Le Fate*), 66 — Comédia típica de costumes à italiana, dividida em 4 episódios — "Sabina" de Luciano Salce, "Armenia" de Mario Monicelli, "Elena" de Mauro Bolognini e "Marta" de Antonio Pietrangeli —, mostrando o comportamento feminino em variadas situações mas com um denominador comum, o triunfo da mulher. Com Monica Vitti, Rachel Welch, Claudia Carinale e Capucine. (COR)

24h00

(7) **PESADELO** (*Nightmare*), 42 — A mais famosa família teatral americana, os Barrymore, não teve continuidade com Diana, filha de John, que contou sua vida

em "Gosto Amargo da Glória". Este filme serve para mostrar como ela era feia e má atriz. O galã é Brian Donlevy. Direção de Tim Whelan.

Quarta

13h30

(2) **A VOLTA DO ROUXINOL** (*I'll Take Romance*), 37 — Musical operístico (recomendado só para quem gosta de ópera): agente sequestra cantora afim de forçá-la a cumprir contrato. Com Grace Moore, Melynn Douglas. Direção de Edward Griffith.

21h00

(13) **HOMEM SEM RUMO** (*Return to Peyton Place*), 61 — Sequência de "A Caldeira do Diabo", com outro elenco: Carol Lynley, Jeff Chandler, Tuesday Weld, Eleanor Parker. Allison agora é uma escritora de sucesso que volta à sua cidade acompanhada pelo namorado-editor e enfrenta um processo de difamação. O resultado é ainda pior do que a série de TV a que deu origem. Direção de Jose Ferrer.

24h00

(7) **EM BUSCA DE UM SONHO** (*Gypsy*), 61 — Boas canções e direção discursiva neste musical que não disfarça sua origem teatral: a biografia da mais famosa "stripper" dos EUA, Gypsy Rose Lee e de sua terrível e ambiciosa mãe. Com Rosalind Russel, Natalie Wood, Karl Malden. Direção de Mervyn LeRoy.

(13) **O EXPRESSO DE SHANGAI** (*Shanghai Express*), 32 — Marlene Dietrich nunca esteve tão bem fotografada quanto neste clássico drama ambientado não na China mas na fantástica imaginação do diretor Joseph von Sternberg. La Dietrich faz a notória "Shanghai Lily" que reencontra seu amado Clive Brook a bordo do expresso para Shangai. E é ela quem diz: "Foi preciso mais de um homem para mudar meu nome para Shanghai Lily".

SHOWS

Sábado

22h00

(7) **Buzina do Chacrinha** — Programa de auditório com calouros, cada vez mais distante de seus áureos tempos.

Domingo

11h00

(5) **Silvio Santos** — Uma maratona de divertimentos populares, conduzida durante nove horas pelo animador Silvio Santos.

20h00

(5) **Fantástico** — Show da vida cada vez menos sugestivo.

MUSICAIS

Sexta

21h30

(2) **O Choro das Sextas-Feiras** **22h00**
(2) **Concerto Sinfônico** — Orquestra Sinfônica Estadual executa obras de Liszt e Berlioz, sob a regência de Tulio Colacioppo. Solo de piano: Gilberto Tinetti.

Sábado

19h30

(13) **Série Documento** — Mais é a convidada desta semana, cantando "Ouça", "Meu mundo



Dois musicais dedicados a Maysa, no 2 e no 13

caiu", Por causa de você", "Dindi", "Chão de Estrelas" e outros sucessos, acompanhada pelo saxofonista Paulo Moura.

Domingo

10h30

(5) **Concertos para a Juventude** **12h00**
(2) **Concerto Sinfônico** — Orquestra Sinfônica Municipal sob a regência de Tulio Colacioppo, com os solistas Clemente Capella (violino), Paulo Tacetti (violoncelo), Benito Sanches (oboé) e Fernando Tancredi (fagote).

18h00

(4) **Hallelujah** — Nova e infeliz incursão (com datas exceções) do rock caboclo, tendo à frente Silvio Brito e Fábio Jr.

21h00

(2) **MDB Especial** — Maysa é a convidada desta noite.

Terça

(4) **Brasil Som 75** — Musical gravado ao vivo em auditório e sob a tutela do insosso Benito di Paulo, o amigo de Charlie Brown, esporadicamente rodo de alguns expoentes da música brasileira.

HUMORISMO

Quinta

21h00

(5) **Chico City** — Walfrido Canaveira e mais uma série de impagáveis personagens cria-



Lingote, um dos impagáveis habitantes de Chico City

dos por Chico Anísio, vivendo numa fictícia cidade do Nordeste brasileiro (COR).

Sábado

21h00

(4) **Os Trapalhões** — Humor simples, direto e grotesco, preferido do público infantil. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum e Mauro Gonçalves. (COR)

Segunda

21h00

(5) **Satiricom** — Piadas curtas e gags visuais dão o tom desta pretensa sátira da comunicação, que muitas vezes se trumba. (COR)

TELEJOURNAIS

De segunda a sexta

12h00

(13) **Jornal do Meio-Dia** — Noticioso local, com a participação

incômoda do reporter José Carlos de Moraes, o "Tico-Tico". (COR)

12h30

(2) **Jornal da Cidade** — Noticioso local.
(7) **E Tempo de Notícia** — Noticioso.

13h00

(5) **Hoje** — Jornal de serviços, variado e superficial. (COR)

13h10

(4) **Panorama** — Noticioso.

14h25

(11) **Teletipo Gazeta** — Noticioso.

19h30

(7) **Jornal Jovem Pan** — Noticioso editado pela equipe de jornalismo da rádio Jovem Pan, dando mais importância a quem lê (Antonio Del Fiori, José Melo, Osmar Santos) do que ao que é lido. (COR)

(11) **Sete e Meia Informal** — Fatos nacionais e internacionais comentados por Tavares de Miranda, Agnes Roberta e Geraldo Vieira.

19h45

(5) **Jornal Nacional** — Noticioso com mais recursos que informações, apresentado por Cid Moreira e Sérgio Chapellin (COR)

20h20

(13) **Economia** — Comentário e notas do jornalista Joelmir Betting. (COR)



20h30

(13) **Titulares da Notícia** — Noticioso de qualidade, limitado pela falta de recursos técnicos.

20,45

(4) **Factorama** — Noticioso

20h50

(13) **Coluna 1** — Notas dos bastidores da política e dos negócios, às vezes dúbias, entremeadas por certa ironia do clunista Cláudio Marques (COR)

20h55

(2) **Hora da Notícia** — Noticioso de melhor nível, interpretativo e baseado em reportagens externas. Apresentação de Fábio Perez.

(2) **Hora da Notícia** — Noticioso de melhor nível, interpretativo e baseado em reportagens externas. Apresentação de Fábio Perez.

22h45

(5) **Amanhã** — Noticioso que confundia decor e mise-en-scene com informação, para falar de fatos de hoje (ou de ontem). Agora sério. (COR)

DEBATES

Quinta

22h45

(7) **Diálogo Nacional** — Entrevista com uma personalidade, tendo como mediador Blota Júnior, que sempre fala mais que o convidado.

Segunda

23h00

(13) **Interesse Público** — Programa de entrevistas e debates

sobre temas palpitantes da atualidade, conduzido pelo colunista econômico Joelmir Betting e pelo jornalista Ney Gonçalves Dias. Convidado de hoje: Senador Paulo Brossard.

Quarta

23h00

(4) **Debate** — Mesa redonda sempre com a participação de um convidado de projeção. Apresentação de Almir Guimarães, José Armando Cavalcanti e Humberto Mesquita.

SÉRIES

Quinta

21h00

(13) **Cyborg** — Lee Majors é um desenxabido super-homem mecânico. Episódio de hoje: "Operação Vagalume". (COR)

22h00

(13) **Haway 5-0** — Uma das mais violentas séries policiais da televisão. Com Jack Lord e James Mac Arthur. Episódio de hoje: "Assassino no Mar". (COR)

23h00

(5) **Kojak** — Telly Savalas é um detetive careca e sizado. Mas chupa pirulitos e fuma cigarilhas More. Episódio de hoje: "A Rainha dos Ciganos". (COR)

Sexta

22h00

(7) **Police Woman** — Angie Dickinson é um sargento com armas bastante originais: sutiãs, calcinhas e o indispensável Colt. (COR)

(13) **Cannon** — William Conrad é um detetive gordo, bom e perspicaz, revalorizando os homens obesos (nos EUA). Episódio de hoje: "A Desforra". (COR)

23h15

(13) **M.A.S.H.** — Sátira à guerra da Coreia, com Alan Alda e Wayne Rogers. Episódio de hoje: "A Cuca do General". (COR)

Sábado

21h00

(7) **Police Story** — Histórias variadas sobre o dia-a-dia da polícia, sem artistas principais. (COR)

(13) **Cimarron** — Problemas de uma pequena cidade do velho oeste, resolvidos por Stuart Whitman. Episódio de hoje: "A Cilada". (COR)

22h30

(13) **Kolchak** — Darren McGavin é Kolchak, um repórter especial norte-americano que anda à cata de assuntos estravagantes e esbarra sempre com sobrenatural. Episódio de estréia: "O Vampiro". (COR)



Kolchak/Darren McGavin: às voltas com o sobrenatural

Domingo

00h00

(6) **Os Intocáveis** — Numa série esmaecida pelo tempo, Elliot Ness e seus agentes federais combatem os gangsters de Chicago na época da Lei Seca. Episódio de hoje: "A história de Tommy Carpeles".

Segunda

22h00

(4) **Os Detetives** — Série com três detetives que se alternam a

cada semana: Peter Falk (Columbo), Dennis Wequer (McCloud), Rock Hudson e Anne Prentiss (casal McMillan). (COR).

Terça

21h00

(13) **San Francisco Urgente** — O consciencioso detetive com nariz de boxeur (Karl Malden) e seu assistente (Michel Douglas) em ação pelas ruas da cidade de San Francisco. Episódio de hoje: "O Crime de Dez Dólares". (COR)

22h00

(13) **Colditz** — Prisioneiros de guerra norte-americanos, Robert Wagner e David McCallum tentam fugir de um castelo-prisão alemão durante a Guerra. Episódio de hoje: "Os Hóspedes". (COR)

Quarta

21h00

(5) **Kung-Fu** — Aventuras de um imigrante oriental (David Carradine) perito em filosofia e artes marciais, no velho oeste norte-americano. Episódio de hoje: "Emboscada". (COR)

23h00

(7) **Combate** — Episódios baseados em fatos verídicos da II Guerra, sobre o desembarque nas praias da Normandia pouco antes do dia D. Com Vic Morrow e Rick Jason, e, eventualmente, atores com Lee Marvin e James Coburn. (COR)

DOCUMENTÁRIOS

Segunda a Sexta

11h30

(5) **Mundo Animal** — Homens se intrometendo entre os animais a pretendo de mostrar seu habitat natural. Belas imagens. (COR)

Domingo

19h00

(13) **Reino Selvagem** — A vida dos animais selvagens mostrada em sua intimidade através de instrumentos óticos e sonoros de longo alcance. (COR)

Segunda

18h20

(2) **A Escalada do Homem** — Renomada série da BBC, conduzida pelo humanista e cientista J. Bronowski. Esta semana: o desenvolvimento da escultura e da arquitetura, de Machu Pichu ao contemporâneo Henry Moore.

INFANTIL

De segunda a Sexta

14h45

(5) **Vila Sésamo** — Garibaldi e Gugu comandam este inovador e discutido programa infantil (COR).

17h30

(7) **Pullman Jr.** — Desenhos de Hanna Barbera.

19h15

(13) **Jornada nas Estrelas** — Séries de ficção científica de fértil imaginação, com William Shatner e Leonard Nimoy.

Sábado

18h00

(5) **Disneylandia** — Apresentando a primeira parte do filme "O Cavalinho de Justin Morgan".

Um retrato realista de São Paulo

Seria leviandade, para dizer-se o menos, julgar uma novela como "O Grito", de Jorge Andrade, tendo assistido somente a uma dezena de capítulos iniciais (como fez a crítica de uma revista paulista esta semana). O tema que o autor escolheu é amplo demais e complexo demais para que se possa avaliar desde já a qualidade do seu tratamento, em linguagem de televisão, bem como as suas possibilidades de êxito junto ao público.

Há alguns problemas, porém, propostos pela novela, que comportam uma apreciação preliminar e condicionada ao desenvolvimento desse amplo painel da vida urbana em São Paulo que Jorge Andrade apenas começa a desdobrar diante dos espectadores.

Antes de mais nada, a questão da viabilidade, em termos de audiência, de uma novela que recusa os tradicionais caminhos escapistas e que, pelo contrário, obriga o público a atentar para os aspectos mais negativos e mais desagradáveis da existência numa grande metrópole moderna. Mesmo quando apresentam situações tristes e até trágicas, as novelas, até aqui se ocuparam de assuntos exteriores à experiência direta da maioria dos espectadores, permitindo-lhes a clássica fuga da realidade em que estão cotidianamente envolvidos. "O Grito" faz o oposto: retrata, conscientiza, esfrega essa realidade — pintada em cores sem dúvida pessimistas — na cara de quantos ligam seus aparelhos às dez da noite. Se isso "dá IBOPE" só o futuro poderá revelar. As informações são de que está dando, o que só depende a favor da maturidade do público.

Há uma outra dificuldade: numa novela implacavelmente realista, Jorge Andrade parte de um grande símbolo, que é aquele prédio — corte vertical da sociedade paulista — onde moram quase todas as personagens. Não é verossímil, por certo, que um casal de ricos (Leonardo Villar-Maria Fernanda) tenha seu apartamento num edifício em cima do "minhocão", coabitando com gente de todas as condições sociais e econômicas. Mas a verossimilhança, aqui, não é a preocupação de Jorge Andrade. O "minhocão" para ele, com todas as suas implicações simbólicas, não passa só ali: passa pela cidade inteira, inclusive no Morumbi, onde os ricos frequentam festas elegantes.

Especialmente difíceis são as personagens vividas por Walmor Chagas e Isabel Ribeiro, cuja função, de certa forma, é falar pelo autor, comentar, situar as coisas — como um coro de tragédia grega — o que lhes dá um certo artificialismo, talvez inevitável.

Dizer muito mais do que isso, por enquanto, seria precipitado. O que se pode afirmar, com segurança, é que "O Grito" é um trabalho sério, pesquisado, ambicioso, de um autor adulto que se dirige ao espectador adulto. E que tem a densidade e a força indispensáveis numa novela desse gênero. Só mais adiante, quando o grande arcabouço se desvendar por inteiro, será possível formular um julgamento responsável.

Paulo Mendonça



O Grito: uma novela implacável que recusa os tradicionais caminhos do escapismo.



Lage, Dammann & Stabel

Não é para impressionar as menininhas que piloto de Rally usa faróis auxiliares.

Quando um piloto de Rally usa faróis de neblina Cibié, não é porque vai encontrar a Sonia, a Ana ou a Glorinha: é porque vai encontrar neblina mesmo.

E nessa hora, só faróis apropriados podem garantir a segurança:

eles espalham à frente do carro um verdadeiro tapete de luz, e asseguram a visibilidade por pior que seja a cerração.

Quando um carro de Rally tem faróis de longo alcance Cibié, também não é por causa dos lindos olhos de ninguém:

só esses faróis iluminam até além daquele ponto onde o piloto consegue frear o carro,

nas retas onde são desenvolvidas as maiores velocidades.

Ao projetar os seus faróis auxiliares, a Cibié parte do princípio de que você viaja pelas mesmas estradas onde são realizados os Rallies.

E por isso ela busca soluções de engenharia da mais alta precisão e absoluta segurança.

É verdade que no final são faróis de linhas muito avançadas e bonitas, e sempre acaba juntando mulher.

Mas isso a Cibié deixa por sua conta.

**Faróis
CIBIÉ**

Lançamentos

INFERNO NA TORRE (*The Towering Inferno*), direção de John Guillermin e Irwin Allen; com Steve McQueen, Paul Newman, William Holden, Faye Dunaway, Fred Astaire, Jennifer Jones; **BELAS ARTES**—**VILLAS LOBOS** (rua Consolação, 2433), **ART PALÁCIO-SALA SÃO PAULO** (av. São João, 419), **MAJESTIC** (rua Augusta, 475), **IPIRANGA** (av. Ipiranga, 786), **VILA RICA** (av. Santo Amaro, 617).

Já destruíram Los Angeles num terremoto, afundaram o transatlântico Poseidon e ameaçaram com uma bomba outro navio inglês, na chantagem de Juggernaut. Mas, a partir do dia 10, São Paulo assistirá ao maior de todos os desastres e calamidades cinematográficas, "Inferno na Torre" (*The Towering Inferno*).

Grande sucesso de bilheteria em todo o mundo, premiado com três Oscars e com um elenco estelar (Paul Newman, Steve McQueen, Faye Dunaway, William Holden, Fred Astaire, Jennifer Jones e

surge alguns andares abaixo, você está perdido. Muitos dos que trabalharam neste filme, descobriram a mesma coisa. Paul Newman mudou até de dentista porque seu consultório ficava no 14º andar.

Mas desta vez, Allen está convencido de que "Inferno na Torre" não somente diverte como traz implícita uma mensagem:

— Houve incêndios em edifícios em São Paulo, Newfoundland e no Japão, comprovando apenas que não existe realmente um prédio à prova de incêndio. Porque isso também não poderia acontecer nos Estados Unidos? Afinal, nossos códigos são tão antiquados quanto os deles.

Essa tese criou problemas para o filme. A Associação de Construtores da América exigiu que ele colocasse um aviso no começo do filme dizendo que a história era fictícia e que uma coisa assim não poderia acontecer. Allen respondeu-lhes que faria isso se eles colocassem uma placa em cada edifício com os dizeres: "Este prédio não é a prova de incêndios". A Associação nunca mais o perturbou.

"Inferno na Torre" foi também o único dos filmes

ços, um filme sobre a erupção de um vulcão da Martinica que matou 64 mil pessoas, outros sobre um enxame de abelhas africanas que invade uma cidade do Texas, mais um sobre o roubo de tres bombas atômicas e seu sonho supremo: o Dia do Juízo Final, literalmente, o fim do mundo.

Algum dia ainda vão conseguir fazer um "disaster-movie" perfeito. So catástrofes, sem personagens idiotas, situações previsíveis e diálogos insidiosos. Mas até lá, temos que convir que este "Inferno na Torre" é o melhor da atual safra de calamidades, artificio que os produtores hollywoodianos inventaram para atrair o público de novo aos cinemas.

Porque melhor? Desta vez há mais estrelas (tantas que o filme até se dá ao luxo de matar algumas), mais ação, mais suspense e menos clichês. Há mesmo uma "mensagem": não existem meios de se combater um incêndio num edifício acima do sétimo andar. Por isso o filme coloca os dois fiéis da balança: o arquiteto (Paul Newman) e o chefe dos bombeiros (Steve McQueen), numa competição desabalada em demonstrar qual o mais heróico, contrapontados pelo construtor (William Holden) que tem "complexo de espião" e seu genro ambicioso (Richard Chamberlain) que utilizou mate-

mulher que antes de ser tragada pelas chamas, ironiza: "sempre sonhei em morrer na cama!" E tampouco salpicos macabros, como o balé fotográfico, em câmera lenta, do homem que arde em chamas. Além, evidentemente, de cenas de ação, senão brilhantes, pelo menos dosadas com propriedade por John Guillermin e Irwin Allen. Ou seja: um filme que pode muito ajudar a causa dos bombeiros de todo mundo (a quem a fita é dedicada) e não fará mal a ninguém. Exceto, talvez, aos futuros clientes do restaurante "Terrazzo Itália".

Rubens Ewald

CONSPIRAÇÃO VIOLENTA (*The Wilky Conspiracy*), 75 — Ralph Nelson ("Soldier Blue") dirige nessa aventura anglo-americana de cunho pretensamente liberal. Sidney Poitier é acusado de conspirar contra o governo sul-africano e defendido por uma advogada (Prunella Gee). Mas ele e o namorado da moça (Michael Caine) ferem um policial e fogem para se unir à revolta do líder Wilky. O filme, em todo caso, foi rodado no Quênia. **Gazeta** (av. Paulista, 900), **Barão** (rua Barão de Itapetininga, 255).

INVESTIGAÇÃO PERIGOSA (*REPORT TO THE COMMISSIONER*), 75 — Acrítica americana não gostou deste seguimento da atual linha dos policiais americanos — denúncia à corrupção concluída por um final irônico — fazendo restrições aos detalhes inverossímeis e aos personagens estereotipados. Michael Moriarty é um detetive novato de New York que casualmente descobre o plano de uma agente (Susan Blakely) para desmascarar uma quadrilha de traficantes de heroína. Direção de Milton Katselas ("Liberdade para as Borboletas") e roteiro de Abby Man (o criador da série Kojak) baseado em novela de James Mills. **Marrocos** (rua Cons. Crispiniano, 352), **Veneza** (rua Augusta, 2832).

TRES HOMENS EM CONFLITO (*Il Buono, il Brutto e il Cattivo*), 66 — Com seu habitual estilo barroco, o diretor Sergio Leone, responsável pela moda dos western-spaghetti — com "Por um Punhado de Dólares" — retorna nesta terceira e última seqüência de sua lavra. O enredo se repete — Clint Eastwood é o "homem sem nome" que procura uma carroça com 200 mil dólares, também cobijada por um pistoleiro mexicano (Elli Wallach) e um sádico (Lee Van Cleef) — mas o resultado é novamente original, valorizado pela música de Enio Morricone. **Paissandu-Sala Independência** (largo do Paissandu, 60), **Marachá** (rua Augusta, 778).

VAMPIRA (VAMPIRE) 74 — Nem a fleuma britânica de David Niven é capaz de dar um pouco de dignidade a esta sátira de gosto duvidoso. Na pele de Drácula, à procura de um tipo de sangue raríssimo para resuscitar sua amada, ele circula pela swinging London e se envolve com problemas — principalmente quando, por equívoco, ela revive com uma negra (Teresa Graves) — entre meia dúzia de piadas razoáveis, numa comédia sem maior sentido. Direção de Clive Donner. **Astor** (Av. Paulista, 2073).



"Três homens em conflito": um Sérgio Leone igualzinho aos anteriores.

Destques

ALICE NÃO MORA MAIS AQUI (*Alice Doesn't Live Here Anymore*), 74 — Tão irrepreensível quanto as diversas passagens e personagens desta versão feminina do sonho americano é a interpretação de Ellen Burstyn ("O Exorcista"), a Alice que empreende uma trajetória de alegrias e tristezas junto com o filho adolescente (Alfred Lutter) para reproduzir a mulher fascinada pela idéia da liberdade. Uma maratona impecavelmente conduzida por Martin Scorsese ("Mean Streets", inédito no Brasil) e acompanhada por toda a equipe. **Belas Artes** (rua Consolação, 2433).

GRITOS E SUSSURROS (*Cries and Whispers*), 73 — Por que tudo é vermelho neste poema trágico que sintetiza a fragilidade humana diante dos mistérios do amor, do sexo, da morte? Porque é assim que Ingmar Bergman visualiza a alma humana, uma membrana avermelhada. Aqui figurada por Liv Ullman e Ingrid Thullin, as irmãs que velam pacientemente os últimos momentos de Harriet Anderson embora só a empregada (Kary Sylvan) seja capaz de lhe dar o conforto que necessita. Excepcional fotografia de Sven Nykvist (premiada com o Oscar). **Arouche—Estudio A** (largo do Arouche, 426).

JOVEM FRANKENSTEIN (*Young Frankenstein*), 74 — Meticulosa reconstrução e deliberada paródia à versão original ("Frankenstein", de James Whale) do clássico monstro criado pela escritora inglesa Mary Shelley. Neja só falta a horripilante máscara, proibida de ser usada pela Universal, dona dos direitos sobre os parafusos e cicatrizes. O que não acontece com a sexualidade do Dr. Frankenstein, reprimida na criação de Boris Karloff e agora extravasada na de Peter Boyle. O resultado é frequentemente engraçado.

POCILGA (*Porcile*), 70 — Duas histórias paralelas na mais cruel sátira política de Pier Paolo Pasolini (trágica e recentemente falecido): uma fábula sobre a antropofagia, situada nos tempos primitivos e uma alegoria sobre a hipocrisia da alta burguesia contemporânea. Por trás da insólita paixão de um jovem alemão (Jean Pierre Leaud) por porcos, dos invulgares atos de

um semi-selvagem (Pierre Clementi) ou da súbita felicidade do industrial alemão (Ugo Tognazzi) ao encontrar a maneira de se matar sem deixar vestígios, projeta-se uma obra inquietante, moderna, humorada e cáustica. **Rio** (av. Paulista, 2073).

Especiais

DOCUMENTÁRIOS BRASILEIROS — "Bóias Frias", de Reynaldo Volpato, sobre os trabalhadores rurais no Paraná que moram na cidade e levam marmitas com sua comida para o campo, origem do termo que dá título ao filme; "Sob as Pedras do Chão", de Olga Toshiko Futemma, retratando a vida do bairro japonês "Liberdade", o encontro de dois mundos. **Cinemateca Museu Segall** (rua Afonso Celso, 362), somente quinta-feira.

LE GRANDE OCEAN — Último filme do festival "Francophone". **Teatro Aliança Francesa** (rua General Jardim, 182).

AS CÍNICAS (*Tsuyomoshi Onna to Yoamochi*), 66 — Trajetória de uma mulher de meia-idade e de uma jovem através da vida noturna japonesa compõe esta reflexão do diretor Kaneto Shindo sobre a marginalidade — primeiro filme do ciclo sobre este tema. **Com Otowa Nobuko, Saiti Tonoyama**. **Cinemateca Museu Segall** (rua Afonso Celso, 362), somente sexta-feira.

RALÉ (*Donzoku*) — A obra clássica de Maximo Gorki sobre a vida e deteriorização da espécie humana num cortiço, impecavelmente recriada pelo Diretor — Akira Kurosawa. **Com Toshio Mifune, Kyoto Kagawa, Tsuzu Yamada**. **Cinemateca Museu Segall** (rua Afonso Celso, 362), somente sábado.

Em cartaz

ASSIM ERA A ATLÂNTIDA, direção de Carlos Manga; com Oscarito, Eliana, Anselmo Duarte, Cyll Farney, Grande Otelo, Norma Bengell; **METRÓPOLE** (pça. Dom José Gaspar, 134), **CINESPACIAL** (av. São João, 1.465).

Similar tropical de "Era Uma Vez em Hollywood", "Assim Era a Atlântida" não o imita apenas em intenções mas também em definições. Raramente mostra um número na íntegra, num suceder sem fim de climaxes, uma festa capaz de intoxicar os convidados — dentro das devidas proporções. Porque terminados os seus 105 minutos e outros tantos momentos das 27 "chanchadas" reunidas, quase nada permanece, a não ser uma indistinctível impressão de pobreza.

A pesquisa realizada por Carlos Manga e Sílvia Abreu



Inferno na Torre: o maior de todos os desastres cinematográficos

outros) o filme representa também um fato único na história do cinema. Pela primeira vez, duas grandes companhias, a Warner e a Fox, se uniram para uma mesma produção. Cada uma delas pagou metade do orçamento de 14 milhões de dólares, tudo porque ambas haviam comprado direitos de livros sobre o mesmo tema, um incêndio de apocalípticas proporções num grande edifício: "A Torre" de Richard Martin Stern e "O Inferno de Vidro" de Frank Robinson e Tom Scortia. Em vez de concorrerem, porque não unir forças?

Para fazer jus ao título de "mestre do desastre", o produtor Irwin Allen, precursor do ciclo dos "disasters movies" com "O Destino de Poseidon" (mais de 170 milhões de dólares de renda), resolveu desta vez também dirigir as cenas de ação, deixando para John Guillermin apenas a direção de atores.

— Passei dois anos e meio pesquisando o filme, afirma Allen. E descobri que se voce mora num edifício acima do oitavo andar e um incêndio

do gênero que teve boa recepção por parte da crítica. Vicente Canby do *New York Times* considerou-o "o melhor filme do fim do mundo deste ano". A razão do sucesso? Allen diz que ainda não parou para pensar.

— Um dos motivos é que geralmente coloco pessoas comuns — o açougueiro, o pai-deiro, o bombeiro — em circunstâncias extraordinárias que requerem esforços sobre-humanos e atos heróicos. O espectador assiste e depois sai do cinema pensando que também seria capaz de fazer o mesmo. Outra razão, já mais desagradável, é que as pessoas se sentem atraídas pelo macabro. Sempre correm atrás do carro de bombeiro ou de uma ambulância. Sei que é algo incômodo de se dizer do ser humano, mas dá bom dinheiro para os produtores.

Talvez por isso, Allen não pretenda parar por aí. Entre seus futuros "desastres e calamidades" já estão planejados uma seqüência para "O Destino de Poseidon" em que os sobreviventes ficam presos num trem baixo dos Alpes sui-

riais de pior qualidade para diminuir os custos.

Como autênticos James Bonds do fogo e da fumaça, Newman e McQueen se desdobram em malabarismos e proezas, a que a platéia não recusa entusiásticos aplausos. E aí começa o problema da verossimilhança. Qualquer paulistano, depois dos sombrios episódios do Joelma e do Andraus, é capaz de dar lições como agir num caso desses e será um espectador muito crítico de todas as situações. Difícilmente aceitará a moral absoluta assegurada no filme: os culpados punidos por seus crimes, a coragem sempre presente diante do inevitável, o glamour diante da tragédia.

No maior arranha-céu do mundo, 140 andares de vidro e aço em São Francisco, incendiados no dia de sua inauguração, os personagens respiram um ar de irrealdade, digno de maquete. Felizmente, mal se apresentam, já se alastra o incêndio e o suspense. Dos escombros finais, depreende-se que se a denúncia é respeitosa, criam-se alibis para evitar maiores complicações: são os códigos de obras antiquados que não se ajustaram às novas concepções arquitetônicas. Trata-se, afinal, de um filme "construtivo", em que não se evitam "frases de efeito", como a



"Investigação Perigosa": apenas mais um policial americano.

debateu-se com os limites da parca memória nacional. As enchentes e um incêndio destruíram parte dos arquivos da Atlântida, o que justifica a omissão de trechos memoráveis (Oscarito imitando Rita Hayworth em Gilda) ou sequências musicais famosas (Black Out e a Maria Candelária, Virginia Lane e o Sasaricando). Na verdade, não é a reunião de todas aquelas fitas produzidas nos velhos estúdios da rua Hodcock Lobo, no Rio de Janeiro, na fase que se convencionou chamar de "chanchada" (anos 50 a 62), que desagrada. O triste é verificar depois de 20 anos de saudável mistificação, como era ruim a Atlântida.

As "chanchadas" dão a impressão de que o Rio inteiro é uma boate de inspiração americana (praticamente não há exteriores nos trechos mostrados) onde gangsters e artistas se alternam em acessos de ingenuidade, geralmente calcados nos entraves do cotidiano brasileiro (a falta

Sua celebração dos anos ingênuos da Atlântida acaba sendo uma festa amarga, que destrói o mito da "chanchada". E os críticos, afinal, tinham razão.

Rubens Ewald

AEROPORTO 75 (Airport 1975), 74 - Sequência de "Aeroporto" (70) sem a menor relação com o livro de Arthur Hailey. Sómente a fórmula é a mesma: um grande avião colide em pleno ar matando os pilotos e forçando a aeromoça a guiá-lo. A história é absurda, cheia de suspense fácil e propaganda mal disfarçada do avião Jumbo. Apesar de um grande "aípe de astros (Myrna Loy, Glória Swanson, Nancy Olson, Linda Blair) entre os passageiros, eles nunca interferem na ação. Todo os atos de heroísmo fica por conta do super-piloto Charlton Heston, inacreditáveis ainda que partindo do mesmo homem que abriu as águas do Mar Vermelho em "Os Dez Mandamentos". Gemini 2 (av. Paulista, 807), Arcades (av. Ipiranga, 808).

O ANTICRISTO (L'Anticristo), 74 - Nesse "Exorcista" italiano, dirigido por Alberto



Sônia Braga em "O Casal": UMA FOTONOVELA FILMADA:

Império (largo do Paissandu, 60), Regina (Av. São João, 1140).

Ó CONVITE (L'Invitation), 73 - De linguagem simbólica, este drama existencial suíço, dirigido por Claude Goretta, se credencia por um prêmio especial no festival de Cannes: um funcionário melhora de vida e convida todos os seus conhecidos para uma grande festa. Com Michel Robin, Jean-Luc Bideau. Cinema 1 (rua Augusta, 2.075).

OPERAÇÃO DRAGÃO (Enter the Dragon), 73 - O primeiro filme americano sobre "karate", rodado em Hong-Kong por Robert Clouse, e também o primeiro (e único) trabalho internacional do maior astro do gênero, Bruce Lee (que faleceu antes do lançamento da fita, de causas até hoje desconhecidas). A aventura é convencional: Bruce, um americano (John Saxon) e um negro (Jim Kelly) se infiltram numa ilha-fortaleza à serviço da CIA americana. Mas as cenas de lutas (mistura de todas as artes marciais do oriente) são

Viver" (62), está comédia italiana propiciou a Vittorio Gassman o prêmio de ator no último festival de Cannes. Ele é o meia-idade que junto a um adolescente (Alessandro Momo) percorre o país, em busca do amor ou da morte, da maturidade ou da amargura. Copan (av. Ipiranga, 200), Gazetinha (av. Paulista, 900).

O ROUBO DAS CALÇINHAS, 75 - O mais engraçado nesta nova porno-chanchada carioca é o blefe que aplicam na platéia. Nos dois episódios dirigidos por incompetentes artesãos (Braz Chediak e Sindoval Aguiar) não há nenhum roubo de calcinhas, o título foi inventado e o trailer redublado para justificá-lo. Com Marco Nanini, Dirce Migliaccio, Lady Francisco. Olido (av. São João, 473), Iguatemi (av. Brig. Faria Lima, 2064).

O SUPEREFICIENTE (Il Domestico), 74 - Ao contrário do que a propaganda anuncia, não se trata de uma comédia erótica mas uma razoável sátira à maneira italiana, dirigida por



Assim Era a Atlântida: uma festa ingênua de indisfarçável pobreza

d'água, o custo de vida, a burocracia, etc.). Oscarito pode ter sido muito engraçado mas o que se vê na tela é uma sucessão sem sentido de caretas, escorregões e números truncados. Eliana não passava de uma jovem amadora espontânea mas limitada dramaticamente a um invariável levantar de sombrancelha. Cyll Farney e Anselmo Duarte eram apenas galãs, Adelaide Chiozzo, uma sanfoneira e José Lewgoy iniciava sua aprendizagem de ator.

Tudo era muito deficiente até a chegada de Carlos Manga, a julgar pelo filme. Mas será que não fica estranho Manga realizar um filme em que não só se promove abusivamente como propõe-se provar que ele era realmente bom? Pois nem como divertimento nostálgico o filme resiste. É indiscutivelmente uma delícia ver a moça na boate fazer "psiu" para Bene Nunes ao piano e depois assistir Eliana e Anselmo parodiando Ginger Rogers e Fred Astaire em "Jealousie". Estes, porém, são praticamente os únicos números mostrados na íntegra. Ainda assim, os momentos mais elaborados são mesmo de Manga: Norma Bengell imitando Brigitte Bardot em "O Homem do Sputnik", Odete Lara cantando em "Duas Histórias", Doris Monteiro e Cyll Farney na cena de amor "De Vento em Popa". Mal se vê Grande Otelo ou se justifica a ótima lembrança que Zezé Macedo nos deixou.

À "Assim Era a Atlântida" falta verve, ponto de vista crítico, maiores talentos. E, certamente um Fred Astaire, uma Judy Garland, uma Metro Goldwyn Mayer.

de Martino (autor de medíocres filmes de halterofilistas), o diabo escolhe uma princesa de tradicional família romana, tornada parálitica num acidente e exorcizada por um monge e um psiquiatra. E deixa saudades do tempo em que os italianos se levavam menos a sério e faziam somente paródias bem sucedidas com Totó e Peppino de Filippo. Elenco internacional com diálogos em inglês: Mel Ferrer, Carla Gravina, Arthur Kennedy, Alida Valli. Marabá (av. Ipiranga, 757), Paulistano (av. Brigadeiro Luiz Antônio, 2344), Liberty (av. Paulista, 2064), Ouro (Largo do Paissandu, 13).

O CASAL, 75 - Entre a estreia como um Caso Especial da Rede Globo ("Enquanto a Cegonha Não Vem") e sua transposição cinematográfica, a história de Oduvaldo Viana Filho (os dilemas de um casal universitário quando a mulher fica grávida) recebeu alguns adereços libertinos, supostamente típicos do folclórico bairro de Ipanema. A parte a correção técnica, a linguagem simples, os artifícios fotográficos perpetrados pelo diretor Daniel Filho e a presença de astros da TV (Sônia Braga, José Wilker), tudo não passa de uma vulgar e pouco recomendável fotonovela. Gazetinha (Av. Paulista, 900), Paissandu-Sala



"Aeroporto 75": absurda e mal disfarçada propaganda do avião.

realmente notáveis. Art Palácio-Sala São João (av. São João, 419).

PERFUME DE MULHER (Profumo di Donna), 74 - Considerado pela crítica francesa como o melhor filme de Dino Risi desde "aquele que Sabe

Luigi Felipe D'Amico: Lando Buzzanca traveste-se aqui num instável criado da burguesia romana, permanentemente angustiado pela sua dependência aos patrões. O diretor neorealista Luciano Salce interpreta uma curiosa caricatura de si mesmo. Coral (rua Sete de Abril, 381).

TERREMOTO (Easrthquake), 74 - Graças a uma requintada parafernália eletrônica - denominada senssurround - mistura de som, ambiente e sensualidade - o diretor Mark Robson realiza a destruição de Los Angeles, tão absurda quanto a imaginação dos roteiristas Mario Puzo ("O Poderoso Chefão") e George Fox e tão ridícula como suas personagens, interpretadas por Charlton Heston, Ava Gardner e George Kennedy entre outros. Um triunfo da tecnologia cinematográfica, mal correspondido pelas desastrosas preocupações do filme. Comodoro (av. São João, 1462).



Perfume de Mulher: em busca do amor ou da morte

Pare

no Plano Itarumã.

Entrada só em janeiro, e sem um tostão de juros.

Primeira prestação: 30 dias após a entrega do carro.

Corcel Luxo 76

Com conjunto I
Cr\$ 42.809,00
24 x 1.998,50 ou 36 x 1.541,24
Entrada: 8.561,00 em janeiro, sem juros.

Maverick Super 4 cl.

24 x 1.999,00 ou 36 x 1.542,00
Entrada: 8.800,00 em janeiro, sem juros.



ITARUMÃ

DISTRIBUIDORA DE VEÍCULOS S.A.
Av. Ibirapuera, 2332, telefone 240-2211.

REVENDEDOR



Teatro

ABSURDA PESSOA, de Alan Ayckbourn; direção de Renato Borghi; com Ester Goes, Tony Ramos, Miriam Mehler; Teatro Treze de Maio (rua Treze de Maio, 134), de quarta a domingo.

Uma peça de situações absurdas (absurdas?) que nada tem a ver com o teatro do absurdo. Uma comédia de costumes sobre pessoas mal acostumadas. Em três atos, três noites de natal festejadas por três casais nas cozinhas de suas respectivas casas, o autor inglês Alan Ayckbourn radiografa numa rígida geometria o trágico absurdo do cotidiano determinado pela sociedade contemporânea — notadamente à classe média. Com privilegiado fôlego e cáustico humor ele expõe em



Do humor e a crueldade em "Absurda Pessoa"

"Absurda Pessoa" os dramas e dissensões de suas caricaturadas personagens, por trás das quais se revelam pessoas familiarmente reais.

De origem humilde, o patético e inescrupuloso Sidney (Luiz Carlos de Moraes) só almeja a ascensão social, acompanhado pela submissa mas irrequieta Jane (Ester Goes). Semelhante preocupação não possui o rico banqueiro Ronald (Paulo Padilha), definitivamente entediado e incompatibilizado com a alcoólatra Marion (Marcia Real). Prensado entre ambos os casais, constroem-se permanentemente o arquiteto "sem moral conjugal mas com ética profissional" Geoff (Tony Ramos) e sua frustrada mulher Eva (Miriam Mehler) à beira de sua única saída, o suicídio. São uma mescla das personagens de Anton Tchecov, sem o idealismo destas, com a incômoda crueldade das figuras de Jules Feiffer. E nos três natais em que se visitam, os climas se alternam entre o humor hilariante e a ironia devastadora, armados por um elenco homogêneo, um cenário adequado de Marcos Flaksman e uma direção segura, estréia do ator Renato Borghi. Um espetáculo convencional, indubitavelmente, e excessivamente longo, mas que desperta no espectador "não o riso da indiferença, porém, o da compreensão", como almejou o autor. Para o que contribui sobremaneira a bombástica performance de Ester Goes.

Renato de Moraes

O CASO WALTER KATE — Com relativa verve, humor e nonsense, a peça musical escrita e dirigida pela atriz Claudia de Castro apresenta a Escola de Samba Unidos da Desgraça e seu enredo contando a história de Walter e Kate, um caso de amor parodiando o

rumoroso episódio de Watergate. As soluções encontradas não chegam a ter a força de um grito de carnaval, tampouco são sombrias como o fato em que se baseia. Com Neusa Borges, João Acaiaibe, Yara Marques. Teatro Popular (rua São Vicente, atrás da pça. 14 Bis), de terça a domingo.

OS EXECUTIVOS — Através da enaltecida figura do executivo e três coquetéis promovidos por sua empresa, o autor Mauro Chaves (que com este texto obteve o prêmio de encenação do SNT em 74) pretende mostrar uma situação mais ampla, em que as pessoas não passam de marionetes, manipuladas pela sociedade. Malgrado do exercício, indeciso entre o realismo e a farsa, acompanhado pela direção de Silnei Siqueira ainda que apoiado num elenco eficaz (Beatriz Segall, Ariclé Perez e outros). Teatro São Pedro (rua Albuquerque Lins, 171), de terça a domingo.

GOLPE SUJO — Marido (Hélio Ary), mulher (Maria Della Costa) e um tarado sexual (Jardel Filho) multiplicam seus truques e armadilhas nesta caçada, em que nunca se sabe quem é o caçador, do jornalista italiano Mario Fratti — pela primeira vez representa do no Brasil. Sem brilhos mas sem deslizes, este retrato da violência americana levemente temperado com um molho latino e dirigido por José Renato cumpre fielmente sua função de fazer rir com a frequência desejada. Teatro Maria Della Costa (rua Paim, 72), de quarta a domingo.

O JOGO DO SEXO — Nada mais convencional do que a irregular geometria dessa comédia inglesa de Richard Harris e Leslie Darbon: o clássico triângulo amoroso que ameaça se transformar em quadrilátero e acaba tomando a forma de um pentágono. Felipe Carone, Maria Luisa Castelli, Ivete Bonfá, Renato Restier, Lisa Vietra, Carlos Di Simoni e o diretor José Renato apenas desejam proporcionar ao público "duas horas de bom humor". Conseguem. Teatro Paiol (rua Amaral Gurgel, 164), de terça a domingo.

LIÇÃO DE ANATOMIA — Insólita peça escrita e dirigida pelo argentino Carlos Mathus, de título retirado de um quadro de Rembrandt, que lida mais com símbolos do que propriamente com personagens definidas. Cacilda Lanuza, Geraldo Del Rey e os demais atores se entregam a exaustivos movimentos e explosões emocionais para dramatizar sentimentos fundamentais do ser — medo, amor, ódio, alegria, solidariedade — geralmente monótonos ou abstratos. Auditório Augusta (rua Augusta, 931), de terça a domingo.

NÓS TAMBÉM SABEMOS FAZER — Depois de 25 anos de carreira de ator, em que interpretou todo tipo de personagens, Paulo Goulart estréia melancolicamente como autor e encenador. Sua "despretensiosa comédia policial" é pontilhada de modismos e efeitos fáceis, na qual soçobram o espe-

rado humor e mesmo atores de melhor nível (Wanda Stefânia, Oswaldo Campozzana). Teatro de Arena (rua Theodoro Bayma, 94), de quinta a domingo.

O PROCESSO DE JOANA D'ARC — Uma Joana D'Arc (Márcia Pompeo) eminentemente associada aos dias de hoje, mas com visíveis pontos de contato com a lendária personagem da história francesa (1412-1431). Na concepção do autor Carlos Queiroz Telles e do diretor Roberto Lage, a montagem deve ser contemporânea, com roupas coloridas, atores à vontade e perenes e instigantes reflexões. Evidente sinceridade, correspondida pelo elenco, um tanto desvirtuada por falhas da direção. Teatro Ruth Escobar-Sala Gil Vicente (rua dos Ingleses, 209), de quarta a domingo.

RODA'COR-DE-RQDA — A quarta peça montada da teatrológica Leilah Assunção, (30 anos), não tem a mesma agudeza psicológica de "Fala Baixo Senão Eu Grito" embora tenha sofrido corrosivas restrições da censura como em "Amanhã, Amélia de Manhã". Nos 5 movimentos em que Amélia, mulher de verdade (Irene Ravache), seu convencional marido (Rolando Boldrin) e Marieta, a amante (Lilian Lemertz) alternam-se nos vértices do triângulo amoroso, a banalidade dramática e as pueris variações eróticas não conseguem suplantiar os raros momentos de contundente humor. Teatro Itália (av. São Luís, 50), de terça a domingo.

O VENDEDOR DE GALGALHADAS — Dois fatos distintos aglutinados pelo diretor Luiz Jansen e pelo ator Procópio Ferreira — uma retrospectiva da história do humorismo, desde a época do pré-cristianismo até os dias de hoje e o meio século de teatro correspondente à carreira artística de Procópio conduzidos em tom informal pelo ator e entremeados por projeções de slides. Teatro Ruth Escobar — Sala do Meio (rua dos Ingleses, 209), de terça a domingo.

VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER — O tom instigante e a polêmica tem acompanhado este anti-vaudeville do francês Roger Vitrac desde a sua primeira encenação em Paris, 1926, feita pelo "maldito" Antonin Artaud. Estas características mantem-se nesta remontagem de Celso Nunes dos dramas de Victor, a criança que no dia de seu 9º aniversário resolve colocar em cheque os valores burgueses e o poder fictício de seus pais, levando-os à loucura. Com Paulo Betti, Lilita de Oliveira, 3º Andar da Bial (parque do Ibirapuera), de sexta a domingo.

VIVA O CORDÃO ENCARNADO — Mais popularesca do que popular, a montagem de Luis Mendonça do musical de Luis Marinho, inspirada em autos pastoris nordestinos, jamais consegue abranger seus inúmeros propósitos. Nas diversas tramas vividas por um elenco de inegável competência (João José Pompeo, Yolanda Cardoso, Sadi Cabral e outros), em que se entrelaçam tipos e costumes humanos variados, promete-se muito mas pouco se oferece além de curtas passagens de brilho, via de regra rescendidas a velhos musicais da Atlântida e teatros



Telly Savalas: de ator-detetive a show-man?

de revista. Teatro Aplicado (av. Brig. Luis Antonio, 931), de terça a domingo.

Shows

TELLY SAVALAS, no Esporte Clube Sírio (sexta-feira) e no Palácio das Convenções do Parque Anhembi (sexta e sábado).

Decididamente, crítica e público estão convencidos: Kojak/Telly Savalas é o detetive mais próximo da realidade humana que a televisão já criou. Embora limitada, esta conclusão tornou-se a explicação definitiva para o indiscutível sucesso da série policial atualmente apresentada pela Rede Globo. As indecisões começam quando se referem a seu talento como show-man, função com a qual o simpático policial que chupa pirulitos desembarcou esta semana no Brasil. E aterrissou abundantemente acompanhado: 28 músicos, 6 bailarinos, 4 guardacostas, secretário, empresário, roupeiro e, surpreendentemente, sem nenhuma mulher.

O que poderia um ator-detetive oferecer em cima de um palco? Os caminhos de Telly (Aristóteles para os íntimos) Savalas rumo ao estrelato começaram em Nova York, cidade onde nasceu, em situações que jamais fariam prever seu sucesso, muito menos como ator: era apenas um dos seis filhos de um casal de imigrantes gregos, o pai, milionário arruinado pela depressão, a mãe, ex-Miss Grécia, uma avó de 108 anos. É verdade que todos na família julgavam-no o homem mais fascinante do mundo. Mas se tal grupo de fãs não encontra outro adjetivo senão restrito, tudo indica que seus estímulos iniciais foram suficientes para que Savalas, hoje proprietário de uma mansão na Califórnia (comprada de Frank Sinatra), tentasse vencer na vida.

Mal ingressara na Faculdade de Psicologia em Columbia, abandonou-a para tentar o jornalismo no Departamento de Estado americano, onde coordenou também os programas de rádio, em inglês, para os países comunistas. E entrevistou homens como Churchill, Gromyko, Truman e Eisenhower. Um simples favor à American Broadcasting Company transferiu-o das telas da máquina de escrever para as telas de televisão e cinema: prometera encontrar um figurante para fazer o papel de um velho juiz europeu. Não encontrou. E seu primeiro personagem foi um velho juiz europeu.

Por sorte (ou por acaso), Burt Lancaster simpatizou com o porte do ilustre desconhecido e convidou-o para participar de "O Homem de Alcatraz", o que lhe valeu uma indicação como melhor ator coadjuvante para a Academia de Hollywood. Não ganhou o prêmio, mas daí em diante os convites não faltaram. A cabeleira foi raspada para o papel de Pôncio Pilatos em "A Maior História de Todos os Tempos". E Savalas nunca mais a deixou crescer, raspando-a duas vezes por dia, garantia, pelo menos, do cachê dos anúncios de lâminas de barbear.

Foi justamente a careca lisa e brilhante que atraiu os produtores da série policial Kojak e transformou o cinquentão nari-

gudo e feio em astro sensual da constelação hollywoodiana. Pai de quatro filhos (resultado de três casamentos), Telly se confessa um romântico incurável e um igualmente irrecuperável jogador, assíduo frequentador dos cassinos de Las Vegas. Da crítica e do público, já recebeu os elogios mais variados: inteligente, criativo, generoso e, principalmente, fascinante. Como ator é, no mínimo, consagrado pelo tempo: doze anos de carreira. Como show man é uma incógnita. Ninguém nunca o viu dançando em seus filmes e há opiniões muito contraditórias sobre o único disco que gravou. De qualquer maneira, vai ganhar 35 mil dólares por cada apresentação no Brasil. Resta saber se vão pagar o show-man Telly Savalas ou o detetive Kojak.

BANANA PROGRESSIVA — Em sua segunda edição, bem mais promissora que a primeira, a série Banana Progressiva reúne nomes significativos de nossa música popular: dos já consagrados a alguns dos mais jovens compositores. Fagner e Hermeto Paschoal (sexta-feira), Grupo Platô e Hermeto (sábado), Hermeto e Moraes Moreira (domingo). Teatro Bandeirantes (av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1411). E Gilberto Gil, em sua última apresentação este ano no Brasil. Teatro Aquarius (av. Rui Barbosa, 266), somente segunda-feira.

BIG BAND — O arranjador, músico e compositor Nelson Ayres e os 20 músicos de sua banda interpretam um repertório variadíssimo com composições do próprio Ayres, de Vitor Assis Brasil Tom Jobim, muitos fregues e arranjos de Quincy Jones. Auditório Augusta (rua Augusta, 931), somente segunda-feira.

BRANCO QUETE QUERO NEGRO — Neste espetáculo comemorativo dos 52 anos de carreira artística do ator e comediante Grande Otelo, os convidados da roteirista Sheila Lobato (Aracy de Almeida, Rosana Tapajós e a mulata Josephine Hélène) mostram-se desnecessários ao clima da festa. Juntos, eles desfilam um repertório eclético, desde os tempos do Cassino da Urca e dos musicais de Carlos Machado, passando por imitações de Jean Gabin e Maurice Chevalier (feitas por Otelo) e músicas de Noel Rosa e Ari Barroso até canções de João Bosco e do próprio homenageado. Uma geléia geral, de gosto indefinido. Igrejinha (rua Santo Antonio esq. Treze de Maio), de quarta a sábado.

BRASILEIRO PROFISSÃO ESPERANÇA — Através de quatro tempos — esperança, cansaço, desespero e esperança outra vez — Paulo Gracindo e Clara Nunes atingem com notável profissionalismo a meta pretendida pelo dramaturgo Paulo Pontes ("Um Edifício Chamado 200") e pela diretora Bibi Ferreira: dimensionar as obras do cronista Antonio Maria (1921-1964) e da compositora Dolores Duran (1930-1959) e dos artistas mais jovens que seguiram as trilhas por eles abertas. Teatro Aquarius (av. Rui Barbosa, 266), de quarta a domingo.

FESTA BRASIL — Alçado em 1969 a um dos mais altos vãos de show-bis nacional. Wilson Simonal parece ter aterrissado definitivamente no campo do ostracismo. É o que se deduz desta sua nova tentativa de reencontrar o prestígio perdido. Acompanhado do elenco da casa, o "rei da pilantragem e do champignon" canta grandes sucessos internacionais, pot-pourris nostálgicos de suas melhores fases, dança e até se traveste de mulher. Desengonçado e pouco sutil ápole de um show que apresenta outros destaques como Marina Montini e Gaguinho. Beco (rua Bela Cintra, 206), de segunda a sábado.

ROCKY HORROR SHOW — Para enaltecer o rock, satirizar os filmes de terror e celebrar a permissividade da era de Aquarius, o inglês Richard O'Brien armou uma farsa decididamente demode. Mas o diretor Odavias Petti supera a inconsistência do texto, encarando-o como uma brincadeira e imprimindo-lhe um ritmo vezo. Com Laiza Turnbul, Oswaldo Barreto e Paulo Vilaça. Teatro das Nações (av. São João, 1737).

Especiais



Stagium: temas brasileiros

BALÉ STAGIUM — Como já aconteceu anteriormente com as obras de Rosa Guimarães ("Diadorim") e Cecília Meirelles ("Dona Maria I, a Rainha Louca"), o Balé Stagium retoma uma temática brasileira, tentando, desta vez, transportar para a dança a linguagem seca e violenta de "Navalha na Carne" e outras obras de Plínio Marcos. O resultado disso é "Quebradas do Mundaréu", coreografia de Décio Otero, com partitura de Ailton Escobar e direção artística de Ademir Guerra. No programa, ainda "Orfeu e Euridice" e "Jerusalém". Teatro Municipal (Praça Ramos de Azevedo), somente quinta-feira.

RECITAL DE CANTO E PIANO — Amin Feres, baixobarítono, acompanhado pela pianista Yolanda Borghoff, interpreta obras de Schumann (Diechtherliebe), Claudio Santoro (Acalanto da Rosa), Camargo Guarnieri, Hugo Wolff e Poulenc (Chansons Gailarde). MASP (Av. Paulista, 1578), somente quinta-feira.

CONCERTO SINFÔNICO — A Orquestra Sinfônica Municipal e o Coral Municipal interpretam obras de Camargo Guarnieri, Villa-Lobos, Claudio Santoro. Regência de David Machado. Teatro Municipal (Praça Ramos de Azevedo), sexta e sábado. Palácio das Convenções (Parque Anhembi), domingo.

RECITAL DE PIANO — O pianista José Antonio Bezzan interpreta Bach (Suite Francesa em Sol Maior), Ginastera (Suite de Danzas Criollas), Oswaldo Lacerda (Cromos), Mozart (Sonata em Fá Maior), Liszt (Gnomen-Reigen) e Chopin (Balada em Lá Bemol Maior). MASP (Av. Paulista, 1578), somente sexta-feira.

RECITAL DE CANTO — Recital da cantora Assunção de Lucca, interpretando obras de Gluck, Donaudy, Mozart, Galuppi, Felix Otero, Mario Bruno, Alberto Costa, Carlos Gomes, Puccini e Carpentier. MASP (Av. Paulista, 1578), somente sábado.

CONCERTO DE CÂMARA — Concerto de encerramento do Curso de Interpretação de Música de Câmara, conduzido pelo professor Peteiz Feuchtwanger, apresentando seus participantes. MASP (Av. Paulista, 1578), somente sábado.

RECITAL DE CHOROS — Execuções do Conjunto Atlântico e provável presença de Altamiro Carrilho. Coordenação de Júlio Lerner. Anfiteatro Verde do Parque Morumbi (Av. Amarelis), somente domingo.

DANÇAS CLÁSSICAS DA ÍNDIA — Com o grupo da bailarina Sonal Mansingh. Teatro Municipal (Praça Ramos de Azevedo), de quarta a sábado.

Palha ou sizal nas bolsas deste verão

Artesanato brasileiro deixou de ser "curiosidade", pelo menos no setor de bolsas femininas. A palha, o sizal já está nas ruas, principalmente em trabalhos executados no Rio Grande do Norte (Natal). Na sessão de artesanato do Superbom (r. Turiassu, 2.100, Perdizes), bolsas de sizal custam em média Cr\$ 90,00. Carteiras sofisticadas em sua simplicidade, a partir de Cr\$ 32,60. Mas para quem preferir o couro, a opção são as bolsas baianas, tipo a tiracolo, combinando o camurção e o couro cru com relêvos. Preço, Cr\$ 233,00.

Meias? Só se for soquete

Para usar com vestido (estilo 1950) ou com calça boquinha de jeans, a onda que começa a movimentar os jovens é a meia soquete. As garotas usam com sandálias de biqueira aberta e salto e os garotos com sapatos de lona. Estas meias já existem à venda no Superbom (rua Turiassu, 2.100, Perdizes). São da marca Penny, em verde garrafa, vinho, vermelho e branco. Custam Cr\$ 12,90.

Na onda marinheiro

Por causa das listras da moda, por causa do verão sugerindo praia, o gênero marinheiro promete pelo menos quatro meses de sucesso. Broches esmaltados — desde barquinhos até âncoras — é um dos recursos a qual se pode recorrer para entrar na onda. Na Bonny do Mini Shopping Iguatemi, os preços dos broches variam de Cr\$ 15,00 a Cr\$ 58,00. Outro sucesso da mesma loja, são os corações de madreperla a Cr\$ 58,00.

Caipira! É um elogio

Na onda do "fui eu que fiz", a moda de tecidos caipiras está completando um ano de vida. Neste verão estes tecidos — cambraia de algodão com flores bem miúdas e espaçadas, tradicionalmente usada na confecção de camisolas — fazem vestidos franzidos, blusões soltos combinados com saias rodadas. No MIT (av. Pacaembu, 77), o metro de 90 cm de largura, custa Cr\$ 14,80. Pode ser encontrado em fundo branco, rosa, amarelo e azul.

A moda, boa e barata, dos grandes magazines promete não maltratar mulheres neste verão.



A resposta está na moda dos grandes magazines.

A MORTE DAS BUTIQUES?

As butiques paulistas, salvo algumas exceções, estão se expondo ao mesmo golpe que sacrificou a alta costura: preços muito altos e pouca novidade. Quase tudo o que se vê nas lojas da Augusta e adjacências está, por exemplo, nas coleções da Eletrodibraz, da Sears, da Ducal. Lojas que têm a vantagem de oferecer crédito fácil e a desvantagem de não dispor de vendedoras com conhecimento de moda.

Como nas butiques, o verão dos grandes magazines promete conforto. Os tecidos são quase todos naturais, como a anarruga, popeline, crepe indiano, cambraia, malha de algodão além naturalmente, do brim. Modelos menos rodados que os das últimas coleções, mostram que a moda está fugindo do exagero. Decotes arredondados ou simples alças arejam os vestidos, quase todos franzidos na cintura. O comprimento permanece abaixo do joelho, embora as donas de butique da Augusta prevejam pernas cobertas até as canelas, a partir do alto verão; isto é, em janeiro.

Uma das poucas características que diferenciam, no momento, a moda das butiques e a das grandes lojas é a utilização dos bordados. Tanto nas camisetas de esponja,

malha, como nos vestidos das vitrines da Augusta, dizeres e desenhos bordados aparecem com frequência. Entretanto, é apenas um detalhe, que pode ser acrescentado mais tarde, com relativa economia.

Em relação a preços, saiba que nas grandes lojas compra-se às vezes até 50% mais barato. Na Eletrodibraz (a baleia da av. Francisco Matarazzo) por exemplo, uma pantacourt ferrugem, bolsos enviezados e abotoados, barra virada, custa Cr\$ 119,00. Se for de brim lizado, o preço desce a Cr\$ 59,00. Camisetas listradas de azul e branco, manga chinesa de acordo com a última moda, corpo bem justo e decote redondo, custam neste mesmo endereço Cr\$ 89,90.

Conheça o verão, pago a prestações

O algodão indiano em tons de verde água, verde oliva, ferrugem, não foi esquecido pela Sears (av. Água Branca), uma loja onde você realmente pode escolher sua moda: a variedade é enorme. Um chemisier de algodão indiano verde água, elástico franzido as costas e cinto amarrado na frente, de acordo com as últi-

mas tendências, custa apenas Cr\$ 199,00. Vestidos longos de malha, no estilo camiseta, que caracterizam a moda jovem da Augusta estão também à venda na Sears. Custam Cr\$ 159,00.

Em linguagem de prestações a moda dos grandes magazines chega às vezes a ser suficientemente tentadora a ponto de enganar o comprador. Ainda assim com um conhecimento prévio do que está se usando é possível sair de uma dessas lojas duplamente servido. Na Ducal por exemplo você paga apenas Cr\$ 26,80 por mês (dez prestações iguais) por um conjunto de algodão cáqui, saia rodada mais blusão solto, em estilo moda estrangeira. Argumento aliás, que mantém muitas butiques da Augusta. A compra em prestações é vantagem principalmente para quem faz enxoval. Geralmente basta ter carteira profissional comprovando emprego e o crédito é aberto na hora.

Se em quase toda a Augusta é possível encontrar modelos até o manequim 44, saiba, enfim, que nos grandes magazines, por não existir a preocupação de manter uma falsa aparência de moda jovem, modelos 46, 48 são encontrados sem dificuldade. E este pode ser mais um golpe de morte no mito "butique".

Jeans, uma guerra atrás dos balcões



A roupa de trabalho continua sobrevivendo às "ondas" da moda.

Mesmo que os bandoleiros do oeste americano, xerifes, a "juventude transviada" ou os vaqueiros "água com açúcar" levem certa vantagem, o Jeans brasileiro tem seu público. Bem menos resistente que o americano (que hoje vale ouro) mas com o mesmo ar descompromissado, veste vitrinas da Augusta à 25 de Março. Neste verão entretanto pode faltar: é que a moda, segundo o seu roteiro natural — Londres, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo — trouxe uma ordem, ou seja, brim para o dia, brim para a noite, brim no almoço, no jantar e no cocktail.

De acordo com Suely, gerente da butique da Tecelagem Buchalla (Cardoso de Almeida, 340), apesar do tecido não ser muito apropriado para os dias mais quentes, é moda, e isto basta para alvoroçar os confeccionistas. As negociações entre tecelagens e confecções são feitas com tato, mas podem desencadear a guerra. A Buchalla por exemplo que fornece brim para confeccionistas, só está recebendo, para a venda na butique, os modelos dos confeccionistas que foram atendidos nos pedidos de brim. Os estoques deste tecido estão acabando!

A moda é quem dita os preços

Por enquanto entretanto, tanto a moda unisex (jeans e jaquetas) como a moda feminina (vestidos, batas, jardineiras e saias) existe em abundância e com diferenças brutais de preço, de loja para loja. Às vezes existem motivos, por exemplo no caso dos tecidos desbotados (delavé), que só se obtêm através de uma lavagem especial com produto importado. Ou, segundo a explicação de uma vendedora da Augusta:

— Quando existia ainda a calça Lee americana, era possível desbotar em casa. Agora que o tecido, matéria-prima e acabamento, é todo nacional, as calças desbotam de outra forma, não ficam bonitas. Para que se consiga este ar de coisa velha, que está valoriz-

ando o jeans, só através de um produto químico americano. Por isso é que o "velho" está mais caro que o novo.

Uma calça desbotada pode chegar a Cr\$ 200,00, um vestido a Cr\$ 400,00. Calças novas de brim azul marinho (US Top) estão à venda nas Lojas Mariza (Augusta, 2.025) por 89,90.

Outro motivo para a diferença de preços é o tabelamento. A Levi's por exemplo, a venda na Jean's Store (R. Pe. João Manuel, 1423), mesmo sem ser desbotada, não pode ser vendida por menos de Cr\$ 134,00; do contrário ficaria desvalorizada, questão de tática comercial.

Nos estoques, novidades ainda

Novidade também pode custar mais caro. Tanto a "cocota" como as "cigarettes" custam Cr\$ 155,00 na Jesse James (r. Marconi, 93). Ambas são lançamentos novos em matérias de calças compridas unisex. A "cocota" (originalmente nome dado às garotas que namoram surfistas, nas praias cariocas), têm cóis bem baixo, lembrando a moda Saint-Tropez, bolsos embutidos, pernas colantes bem compridas, possibilitando a importante e despretensiosa viradinha na bainha. Isto é, dobra-se o excesso de tecido para fora, várias vezes, formando uma barra bem estreita e que não deve ser costurada. A "cigarette" segue a mesma linha colante da "cocota", mas tem a cintura com passantes, no lugar.

Naturalmente bastaria apertar uma calça de boca larga e transformá-la em "cigarette". É o que a Jean's Sote está fazendo, porém a reforma dura às vezes uma semana, pois os pedidos se acumularam.

Seja como for, parece que a moda realmente convence o comprador a qualquer preço. Por isso é bem possível que em breve os estoques de jeans se transfiram das prateleiras das lojas para o guarda-roupa da classe média, numa tentativa de sobreviver ao recesso do brim.



BELEZA

Mais brilho na maquiagem

Sombras metálicas — cobre, ouro, bronze — da Revlon, são novidade em matéria de maquiagem. O potinho custa 41 cruzeiros e o artigo não desbota na pele. Por ser, apesar de pó, ligeiramente cremoso. Também na linha de maquiagem natural, um brilho cremoso e transparente (novo cores) que substitui o batom: Love in Gloss. Da Yardley, pode ser encontrado nas boas perfumarias por 11 cruzeiros o potinho.

Natureza na linha de cosméticos

Um número significativo de produtos de beleza está aderindo à saudável onda de volta à natureza: não só na utilização de matéria-prima natural, mas na conquista e esclarecimento de um mercado mais aberto à novidade do que à qualidade. Ervas, frutas, flores, proteínas apelam ao bom senso, principalmente na linha de xampus. Entre os lançamentos marcantes, o Herbal Essence Shampoo da Clairol para cabelos oleosos e normais, em dois tamanhos. Além do perfume à base de ervas, como ingrediente ativo, o ultra concentrado de proteína hidrolizada. O preço de lançamento na Bibelot (r. Augusta, 2837) é Cr\$ 24,00. Para enxaguar, na mesma loja, o creme rinse Herbal Essence custa Cr\$ 34,00.

Para os poros, hamamélis.

Outro produto à base de ingredientes naturais: Loção de Hamamélis. Adstringente suave para qualquer tipo de pele, feito de hamamélis, amêndoas e levedura de cerveja. Fecha os poros sem ressecar a epiderme. É da Jeanne Balsan, uma linha de produtos de qualidade, ainda pouco divulgada. Pode ser encontrado na Circe (rua Augusta, 2061) por 52 cruzeiros.

O gostinho colorido do amor

Se beijar é bom, beijar com sabor de fruta é melhor ainda. É o que a Yardley of London quer provar com o lançamento de sua linha Love in Fruit — o gostinho colorido do amor — batons com sabores de frutas. Morango, uva, abacaxi, canela, café, laranja, limão e tutti-frutti, os sabores e cores que a Yardley criou para dar mais sabor aos romances deste verão. Na Bibelot, Cr\$ 13,00 cada.

Nos sapatos, nas bolsas, na roupa pronta de lojas e butiques, uma idéia fixa: listras.



Super colante, uma moda para acompanhar as jeans.

Os grandes confeccionistas e lojistas de São Paulo, unidos, estão propondo uma maneira mais fácil de andar na moda. Basta seguir os temas predeterminados de seus lançamentos e, quase à porta de casa, haverá roupa atual, em numeração completa e preços mais acessíveis. No momento, um dos temas mais explorados, não só na roupa mas também nos acessórios, é a listra. Do vagamente "marinheiro" à sandália anabela de brim listrado, tudo pode entrar nesta linha, já à venda nos grandes supermercados, magazines e até mesmo em algumas butiques da rua Augusta.

Condicional pelo tema, é uma moda de cores contrastantes que prefere o branco-vermelho e branco-

azul, além de detalhes como viés de cores fortes ou barrados principalmente no decote e nas mangas. Na foto ao alto um dos lançamentos representativos, a camiseta super-colante, manga japonesa e com estampa no peito. Custa Cr\$ 75,00 na Jean Daniel da rua do Arouche, 49.

Abaixo, uma versão mais sofisticada, não só no tecido, uma mistura de seda e algodão, mas na utilização de flores quebrando a rigidez das verticais. O modelo custa Cr\$ 429,00 e pode ser encontrado na Jean Daniel da r. Bento Freitas, 53. Do mesmo endereço e também no centro de compras Superbom, os dois modelos esportivos, Cr\$ 199,00 e Cr\$ 239,00, da foto abaixo à esquerda.

Ainda que as listras dominem, a linha dos vestidos segue quase sempre uma mesma silhueta, onde a manga japonesa, ou chinesa como na foto ao lado, ganha destaque. O modelo é de lonita e tem uma pala franzida nas costas. Custa Cr\$ 239,00 na Jean Daniel.



O tema condiona: as cores devem ser contrastantes.



Flores e listras em versão mais sofisticada



Manga chinesa é moda

TENDÊNCIAS

A volta do linho e dos alfaiates

O linho que amarrota e não tem vinco permanente está voltando ao guarda-roupa masculino, para o alívio dos alfaiates. É uma moda que, exigindo a confecção de muitas peças — as cores são claras — faz prever mais encomendas, e por outro lado traz de volta a verdadeira arte da tesoura. Ao contrário dos tecidos sintéticos difíceis de moldar, rebeldes nas costuras, o linho pode ser trabalhado, domado.

Um dos problemas, entretanto, é encontrar linho nas lojas de tecido. Por isso algumas butiques, como a Carlo Palazzi (al. Franca, 1159) por exemplo, estão percorrendo as tecelagens tradicionais da cidade, à procura de linho estocado. Nesta butique já existem por Cr\$ 350,00, calças avulsas, passantes e pregas na cintura, em branco, cinza chumbo e verde claro. Se seu alfaiate, no caso da

confeção de ternos ou costumes, não tiver linho à disposição, saiba que ele pode ser comprado por corte na Big Ben (r. Marconi, 128) e na Irmãos Calache (r. Benjamim Constant, 55). Os preços variam de Cr\$ 850,00 a Cr\$ 980,00.

A silhueta dos paletós, de acordo com a tendência segue o estilo jaquetão, lapela larga, ligeiramente solto no corpo. Nas calças, além dos passantes e preguinhas, detalhes fundamentais, a barra virada, e os bolsos envezados.

Apesar da mão-de-obra, exigida para a conservação de um guarda-roupa de linho, dentro do esquema do impecável, ser bem mais difícil, segundo o alfaiate Di Carlos trará ao homem o conforto quase esquecido. Segundo ele, o importante é descobrir soluções às vezes tropicais, para vestir num esquema "arroz e feijão" o homem paulista.

Madrepérola e marfim combinados com prata ou ouro começam a aliviar o pescoço, dedos e braços das mulheres. As jóias e bijuterias pesadas ou em excesso não combinam com a moda, agora à procura de sofisticação.

ONDA

Cintilante, agora até à luz do sol

O lurex, o brocado, o lamê ou pequenos detalhes de strass, de acordo com a onda — via Estados Unidos — podem mostrar-se de dia, nas ruas: deixou de ser "cafona"! Por enquanto são mais comuns as camisetas, cujo quartel general é o Shopping Center Iguatemi, o ponto de encontro de jovens. Mas a onda promete brilho dos pés à cabeça, incluindo a lingerie. Na Paraphernalia (al. Franca, 1190), um dos artigos mais extravagantes do momento é a sandália de verlon transparente toda salpicada de brocade.

Uma loja que nunca fica vazia

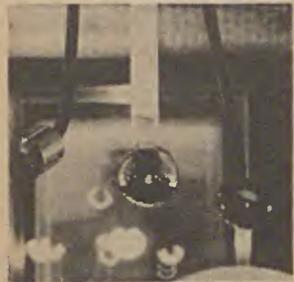
Apesar do clima instável, do dinheiro curto e outros tantos argumentos usados na explicação do baixo movimento das lojas às vésperas do Natal, a Freedom (al. Lorena, 1598) não pode se queixar. Desde o incenso até os vestidos longos — Cr\$ 3.000 cada — tudo é última moda, ou seja Índia. Entre os artigos de mais saída, as bijuterias o grande aliado no esquema jovem de valorização da moda. Entre as bijuterias, o coração de marfim — Cr\$ 40,00 para colar ou brinco. Ou seja, pode ser usado numa correntinha rente ao pescoço ou adaptado em brincos de argolinha.



DICAS

Luz de trabalho para escrivaninha

Lançamento novo da Dominicci (Center 3, s2, 1j 19 ou Nove de Julho, 5955) luminárias para fixar na mesa de trabalho. Podem ser fixadas também em canos já que a rosca de mesa é destacável. Os três modelos da foto tem hastes flexíveis. Modelo com cúpula cilíndrica Cr\$ 526,40; com haste ângulada Cr\$ 1.075,00; com cúpula de bola Cr\$ 728,00.



Porta vasos que drenam a água

Com as novas floreiras de poliestireno da Home Store (r. Nove de Julho, 5955), o problema de drenar a água dos vasos colocados dentro de casa, fica resolvido. Alguns modelos tem rodinhas (rodízios), facilitando a limpeza do chão. Encontram-se em várias formas: redondas, quadradas e triangulares para os cantos. Preços: as quadradas da foto (44 por 44 cm) Cr\$ 200 sem rodízio e Cr\$ 330,00 com rodízio. As triangulares Cr\$ 206,00 sem rodízio e Cr\$ 329,00 com rodízio.



Módulos para enquadrar qualquer estampa ou desenho

Com as molduras moduladas de alumínio Rex você enquadra sózinha em poucos minutos. Podem ser encontradas em lojas de quadros ou em grandes supermercados. (porém sem o vidro) como o Superhom (r. Turiassu, 2.100, Perdizes). Os módulos são vendidos em embalagens de dois, de forma que seja possível encontrar a proporção desejada. Preços: 20 cm, Cr\$ 46,60/25 cm Cr\$ 52,58/35 cm, Cr\$ 67,00/60 cm Cr\$ 88,82/70 cm, Cr\$ 97,00/75 cm, Cr\$ 104,00.



VERDE



Conheça Dona Maria da Silva, aliás Dona Maria Rainha

Flores colhidas na hora, espécies que não são comercializadas, arranjos segundo o seu gosto, é o que você pode comprar num fim de semana. Basta incluir no roteiro de passeio as chácaras hoje deslocadas das baixadas do centro, para a periferia. Estrada de Cotia ou Arujá na Estrada do Rio, por exemplo. Para as compras durante a semana, um endereço mais fácil, rua Varginha nº 35 (Sumaré), onde Dona Maria Rainha colhe todas as tardes as flores para a feira coberta da Dr. Arnaldo (3ªs, 5ªs e sábados). Flor da estação: Cosmea.

Agenda

Flores e árvores que germinam no mês de novembro.

As chuvas intensas — de novembro a março — favorecem a sementeira de algumas flores de jardim e o plantio de árvores. Veja a relação fornecida pela Dierberger (lgo. São Francisco, 175):

Ageratum — Flores azuladas e esbranquiçadas, bem miúdas, em plantas que não ultrapassam 20-30 cm de altura. Florescem sem interrupção, pedindo, porém, a poda das flores murchas.

Anemôna — Suas flores lembram papoulas e nascem em grande quantidade. Um canteiro tem em média 20-30 cm de altura.

Begonia Bellis ou Boninas — Produz margaridinhas róseas, vermelhas ou brancas, e pode ser usada para tapetar canteiros inteiros.

Calendula ou Malmequer Flores grandes, alaranjadas ou amarelas, que lembram um pouco a margarida. Os pés atingem 34-45 cm de altura. É flor indicada para corte e decoração.

Centaurea Bluet — Popularmente conhecida por escovinha, produz flores azuis, roseas e brancas, de pétalas bem delicadas. É um tipo de planta que exige poucos cuidados, florescendo ininterruptamente.

Cobaea — Trepadeira de crescimento rápido e folhagem muito resistente. Suas flores são roxas, brancas ou esverdeadas, em forma de sinos. É adequada para terraços e jardineiras de janelas.

Cyclamen — Planta bulbosa, que deve ser cultivada à sombra, em estufas ou sob a proteção de ripados. Pode-se adaptar ao interior de apartamentos. Flores — rosa vermelho, branco ou lilás. Cresce bem em vasos de barro.

Gloxinia ou cachimbo — Presta-se ao plantio em vasos e pode ser cultivada em apartamento. Folhas aveludadas e flores grandes, em forma de campânula.

Ipomoea ou Coriola — Trepadeira nativa em muitos terrenos de São Paulo. Suas flores azuladas abrem-se pela manhã e fecham com o sol forte.

Para o pomar, a Dierberger recomenda: abacateiro, amoreira, bananeira, cajá-manga, cajú, carambola, laranjeira, limão siciliano, mamoeiro, limão galego, pereira e mangueira.

Os móveis de jardim pedem licença para entrar em sua casa: é a nova decoração tropical.



Cerello, o junco em várias versões

Os móveis de jardim entraram na sala, acompanhados de avencas, samabaias e todas aquelas folhagens que vivem melhor à sombra. Feitos de junco, bambú, vime, cana da Índia, estão se provando mais adaptáveis a nosso clima: bem ventilados e menos sujeitos a reter umidade com almofadões de algodão ou juta, são aconchegantes como o móvel tradicional.

Móveis estilo jardim podem ser encontrados prontos na Celello (al. Cleveland, 484), Metaljunco (r. Pamplona, 1225), Juncolor (r. Augusta, 909) e N.R. Indústria e Comércio (r. das Palmeiras, 100). Neste último endereço, aceitam-se encomendas de móveis; basta trazer o desenho que é executado num prazo de trinta dias. Nos móveis prontos, você escolhe também o tipo de acabamento: verniz, laqueado ou pintado.

Apesar da cana da Índia, com nítidas influências orientais, ser a mais procurada no momento, é de menor resistência, além de ser mais cara do que nossos materiais "caboclos". Ou seja, de acordo com a umidade, perde um pouco de sua firmeza.

De modo geral, o preço mínimo de uma cadeira de vime é de Cr\$ 150,00, chegando até Cr\$ 1.500,00 no caso de poltronas de encosto trabalhado, bem alto. Um buffet de junco que pode ser adaptado para escrivaninha custa no mínimo de Cr\$ 2.500,00, se tiver três divisões. Mesas de canto, para sala, variam de Cr\$ 700,00 a Cr\$ 900,00. Um biongo com três divisões, tecido de junco (material mais caro que o vime) pode chegar a Cr\$ 3.000,00.

Estilo austriaco Na luta contra o calor,

móveis de palhinha representam outra opção. Podem ser encontrados em móveis Magaly por exemplo (r. das Palmeiras, 248). Uma cadeira laqueada, envernizada ou encerrada, do tipo balanço, custa em média Cr\$ 1.800,00. O encerrado é uma novidade nos móveis de palhinha. Trata-se de uma mistura de anilina com cêra, que dá a armação de madeira um colorido transparente. Verde, preto, vermelho, violeta e laranja são as cores à disposição naquela loja.

Seja de palhinha ou vime, junco, bambu, cana da Índia a decoração que se pretende adotar, importante é não fazer destes móveis o estilo único da sala, quarto, escritório. Cada móvel deve ser escolhido em função de bem-estar e não apenas como enfeite de acordo com a moda.

Arme-se contra o calor, com cortinas adequadas. Fora ou dentro da moda.

A cortina que esconde paisagens desinteressantes, veda o sol nas horas mais quentes do dia, abafa ruídos externos, deve ser de chintz. Pelo menos esta é a última moda sabor-nostalgia, em matéria de tecidos para decoração.

O chintz — ele lembra um percal lustroso — estampado de flores graúdas, exatamente como o usado tradicionalmente em móveis estofados, pode ser encontrada na Donatelli (r. Augusta, 1637, e av. São João, 176). Suas cores são bem suaves: rosa, azul claro, verde água. O preço por metro de 1,30 de largura é Cr\$ 98,00.

Quando a cortina é do tipo rolô, o chintz pode ser usado como uma variação das lonitas lisas, oferecendo a vantagem de ser um tecido bem

mais impermeável ao pó. Na Formatex (al. Santos, 2219) o metro de 1,20 de largura, custa Cr\$ 148,00. É encontrado em amarelo, marron-charuto e ferrugem. Na Tecidos Humberto (r. Augusta, 2193), o chintz liso (apenas branco e vermelho) custa Cr\$ 95,00, o metro de 90 cm de largura. Ambas as lojas não confeccionam as cortinas; só fornecem os tecidos.

Entretanto, se a intenção não é esconder a paisagem, abafar sons externos, vedar a luz do sol, é preferível escolher tecidos menos impermeáveis: renda de algodão ou simplesmente tela. Como este tipo de tecido é difícil de encontrar — a maioria dos tecidos de decoração são sintéticos — o jeito é recorrer a lojas de artesanato, como a Renderia (lgo. Sta. Cecília,

52), especializada em rendas do Ceará. Bem adaptadas, suas toalhas de mesa podem servir de tecido para cortina. O tamanho médio é 1,80 m por 1,90 m.

Uma solução para janelas que apesar de se abrirem para um jardim deixam entrar muito sol, é o sistema de painéis feitos de algodão encorpado, ou linhos crus. Estes painéis — 30 cm de largura — são dispostos em diferentes trilhos, de forma a possibilitar mobilidade no sentido horizontal. Isto é, pode-se deslocar vários na mesma direção, e até superpo-los num só bloco. As frestas verticais que se formam, devem acompanhar a movimentação do sol e da sombra. Os trilhos devem ficar escondidos sob galeria, revestida no mesmo tecido da cortina.

IGNÁCIO DE LOYOLA

Não foram à igreja em busca de Deus

“Que falta de respeito. Esse moço não para quieto. Nem na hora da Elevação. Fica o tempo inteiro olhando para os lados”. Margarida não se conformava. Igreja e missa são lugares de concentração, contrição. Ninguém é obrigado a rezar, nem a entrar em igreja. Entra porque quer, ou precisa. Quem entra, tem de agir de acôrdo.

Fazia um mês, mais ou menos, que o moço alto passara a frequentar a missadãs seis, a primeira. Não havia muitos fieis, apenas umas dez devotas, quatro muito idosas, trazidas por empregadas, dessas antigas empregadas que não existem mais em São Paulo, governantas, cozinheiras, secretárias, muletas.

Alto e de olhos verdes. Margarida tinha reparado no verde no dia em que ele se ajoelhou ao lado dela. Nesse dia, quase não assistiu à missa direito. Incomodada com o olhar penetrante. Afinal, o que ele queria? Só olhar? E olhar para que? Pensou, de leve, que o moço podia estar querendo namorá-la.

Depois, imaginou que não. Margarida tinha quarenta e cinco anos, professora substituta, sem cadeira para lecionar. De vez em quando pegava aulas num Grupo vizinho, mas era raro. Havia uma fila de substitutas e o diretor costumava indicar as mais novas, e bonitas. Interesseiro.

No entanto, quem sabe? Margarida tinha pouca confiança nela. Não era feia, era maltratada. Pobre, vida difícil. Também, não custava retribuir o olhar, sorrir. Esperança é esperança. Além de esperançosa, Margarida era otimista, e batalhadora. Teve um pouco de consciência culpada, ao ver que fazia durante a missa.

Logo, o sentimento passou. Nos dias seguintes, o moço ajoelhou-se em bancos distantes. Sempre perto de outras mulheres, ela notou. Será que olhava para todas? Seria um conquistador barato? Não tinha jeito. Parecia tímido, desprotegido, um pouco nervoso. Inquieto, movendo-se muito, ansioso.

Depois, o moço desapareceu por duas semanas. Angústia, será que voltaria? Onde estava? Por que ela não tinha puxado conversa? Lembrava-se das mãos dele, no momento em que todos deram as mãos para rezar o Padre-Nosso. Mão quente, úmida, trêmula. Não sabia nem o nome. Nos primeiros dias do sumiço, ela foi a todas as missas.

Nada. Até que ele voltou. Certa manhã, ajoelhou-se junto a ela. Como sempre, pouca gente na igreja. Na hora da Elevação, viu o moço se afastar. No entanto, devota, contrita, permaneceu de cabeça baixa. Súbito, a voz do padre, colérica:

— Pare aí! Não se mexa! Pare, fique aí!

Ela ergueu a cabeça, assustada. O padre tinha deixado o altar, e estava ao lado dela, frente ao moço. — Ladrãozinho de uma figa!

Padre não fala palavrão. E o outro, paralisado. O padre enfiou a mão dentro da malha do moço. Tirou uma bolsa.

— A minha bolsa, gritou Margarida.

— A sua bolsa, minha senhora, respondeu o padre, pedindo que ela o acompanhasse até a sacristia. Havia gente em volta, o sacristão, dois senhores com bengalas, prontos a investir. O moço, trêmulo, quieto, cabeça baixa.

— Cidade sem fé dizia o padre subindo os degraus. Roubar na igreja. Na casa de Deus. Eu vinha de olho nesse malandrinho. Sempre que ele aparecia, alguém era roubado. Bolsas sumiam, dinheiro sumia das bolsas. Liguei os fatos, aí está o ladrãozinho.

E no dia seguinte, os jornais contariam: “Padre pega ladrão na missa da manhã”. O padre é Cirino, da Igreja de São Carlos Borromeu, no Tatuapé. O ladrão, Luis Carlos Caledjann. No entanto, vinte e quatro horas depois, outra notícia, outro marginal: “Ladrão invadiu e roubou 12 igrejas”. Só que desta vez, um japonês, Mario Ossamu, especialista em templos messiânicos. Só roubava nessa religião. Questão de opção. Deus é único e para todos. O que não é para todos são nossas bolsas e o nosso dinheiro.

WALTER NEGRÃO

Que horas são?

É bem ali que ele fica. Na Ipiranga. Entre o cinema e o Jeca. Há anos. O seu ponto. Vendo desfilar artistas, rapazes e prostitutas. Vendo a loja às suas costas se transformar com o tempo, em kibelândia, salada paulista (dessas que vendem maionese com salsicha ou linguiça, a escolher), ou fliperama. É bem ali. Com o relógio enorme do City Bank na sua frente. E, mesmo assim, ele continua perguntando. Há anos. Mil vezes por noite. A voz fina, muito fina, feminina:

— Que horas são?

As respostas que recebeu já foram desde meia noite e quinze até não enche o saco ou vá perguntar pro teu macho. Mas não desiste. Num jeito entre tímido e atrevido, pergunta sempre:

— Que horas são?

Às quatro da manhã ele come um sanduíche, manda embrulhar outro e sobe a São João. Entra pela Barão de Limeira, cortando caminho e se recolhe no quarto da pensão, perto da rodoviária. Levanta cedo, faz o café na espiriteira, come o sanduíche mal dormido como ele, e sai. Prá onde, ninguém sabe. Prá trabalhar, ninguém sabe. Meia noite está

no seu posto.

to fina, feminina:

— Que horas são?

— Vai pastar, bicha-relógio.

O apelido ficou. Não se importa.

Nem se lastima. Quer conversar.

Com quem, tanto fez. O que, tanto faz.

— Que horas são?

— Duas horas.

— É tarde, não?

— Qual é a tua?

— Tenho uma garrafa de vinho lá em casa.

— Tá me convidando?

— A gente podia conversar.

— Falou. Vamos lá, ver esse vinho

E foram. Pela primeira vez, há anos. Ele subiu a São João mais cedo. E não estava sozinho, quando cortou caminho pela Barão de Limeira e entrou na pensão, perto da rodoviária. Abriu a porta do quatinho com a mão trêmula. Lembrou de repente que não tinha comido e nem comprado o sanduíche pro dia seguinte. Estava feliz assim mesmo. Alguém tinha topado.

Olhou as costeletas do rapaz, o peito peludo junto ao pescoço. Tirou a garrafa de vinho chianti debaixo da cama. Empoeirada.

— Você não prefere um café? Tenho a espiriteira, posso passar.

— Abre essa droga de vinho duma vez. Vamos acabar logo com isso.

Estranhou. O costeleta ia tirando a roupa. Não entendeu. Ficou olhando com ar de espanto. O sapato, a meia, tudo. Aquele rapaz — até que bonito — nu, completamente pelado estirado na sua cama.

— Que está fazendo?

— Deixa de onda, bicha-relógio. Te manjo. Quero cem pratos.

— Cem cruzeiros prá conversar?

— É o meu preço. Me dá o vinho, apaga a luz.

— Não gosto de escuro. Quando eu era pequeno a minha mãe...

— De luz acesa quero duzentos. Adiantado.

— Não tenho dinheiro.

Foi a última coisa que ele falou

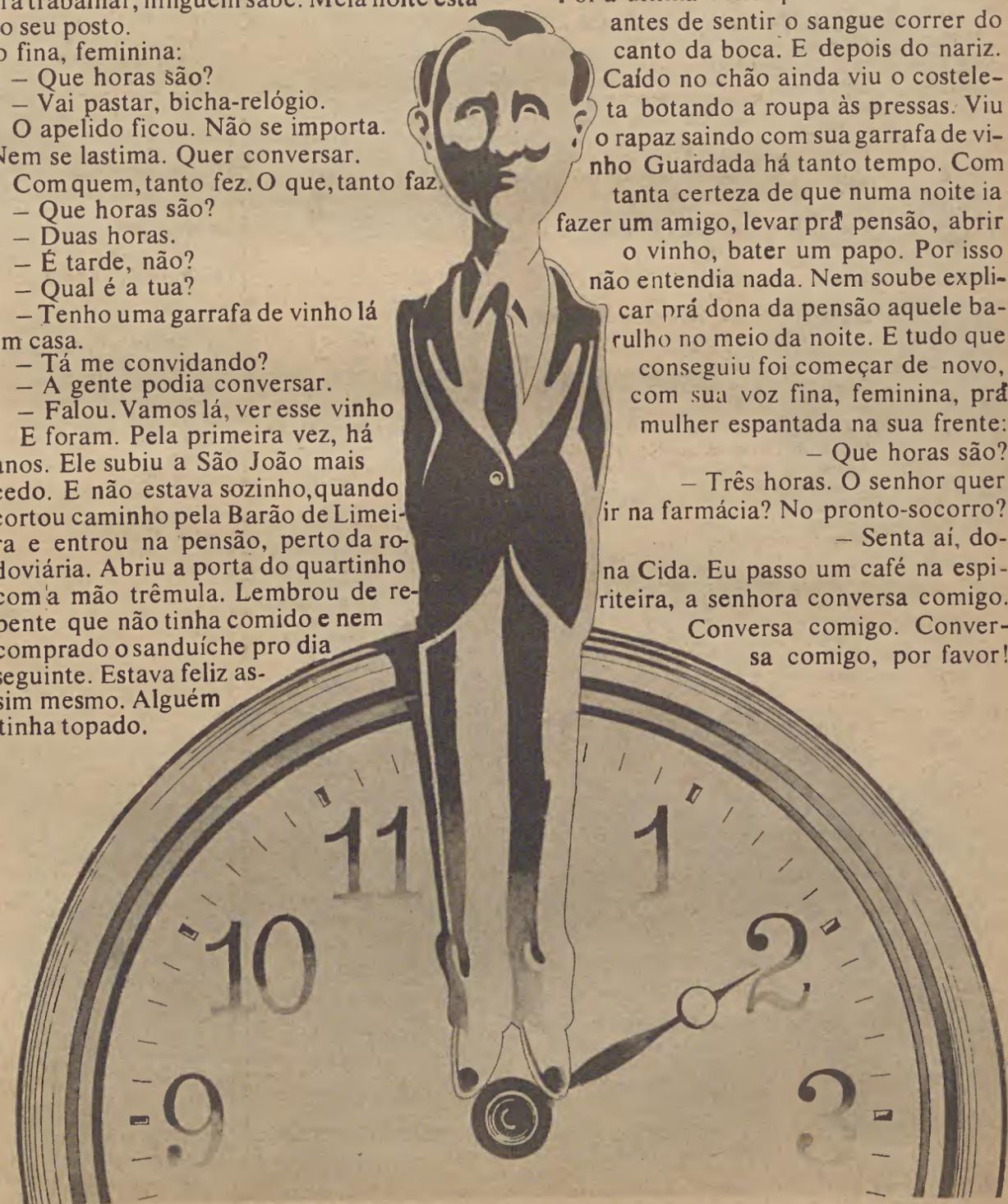
antes de sentir o sangue correr do canto da boca. E depois do nariz. Caído no chão ainda viu o costeleta botando a roupa às pressas. Viu o rapaz saindo com sua garrafa de vinho Guardada há tanto tempo. Com tanta certeza de que numa noite ia fazer um amigo, levar prá pensão, abrir o vinho, bater um papo. Por isso não entendia nada. Nem soube explicar prá dona da pensão aquele barulho no meio da noite. E tudo que conseguiu foi começar de novo, com sua voz fina, feminina, prá mulher espantada na sua frente:

— Que horas são?

— Três horas. O senhor quer ir na farmácia? No pronto-socorro?

— Senta aí, dona Cida. Eu passo um café na espiriteira, a senhora conversa comigo.

Conversa comigo. Converse comigo, por favor!



Jean Perrier

Horóscopo

“Os astros indicam, mas não obrigam”

Sob o aspecto astrológico, São Paulo e o Brasil em geral entram num período mais delicado, tanto do ponto de vista econômico quanto político. Um possível rapto pode deixar os meios diplomáticos em ebulção. Pode ocorrer também uma certa tensão entre Brasília e Washington. Prováveis especulações na Bolsa.

Carneiro (de 21 de março a 20 de abril)



Amor: Quem se cansa demais, ama de menos. O cansaço físico pode torná-lo um péssimo namorado neste período.
Pessoal: Mexa-se! Não fique inativo. atinja seu objetivo.
Saúde: Equilíbrio e moderação devem

ser seu lema.
Negócios: Atenção, executivos! As atividades relacionadas com sua clientela serão proveitosas. Se você quer ser promovido, lute para provar sua confiança.
Números favoráveis: 1, 4, 8.

Touro (de 21 de abril a 20 de maio)



Amor: Insegurança emocional. Cuidado para não agredir quem não merece.
Pessoal: Estudos favorecidos.
Saúde: Vitamina C para afastar o cansaço.

Negócios: Organize seu trabalho, eliminando certos elementos nocivos. Não assine documentos e não aceite uma oferta de emprego.
Números favoráveis: 5, 7, 9.

Gêmeos (de 21 de maio a 21 de junho)



Amor: Muita sensualidade no período. É o que indica Vênus em trigono.
Pessoal: Cuidado com essa imaginação fértil demais...
Saúde: Uma sugestão: beba entre as refeições.

Negócios: Júpiter favorece as especulações e a procura de capitais para um novo empreendimento. Se você ainda não tem os capitais, procure um emprego suplementar será compensador.
Números favoráveis: 2, 3, 6.

Câncer (de 22 de junho a 22 de julho)



Amor: Pouca seriedade de sua parte. Se, ao contrário, o seu namorado for sério, haverá decepções e um coração ferido.
Pessoal: Intensifique sua vida social.

Saúde: Vitamina C para manter o moral.
Negócios: Você vai ficar triste com certos companheiros de trabalho enciumados. Cuidado com um negócio financeiro muito duvidoso.
Números favoráveis: 3, 9, 11.

Leão (de 23 de junho a 22 de agosto)



Amor: Aventuras favorecidas. Satisfaça suas necessidades sexuais.
Pessoal: Resolva todos os problemas familiares.

Saúde: Não abuse dos calmantes.
Negócios: Sorte para quem trabalha na Bolsa ou com imóveis. Os astros também favorecem uma eventual mudança de profissão. Imponha suas idéias.
Números favoráveis: 1, 6, 8.

Virgem (de 23 de agosto a 22 de setembro)



Amor: Se você conhece muito bem seu namorado, pense em satisfações amorosas.
Pessoal: Sua imaginação será boa conselheira.

Saúde: Cuidado com seu peso!
Negócios: O período é benéfico para os intelectuais e os diretores de antigas indústrias.
Números favoráveis: 4, 9, 13.

Balança (de 23 de setembro a 23 de outubro)



Amor: Período de paz e conciliação. Tudo será muito agradável.
Pessoal: Não dê ouvido a fofocas.
Saúde: Evite comer demais.

Negócios: Cuidado com seu orçamento, não gaste mais do que ganha. Será difícil obter crédito nos bancos.
Números favoráveis: 5, 6, 14.

Escorpião (de 24 de outubro a 21 de novembro)



Amor: Sua indiferença provocará cenas de ciúme.
Pessoal: Quanto menos você falar, melhor.
Saúde: Fadiga mental. Cuidado.

Negócios: Tudo bem para os médicos. Se você ocupa um cargo de chefia, seja compreensivo com seus subordinados: a produção pode melhorar.
Números favoráveis: 3, 8, 16.

Sagitário (de 22 de novembro a 21 de dezembro)



Amor: Aventuras ardentes e apaixonadas, porém efêmeras.
Pessoal: Exponha e defenda com coragem suas opiniões.
Saúde: Pratique esportes.
Negócios: Aproveite este período para

estudar. Se você tem um contador para cuidar de seus negócios, ele pode ser muito importante para o sucesso na área industrial ou comercial.
Números favoráveis: 1, 5, 9.

Capricórnio (de 22 de dezembro a 20 de janeiro)



Amor: Não se iluda com as novas conquistas, pois pode se arrepender.
Pessoal: Não inveje a felicidade alheia.
Saúde: Muito boa.
Negócios: Atenção! Júpiter em

quadratura pode fazê-lo perder um negócio vantajoso. Evite discutir com seus superiores ou perderá o emprego.
Números favoráveis: 6, 8, 12.

Aquário (21 de janeiro a 18 de fevereiro)



Amor: Sua paixão é sincera e a pessoa amada acreditará nela. Mas evite o lirismo e os devaneios românticos.
Pessoal: Não escandalize as pessoas.
Saúde: Cansaço. Você deve dormir mais.

Negócios: Assuma as responsabilidades relacionadas com seu trabalho. Período benéfico para assinaturas.
Números favoráveis: 7, 10, 14.

Peixes (de 19 de fevereiro a 20 de março)



Amor: Você ama a seu modo, mas está errado. Não sonhe com o impossível.
Pessoal: Dê conselhos úteis às pessoas.
Saúde: Vigie seus nervos.

Negócios: Se você é secretária, seu chefe pode decepcioná-la. A vida social pode influenciar o rumo dos negócios: não recuse convites.
Números favoráveis: 3, 4, 8.

LOTERIA ESPORTIVA: UM PALPITE ASTRAL

Jogo 1: coluna 1. Jogo 2: coluna 2. Jogo 3: empate. Jogo 4: coluna 1. Jogo 5: coluna 1. Jogo 6: coluna 2. Jogo 7: coluna 2. Jogo 8: coluna 1. Jogo 9: coluna 1. Jogo 10: coluna 1. Jogo 11: empate. Jogo 12: coluna 1. Jogo 13: empate.

* O palpito é simples e pode ser completado com duplos ou triplos.

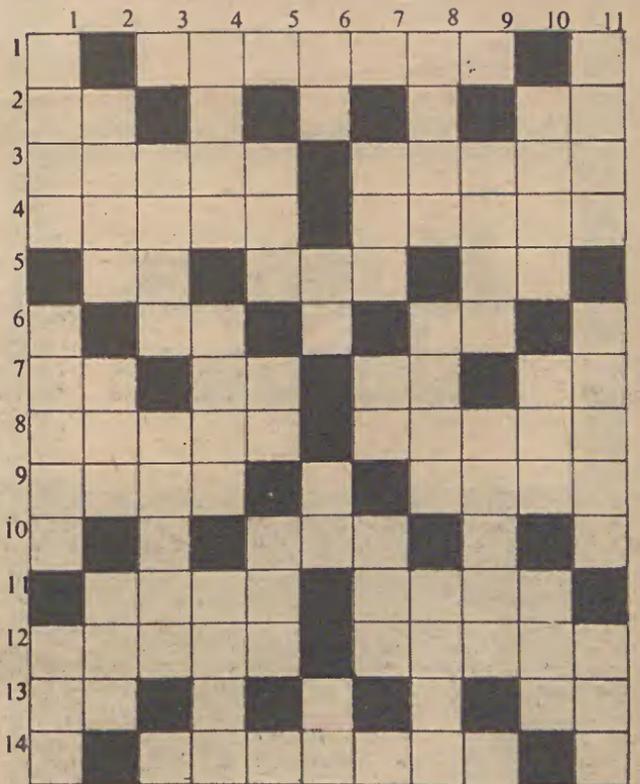
Palavras Cruzadas

Horizontais:

- Tenda de acampamento, morada provisória.
- Exímio, campeão. Sufixo feminino, correspondente a "eu".
- Adversário, competidor. Extensão de água, represa artificialmente.
- Peixe de água doce, muito procurado para aquários. Gradação de cor.
- Antigo Testamento. Curso de água doce. Um dos satélites de Júpiter.
- O artigo "O", antigo. Estado de Alagoas.
- O érbio. Interjeição, chamamento. Cruzeiro (Abrev.) Antigo Testamento.
- Fixar prender. Personagem mitológico, que voou até perto do Sol.
- Falado. Assim seja.
- Espaço de 30 dias.
- Covil, esconderijo. Esquife, caixão mortuário.
- Atraícoar. O mesmo que cipó.
- Nesse lugar. Opus.
- Residente.

Verticais:

- Incomum, preciosa. Muito rápido. Igual ou semelhante.
- Punhal dos antigos romanos. Achar graça. Três vezes.
- Poeta, profeta. Chuvinha miúda e persistente.
- Amarrar. Sincero, fran-



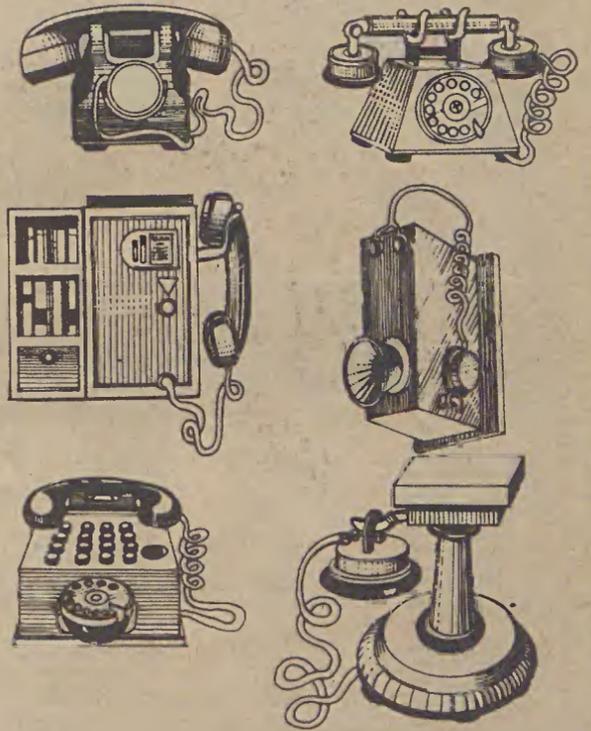
co. Cume, ápice.

- A casa da família. Partir. Parte do oceano.
- Atração, charme. Parte de trás de um navio. Ruim, perversa.
- Senhor, dono. Mãe de tudo (em tupi). Ponto cardeal.
- Animal selvagem. Caixa

- de grandes dimensões. Cerimônia, ritual.
- Aproveitável, necessário. Suave, doce.
- Raiva, aversão. Medida agrária. 365 dias.
- Indole, qualidade. Parcela de um corpo simples, outrora considerado indivisível. Pá, omoiplata da rês.

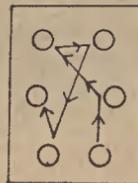
O jogo dos telefones

Os seis telefones deste desenho formam uma série. Eles podem ser ordenados segundo uma ordem estritamente lógica, numérica, do primeiro ao sexto. Como?



Soluções

Jogo dos telefones
O fio de cada telefone forma determinado número de voltas.
O número dessas voltas pode ser ordenado, de 1 a 6.



Horizontais: 1. Barraca. 2. As. 3. Rival. 4. Acará. Matiz. 5. At. Rio. 10. 6. El. Al. 7. Er. El. Cr. At. 8. Ligar, learo. 9. Oral. Amem. 10. Més. 11. Toca. Urna. 12. Trair, Liana. 13. Al. Op. 14. Morador.

Verticais: 1. Rara. Veloz. Tal. 2. Sica. Rit. Tri. 3. Vale. Gara. 4. Atar. Leal. Cimo. 5. Lar. Ir. Mar. 6. Ri. Il. Ré. M. 7. Amo. Cl. Sul. 8. Caga. Arca. Rito. 9. Util. Amena. 10. Odio. Are. Ano. 11. Jaz. Atomo. Apa.

Cruzadas

AQUI
SÃO PAULO

**Já temos
similar**



"Toda Nudez Será Castigada",
com Darlene Glória.



Alcione Mazzeo em
"Cada Um Dá o que Tem"



Os cartazes apregoaram a "super fêmea"
Vera Fisher por todo o Brasil.



Com a "A Ilha do Desejo"
o produtor-ator David Cardoso
deu um verdadeiro banho de bilheteria.

PORNO-DÓLAR: O LIXO DE OURO.

A denúncia é do cineasta Roberto Farias, presidente da Embrafilme: o Brasil gasta, anualmente, 14 milhões de dólares com a importação de filmes da mais baixa qualidade. O consumo desse "lixo de ouro" é um crime anti-econômico, totalmente contrário à política de restrição aos supérfluos ditada pelo presidente Geisel.



Menos Lando Buzzanca, mais Vera Fisher!

Até o final deste ano, a produção cinematográfica nacional deverá alcançar a marca dos 85 filmes. Nesse mesmo período, vindos de diversas procedências, entrarão em nosso mercado outros 600 filmes, a maioria norte-americanos. Uma competição desleal, à primeira vista. E, analisando-se a situação com cuidado, percebe-se que os números são apenas a parte visível de um enorme iceberg — em outras palavras, uma situação bem pior do que parece.

O presidente Geisel veio a público para afirmar o estado delicado de nossa economia, pedindo que toda a população se conscientize do problema. Uma primeira solução, sugerida pelo próprio presidente, foi a restrição à importação de produtos com similares fabricados no Brasil. Ora,

gastamos 14 milhões de dólares importando filmes de qualidade discutível, ao mesmo tempo que o extraordinário sucesso de bilheteria das comédias eróticas nacionais — as chamadas pornochanchadas — tem levado a classe cinematográfica a uma euforia há muito esperada.

Entre Lando "Mentecapto Erótico" Buzzanca e Vera "Super Fêmea" Fisher, afinal de contas, a preferência pela última não precisa ser justificada apenas por critérios estético-culturais — há, principalmente, os motivos econômico-financeiros.

Porém, enquanto uma larga faixa do mercado continuar ocupada por produções estrangeiras, muitas vezes com sua colocação conseguida através de **dumping**, boa parte de nossas telas continuará fechada aos filmes brasileiros. Segundo declarações de Roberto Farias, presidente da Embrafilme, "2 milhões de dólares, dão, e de sobra, para trazer os melhores filmes estrangeiros, para satisfação do consumidor brasileiro".

Assim, é uma conta de subtração: teríamos 12 milhões de dólares a menos enviados anualmente para o exterior. Ou seja, 12 milhões de dólares que não sairiam do país — e poderiam, por exemplo, ser utilizados para o próprio desenvolvimento da indústria cinematográfica nacional.



Pornochanchada estrangeira:



o supérfluo típico...



a peso de ouro.